

# **COESÃO E HIERARQUIA EM FAMÍLIAS COM HISTÓRIA DE ABUSO FÍSICO**

**Clarissa De Antoni**

Tese apresentada como exigência parcial  
para obtenção do grau de Doutor em Psicologia  
sob orientação da  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sílvia Helena Koller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

## AGRADECIMENTOS

À minha filha Andressa De Antoni Pohlmann, a qual dedico esta tese, por compreender e respeitar a importância deste trabalho na minha vida.

À minha família: ao André, a minha mãe (Maria Luiza), ao meu pai e esposa (Cibilis e Arlete), irmãs (Cláudia e Carla) e a todos cunhados, sobrinhos(as) e demais familiares, que me incentivam em minhas decisões.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sílvia Helena Koller pela orientação, incentivo, conhecimento, tolerância e especialmente pelo afeto demonstrado nestes anos de convivência.

À equipe de pesquisa, Luisa Habigzang, Simone S. Lampert, Tatiana Q. Irigaray pelo trabalho voluntário, dedicação, disponibilidade e sugestões e, em especial, à Luciana R. Barone por ter me acompanhado nestes quatro anos de caminhada.

Ao Prof. Dr. Christoph Käppler (Universidade de Zürich), à doutoranda Sylvia Oswald (Universidade de Freiburg) e, em especial, ao Dr. Maycoln Teodoro, pela disponibilidade em realizar as orientações sobre o FAST, fundamentais para realização deste estudo.

Às Profas. Dras. Cleonice Bosa, Marisa Campio Müller, Maria Ângela Mattar Yunes e Olga Garcia Falceto, integrantes da banca, pelas importantes contribuições a este trabalho.

Aos cebianos (membros do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas em Situação de Rua - CEP-RUA/UFRGS), tantos e todos muito importantes e queridos por mim e, em especial, à Alessandra Ceconello, Carolina Lisboa, Martha Narvaz e Lucas Neiva-Silva pelas parcerias que resultaram em trabalhos em conjunto, como artigos e cursos de extensão.

Aos professores, colegas e funcionários do Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento/UFRGS.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro à realização desta pesquisa.

À equipe do Ambulatório de Violência do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas, em especial à Sandra Correa, Jane Padilha e Ângela Ruschel, à equipe da ONG Maria Mulher – Movimento de mulheres negras, em especial a Maria Noelci Homero, e aos diretores e professores da Escola Estadual Euclides da Cunha e Escola Estadual Maria das Neves Petry, nas quais realizamos a inserção ecológica, pela acolhida afetuosa e troca de conhecimentos.

À equipe da Casa Suzana Wesley, em especial à Almira Aquino, Eunice Zimmermam e a Leda Zanini, pela amizade, carinho e incentivo.

Em especial, às famílias participantes deste estudo e aquelas que não foram incluídas, mas que contribuíram espontaneamente para a produção deste conhecimento e para meu crescimento profissional e pessoal.

Obrigada,  
*A Autora*

## SUMÁRIO

Lista de Figuras.....	07
Lista de Tabelas.....	09
Resumo.....	11
Abstract.....	12
Capítulo I	
Introdução.....	13
1.1 Família: Considerações Conceituais.....	16
1.2 Coesão e Hierarquia na Família.....	18
1.3 Teoria Estrutural Sistêmica Familiar.....	19
1.4 Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.....	22
1.5 Psicologia Positiva.....	25
1.6 Abuso Físico Intrafamiliar.....	29
Capítulo II	
Considerações Teórico-Methodológicas.....	34
2.1 Inserção Ecológica .....	34
2.2 O Teste do Sistema Familiar.....	35
2.3 Estudo de Casos.....	42
2.4 Considerações Éticas.....	46
Capítulo III	
Estudo I.....	48
3.1 Método.....	48
3.1.1 Participantes.....	48
3.1.2 Instrumentos e Procedimentos.....	49
3.2 Resultados e Discussão.....	51
3.2.1 Perfil das Famílias.....	51
a) Variáveis Bioecológicas.....	51
b) Variáveis Relacionais.....	60

b.1 Indicadores de Risco.....	60
b.2 Indicadores de Proteção.....	69
b.3 Eventos.....	74
b.4 Expectativas de Futuro.....	78
3.2.2 Perfil da Violência.....	80
 Capítulo IV	
Estudo II.....	91
4.1 Método .....	91
4.1.1 Participantes .....	91
4.1.2 Instrumentos e Procedimentos.....	91
4.2 Resultados e Discussão.....	92
4.2.1 Comparação entre Díades nas Perspectivas Individuais .....	94
4.2.2 Comparação entre Situação Típica e de Conflito .....	104
a) Comparação entre Situação Típica e de Conflito da Coesão...	104
b) Comparação entre Situação Típica e de Conflito da Hierarquia.....	108
4.2.3 Comparação entre Perspectivas Individuais sobre Coesão e Hierarquia na Situação Típica e de Conflito.....	110
4.3 Síntese dos Resultados.....	114
 Capítulo V	
Estudo III.....	115
5.1 Estudo de Caso I - Família Peres.....	115
5.1.1 Dados Bioecológicos.....	115
5.1.2 Inserção Ecológica das Pesquisadoras.....	116
5.1.3 Ambientes Ecológicos da Família Peres.....	117
5.1.4 História da Família Peres.....	119
5.1.5 Processo Proximal: Violência Intrafamiliar.....	121
5.1.6 Indicadores de Risco.....	126
5.1.7 Indicadores de Proteção.....	136
5.1.8 Coesão e Hierarquia no Microsistema Familiar.....	137
5.1.9 Estrutura Relacional na Situação Típica e de Conflito .....	144

5.1.10 O Papel da Violência.....	145
5.2 Estudo de Caso II - Família Soares.....	147
5.2.1 Dados Bioecológicos.....	147
5.2.2 Inserção Ecológica das Pesquisadoras.....	148
5.2.3 Ambientes Ecológicos da Família Soares.....	148
5.2.4 História da Família Soares.....	150
5.2.5 Processo Proximal: Violência Intrafamiliar.....	152
5.2.6 Indicadores de Risco.....	156
5.2.7 Indicadores de Proteção.....	162
5.2.8 Coesão e Hierarquia no Microsistema Familiar.....	165
5.2.9 Estrutura Relacional na Situação Típica e de Conflito .....	171
5.2.10 O Papel da Violência.....	173
5.3 Estudo de Caso III – Família Silva .....	174
5.3.1 Dados Bioecológicos.....	174
5.3.2 Inserção Ecológica das Pesquisadoras.....	175
5.3.3 Ambientes Ecológicos da Família Silva.....	175
5.3.4 História da Família Silva.....	177
5.3.5 Processo Proximal: Violência Intrafamiliar.....	180
5.3.6 Indicadores de Risco.....	183
5.3.7 Indicadores de Proteção.....	189
5.3.8 Coesão e Hierarquia no Microsistema Familiar.....	191
5.3.9 Estrutura Relacional na Situação Típica e de Conflito .....	195
5.3.10 O Papel da Violência.....	196
 Capítulo VI	
Considerações Finais.....	197
Referências.....	201
 Anexos	
Anexo A.....	209
Anexo B.....	210
Anexo C.....	211
Anexo D.....	212

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Processos-chave da Resiliência.....	28
Tabela 2.	Fatores de Risco Relevantes para Avaliação da Violência.....	29
Tabela 3.	Fatores de Proteção Relevantes para Avaliação da Violência.....	32
Tabela 4.	Condições Socioeconômicas: Renda e Moradia.....	51
Tabela 5.	Condições Socioeconômicas: Empregabilidade Mãe e Pai.....	54
Tabela 6.	Constituição Familiar: Configurações e Características.....	56
Tabela 7.	Constituição Familiar: Característica da Mãe e do Pai.....	58
Tabela 8.	Constituição Familiar: Características dos Filhos.....	59
Tabela 9.	Indicadores de Risco para a Violência nas Famílias .....	61
Tabela 10.	Indicadores de Proteção para a Violência nas Famílias.....	69
Tabela 11.	Rede de Serviços de Apoio Citados pelas Famílias.....	70
Tabela 12.	Religiões Mais Citadas pelas Famílias.....	71
Tabela 13.	Eventos Positivos Citados pelas Famílias.....	74
Tabela 14.	Eventos Negativos Citados pelas Famílias.....	76
Tabela 15.	Expectativas de Futuro dos Pais em Relação aos Filhos.....	78
Tabela 16.	Expectativas de Futuro dos Pais em Relação à Família.....	79
Tabela 17.	Análise da Coesão e da Hierarquia entre Díades nas Perspectivas Individuais.....	93
Tabela 18.	Comparação entre Situação Típica e de Conflito sobre a Coesão nas Díades nas Perspectivas do Pai, Mãe, Filho e Agressor.....	105

Tabela 19.	Comparação entre Situação Típica e de Conflito sobre a Hierarquia nas Díades nas Perspectivas do Pai, Mãe, Filho e Agressor.....	108
Tabela 20.	Fatores de Risco Relevantes para Potencializar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Peres.....	134
Tabela 21.	Fatores de Proteção Relevantes para Amenizar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Peres.....	137
Tabela 22.	Valores Atribuídos à Hierarquia pela Família Peres.....	142
Tabela 23.	Fatores de Risco Relevantes para Potencializar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Soares.....	161
Tabela 24.	Fatores de Proteção Relevantes para Amenizar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Soares.....	163
Tabela 25.	Valores Atribuídos à Hierarquia pela Família Soares.....	170
Tabela 26.	Fatores de Risco Relevantes para Potencializar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Silva.....	186
Tabela 27.	Fatores de Proteção Relevantes para Amenizar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Silva.....	189
Tabela 28.	Valores Atribuídos à Hierarquia pela Família Silva.....	194

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Estrutura relacional.....	36
Figura 2.	Exemplos de coesão no FAST.....	40
Figura 3.	Exemplo de uma família com oito membros.....	41
Figura 4.	Díades citadas pela mãe, pai e filho envolvidas nos conflitos.....	81
Figura 5.	Motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos entre pai-filho.....	82
Figura 6.	Motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos entre mãe-filho.....	83
Figura 7.	Motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos entre irmãos.....	84
Figura 8.	Motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos conjugais.....	85
Figura 9.	Frequência do conflito por díade na visão da mãe, pai e do filho.....	86
Figura 10.	Tipos de conflito na visão da mãe, pai e dos filhos por díades.....	88
Figura 11.	Média da coesão por díades na perspectiva do pai na situação típica....	94
Figura 12.	Média da hierarquia por díades na perspectiva do pai na situação típica	95
Figura 13.	Média da hierarquia por díades na perspectiva do pai na situação de conflito.....	96
Figura 14.	Média da hierarquia por díades na perspectiva da mãe na situação típica.....	97
Figura 15.	Média da coesão por díades na perspectiva da mãe na situação de conflito.....	98
Figura 16.	Média da hierarquia por díades na perspectiva da mãe na situação de conflito.....	99
Figura 17.	Média da coesão por díades na perspectiva do filho na situação típica.	100
Figura 18.	Média da hierarquia por díades na perspectiva do filho na situação típica.....	101
Figura 19.	Média da hierarquia por díades na perspectiva do agressor na situação típica.....	102
Figura 20.	Média da hierarquia por díades na perspectiva do agressor na situação de conflito.....	103

Figura 21.	Comparação da coesão entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva do pai.....	105
Figura 22.	Comparação da coesão entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva da mãe.....	106
Figura 23.	Comparação da coesão entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva do filho.....	107
Figura 24.	Comparação da coesão entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva do agressor.....	108
Figura 25.	Comparação da hierarquia entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva do pai.....	109
Figura 26.	Comparação da hierarquia entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva da mãe.....	109
Figura 27.	Comparação entre as perspectivas sobre a coesão na situação típica e de conflito na díade pai-filho.....	111
Figura 28.	Comparação entre as perspectivas sobre a coesão na situação típica e de conflito na díade mãe-filho.....	112
Figura 29.	Comparação entre as perspectivas sobre a hierarquia na situação típica e de conflito na díade pai-filho.....	113
Figura 30.	Comparação entre as perspectivas sobre a hierarquia na situação típica e de conflito na díade mãe-filho.....	113
Figura 31.	Genograma da Família Peres.....	116
Figura 32.	Situação típica: perspectivas dos familiares.....	138
Figura 33.	Situação ideal: perspectivas dos familiares.....	139
Figura 34.	Situação de conflito: perspectivas dos familiares.....	139
Figura 35.	Estrutura relacional da família Peres.....	144
Figura 36.	Genograma da família Soares.....	147
Figura 37.	Situação típica: perspectivas dos familiares.....	166
Figura 38.	Situação ideal: perspectivas dos familiares.....	167
Figura 39.	Situação de conflito: perspectivas dos familiares.....	168
Figura 40.	Estrutura relacional da família Soares.....	172
Figura 41.	Genograma da Família Silva.....	174
Figura 42.	Situação típica: perspectivas dos familiares.....	191
Figura 43.	Situação ideal: perspectivas dos familiares.....	192
Figura 44.	Situação de conflito: perspectivas dos familiares.....	193
Figura 45.	Estrutura relacional da família Silva.....	195

## RESUMO

Esta tese trata sobre a estrutura e funcionamento de famílias com história de abuso físico através da análise da coesão e da hierarquia nestes microssistemas. Assim, examina o fenômeno da violência intrafamiliar, especificamente do abuso físico dos pais para com os filhos, através da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, Teoria Estrutural Sistêmica Familiar e da Psicologia Positiva. Participaram deste estudo vinte famílias de nível sócio-econômico baixo e história de abuso físico intrafamiliar. O método utilizado foi a inserção ecológica, através da participação da equipe de pesquisa nos contextos nos quais as famílias participam (residência, hospital, escola e organização não-governamental). Foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas e o Teste do Sistema Familiar –FAST. Esta tese está organizada em três estudos. O primeiro analisa o perfil destas famílias, levando-se em conta os dados bioecológicos (condições socioeconômicas e constituição familiar) e relacionais (indicadores de risco, de proteção, eventos, expectativas de futuro), e analisa o perfil da violência (membros envolvidos, motivos, severidade, frequência e intensidade). O segundo analisa quantitativamente as representações dos membros familiares sobre a coesão e a hierarquia, obtidas através do FAST. O terceiro apresenta três casos, nos quais é aprofundado o estudo do fenômeno do abuso físico intrafamiliar, de forma qualitativa. Os resultados mostram a presença de indicadores de risco severos para o desenvolvimento saudável dos membros familiares e do sistema como um todo, como os relacionados aos papéis, à educação formal, patologias, práticas disciplinares e aos comportamentos agressivos. Os fatores de proteção, identificados na família, como a rede de apoio, o desejo de mudança e valorização das conquistas, não são suficientemente capazes para promover a resiliência e evitar a violência, tal é a sua severidade. As perspectivas divergentes entre os membros familiares sobre a coesão e a hierarquia também contribuem para isto. Os agressores não se reconhecem como tal e tendem a representar a família coesa, mesmo diante de situações conflituosas. Estes resultados foram confirmados nos estudos de casos, que demonstram também o papel da violência associado à necessidade do abusador em manter o controle sobre o sistema relacional, ao descontrole emocional individual, influenciando todo o sistema, e como interação, substituindo o afeto amoroso.

Palavras-chave: Abuso físico intrafamiliar; coesão e hierarquia familiar; inserção ecológica; família; violência.

## **ABSTRACT**

This thesis covers the family structure and functions based on the history of physical abuse by analyzing cohesion and the hierarch in these microsystems. Therefore, it exams the phenomenon of the violence intrafamilial, more specific the parents abuse against their children, through the Bioecological Theory of Human Development and Positive Psychology. Twenty low-income families that have a history of intrafamilial physical abuse participated in this study. The method used is knows as ecological engagement, as it includes the research group in the family context (home, hospital, school and non-governmental organizations). Semi-structured interviews and the Family System Test – FAST were applied and the results are shown in three studies. The first study analyzes the profile of these families, considering the bioecological aspects (socio-economic conditions and family configuration) and their related factors (risk indicators, protection, future expectations), and analyzes the violence profile (involved member, motives, severity, frequency, and intensity). The second study analyzes the family members' representations about the cohesion and hierarch, obtained through FAST. The third study presents three cases. The results showed severe risk factors in the family members' healthy development and the system as a whole, as well as the related roles for formal education, pathologies, rearing practices and aggressive behavior. The protection factors identified in the families, as a net of support, the will for change and the achievement value are not enough to promote the resilience, and to prevent violence, and its severity. The conflicting perceptions between the family members about the cohesion and the hierarch also contribute for this. The aggressors do not see themselves as involved and in most cases represent the family as cohesive, even on conflicting situations. Also demonstrate how the violence role is associated with the necessity of the abusers to maintain the control over the relationship system.

**Keywords:** Intrafamilial physical abuse, cohesion and hierarch familial, ecological engagement, family, violence.

## **CAPÍTULO I**

### **INTRODUÇÃO**

A necessidade de compreender como estão estabelecidas as relações familiares tem possibilitado o desenvolvimento recente de pesquisas e estudos nesta área. Na Psicologia, os estudos sobre famílias obtiveram evidência na década de sessenta do século XX, com a adoção do enfoque sistêmico nas abordagens clínicas. No Brasil, atualmente, observa-se o interesse em famílias na comunidade científica através da elaboração de dissertações e teses, do fomento e da criação de grupos de estudo e pesquisa pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), como o de: Casal e Família: Estudos Psicossociais e Psicoterapia, Família e Comunidade, Interação Pais-Bebês-Criança e o de Desenvolvimento Humano em Situação de Risco Social e Pessoal (Trindade, Novo, Souza & Enumo, 2004). Embora cada grupo trabalhe com métodos e teorias diferentes, há em comum o foco de estudo: as interações.

Frente a esta tendência de estudos e a prática profissional da pesquisadora, iniciou-se a jornada em busca e na produção de conhecimento. Esta jornada, que culmina nesta tese (mas não está finalizada, pois somos eternos aprendizes!), iniciou há mais de dez anos, através do desejo de saber os motivos pelos quais as crianças e adolescentes em situação de institucionalização se adaptavam ou não às famílias de origem ou substitutas. A institucionalização era ocasionada por maus tratos intrafamiliares, seja por abuso físico, sexual, emocional, negligência, abandono e exploração (De Antoni & Koller, 2001; 2003). A experiência adquirida no acompanhamento desse processo revelava uma realidade que era geradora de frustração em relação à inserção da criança/adolescente na família, levando-a muitas vezes a sua revitimização. A maioria retornava à instituição apesar dos esforços da equipe, da família e da própria adolescente. O primeiro passo para buscar compreender o fenômeno e encontrar alternativas mais eficazes para realizar esta adaptação foi o de conhecer, através da visão das adolescentes institucionalizadas, os aspectos saudáveis das famílias e os considerados de risco para a manifestação da violência. Assim surgiu a dissertação de mestrado intitulada “Vulnerabilidade e Resiliência Familiar na Visão de Adolescentes Maltratadas”. Os referenciais teóricos utilizados, a Psicologia Positiva (Walsh, 1996) e a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano -TBDH (Bronfenbrenner, 1979/1996, 2004), ampliaram a visão da pesquisadora sobre o universo psicológico e social.

A TBDH tem como base a visão sistêmica, assim como a maioria das teorias atuais sobre famílias, como a da Escola Estratégica (Bateson e o Grupo do Palo Alto, Califórnia), a Estrutural Sistêmica Familiar (Minuchin, New York e Filadélfia) e a de Milão e de Roma (Palazolli e Andolfi e colaboradores). Estas teorias foram elaboradas a partir das observações advindas da intervenção clínica e utilizam, como suporte conceitual, os pressupostos básicos da Teoria Geral dos Sistemas (Von Bertalanffy, 1977), da Cibernética (Weiner, 1950) e da Teoria da Comunicação Humana (Bateson, 1972). No entanto, o que diferencia a TBDH das demais é a preocupação com outros sistemas existentes. Esta nova visão sobre as interações familiares e os sistemas que os compõem possibilitou compreender a complexidade e a diversidade dos fatores causais da violência intra e extrafamiliares e sua influência nas relações neste microsistema. Também possibilitou refletir sobre ações preventivas que possam amenizar ou inibir os motivos pelos quais as adolescentes eram institucionalizadas.

No doutorado, visando à continuidade deste processo de investigação e com enfoque em futuras intervenções preventivas, surgiu a necessidade de estudar como a família abusiva funciona. E, para isto, foi necessário retornar ao núcleo familiar e analisá-lo, antes da ocorrência da institucionalização das crianças e adolescentes. Outro aspecto relevante de estudo está relacionado à produção de conhecimento sobre o desenvolvimento atípico de famílias. É um campo aberto à exploração, principalmente aquelas que são influenciadas por fatores que podem ser compreendidos como de risco, ao viverem em condições de pobreza e estarem expostas a outros tipos de violência, como a urbana e social.

Observa-se que o funcionamento e a estrutura familiar são diferentes para cada tipo de abuso (Garbarino & Eckenrode, 1997). Em função disto, optou-se pelo abuso físico intrafamiliar dos pais/cuidadores para com seus filhos, devido à maior incidência de registros nos órgãos competentes e de motivo para encaminhamentos às instituições – cerca de 70% dos casos (De Antoni, Mesquita & Koller, 1998; Joffe, 2002). Mesmo assim, a existência do abuso físico é maior do que a notificada. Às vezes, não há denúncia pela aceitação cultural da punição física e, quando acompanhado por abuso sexual, não é notificado como tal.

Para analisar a estrutura e o funcionamento das famílias com história de abuso físico, eram necessários instrumentos adequados para este fim. Os métodos e instrumentos de pesquisa com famílias são questões primordiais dos pesquisadores acadêmicos contemporâneos mundialmente (Käppler, 2002), justamente aqueles que possibilitem a estruturação de novas teorias ou a comprovação das existentes, tendo base empírica em seus fundamentos. No Brasil, existe a recente preocupação no meio acadêmico em adaptar e validar

alguns instrumentos internacionais e elaborar instrumentos capazes de medir adequadamente os constructos de interesse nesta área (Dessen & Abreu e Silva, 2000; Falceto, 1997). Concomitantemente a estas inquietações, iniciou-se em 2000 a parceria com o Prof. Dr. Christoph Käppler, professor da Universidade de Freiburg – Alemanha, atualmente Professor da Universidade de Zürich – Suíça, para o processo de adaptação e validação no Brasil de um instrumento denominado Teste do Sistema Familiar – FAST. Em 2001, o referido professor introduziu o FAST na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através de um curso de extensão sobre o tema e firmou parceria com o CEP-RUA – Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua para sua validação e pesquisa. O FAST avalia a coesão e a hierarquia nas relações familiares e, portanto, está adequado à proposta de estudo do doutorado. Além disso, não foram encontrados outros estudos que utilizem o FAST para avaliar famílias com história de abuso físico. As informações coletadas na população gaúcha são agregadas a um banco de dados, juntamente às adquiridas pelo Laboratório sobre Famílias da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

A presente tese surgiu da necessidade de compreender o fenômeno da violência intrafamiliar, especificamente o abuso físico dos pais para com os filhos, através da análise da estrutura e funcionamento familiar. A tese está organizada em três estudos: o primeiro analisa o perfil de vinte famílias com história de abuso físico através de dados demográficos e da violência existente. O segundo estudo analisa as percepções dos membros familiares sobre coesão e hierarquia obtidas através do Teste do Sistema Familiar - FAST (Gehring, 1993). O terceiro estudo apresenta três casos, nos quais é aprofundado o estudo do abuso físico intrafamiliar, de forma qualitativa.

As bases teóricas utilizadas nesta tese são: a Teoria Estrutural Sistêmica Familiar (Minuchin, 1966/1990), a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1979/1996, 1986, 1993, 1998, 2004), e a Psicologia Positiva (Walsh, 1996). As duas primeiras têm como pressupostos básicos a abordagem sistêmica, que analisa as relações e interações que formam um determinado sistema. A Teoria Estrutural Sistêmica foi elaborada, originalmente, a partir da prática clínica com famílias que apresentavam dificuldades, conflitos ou comportamentos não adaptados ao contexto social e cultural em que viviam e estavam em atendimento terapêutico. Sendo assim, os estudos realizados com estas famílias estavam centrados na patologia apresentada. Para reverter este quadro, Minuchin (1986/1990; Minuchin & Fishman, 2003) realizou uma proposta de modelos familiares que valorizam como as relações devem ser estabelecidas, isto é, como as famílias devem funcionar

para desenvolver seus membros de forma saudável (Nichols & Schwartz, 1998). Por sua vez, Bronfenbrenner (1979/1996) estruturou a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano evidenciando a importância da análise do desenvolvimento humano no contexto e demonstrando um modelo teórico-metodológico adequado para pesquisas em ambiente natural. Já a Psicologia Positiva tem como premissa estudar os aspectos saudáveis do desenvolvimento humano através dos constructos da vulnerabilidade e resiliência familiar (Morais & Koller, 2004).

As teorias utilizadas nesta tese conceituam a família, levando-se em conta a compreensão sobre as interações estabelecidas por seus membros. No entanto, antes de apresentá-las, cabe realizar algumas considerações conceituais que abordam a realidade brasileira e das vítimas de violência intrafamiliar. A seguir serão expostos os principais pressupostos das teorias citadas anteriormente, relacionados à compreensão das interações e estruturas familiares, como a coesão e a hierarquia e, no final, o conceito, manifestação, causas e conseqüências do abuso físico nos sistemas ecológicos.

### **1.1 Família: Considerações Conceituais**

As definições tradicionais do termo família são advindas da Antropologia (parentesco) da Sociologia (configuração) e da Psicologia (relações). Portanto, apontam para uma série de características que devam ser observadas quando a família é o foco do estudo. Nas definições antropológicas, Lévi-Strauss (1982) mostra que o interesse está no parentesco, especificamente no grau e na natureza. O grau envolve três tipos de vínculos: o consanguíneo (entre irmãos), o de aliança (marido e esposa) e o de filiação (pais e filhos). A natureza do parentesco está relacionada a manifestações de sentimentos que certo grau de vinculação pode gerar, como amor, carinho, afinidade, hostilidade, ressentimento, entre outros.

As definições sociológicas centralizam-se na configuração familiar, tais como: família nuclear ou de orientação (formada pela pessoa, seu pai, mãe e irmãos), família extensiva (formada pela pessoa, seus avós, tios e outros parentes), família de procriação (formada pela pessoa, seu marido ou sua esposa e seus filhos). A família pode ser compreendida pelo ponto de vista do número de integrantes e da sua extensão, organizados por casamentos, nascimentos, adoções e reorganizados depois de mortes, divórcios, novos casamentos, que determinam mudanças estruturais e ampliações ou modificações no tamanho e na forma do grupo familiar (Berenstein, 1988). Observa-se a ocorrência de alterações na configuração das

famílias na atualidade. Há famílias monoparentais (formadas somente pela mãe e filhos ou pelo pai e filhos), reconstituídas (presença de pai ou mãe, madrasta ou padrasto, filhos destes e de outros relacionamentos) ou substitutas (avós, tios, padrinhos ou adotivos). A configuração da família nuclear tradicional (casal e filhos advindos desta relação) não é a predominante na sociedade atual, e divide com a monoparental e a reconstituída as formas de configuração em nossa sociedade (Cobb, 1992; De Antoni, Barone, Irigaray & Koller, 2002; Szymanski, 1997).

As definições psicológicas de família a descrevem como um conjunto de relações. Tal conjunto é representado, também, por um grupo de pessoas que funciona como uma unidade e é composto de todos aqueles que vivem sob o mesmo teto ou de um grupo de pessoas liderado por uma pessoa em comum (Ackerman, 1986). O grupo familiar, segundo Laing (1983), é formado por pessoas unidas por um parentesco e/ou por se considerarem integrantes da família.

De Antoni e Koller (2000) constataram duas visões sobre família em adolescentes vítimas de maus tratos intrafamiliares. Um grupo conceituou família como composta por pessoas com as quais possa nutrir sentimentos afetivos e esta relação deve ser próxima, duradoura e significativa. Estas adolescentes valorizam as formas de interação com base nas relações de amizade, nas quais prevalecem a afinidade e a responsabilidade sobre o cuidado entre os membros. Esta conceituação é uma forma de atribuir e retribuir às pessoas amadas, o mesmo sentimento de pertença que os envolve. Portanto, a família é constituída por pessoas que possuem laços afetivos positivos. No entanto, o outro grupo pesquisado compreende a família formada por pessoas as quais possuem algum grau de parentesco, valorizando os laços consangüíneos, mesmo que seus membros tenham cometido atos abusivos.

As Teorias Bioecológica do Desenvolvimento Humano e a Estrutural Sistêmica Familiar compreendem a família como um conjunto de relações que se caracterizam por influência recíproca, direta, intensa e duradoura. A família é um sistema sócio-cultural aberto e em transformação. Executa trocas constantes com seus subsistemas, como ocorre nas díades intrafamiliares, por exemplo: mãe-filho e, ao mesmo tempo, com sistemas extrafamiliares, como a sociedade na qual está inserida. Além disso, a família deve ser capaz de se adaptar frente a novas circunstâncias e eventos estressores, visando a manter continuidade do crescimento psicossocial da cada membro (Minuchin, 1966/1990). Nesta tese, o conceito de família envolve um grupo de pessoas que pode residir ou não no mesmo ambiente e que interage em função do seu grau de parentesco ou de sua relação afetiva. Portanto, a família é

composta por pessoas entre as quais há uma vinculação e estas se percebem como pertencentes ao mesmo grupo, independentemente da violência sofrida.

Para Minuchin e Fishman (2003), a família é um grupo natural que, através dos tempos, tem desenvolvido padrões de organização. Estes padrões formam a estrutura familiar, e esta governa o funcionamento dos seus membros e define os comportamentos e interações. Os eventos externos, como as mudanças sociais, influenciam as inter-relações familiares. No entanto, constata-se que os aspectos que formam a estrutura familiar são os mesmos para todas as famílias, como a coesão e a hierarquia. As mudanças efetivas ocorrem na forma de interação e de funcionamento destes aspectos que, ao longo do tempo, se adaptam às novas exigências.

## **1. 2 Coesão e Hierarquia na Família**

Nos estudos sobre família, a coesão (proximidade emocional) e a hierarquia (estrutura de poder) são vistas como duas dimensões básicas que descrevem a organização do sistema social ou a estrutura familiar. Coesão é definida como proximidade afetiva, que envolve relações de amizade, união e de pertencimento ao grupo. A coesão está relacionada linearmente com o desenvolvimento saudável e bem-estar psicossocial de crianças, do adolescente e de famílias. O funcionamento familiar adequado é promovido pela relação próxima entre o casal, entre pais e filhos e entre irmãos. Ao contrário, famílias com conflitos freqüentemente demonstram baixa coesão entre seus membros e coalizões entre gerações, ou seja, os pais mais próximos de seus filhos do que do seu (sua) companheiro(a). Coalizão refere-se à união entre dois ou mais membros, pode ocorrer em prol de um objetivo ou para rebelar-se contra outro membro familiar (Feldman & Gehring, 1988; Gehring, Bragger, Steinebach & Brunischu, 1995).

A hierarquia tem sido definida como uma estrutura de poder, que envolve influência, controle e adaptabilidade. Está relacionada ao controle e poder decisório, seja nos eventos cotidianos, como em situações adversas. O domínio de uma pessoa no sistema familiar tem sido relatado como uma habilidade de mudar papéis e regras no grupo. Um fator importante na análise desta estrutura de poder é a presença da inversão hierárquica, isto é, filhos (crianças ou adolescentes) com mais poder do que os pais (Feldman & Gehring, 1988; Gehring, Bragger, Steinebach & Brunischu, 1995; Gehring & Marti, 1993).

A coesão e a hierarquia são constructos estudados pelas teorias sistêmicas familiares. Portanto, cabe aprofundá-los dentro da perspectiva da Teoria Estrutural Sistêmica e da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Além disso, visando à compreensão destas teorias, serão expostos seus principais pressupostos.

### **1.3 Teoria Estrutural Sistêmica Familiar**

De acordo com Minuchin e Fishman (2003), as famílias “são sistemas multi-individuais de extrema complexidade e são subsistemas de unidades mais amplas – família extensa, vizinhança, sociedade” (p.22). A família é a matriz do desenvolvimento psicossocial de seus componentes e de transmissão da cultura. A ênfase principal da teoria é a estrutura, sendo conceituada como “conjunto subjetivo de exigências funcionais que organiza a forma na qual as pessoas interagem” (Minuchin, 1990, p. 57; Wood & Talmon, 1983). A estruturação da família está relacionada ao seu funcionamento. A família é compreendida como funcional, quando permite o desenvolvimento adequado, saudável ou adaptado de todos os seus membros àquele sistema (Minuchin, 1990; Minuchin & Fishman, 2003; Nichols & Schwartz, 1998).

O sistema familiar diferencia e exerce suas funções através de subsistemas, por exemplo: díade mãe-filho ou por geração, sexo, interesses, entre outros. Porém, para diferenciar os subsistemas ou determinado membro da família, Minuchin (1990) desenvolveu a idéia de fronteiras, que definem os espaços subjetivos ou território de cada membro. A fronteira é delimitada pela interação ou proximidade interpessoal psicológica e física dos subsistemas. É compreendida como as regras que definem os limites com que os membros da família interagem e diferenciam os papéis das pessoas que formam determinado grupo. A permeabilidade desta fronteira pode ser caracterizada pela troca que existe entre as pessoas, seja material, de informação ou de energia.

Wood (1985) relaciona também o conceito de fronteira ao grau de intimidade entre os membros de uma família e propõe dois novos constructos: fronteira interpessoal ou proximidade/coesão e fronteira geracional ou hierarquia. A proximidade/coesão está relacionada ao nível de intimidade e contato entre os familiares, e a hierarquia, a um conjunto de comportamentos normativos dos pais e relacionados ao seu papel - de controle e influência no grupo - em relação aos seus filhos.

Para compreender coesão, Wood e Talmon (1983) abordam outro conceito importante, o do território preservado. Este construto significa a preservação física e psicológica que permite o domínio ou o controle de determinado objeto ou situação. Os autores revelam seis tipos de

territórios preservados que evidenciam o grau de permeabilidade das fronteiras interpessoais e permitem a avaliação dos relacionamentos através de diferentes tipos de proximidade na família. O primeiro é o Tempo de Contato, isto é, como os membros utilizam o tempo em que estão juntos, desempenhando atividades em conjunto. De Antoni e Koller (2000) verificaram que um dos fatores de proteção na visão de adolescentes maltratadas era a realização de atividades em conjunto pela família, ou seja, assistir a televisão, passear, brincar, entre outras, que, segundo elas, favoreceriam a união e o senso de pertencimento a este grupo. Além do Tempo de Contato, Wood e Talmon (1983) definiram o Espaço Pessoal como o mais privativo dos territórios preservados, pois envolve o contato com o corpo físico, por exemplo, toque, carícia, empurrão, etc. Observa-se que o contato físico em famílias abusivas ocorre através de atos agressivos e raramente por atos amorosos (Garbarino & Eckenrode, 1997). O terceiro território é o Espaço Emocional, e está relacionado à expressão de afeto ou humor que influencia todo o sistema familiar, como: alegria, raiva, ciúmes, medo, tristeza. A qualidade e quantidade de sentimentos compartilhados são determinantes poderosos do vínculo familiar. O quarto território é o Espaço de Informação, definido como um conjunto de conhecimentos de que a família dispõe sobre as pessoas que a compõe e que inclui pensamentos, sentimentos, opiniões, eventos biográficos e comportamentos. O quinto é o Espaço de Conversação, isto é, são as conversas pessoais que ocorrem entre díades ou tríades e que facilitam a diferenciação de papéis neste contexto, ao tornarem-se mais claros os limites e desafios de cada um. O último território é o Espaço de Decisão, que envolve como e quem está envolvido no processo de decisão e pode ser uma pessoa, algum subsistema ou toda a família. O envolvimento das pessoas no processo decisório dependerá do grau de importância da situação, no entanto, quando há concordância mútua, isto pode facilitar o funcionamento competente dos subsistemas, pois as opiniões são consideradas e ponderadas dentro deste processo. Para identificar o grau de coesão de uma família, de acordo com a Teoria Estrutural Sistêmica Familiar, é importante analisar como estão estabelecidos estes territórios e a permeabilidade destas fronteiras.

A fronteira geracional ou hierarquia envolve a compreensão de como é estabelecida a relação de poder entre pessoas, subsistemas ou gerações. Para Wood e Talmon (1983), a mais importante diferenciação de papéis na família ocorre entre gerações. Portanto, os pais exercem um conjunto de comportamentos normativos em relação a seus filhos, e estes comportamentos definem a hierarquia entre as gerações. Para Minuchin (1990), a parentalidade requer a

capacidade de nutrir, guiar e controlar e, assim, os pais fazem uso de autoridade. Então, os pais necessitam de poder para exercer suas funções.

Wood e Talmon (1983) citam quatro domínios da hierarquia geracional: criação, controle, alianças ou coalizões e pares. Criação refere-se ao papel normativo geracional, no qual os pais são responsáveis pela educação e criação dos filhos, e envolve proteção e bem-estar. Controle está relacionado à criação de regras, à definição e à imposição dos limites. As alianças ou coalizões manifestam-se quando dois ou mais membros da família se juntam em prol de algo. A forma mais extrema de coalizão ocorre quando um dos pais alia-se a um ou mais filhos contra o outro pai/mãe, formando assim, a coalizão intergeracional. O último domínio foi denominado de pares e identifica a relação de companheirismo entre os adultos (casal) e entre as crianças (irmãos). Espera-se que as crianças, por exemplo, se identifiquem como pares de outras crianças ou irmãos do que com seus pais.

O exercício de poder é adaptativo, quando auxilia a manter o equilíbrio no sistema familiar. O funcionamento familiar saudável tem sido identificado por dois aspectos em relação à hierarquia: o relacionamento do casal de forma igualitária (equilíbrio de poder) e os pais tendo mais poder e influência do que seus filhos, mas com certo grau de flexibilidade, frente a mudanças, no desempenho de papéis e nas regras existentes (Feldman & Gehring, 1988; Gehring & Marti, 1993; Wood & Talmon, 1983). Por outro lado, quando a estruturação hierárquica não está funcional, as famílias podem apresentar inversão hierárquica e coalizões. A inversão hierárquica ocorre quando uma criança desempenha o papel parental em relação aos seus pais, seja por criação ou controle, isto é, um dos filhos – criança ou adolescente, apresenta comportamentos relacionados ao cuidado e proteção ou de definição de regras e limites, usualmente com poder coercivo, na família.

Famílias que estão sujeitas a eventos estressores podem demonstrar inversão hierárquica, desigualdade na relação de poder dos pais e coalizões, e estes fatores podem levar ao colapso no funcionamento da família (Gehring & Marti, 1993; Wood & Talmon, 1983). Para Minuchin (1990, 2003), não existe família que não tenha problemas. No entanto, a família funcional consegue ter fronteiras semipermeáveis que permitem aos seus membros se sentirem pertencentes ao grupo, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua autonomia, mesmo na presença de eventos estressores.

A Teoria Estrutural Sistêmica aborda a estrutura familiar, através dos constructos coesão e hierarquia. Por sua vez, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano revela a importância da reciprocidade e do equilíbrio do poder na interação entre os membros

familiares. Embora sejam termos diferentes utilizados em ambas teorias, observa-se certa semelhança em sua conceituação.

#### **1.4 Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano**

Bronfenbrenner (1979/1996, 1986, 1989, 1993, Bronfenbrenner & Morris, 1998), propõe um sistema teórico para o estudo científico do desenvolvimento humano no contexto através do tempo. O desenvolvimento humano é definido como um fenômeno de continuidade e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos, tanto no indivíduo como no grupo. Este processo estende-se através do ciclo vital, através das gerações, da história passada e futura. Assim, o desenvolvimento é compreendido como contínuo e processual (Bronfenbrenner, 2004).

Bronfenbrenner (1993) propõe um modelo teórico-metodológico, que envolve em sua análise quatro núcleos que estão inter-relacionados dinamicamente: a pessoa, o processo, o contexto e o tempo – denominado de modelo PPCT. Este modelo possibilita conhecer a interação destes núcleos e os aspectos que envolvem o funcionamento familiar.

O núcleo Pessoa analisa o ser humano ou o grupo familiar em desenvolvimento através das suas características biológicas, psicológicas, sociais e suas interações. A família é uma unidade relacional. A interação entre seus membros produz sinergia, isto é, o resultado desta interação é maior e mais complexa do que o somatório das partes que o compõe. Portanto, a família deve ser compreendida analisando os diversos fatores intra e extrafamiliares existentes e que são dinamicamente influenciados uns pelos outros. Isto é, a pessoa ou a família é constantemente influenciada e influencia o ambiente, de acordo com as suas características pessoais e as propriedades do ambiente no qual participa. Conhecer e estudar as pessoas que compõem determinada família e as características de um grupo familiar específico é importante para traçar seu perfil e assim, poder compreender sua interação.

O núcleo Processo relaciona-se à maneira como a pessoa ou a família significa suas experiências e interpreta o ambiente. Ocorre através do desempenho de papéis, das atividades diárias exercidas e das inter-relações estabelecidas em determinado contexto. Bronfenbrenner e Morris (1998) ampliaram este conceito, incluindo além da interação da pessoa com outras pessoas, a interação com contextos, objetos e símbolos. Esta interação foi denominada de “processo proximal”. O desenvolvimento humano ocorre através de um processo progressivo e cada vez mais complexo de interações. Estas interações são bidirecionais e exigem uma “transferência de energia” (Bronfenbrenner & Evans, 2000, p. 118) entre as pessoas e as

atividades, os objetos e os símbolos. Sendo assim, o processo proximal é compreendido como uma forma permanente e recíproca de interação neste meio ambiente imediato. A existência da interação recíproca entre a pessoa e o objeto ocorre como um tipo de convite à atenção, à exploração, à manipulação, à elaboração e à imaginação (Bronfenbrenner & Morris, 1998). No entanto, o processo proximal pode produzir dois tipos de resultados: a competência e a disfunção. Por competência, Bronfenbrenner e Morris (1998) definem como o conhecimento e a habilidade para conduzir o próprio comportamento frente a situações em diferentes domínios, tais como o intelectual, físico, motivacional, social, emocional ou artístico. Por outro lado, a disfunção refere-se à dificuldade em manter o controle e a integração do comportamento frente a situações e diferentes domínios do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Evans, 2000). Uma mãe competente, por exemplo, busca informações, troca experiência, estabelece diálogo com o filho e com outros membros familiares, está atenta às necessidades dos filhos e exercita tolerância; por outro lado, a mãe disfuncional pode perder o seu controle e utilizar força física contra o filho (espancá-lo), na tentativa de controlar o comportamento deste.

O núcleo Contexto é visto como o meio ambiente ecológico, isto é, “uma organização de encaixe de estruturas concêntricas, uma contida na outra (Bronfenbrenner, 1979/1996, p.18). Como metáfora para sua explicação, o autor utiliza-se das “bonecas russas”, que são caixas ovóides com desenhos de figuras femininas, que variam no seu tamanho para serem inseridas umas nas outras. Estas estruturas representativas de contexto são denominadas de microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema.

O microssistema compreende as atividades, papéis e interações interpessoais experienciadas pela pessoa ou grupo familiar em determinado ambiente. O termo “experienciado” é um neologismo aplicado para indicar a maneira pela qual a pessoa percebe e significa o fenômeno, que vai além das propriedades objetivas e físicas do ambiente. A família, portanto, é o primeiro microssistema no qual a pessoa em desenvolvimento interage. O mesossistema é o conjunto de microssistemas de determinada pessoa ou família, são os diversos ambientes no qual ela transita, como a escola, o local de trabalho, a instituição religiosa que frequenta, entre outros. O exossistema refere-se a um ou mais ambientes no qual a pessoa não esteja ativamente presente, mas que as decisões tomadas podem a influenciar, como as decisões da direção da escola de uma criança. O macrossistema engloba a cultura, subcultura e todo o sistema de crenças ou ideologia subjacente, por exemplo: valorização da família como instituição (Bronfenbrenner 1979/1996).

Para Bronfenbrenner (1979/1996) o impacto de uma díade ou de outras estruturas interpessoais mais complexas, como a família, no desenvolvimento da pessoa, está relacionado a três características de interação: a reciprocidade, o equilíbrio de poder e a relação afetiva. Estas características auxiliam o microsistema familiar a manter-se estruturado de tal forma que permite o desenvolvimento saudável de seus participantes.

A reciprocidade está centrada no processo proximal que ocorre entre duas ou mais pessoas. Pode-se entender a reciprocidade associada ao conceito de coesão. A aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa são facilitados quando há mutualidade de sentimentos positivos (relação afetiva) entre duas pessoas. No entanto, para que isto ocorra, faz-se necessário que o equilíbrio dos poderes gradualmente se altere em favor da pessoa em desenvolvimento e que haja alternância destes poderes entre as pessoas que estão desempenhando alguma atividade em determinado contexto (Bronfenbrenner, 1979/1996). Portanto, a estrutura de poder tem que ser flexibilizada frente aos desafios encontrados ao longo da história da família. Por exemplo: os pais têm papel importante na colocação dos limites, então, faz-se necessário exercer seu poder de influência, orientando o adolescente, por exemplo, na escolha de amigos, evitando aqueles que possam levá-lo ao envolvimento com drogas. Já na velhice, caso os pais tenham alguma doença, cabe aos filhos assumirem a responsabilidade sobre eles, detendo maior poder decisório no microsistema familiar.

Na visão ecológica, segundo Garbarino e Abramowitz (1992), a família também pode ser pensada como uma unidade e, ao mesmo tempo, um sistema social. A família como unidade é compreendida como “uma pequena sociedade particular” (p. 77). Sendo assim, possui sua própria cultura, linguagem e gerenciamento. Cada fase ou etapa do desenvolvimento de seus membros provoca uma readaptação em todo o sistema de relações existentes. A família como um sistema social realiza a mediação entre a pessoa e a sociedade, o que favorece ao processo de socialização dos seus membros. A família reflete os modelos ou esquemas existentes no macrosistema, principalmente em relação ao funcionamento, aos valores e às tradições de acordo com a cultura em que está inserida. Estes modelos influenciam no desenvolvimento pessoal e social e assim, a dinâmica entre pessoa, família e sociedade vai, ao longo do tempo, sofrendo um processo de mudança.

O núcleo Tempo envolve a dimensão histórico-evolutiva. É compreendido pelos fatos históricos ocorridos em determinada sociedade durante o desenvolvimento da pessoa, como o movimento feminista ou o surgimento de métodos anticoncepcionais nos anos de 1960 e 1970, que possibilitou à mulher enfrentar a repressão sexual e optar sobre ter ou não filhos e, assim,

as relações conjugais estão sendo redimensionadas. O núcleo tempo envolve a seqüência de acontecimentos diários, semanais, mensais que constitui a rotina da pessoa, e formam sua história pessoal (Bronfenbrenner, 1986).

A TBDH promulga a necessidade de olhar o desenvolvimento humano no contexto, identificando os aspectos que fazem parte dos sistemas aos quais a família pertence. A Psicologia Positiva também identifica aspectos que podem auxiliar na interação saudável das pessoas e do próprio grupo familiar.

### **1.5 Psicologia Positiva**

A Psicologia Positiva compreende os processos e fatores que possam estar associados ao desenvolvimento saudável dos seres humanos. Envolve o estudo sobre o bem-estar, forças e virtudes, de acordo com um modelo voltado para a saúde (Morais & Koller, 2004; Seligman, 2003). Os constructos enfatizados nesta teoria são o de vulnerabilidade e resiliência familiar que estão associados a definições de risco e de proteção.

O termo risco tem sido utilizado, no campo da saúde mental, com o significado de estressor ou fator que predispõe a um resultado negativo ou indesejado. O risco poderá desencadear um distúrbio ou uma doença, de acordo com sua severidade, duração, frequência ou intensidade de um ou mais sintomas ou comportamentos. Risco não é um termo estático, portanto, deve ser visto como um processo. Pode ser definido por suas implicações nas relações e resultados específicos, isto é, qualquer variável pode agir como indicador de risco em uma determinada situação (Cowan, Cowan & Schulz, 1996). Fatores sociais e comunitários, susceptibilidades biogenéticas, traços de personalidade e influência de pais e amigos são relacionados às causas individuais dos indicadores de risco (Luthar, 2003).

Por outro lado, os indicadores de proteção servem para reduzir o efeito do risco. Segundo Eckenrode e Gore (1996), os indicadores de proteção são, geralmente, classificados em dois grupos: fatores pessoais e recursos do ambiente. Os fatores pessoais são evidenciados pelo componente biológico, como a saúde física e o temperamento, e relacionadas às experiências com o meio ambiente social, como a auto-estima e a confiança. Os recursos do ambiente são demonstrados pelo poder aquisitivo ou pelo apoio social fornecido pela comunidade. Garmezy (1996) constatou, em sua pesquisa sobre estresse infantil, três conjuntos operando como indicadores de proteção: 1) as características de personalidade como autonomia, auto-estima e comportamento pró-social; 2) a coesão familiar e ausência de

conflitos; e, 3) a existência de um sistema externo de apoio, isto é, uma rede de apoio social e afetiva.

Segundo Rutter (1987, 1999), os indicadores de risco e de proteção devem ser examinados dentro do contexto de vida da pessoa ou da família, pois um indicador compreendido como de risco pode se tornar protetivo no futuro, vice-e-versa. Por exemplo: a separação dos pais para os filhos pode funcionar como risco em relação a um resultado (sobrecarga de papéis na mãe e ausência física do pai); neutro com respeito a outro resultado (aquisição de conhecimentos) ou proteção (não testemunhar o conflito conjugal). Para reduzir os efeitos do risco é necessário compreender as variações nas respostas individuais/familiares diante destes indicadores. A situação de risco pode ser modificada para produzir resultados positivos ou negativos, isto é, algumas pessoas/famílias enfrentam satisfatoriamente um problema e outras não (Pianta & Walsh, 1996). Se, diante de eventos de risco, um indivíduo desencadeia uma doença ou o sistema familiar torna-se disfuncional, pode ser identificado como vulnerável naquele momento; porém, se consegue enfrentar a situação, através de um comportamento adaptativo positivo, está resiliente (Garmezy, 1996; Rutter, 1987).

De acordo com Cowan, Cowan e Schulz (1996), a distinção entre os termos risco e vulnerabilidade, na prática, é difícil de realizar. Vulnerabilidade refere-se à susceptibilidade individual ou familiar de desenvolver um distúrbio ou impossibilidade em adaptar-se diante de um ou mais indicadores de risco. A vulnerabilidade opera somente quando o risco está presente; sem o risco, a vulnerabilidade não tem efeito.

O construto resiliência foi descrito por Rutter (1987) como uma capacidade individual de superar as crises e a adversidade ou de recuperar-se delas. A resiliência é vista como uma característica do indivíduo. Walsh (1996) amplia este enfoque ao compreender a resiliência relacionada a determinado grupo, como a família, de acordo com uma visão sistêmica e em contextos ecológicos de desenvolvimento.

A resiliência familiar abrange processos interativos que fortalecem a resiliência tanto individual quanto do grupo familiar. A família é entendida como uma unidade funcional que incrementa a resiliência em todos os seus membros. Para compreender o funcionamento de uma família - observando o contexto, o tempo e as condições de estresse - devem ser levados em conta os desafios enfrentados, as limitações e os recursos. Os desafios estão inseridos como tensores nas transições normativas do ciclo de vida, tais como: o divórcio, a morte de um membro da família, as migrações, o desemprego ou a violência intrafamiliar (Hawley & DeHaan, 1996; Walsh, 1996). O modo como cada família lida com esses desafios é crucial

para a readaptação individual e familiar. Portanto, Walsh (1996) definiu que a resiliência familiar é uma “resiliência relacional” (p. 262).

O construto de resiliência familiar também abrange vulnerabilidade e poder regenerativo. Refere-se à habilidade para minimizar o impacto perturbador da situação estressora, através de efeitos que influenciam as demandas e desenvolvem o encontro de recursos. Os elementos básicos para a resiliência familiar incluem o processo de coesão, flexibilidade, comunicação aberta, resolução de problemas e sistema de crenças firmes, bem como o apoio da comunidade ao prover segurança e estabilidade financeira, apoio social e o sentimento de estar conectado a uma rede de relacionamentos, religião e outros grupos afins. Otimismo e esperança em famílias que vivem na pobreza também são elementos da resiliência. Além disso, famílias que estão resilientes são aquelas que, diante da adversidade, mostram flexibilidade na capacidade de adaptação com resultados produtivos para seu bem-estar (Hawley & DeHaan, 1996). Em situações de crises, segundo Ravazzola (2001), o ser humano é mais vulnerável as provocações e os vínculos tornam-se mais frágeis, sendo que a família tem que se reformular para enfrentá-las. Algumas capacidades pessoais e nas relações familiares foram detectadas por Ravazzola em sua prática clínica, dentre elas, encontram-se a capacidade de inovação, de criação e de adaptação, construir coletivamente definições de limite, papéis, objetivos, necessidades e estratégias, além da manutenção da esperança.

Yunes (2003) elaborou um esquema que sintetiza os processos-chave da resiliência familiar descritos por Walsh em 1998. Os processos-chave envolvem o sistema de crenças, os padrões de organização e os processos de comunicação e são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

*Processos-Chave da Resiliência*

Processos	
Sistema de crenças	
1.	Atribuir sentido à adversidade
2.	Olhar Positivo
3.	Transcendência e espiritualidade
Padrões de Organização	
1.	Flexibilidade
2.	Coesão
3.	Recursos sociais e econômicos
Processos de Comunicação	
1.	Clareza
2.	Expressões emocionais abertas
3.	Colaboração na solução de problemas

O sistema de crenças permite à família enfrentar com otimismo suas dificuldades, conectando-se ao sentimento de religiosidade. Os padrões de organização são relativos à flexibilidade, à coesão e aos recursos sociais e econômicos. Especificamente a coesão está relacionada ao apoio mútuo, à colaboração e ao compromisso, ao respeito às diferenças, às necessidades e limites individuais, à busca de reconciliação e de união em casos de relacionamentos problemáticos e ao desenvolvimento de liderança. O papel da liderança é de proteger e orientar os membros vulneráveis da família. Isto pode significar que a coesão está ligada ao poder assertivo de influência. A questão da hierarquia, especificamente, e suas conseqüentes relações de poder não são expostas por Walsh. Os processos de comunicação são facilitadores das interações à medida que permitem a troca de informações, o desenvolvimento da empatia e a tomada de decisões compartilhadas.

Parece compreensível a existência destes fatores em famílias que enfrentam adversidades pontuais. No entanto, existem famílias que vivem em situações de risco severos, intensos e constantes. A presença de violência intrafamiliar, por exemplo, pode desencadear comportamentos vulneráveis, caso a família não encontre recursos internos e externos para modificar este comportamento.

## 1.6 Abuso Físico Intrafamiliar

O abuso físico está relacionado ao uso de força física contra a criança ou adolescente por parte de seus cuidadores, sejam pais adotivos ou biológicos ou ainda outros, que devam zelar por seu bem-estar e integridade física e emocional (Cecconello, De Antoni & Koller, 2003). É mais facilmente diagnosticado quando há lesões orgânicas, como as cutâneas, ósseas, oculares, e neurológicas provocadas por agressões físicas, queimaduras, mordidas, tapas, socos, etc. No entanto, atualmente observa-se que estes cuidadores utilizam-se de materiais que não deixam marcas físicas visíveis para agredir seus filhos. Portanto, o relato da criança ou de testemunhas já é um critério de avaliação para a presença de atos agressivos na família (Koller & De Antoni, 2004). A violência intrafamiliar é compreendida como multicausal e deve ser analisada a partir de uma perspectiva ecológica. Belsky (1993) salientou que a etiologia dos maus tratos deve ser considerada a partir de fatores históricos, contemporâneos, culturais, situacionais, além de atribuídos às características dos pais e dos filhos.

Koller e De Antoni (2004) apresentam duas Tabelas demonstrativas (2 e 3), nas quais são expostos os fatores de risco e proteção para a avaliação de violência intrafamiliar. As autoras analisam diversos fatores por contexto ecológico, isto é, o núcleo pessoa, mencionado como “eu ecológico”, o microsistema, o exossistema e o macrosistema. Embora estes fatores sejam citados para todos os tipos de abusos, como o sexual, emocional, a negligência e abandono, cabe salientar que o abuso físico possui fatores causais semelhantes e passíveis das mesmas análises.

Tabela 2

*Fatores de Risco Relevantes para a Avaliação de Casos de Violência Intrafamiliar por Contexto Ecológico (retirado de Koller & De Antoni, 2004)*

Fator	Eu ecológico	Microsistema	Exossistema	Macrossistema
História anterior	História de abuso	Pais/ cuidadores com história de abuso anterior institucionalização	Ausência de recursos terapêuticos, conselhos de direitos, apoio emergencial e permanente	Ausência de conhecimento sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e do Idoso

Tabela 2

*Fatores de Risco Relevantes para a Avaliação de Casos de Violência Intrafamiliar por Contexto Ecológico (retirado de Koller & De Antoni, 2004) (continuação)*

Fator	Eu ecológico	Microssistema	Exossistema	Macrossistema
Família	<p>Senso de solidão e insegurança no ambiente familiar</p> <p>Posição na configuração familiar</p> <p>Comunicação intrafamiliar precária</p>	<p>Segredo</p> <p>Famílias monoparentais</p> <p>Gravidez na adolescência</p> <p>Estresse familiar por saúde, problemas financeiros e de relacionamento</p> <p>Tamanho</p> <p>Problemas de comunicação</p>	<p>Desemprego</p> <p>Falta de produtividade</p> <p>Empobrecimento</p> <p>Falta de clareza sobre a obtenção de recursos e possibilidades</p> <p>Isolamento: rede de apoio social e afetiva precária em estrutura (recursos) e funcionamento</p>	<p>Aceitação cultural de punição física</p> <p>Aceitação cultural de posse da mulher e da criança</p> <p>Naturalização/banalização da violência</p>
Autopercepção	<p>Baixa auto-estima, auto-eficácia e auto-imagem enfraquecida sentimento de frustração</p> <p>Maior percepção de hostilidade do ambiente</p> <p>Percepção exacerbada de obstáculos e desafios</p> <p>Falta de conhecimento sobre as reais habilidades e talentos</p>	<p>Disciplinas incongruentes, inconsistentes e ineficientes</p> <p>Práticas disciplinares restritivas e punitivas</p> <p>Estilos parentais: negligente e autoritário</p> <p>Falta de clareza sobre potencialidades e limites</p> <p>Ausência de senso de pertencimento à comunidade e de habilidades empáticas</p>	<p>Ausência de relações de amizade</p>	
Positividade	<p>Ausência de empatia, de auto-regulação e autoconfiança</p> <p>Emoções morais ausentes</p> <p>Senso de fragilidade e impotência</p>	<p>Mau humor, pessimismo, falta de senso de bem-estar e de amor</p> <p>Competitividade voraz e destrutiva</p> <p>Desesperança no futuro</p>	<p>Rede pobre e sem recursos para superação de expectativas negativas e irreais</p>	<p>Cultura de promove a competitividade e a agressividade</p>

Tabela 2

*Fatores de Risco Relevantes para a Avaliação de Casos de Violência Intrafamiliar por Contexto Ecológico (retirado de Koller & De Antoni, 2004) (continuação)*

Fator	Eu ecológico	Microssistema	Exossistema	Macrossistema
Cognição e Educação	Quociente intelectual baixo associado à baixa escolaridade  Capacidade verbal limitada	Baixo nível de escolaridade e falta de apoio para formação educacional e para seu bom desempenho	Indisponibilidade de escolas e formação continuada  Ausência de apoio à educação  Professores mal remunerados e sem capacitação, desconhecedores das políticas públicas	Alta taxa de analfabetismo  Falta de apoio à educação
Interação	Ausência de empatia  Habilidades interpessoais pobres  Fragilidade na tomada de decisões	Relações instáveis, promíscuas, sem estabilidade, reciprocidade ou equilíbrio de poder	Fanatismo religioso  Ausência de relações de amizade estáveis  Ausência de relações hierárquicas equilibradas	Cultura que aceita e promove a posse da mulher e da criança  Machismo  Ausência de compromisso com os direitos humanos
Variáveis de saúde, sociais e ambientais	Vítima portadora de necessidades especiais ou sofrimento psíquico  Prematuridade da vítima	Presença de alcoolismo, uso e abuso de drogas  Habitat sem privacidade  Presença/ troca de parceiros	Ausência de infraestrutura de saneamento, segurança e privacidade  Poluição ambiental  Violência na comunidade  Exposição a mudanças drásticas de temperatura	Ausência de políticas públicas sociais para a promoção de saúde, educação, habitação, trabalho, segurança, justiça e serviços de bem-estar Exploração do trabalho infantil e sexual Presença de violência na mídia (dessensibilização)
Variáveis econômicas	Instabilidade e fracasso econômico Empobrecimento		Eventos estressores	Mortalidade infantil, de urbanização precária  Distribuição de renda injusta

A Tabela 3 apresenta os fatores de proteção. A presença destes fatores é importante para amenizar os efeitos dos fatores de risco, principalmente em casos de violência intrafamiliar.

Tabela 3

*Fatores de Proteção Relevantes para a Avaliação de Casos de Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos (retirado de Koller & De Antoni, 2004)*

Fatores	Eu ecológico	Microsistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
História anterior	Consciência sobre história de violência anterior	Pais ou cuidadores sem história de abuso ou conscientes de abuso na infância	Presença de recursos terapêuticos, conselhos de direitos, apoio emergencial e permanente	Conhecimento sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e do Idoso
Família	Estabilidade familiar: relacionamento, saúde, financeira, etc. Posição na configuração familiar Comunicação intrafamiliar presente e compartilhada por todos os membros	Práticas disciplinares de conscientização Estilo parental autoritativo Clareza em potencialidades e limitações Senso de pertencimento à comunidade	Produtividade e estabilidade bem-estar no trabalho senso de sucesso e realização Clareza sobre a possibilidade de buscar e obter recursos Presença de rede de apoio social rica em recursos (estrutura) e com funcionamento atuante, flexível e presente Relações estáveis de amizade reciprocidade	Cultura que promove e compartilha senso de responsabilidade e cuidado e se opõe à violência Cultura que não aceita a visão de punição como prática disciplinar
Autopercepção	Auto-estima, auto-eficácia, auto-imagem e autoconceito realísticos e/ou elevados			
Positividade	Talentos especiais e criatividade sentimentos de amor e amizade	Amor, amizade, bom humor, otimismo, esperança, bem-estar, afetos positivos, religiosidade, expectativas de futuro	Disponibilidade de recursos para consecução de planos e oportunidades	Cultura que compartilha a promoção do grupo, competitividade saudável e construtiva
Cognição e educação	Quociente intelectual médio e alto nível de escolaridade médio e superior	Estímulo à formação e ao bom desempenho	Disponibilidade de escolas, programas de capacitação, educação continuada Professores bem remunerados e capacitados	Baixas taxas de analfabetismo Apoio à educação

Tabela 3

*Fatores de Proteção Relevantes para a Avaliação de Casos de Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos (retirado de Koller & De Antoni, 2004) (continuação)*

Fatores	Eu ecológico	Microssistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
Interação	Boas habilidades interpessoais	Companheirismo, compartilhamento, relações estáveis, com equilíbrio de poder e reciprocidade	Afiliação religiosa e comunitária senso de pertencimento	Cultura que não aceita a visão de posse sobre a criança e a mulher
Variáveis sociais e de saúde	Saúde física e mental resiliência individual e familiar		Disponibilidade de acompanhamento terapêutico e outros recursos	Políticas sociais e públicas para saúde e serviços de bem-estar, erradicação da exploração do trabalho infantil e sexual
Variáveis econômicas	Estabilidade e prosperidade econômica		Poucos eventos estressores	Índices baixos de mortalidade infantil, de urbanização precária ou inexistente, distribuição de renda justa

O uso da força física, contra crianças e adolescentes por seus cuidadores, revela a crença nos valores autoritários e na asserção de poder dos pais sobre os filhos (Ceconello, De Antoni & Koller, 2003; Garbarino & Eckenrode, 1997; Oates, Ryan & Booth, 2000). Muitas vezes, o abuso é justificado por seus membros como uma prática disciplinar (Ceconello, De Antoni & Koller, 2003). E, este poder está centralizado permanentemente em um familiar, no caso, o abusador. Tal centralização revela o desequilíbrio de poder entre os membros (Kashani & Allan, 1998). Estudos realizados com famílias com história de abuso físico revelam que os pais tendem a desencadear menos situações de interação com seus filhos do que pais não abusivos. Demonstrações de carinho e afeto são raras e predomina um sentimento de rejeição entre os familiares (Kashani & Allan, 1998). A relação entre pais e filhos é marcada pela hostilidade e com ausência de reciprocidade (De Antoni & Koller, 2000). Além disso, adolescentes vítimas de abuso físico percebem suas famílias como menos coesas, sendo seus pais considerados rígidos afetivamente (Pelcovitz, Kaplan, Ellenberg & Weiner, 2000).

## CAPÍTULO II

### CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Este capítulo trata sobre aspectos teóricos relacionados aos métodos e às técnicas (instrumentos) utilizados na coleta dos dados desta pesquisa. São descritos o método denominado de inserção ecológica, desenvolvido por Ceconello e Koller (2004), o Teste do Sistema Familiar – FAST (Gehring, 1986) e a sistematização do Estudo de Caso.

#### **2.1 Inserção Ecológica**

O método da inserção ecológica foi inicialmente elaborado por Ceconello (2003) em sua tese de doutorado e publicado posteriormente, em forma de capítulo, no livro intitulado *Ecologia do Desenvolvimento Humano: Pesquisa e Intervenção no Brasil*, organizado por Koller. No referido texto, Ceconello e Koller (2004) descrevem uma metodologia para pesquisas com famílias em situação de risco em ambiente natural. No mesmo livro, no capítulo “A pesquisa ecológica sobre violência no microsistema familiar”, De Antoni e Koller (2004) relatam a experiência desta pesquisa, abordando como ocorreu a inserção ecológica nos ambientes em que as pesquisadoras transitaram, tais como as instituições de atendimento, a comunidade e as residências das famílias. A inserção na escola foi descrita no capítulo “A violência no contexto escolar e a inserção do psicólogo: um relato de experiência” escrito por Habigzang, Lampert, De Antoni e Koller (2004).

De acordo com Ceconello e Koller (2004), o conceito de inserção ecológica refere-se à participação dos pesquisadores nos ambientes nos quais vivem ou transitam os pesquisados, com o objetivo de conhecer a realidade destes, e sistematizar as informações relativas aos quatro núcleos de análise: a pessoa, o processo, o contexto e o tempo (modelo PPCT). O pressuposto básico deste método é o processo proximal estabelecido entre os pesquisadores, participantes, objetos e símbolos existentes nos ambientes, levando-se em conta os critérios necessários para sua efetivação. Para Bronfenbrenner (1999), é importante avaliar os critérios que identificam a existência do processo proximal, por exemplo: as pessoas estarem engajadas em uma atividade conjunta e esta atividade deve ser progressivamente mais complexa em períodos contínuos de tempo. Além disso, deve haver reciprocidade nas relações interpessoais e os objetos e símbolos presentes neste ambiente devem estimular a atenção, exploração, manipulação e imaginação das pessoas em desenvolvimento (pesquisadores e participantes). A

inserção ecológica permite à equipe de pesquisa realizar o processo proximal com as pessoas que formam a rede, tanto de serviços como a familiar.

## **2.2 Teste do Sistema Familiar**

A coesão está relacionada linearmente com o desenvolvimento saudável e bem-estar psicossocial da criança, do adolescente e das famílias. O funcionamento familiar adaptado é promovido pela relação próxima entre o casal, entre pais e filhos e entre irmãos (Feldman & Gehring, 1988; Gehring, Bragger, Steinebach & Brunischu, 1995).

A hierarquia ou estrutura de poder tem sido definida como uma relação de influência e controle que caracteriza os grupos sociais. Está relacionada ao poder decisório, seja nas situações cotidianas, como em situações adversas. A habilidade de mudar papéis e regras no sistema familiar pode conferir a uma pessoa o seu domínio sobre os outros membros. Observa-se que os estudos sobre hierarquia são menos consistentes dos que os sobre coesão, principalmente em relação aos efeitos causados na pessoa e no funcionamento familiar. Isto pode ocorrer em função das diferentes definições e operacionalizações existentes sobre este construto, às vezes contraditórias, como exercer controle e influência (Feldman & Gehring, 1988; Gehring, Bragger, Steinebach & Brunischu, 1995; Gehring & Marti, 1993).

Famílias com problemas freqüentemente demonstram baixa coesão entre seus membros e coalizões entre gerações, estando os pais mais próximos dos seus filhos, do que do seu companheiro(a). Também podem apresentar o inverso hierárquico, em que os filhos têm maior poder do que os pais (Feldman & Gehring, 1988; Gehring, Bragger, Steinebach & Brunischu, 1995).

A relação entre coesão e hierarquia foi estudada por Gehring e Marti (1993), sendo denominada como “estrutura relacional”. Os autores elaboraram um esquema que facilita o entendimento sobre a estrutura relacional, como demonstrado na Figura 1.

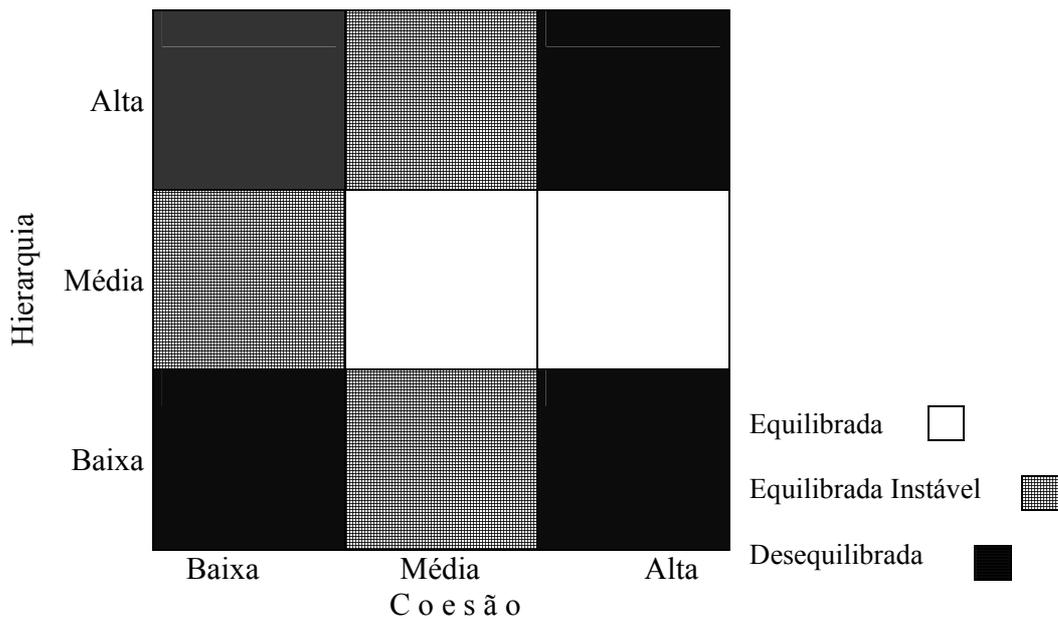


Figura 1. Estrutura relacional (Gehring & Marti, 1993).

A relação destes dois construtos foi classificada em três tipos de estrutura familiar: a equilibrada (*balanced*), quando a família apresenta média ou alta coesão e média hierarquia; a equilibrada-instável (*labile-balanced*), quando apresenta uma estrutura com média coesão e baixa ou alta hierarquia ou baixa coesão e média hierarquia; e a desequilibrada (*unbalanced*), quando a estrutura familiar se apresenta com ambas dimensões com valores extremos. A estrutura relacional familiar somente pode ser avaliada a partir da análise destes dois construtos conjuntamente. Para Käßler (2004, Comunicação Pessoal, 19 de outubro de 2004), a avaliação da coesão isoladamente indica que quanto mais coesos os membros familiares, melhor será para suas relações, de acordo com uma perspectiva linear do desenvolvimento. No entanto, associada à estrutura de poder, os extremos da coesão, isto é, identificada como alta ou baixa, são maléficos para a estrutura familiar. Por exemplo: uma alta coesão associada a uma baixa hierarquia pode levar a sobreposição ou confusão de papéis, falta de limites ou fronteiras difusas e, assim, como decorrência, o prejuízo ao exercício da individualidade.

Para conhecer a coesão, a hierarquia e sua inter-relação nas famílias foi utilizado o Teste do Sistema Familiar. O FAST é um teste originalmente desenvolvido para avaliar a representação da coesão e da hierarquia em famílias (grupo) e em seus subsistemas (membros e díades). É constituído por um tabuleiro monocromático dividido em 81 quadrados (5cm x 5cm), peças confeccionadas em madeira representando figuras masculinas e femininas (8 cm)

e blocos cilíndricos com três diferentes alturas (1,5 cm; 3 cm; 4,5 cm). O instrumento é acompanhado por uma folha de registro (Anexo A), na qual o pesquisador anota as respostas fornecidas. A equipe de pesquisa reformulou a folha de registro para facilitar na aplicação com famílias numerosas, visto que a folha original possui espaço para famílias com no máximo seis integrantes. O pesquisador realiza o *rapport* (Anexo B) e sugere que o respondente represente a coesão e a hierarquia em três situações: na típica ou cotidiana, na ideal e na de conflito. Durante a aplicação do FAST, é realizada uma entrevista semi-estruturada que explora o resultado subjetivo das representações. As perguntas são específicas para cada participante, pois variam de acordo com suas representações, por exemplo: o motivo de determinada configuração, omissão de um familiar, inclusão de outras pessoas, utilização do espaço do tabuleiro, entre outros aspectos.

A coesão é verificada através da proximidade das peças, isto é, quanto mais próximas estão colocadas entre si, mais alta é coesão. O distanciamento entre elas, significa baixa coesão. Para investigar a hierarquia, as peças são elevadas com blocos. As diferentes posições verticais expressam diferenças na hierarquia. Quanto mais elevada estiver a peça, maior será sua hierarquia, isto é, seu poder decisório no sistema familiar. O FAST pode ser aplicado individualmente ou no grupo familiar.

As propriedades psicométricas e a validade do construto (ex.: representação familiar) utilizado pelo FAST são demonstradas em pesquisas como a realizada nos Estados Unidos com uma amostra ( $N=598$ ) predominantemente formada por brancos, de classe média e constituída por pais e seus filhos, crianças e adolescentes. Os resultados obtidos em pesquisas mostram que o FAST tem estabilidade na sua aplicação e replicação, tanto individual, como no grupo familiar (Feldman & Gehring, 1988; Gehring & Marti, no prelo).

Os resultados do FAST, obtidos em pesquisas realizadas por Gehring, estão em concordância com o modelo teórico preconizado pela abordagem sistêmica (Feldman & Gehring, 1988; Gehring e cols., 1995; Gehring & Marti, 1993b; Gehring, Marti & Sidler, 1994). Isto é, os subsistemas na mesma geração (casal ou irmãos) são representados como mais coesivos e menos hierárquicos do que os subsistemas formados por familiares de duas gerações (pais-filhos, avós-netos). A representação familiar também varia dependendo da situação descrita, por exemplo: durante o conflito familiar aparecem representações demonstrando menos coesão e mais coalizões através das gerações, como também a inversão hierárquica. As representações em grupo ou individuais em situações familiares típicas demonstram que a coesão baixa e relacionamentos altamente hierárquicos correlacionam-se

com estilo parental autoritário ou comportamento agressivo da criança (Feldman & Gehring, 1988).

Existem três formas básicas de representação da família: típica, ideal e frente a conflitos. A representação é definida como as interpretações, percepções e abstrações da estrutura das relações familiares que constituem a realidade subjetiva individual. Cada membro familiar provavelmente possui uma visão diferente da sua família, com base em sua idade, experiência e personalidade. A representação típica envolve as situações cotidianas, isto é, como as pessoas interagem no seu dia-a-dia. A representação ideal refere-se às expectativas e aos desejos sobre o funcionamento familiar, isto é, como a pessoa gostaria que fosse a coesão e a hierarquia em sua família. E a terceira está ligada às situações de conflito, ou seja, como agem os membros familiares frente a discordâncias, brigas e desavenças.

Na pesquisa de Feldman e Gehring (1988) com adolescentes, a família típica foi representada com coesão alta e menor diferença hierárquica na díade mãe-pai. Os autores também afirmam que a mudança na percepção de crianças em relação à coesão e à hierarquia quando se tornam adolescentes é relativamente pequena. O estudo realizado por De Antoni, Barone, Irigaray e Koller (2002), também com adolescentes, revelou coesão média entre os familiares e a mãe tendo mais influência e poder decisório do que o pai na situação cotidiana. Na pesquisa de Gehring, Marti e Sidler (1994), os membros familiares, em geral, representaram a situação típica com uma estrutura equilibrada. Os pais apresentaram maior probabilidade de representar a família como equilibrada do que as mães. Que, por sua vez, representaram as relações cotidianas familiares com uma estrutura desequilibrada. Os autores descrevem que este dado poderia sugerir certo grau de insatisfação das mães com suas famílias, provavelmente pelo convívio mais constante nos lares e, assim, com os problemas e preocupações que existem neste contexto.

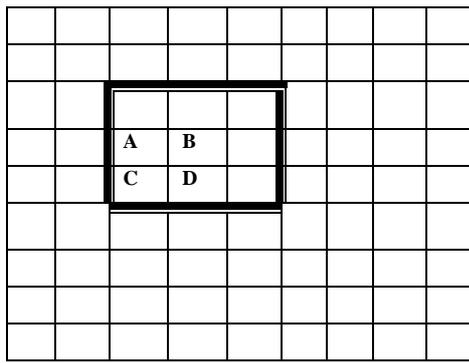
A família ideal foi representada como alta em coesão, moderada diferença de poder nas díades pais-filhos e igual poder entre os pais (De Antoni e cols., 2002; Gehring, Marti & Sidler, 1994). O pai, em geral, possui uma visão idealizada sobre família, isto pode ocorrer, segundo Gehring, Marti e Sidler (1994), porque são menos engajados nas questões sobre a educação da criança e como conseqüência estão à margem dos eventos estressores decorrentes desta tarefa.

De acordo com o estudo de Gehring, Marti e Sidler (1994), as representações sobre situações de conflito foram caracterizadas pela estrutura familiar desequilibrada. Os filhos, comparados aos pais, tendem a mostrar a família como mais desequilibrada. Para Gehring,

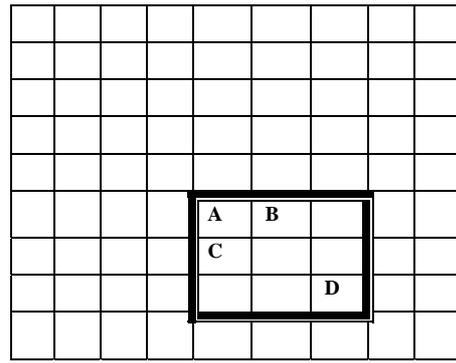
Funk e Schneider (1989), a percepção das crianças sobre a estrutura familiar frente a situações de conflito não está relacionada à idade, pois este fato apareceu nas diferentes faixas etárias pesquisadas. De Antoni e colaboradores (2002), observaram que a mãe foi representada com alta hierarquia; o pai, com média e o adolescente, com baixo poder decisório nas situações de conflito. Estas situações, em sua maioria, ocorrem em função das desavenças entre os membros familiares, principalmente pela disputa entre irmãos, seja por objetos ou por atenção dos pais. Portanto, a mãe tem presença decisória na resolução dos conflitos entre familiares. De acordo com a pesquisa de Gehring, Marti e Sidler (1994), as representações sobre situações de conflito foram caracterizadas pela estrutura familiar desequilibrada. Os filhos tendem a mostrar a família como mais desequilibrada do que seus pais. Apesar da avaliação da coesão e da hierarquia nas situações de conflito, não foram encontrados estudos utilizando o FAST em famílias com história de abuso físico publicados na literatura mundial.

O *rapport* do FAST (Anexo B) sobre a coesão envolve as perguntas: “Quem é mais próximo afetivamente?”, “Quem se dá bem?”, “Quem é mais amigo de quem?”. Na hierarquia envolveu as questões: “Quem manda mais na família?”, “Quem tem maior influência nas decisões”?, “Quem toma as decisões”? De acordo com as representações, são realizadas questões, como: - “Porque você colocou seu pai ao lado do seu irmão?”. Especificamente, na representação da situação de conflito, são investigados as díades envolvidas, os motivos, o tipo e a frequência.

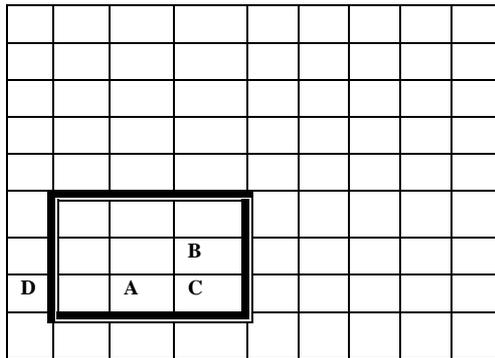
A coesão pode ser analisada através da localização das figuras representadas no tabuleiro. A partir disto, estipula-se o escore de proximidade, isto é, baixo, médio e alto. Na análise qualitativa, para definir o escore, o pesquisador traça uma grade na folha de registro do respondente incluindo nesta o máximo de familiares. Esta grade envolve uma área de nove quadrantes, formando um quadrado com as dimensões 3x3 (ver Exemplo 1, Figura 2). Assim sendo, a coesão é considerada alta se todas as figuras estiverem dentro desta grade e próximas entre si. O escore da coesão é médio quando os membros forem representados dentro da grade, mas um ou mais não estão ao lado do outro (ver exemplo 2, Figura 2). E, se algum membro estiver localizado fora desta área, a coesão pode ser considerada baixa (ver exemplo 3, Figura 2).



Exemplo 1 Família considerada com coesão alta



Exemplo 2 Família considerada com coesão média



Exemplo 3 Família considerada com baixa coesão

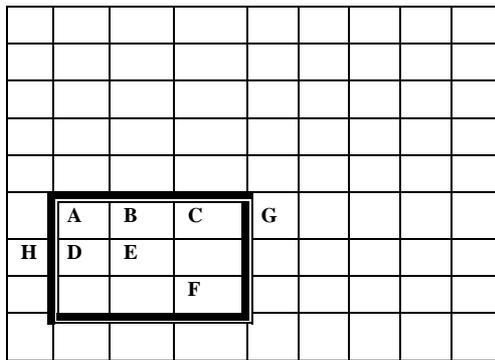
*Figura 2.* Exemplos de coesão no FAST.

Este modelo de análise do FAST foi elaborado levando-se em conta a configuração das famílias europeias, que apresentam um número médio de quatro componentes. As famílias brasileiras apresentam um número maior de membros representados, principalmente as de nível sócio-econômico baixo. No presente estudo, 75% das famílias apresentam mais de cinco componentes (ver Tabela 6, Capítulo III). O esquema original do teste é centrado em famílias com quatro membros, portanto, torna-se difícil verificar o limiar entre baixa e média coesão em famílias com mais de seis membros. Provavelmente, quando se traça a grade em famílias numerosas, um ou mais membros ficarão de fora do mesmo, embora estejam próximos entre si.

Com o objetivo de adaptar a linha de raciocínio de Gehring (1993) sobre o nível de coesão para famílias numerosas, o professor Christopher Käppler da Universidade de Zürich criou dois critérios de definição (Comunicação Pessoal, 19 de outubro de 2004). O primeiro está relacionado à proximidade das peças entre si. Então, em famílias com mais de cinco membros pode ser considerada com média coesão, observando o seguinte esquema:

- Na família com cinco membros, um pode ficar fora do quadrante.
- Na família com seis membros, dois podem ficar fora do quadrante.
- Na família com sete membros, três podem ficar fora do quadrante, deste que próximo à linha divisória.
- Na família com oito, quatro membros podem estar fora do quadrante, deste que próximo à linha divisória.

O segundo critério para avaliar a coesão em famílias numerosas revela que os membros que ficam fora do quadrante devam estar ao lado da linha imaginária que o delimita e, em linha horizontal a outro membro de dentro do quadrante. Portanto, no caso da Figura 3, a partir da configuração apresentada por uma família de oito membros, esta passa a ser considerada com média coesão.



*Figura 3.* Exemplo de uma família com oito membros, considerada anteriormente com coesão baixa, pois dois deles estão fora do quadrante 3x3 (no critério de K ppler é considerada com coesão m dia).

A coesão, na análise quantitativa, é calculada pela distância entre as figuras dispostas de forma diagonal ou adjacente no tabuleiro. O cálculo é realizado através do Teorema de Pitágoras. A proximidade varia entre 0,7 e 11, sendo que o número 11 equivale ao máximo de proximidade (Gehring & Marti, no prelo).

Na hierarquia, os respondentes do FAST colocam blocos cilíndricos sob as peças de madeira, que representam seus familiares, elevando-as. Assim, demonstram a rela o de poder entre eles. O bloco mais alto possui 4,5 cm e equivale a três pontos, o de 3cm a dois pontos e o mais baixo possui 1,5 cm a um ponto. Quando não colocam blocos, a pontua o   zero. Os participantes podem colocar vários blocos sobrepostos da mesma ou de diferentes alturas. Por exemplo: um respondente pode colocar dois blocos, um de 4,5 cm e outro de 1,5 cm sob a

peça, então a soma dos pontos é igual a 4. A hierarquia pode ser classificada em baixa, média e alta. A avaliação da hierarquia tem por base as diferenças de poder entre o subsistema parental (figuras dos pais) e o subsistema filial (figuras dos filhos). Se as figuras não têm o mesmo valor no subsistema, a hierarquia é calculada pela diferença entre o menos poderoso dos pais e o mais poderoso dos filhos. A hierarquia é considerada alta na família quando a diferença entre o menos poderoso pai e o mais poderoso dos filhos equivale a três ou mais pontos. A hierarquia média existe quando a diferença entre o menos poderoso dos pais e o mais poderoso filho equivale a um ou dois pontos. E, há baixa hierarquia quando não existe diferença na altura entre o menos poderoso dos pais e o mais poderoso dos filhos ou quando há inversão hierárquica – o(a) filho(a) tem mais poder do que um dos seus pais (Gehring, 1993). A hierarquia, na análise quantitativa, é calculada através da subtração modular dos blocos colocados sob as peças. A análise quantitativa da coesão e da hierarquia no FAST é realizada através das representações ou perspectivas individuais (exemplo: pai, mãe, filho) sobre as díades (pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa, irmão-irmão).

### **2.3 Estudos de Casos**

O estudo de caso é um método de análise das informações obtidas através de pesquisa, que visa à compreensão sobre determinado fenômeno, principalmente relacionado a como e por que ele se manifesta. Para Godoy (1995), o estudo de caso é uma profunda análise de uma unidade, especialmente ligada às situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas. O foco de interesse do caso é um fenômeno atual e que só pode ser analisado dentro de um contexto real. Há congruência entre a abordagem ecológica do desenvolvimento humano e o estudo de caso, em relação à compreensão do fenômeno no contexto em que está inserido.

Segundo Yin (2001), as proposições teóricas de um estudo de caso estão relacionadas ao conjunto de questões de pesquisa, às revisões feitas na literatura sobre o assunto e às novas interpretações que possam surgir. Também existem estratégias gerais que possibilitam a análise das evidências, através da disposição das informações, que podem ser classificadas em categorias. O pesquisador deve estar consciente sobre novos elementos e dimensões que surgem no decorrer das análises, mesmo que pretenda iniciar seu trabalho a partir de um modelo teórico pré-determinado.

Este método de análise possui um enfoque exploratório e descritivo. A variedade de fontes de dados e a multiplicidade das dimensões ou aspectos existentes que formam o

fenômeno são características dos estudos de caso. O entendimento do caso deve ser multifatorial e dinâmico, pois reflete a complexidade dos sistemas em que está inserido e que são descritos pela teoria bioecológica do desenvolvimento humano. E, por fim, no estudo de caso, pode-se utilizar dados quantitativos para clarificar algum aspecto, mas o tratamento estatístico não é sofisticado (Godoy, 1995).

O fenômeno de análise dos estudos de caso nesta tese é a manifestação da violência intrafamiliar através da compreensão dos aspectos intra e extrafamiliares existentes nas famílias. Os modelos teóricos utilizados para análise dos dados e para articulação dos estudos de casos são a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, a Teoria Estrutural Sistêmica Familiar e a Psicologia Positiva. Para avaliar os aspectos existentes que inibem ou incrementam a utilização do abuso físico é utilizado o modelo proposto em Koller e De Antoni (2004), exposto nas Tabelas 2 e 3 no Capítulo I desta tese. Este modelo identifica os fatores de risco e de proteção relevantes para avaliação de casos de violência intrafamiliar de acordo com o modelo PPCT. A análise inclui: história anterior, família, autopercepção, positividade, interação, cognição e educação, além das variáveis de saúde, sociais e ambientais e as variáveis econômicas. Estes aspectos são compreendidos nos contextos ecológicos, que incluem o eu ecológico, o microsistema, o mesossistema e o macrosistema. Concomitante, é exposto o funcionamento destas famílias pela análise dos constructos da Psicologia Positiva, especificamente sobre a vulnerabilidade e a resiliência familiar. São utilizadas publicações recentes para analisar a temática (Luthar, 2003; Yunes, 2003), principalmente, a síntese dos processos-chave da resiliência em famílias elaborada e publicada no Brasil por Yunes (2003), a partir da proposta de Walsh (1998), exposto na Tabela 1 do Capítulo I desta tese. Encontram-se nestes processos-chave, o sistema de crenças, os padrões de organização e os processos de comunicação estabelecidos nas famílias. No sistema de crenças são encontradas as capacidades de atribuir sentido à adversidade, o olhar positivo, a transcendência e espiritualidade. Nos padrões de organização são encontrados a flexibilidade, a coesão e os recursos sociais e econômicos. Nos processos de comunicação aparecem a clareza, as expressões emocionais abertas e a colaboração na solução de problemas.

A estrutura familiar é avaliada detalhadamente através da coesão e da hierarquia. Estes constructos são analisados através dos resultados qualitativos e quantitativos obtidos pelos participantes no Teste do Sistema Familiar (FAST). A aplicação deste instrumento foi realizada de forma individual no maior número possível de familiares disponíveis.

A fim de organizar a leitura do estudo de caso e facilitar a compreensão do fenômeno do abuso físico, os dados foram sistematizados em dez tópicos. Cada um aborda um aspecto distinto do modelo PPCT da família ou do processo de pesquisa. Todos os aspectos estão inter-relacionados e atuam de forma dinâmica e complexa. Os tópicos são:

- Dados bioecológicos: Relaciona-se ao núcleo pessoa (P), na concepção da TBDH (Bronfenbrenner, 1996). Refere-se às características físicas, emocionais e comportamentais dos membros familiares (idade, aparência física, etnia, vestimenta, entre outros) e de estruturação familiar, como a configuração e o genograma da família nuclear. Tem por objetivo fornecer uma visão geral sobre cada membro da família.
  
- Inserção ecológica das pesquisadoras: Está relacionada ao processo proximal, isto é, ao núcleo do processo (P) das pesquisadoras, das equipes técnicas dos locais e das famílias pesquisadas (De Antoni & Koller, 2004). Inclui a forma de obtenção de informações e a complexidade progressiva no processo de interação destas com a família. Descreve as fontes de informações utilizadas e os familiares envolvidos. Descreve o local de coleta dos dados e o motivo da presença da família na instituição e de sua inclusão na pesquisa.
  
- Ambientes ecológicos da família: São os ambientes que a família transita. Está relacionado ao núcleo do contexto (C). Descreve o local e as condições de moradia. Aborda aspectos relacionados ao trabalho, ao emprego, à renda, à escolaridade, à religião, à comunidade, aos parentes e amigos que formam a rede de apoio social e afetivo. Fornece uma visão geral sobre a qualidade de vida, a partir da análise das condições sociais e econômicas.
  
- História da família: Relata a história familiar através da percepção dos respondentes. Dimensiona o núcleo tempo (T), através da sistematização de episódios ou eventos significativos à família. Conta sobre a origem, através do encontro do casal e sobre os relacionamentos anteriores. Aborda a inclusão de novos membros, com a gravidez e o nascimento dos filhos. Descreve eventos normativos e não normativos relatados no ciclo vital da família. Estes eventos influenciam o desenvolvimento da pessoa e da família. Os eventos normativos são, de certa forma, esperados em uma determinada sociedade ainda que sejam ou não eventos estressores, por exemplo, o casamento. Por outro lado, os eventos não normativos são eventos inesperados, como uma doença crônica. É demonstrada nesta seção como é

estabelecida a organização do tempo através de rotinas e atividades em conjunto e perspectivas de futuro para os filhos e para a família.

- Violência intrafamiliar: Retoma-se aos núcleos do modelo PPCT, ao descrever a origem da violência, os comportamentos e características dos filhos e dos pais que possam incrementar os atos de agressividade e como as relações estão sendo estabelecidas. É realizado um comentário sobre as formas de violência, a interação entre o casal, entre pai e os filhos, entre mãe e os filhos e entre irmãos. Também inclui as práticas disciplinares e os estilos parentais.

- Indicadores de risco: São avaliados os fatores que podem incrementar o risco do uso de agressão física. É realizada uma análise dos indicadores presentes na história anterior, na família, na autopercepção, na positividade, na cognição e educação e nas interações, bem como nas variáveis de saúde, sociais, ambientais e econômicas nos níveis do eu ecológico, microsistema familiar, exossistema e macrosistema. Também são analisados os aspectos relacionados ao sistema de crenças, aos padrões de organização e aos processos de comunicação que compõem os processos-chave da resiliência familiar.

- Indicadores de proteção: São avaliados os fatores que podem inibir ou coibir a manifestação do abuso físico. É realizada uma análise dos indicadores presentes na história anterior, na família, na autopercepção, na positividade, na cognição e educação e na interação, bem como nas variáveis de saúde, sociais, ambientais e econômicas nos níveis do eu ecológico, microsistema familiar, exossistema e macrosistema. Também são analisados os aspectos relacionados ao sistema de crenças, aos padrões de organização e aos processos de comunicação que compõem os processos-chave da resiliência familiar.

- Coesão e hierarquia no microsistema familiar: Apresenta os resultados quantitativos e qualitativos representados pelos membros familiares em relação a estes construtos no FAST. São analisadas as representações sobre as díades e apresentados os quadros demonstrativos de cada membro familiar nas situações típica, ideal e de conflito.

- Estrutura relacional nas situações típica e de conflito: É apresentada a estrutura relacional na situação típica e de conflito, a fim de traçar uma comparação sobre as percepções de seus membros frente a estas duas situações.

- O papel da violência: Está relacionada à compreensão do fenômeno do abuso físico, ao responder como e por que se manifesta na família. Esta análise busca propiciar o entendimento psicodinâmico das relações existentes na família foco do estudo e realiza uma conclusão sobre todos os aspectos levantados.

#### **2.4 Considerações Éticas**

Esta pesquisa segue as determinações da Resolução N.196/96, do Ministério da Saúde (1996) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei N.8.069, de 1990). A Resolução 196/96 aborda as diretrizes e normas que regulam as pesquisas com seres humanos e incorpora o referencial básico da bioética. As pesquisas devem, de acordo com esta resolução, atender as exigências éticas e científicas fundamentais de uma pesquisa através do consentimento livre e esclarecido (Anexo C), da ponderação entre riscos e benefícios, garantindo contra prejuízos previsíveis, e da relevância social, fornecendo o retorno das análises às pessoas e à comunidade. O ECA garante o bem-estar físico, emocional, social e moral das crianças e adolescentes, evitando assim, que estejam expostos aos maus tratos. Além disso, em casos identificados de qualquer tipo de abuso para com as crianças e adolescentes, cabe ao pesquisador realizar a denúncia aos órgãos competentes.

A Resolução N.016 do código de ética proferido pelo Conselho Federal de Psicologia (2000), estabelece que não há necessidade do consentimento esclarecido dos pais que tenham cometido ou sejam coniventes com algum tipo de abuso ou negligência. No entanto, nesta pesquisa, seguindo as determinações da Resolução N.196/96 e por acreditar na importância do consentimento de todos os envolvidos, foi solicitado aos pais assinarem o consentimento livre e esclarecido, garantindo a participação da família, incluindo seus filhos. Além disso, as crianças e os adolescentes foram esclarecidos sobre a pesquisa e forneceram verbalmente o seu consentimento.

Em casos de violência intrafamiliar, segundo Lisboa e Koller (2002), o profissional deve ter cuidado para não proferir perguntas que possam revitimizar a criança ou eliciar conteúdos emocionais de impacto aos entrevistados, isto é, gerados de culpa. Para que isto não ocorra, o delineamento deve estar claro e o roteiro de entrevista previamente testado. Para tanto, nesta pesquisa, o FAST e sua entrevista de acompanhamento foram aplicados em 36 pré-adolescentes da 5ª série de uma escola pública, visando ao treinamento da equipe na utilização do instrumento e na abordagem sobre situações de conflitos. A entrevista semi-

estruturada foi aplicada em três famílias, como piloto. A experiência profissional da pesquisadora com crianças, adolescentes e famílias com história de abuso, incluindo o físico, auxiliou no manejo das situações adversas que ocorrem no processo de pesquisa, como, por exemplo, o choro de uma criança ao relatar o abuso físico ou o pedido para desligar o gravador, quando as crianças queriam contar algo que consideraram como sigiloso.

Em cada instituição, o projeto de pesquisa foi encaminhado para seus dirigentes e equipe técnica. Os locais contatados para a coleta de dados forneceram seu consentimento, após apresentação do projeto e firmamento de parceria e de contra-partida. No hospital, por exemplo, o projeto foi aprovado pelo comitê interno de ética. A contra-partida da equipe de pesquisa envolveu a supervisão de casos, palestras, psicodiagnósticos, trabalhos com turmas nas escolas, orientação aos técnicos e inserção destes em cursos de extensão universitária sobre violência intrafamiliar promovidos pelo CEP-RUA/UFRGS. Foram realizadas as devoluções dos dados para as instituições e para as famílias no final da análise dos mesmos, sendo consideradas as questões éticas pertinentes ao caso (Lisboa & Koller, 2002).

## CAPÍTULO III

### ESTUDO I

Este estudo apresenta o perfil das famílias com história de abuso físico de pais para com seus filhos e o perfil da violência existente nestes microssistemas. Para conhecer o perfil destas famílias são apresentados e discutidos os dados relacionados às variáveis bioecológicas e às variáveis relacionais, tanto da família como das pessoas que a compõe. Nas bioecológicas aparecem dados demográficos ligados às condições socioeconômicas, como moradia, trabalho e renda, e à constituição familiar, como configurações, arranjos matrimoniais e características pessoais dos pais e dos filhos. As variáveis relacionais envolvem os fatores de risco e de proteção identificados na história atual e pregressa das famílias, e incluem os eventos positivos e negativos e as expectativas de futuro. O perfil da violência traça um panorama sobre as agressões verbais e físicas no microssistema familiar. Engloba as díades envolvidas, os motivos, a frequência e a severidade das agressões. Os dados deste estudo são analisados através do modelo PPCT (Bronfenbrenner & Morris, 1998) da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e dos constructos de vulnerabilidade e resiliência familiar da Psicologia Positiva.

### 3.1 Método

#### 3.1.1 Participantes

Participaram deste estudo 20 famílias, formadas por 20 mães, 20 pais e 60 filhos entre crianças e adolescentes, perfazendo um total de 100 pessoas. As famílias são de nível sócio econômico baixo e com histórico de abuso físico dos pais para com seus filhos. As famílias foram indicadas por três locais em que a pesquisadora e sua equipe realizaram a inserção ecológica: nove famílias pelo Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (HMIPV), nove pela Organização Não-Governamental Maria Mulher e duas pela Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria das Neves Petry. A presença de abuso físico pôde ser detectada pela existência de denúncia no Conselho Tutelar, pela suspeita dos profissionais que formam a equipe técnica das organizações ou professores da escola, pela afirmação verbal dos familiares constatada durante a entrevista.

Na etapa de aplicação da entrevista de acompanhamento do Teste do Sistema Familiar (FAST), que avalia a situação de conflito, participaram 20 mães, 17 pais e 35 filhos,

perfazendo um total de 72 respondentes. Todas as mães se dispuseram a participar da aplicação. Dos três pais, um não compareceu aos horários marcados, e os outros dois não foram localizados pelas pesquisadoras. Os filhos participantes foram indicados pelas famílias. Há pelo menos um filho de cada família.

### **3.1.2 Instrumentos e Procedimentos**

A inserção ecológica nas instituições ocorreu através de um contato inicial entre a coordenadora da pesquisadora e as equipes e dirigentes das instituições. Cada local exigiu um procedimento diferenciado. No entanto, em todos foram apresentados o projeto de pesquisa e firmada a parceria. Na UFRGS e no HMIPV, o projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética e aprovado em sua íntegra. As escolhas dos locais foram realizadas observando os seguintes aspectos: o atendimento às famílias de nível socioeconômico baixo, a possibilidade de encontrar famílias com história de abuso físico e a acolhida favorável das instituições.

As famílias indicadas pelas equipes das instituições foram convidadas a participar da pesquisa. As pesquisadoras explicavam o teor do estudo para a família e um responsável assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo C). Foi solicitado o consentimento verbal de todos os pesquisados, inclusive das crianças (Resolução, N.016/2001, CFP). Após este procedimento a pesquisadora realizou uma entrevista semi-estruturada com os familiares disponíveis, aplicou individualmente o FAST e, posteriormente as análises, realizou a devolução dos dados. Estes procedimentos estão descritos detalhadamente no capítulo intitulado “A pesquisa ecológica sobre violência no microsistema familiar” de autoria De Antoni e Koller (2004) do livro *Ecologia do Desenvolvimento Humano: Pesquisa e Intervenção no Brasil*, anteriormente citado no capítulo II desta tese.

Os instrumentos utilizados neste estudo foram a entrevista semi-estruturada e a entrevista de acompanhamento do FAST. A seguir são descritas as aplicações destes instrumentos.

- Entrevista Semi-estruturada: As famílias participaram de uma entrevista semi-estruturada (Anexo D), que investiga aspectos relacionados ao modelo PPCT. Este serviu para categorizar as variáveis bioecológicas e as relacionais. No núcleo Pessoa foram analisadas as características emocionais e físicas de seus membros, além de doenças e tratamentos. O núcleo Processo foi avaliado através das práticas educativas, dos estilos parentais, casamentos, gravidez e nascimento dos filhos e dos eventos importantes. O núcleo Contexto compreende as relações intra e extrafamiliares, moradia, rede de apoio, comunidade e vizinhança e ao núcleo

Tempo, a origem da família, rotinas e organização do tempo, desejos e expectativas de futuro. As entrevistas foram realizadas com a presença somente da mãe (40%), somente do pai (10%) ou com a presença de no mínimo dois representantes, por exemplo, casal (25%), casal e filhos (10%) e mãe e filhos (15%). As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente.

- Entrevista de acompanhamento do FAST: As respostas fornecidas ao Teste do Sistema Familiar na representação da situação de conflito são investigadas detalhadamente. Após a aplicação do FAST nas situações típica e ideal, e durante a aplicação da situação de conflito, a pesquisadora realizou as seguintes perguntas: Qual o tipo de conflito? Quem briga com quem? Qual o motivo? Qual a frequência? O conflito é verbal ou corporal? Caso corporal, que tipo de instrumentos são usados? Qual parte do corpo atingida? Quem resolve o conflito? Como fica a família? As entrevistas foram realizadas individualmente, gravadas e transcritas posteriormente. Não foi privilegiada a aplicação do FAST no grupo familiar pela dificuldade em reunir os membros em um único encontro. A aplicação individual de todo o instrumento teve duração aproximada de vinte minutos.

Os dados obtidos através das entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise da comunicação, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos das descrições do conteúdo das mensagens. O critério de categorização adotado foi o semântico, isto é, a formação de categorias temáticas, que busca descobrir os núcleos de sentido que compõem as falas dos entrevistados e a frequência em que aparecem.

A parceria para coleta de dados nas instituições exigiu uma contrapartida da equipe de pesquisa, e ocorreu da seguinte forma: no HMIPV, a pesquisadora realizava a triagem e diagnóstico das famílias encaminhadas pela rede, posteriormente, apresentava o caso para a equipe do Ambulatório de Violência, participava das reuniões do referido ambulatório e assessorava os demais casos. Na ONG Maria Mulher, os técnicos participaram gratuitamente dos cursos de extensão realizados pelo CEP-RUA/UFRGS e a pesquisadora realizou a supervisão de casos. Na escola, a equipe de pesquisa fez um trabalho denominado de oficina de auto-estima com alunos e palestra sobre violência com professores (ver De Antoni & Koller, 2004; Habigzang, Lampert, De Antoni & Koller, 2004). A devolução para as famílias ocorreu através de encontros, em que foram expostos os principais aspectos relacionados ao funcionamento familiar. Em alguns casos, as famílias foram encaminhadas para serviços específicos da rede.

## 3.2 Resultados e Discussão

### 3.2.1 Perfil das Famílias

Neste tópico são apresentadas as variáveis bioecológicas e as relacionais identificadas no processo de pesquisa. Estes fatores formam o perfil das famílias pesquisadas. As variáveis bioecológicas revelam as características que constituem as famílias, levando-se em conta aspectos relacionados aos núcleos do modelo PPCT. Aparecem os dados demográficos ligados às condições socioeconômicas (renda, moradia, emprego dos pais) e à constituição familiar (configuração, arranjos matrimoniais e características dos pais e dos filhos). As variáveis relacionais envolvem os fatores de risco e de proteção identificados nas famílias, incluindo a rede de apoio social e afetiva, práticas educativas, eventos positivos e negativos e expectativas de futuro. As variáveis relacionais compreendem os aspectos intra e extrafamiliares que influenciam nas interações familiares, seja no próprio sistema familiar como em outros sistemas nos quais realiza trocas.

#### a) Variáveis Bioecológicas

As características bioecológicas das famílias e de seus membros são apresentadas nas tabelas seguintes. A Tabela 4 apresenta as condições socioeconômicas relacionadas à renda e moradia.

Tabela 4

*Condições Socioeconômicas: Renda e Moradia (N=20)*

Variáveis	Freqüências	Porcentagem
Renda		
Sem renda	1	5
1 a 2 SM*	13	65
3 a 4 SM	6	30
Condições de moradia		
Saneamento Básico		
Sim	15	75
Não	5	25

Tabela 4

*Condições Socioeconômicas: Renda e Moradia (N=20) (continuação)*

Variáveis	Freqüências	Porcentagem
Condições de moradia		
Eletricidade		
Sim	19	95
Não	1	5
Número de cômodos da casa		
até 4	14	70
5 a 6	4	20
< 7	2	10
Precariedade da construção		
Sim	12	60
Não	8	40

\*Nota: SM= salário mínimo

As condições socioeconômicas descrevem a renda e as condições de moradia. Na moradia estão incluídos: presença ou ausência de saneamento básico e energia elétrica, número de cômodos da residência e precariedade da construção. Nota-se que a maioria das famílias (65%) recebe em torno de um a dois salários mínimos. A renda é advinda, para oito famílias, de um programa governamental. Duas recebem seguro desemprego e duas, auxílio previdenciário por doença. Uma família não tem renda e sobrevive com auxílio de doações de familiares. Além da baixa renda mensal, as características de pobreza são evidenciadas pelas condições precárias de moradia, em que 25% não tem saneamento básico e, uma família, além disso, não possui energia elétrica em sua residência. Todas famílias vivem em centros urbanos e em casas. Observa-se que as moradias possuem em média três a quatro cômodos (70%) para alojar em torno de cinco a seis pessoas (55%).

A precariedade da moradia refere-se ao tipo de construção, isto é, casebre de madeira com ausência de forro, piso, portas internas, além do telhado e das paredes externas terem sido construídos de forma improvisada. São moradias compostas por sala, quarto, cozinha e muitas delas, o banheiro está localizado fora da casa. Também foi avaliada nas condições de moradia, a incerteza sobre a permanência na casa devido à situação irregular do terreno, que pode ter sido adquirido através de invasão à propriedade alheia. As casas apresentam precariedade na construção, 60% delas são construídas de forma irregular, isto é, sem planejamento ou planta

baixa. Algumas são de madeira, com aberturas entre as tábuas e não possuem piso ou forro. As janelas e portas externas são improvisadas com material reaproveitado e não apresentam portas internas. A variável socioeconômica relacionada às condições de moradia pode ser compreendida como um indicador de risco para o desenvolvimento saudável (físico e emocional) dos familiares. A falta de saneamento básico e energia elétrica, as condições insalubres de moradia, o espaço físico restrito e compartilhado com um número extenso de moradores (em média seis pessoas, ver Tabela 6) pode favorecer a aquisição e proliferação de doenças. O exemplo do comentário de uma mãe a seguir demonstra as condições de moradia: - *“Minha casa é uma peça. Eu tinha uma cama e os guris (4 filhos) dormiam no chão. Botei um beliche pra eles por causa do inverno. Daí, eles dormem no beliche e eu e meu marido dormimos no chão”*. Além disso, a limitação do espaço físico pode levar a falta de privacidade, que foi observada através da inserção ecológica das pesquisadoras nas residências. Segundo De Antoni e Koller (2004), a falta de privacidade na moradia pode ser um fator de risco para os abusos físico, sexual e emocional. O abuso pode ocorrer principalmente quando todos são expostos às mesmas experiências, independentemente da fase de desenvolvimento que estão atravessando, por exemplo: a criança ser testemunha das brigas dos pais ou de atos sexuais. Também pode ser atingida por objetos ou por socos durante uma situação de briga, como no exemplo relatado por uma mãe que causou hematomas no rosto da filha com uma vara: - *“Aquele vez que eu bati na G. (filha, 7 anos) foi sem querer. Eu tava dando na B. (filha, 5 anos) na cama e ela tava sentada no chão, a vara pegou bem no rostinho dela”*.

A Tabela 5 apresenta as condições socioeconômicas relacionadas às condições de empregabilidade do pai e da mãe.

Tabela 5

*Condições Socioeconômicas: Empregabilidade da Mãe (N=20) e do Pai (N=20)*

Variáveis	Mãe f(%)	Pai f(%)
<b>Vínculo empregatício</b>		
Empregado	4 (20)	5 (25)
Trabalho sem vínculo empregatício	11 (55)	8 (40)
Desempregado	4 (20)	6 (30)
Licença saúde	1 (5)	1 (5)
<b>Profissão</b>		
Dona de casa	2 (10)	-
Empregada doméstica/ faxineira	12 (60)	-
Construção civil	-	6 (30)
Motorista	-	4 (20)
Porteiro	-	2 (10)
Catador de lixo	1 (05)	2 (10)
Vendedor	1 (05)	2 (10)
Outros	4 (20)	4 (20)
<b>Total</b>	<b>20 (100)</b>	<b>20 (100)</b>

A maioria dos pais e das mães trabalha sem vínculo empregatício (40% e 55%). Em relação a empregabilidade, o nível de desemprego do pai (30%) é superior ao da mãe (20%). Os homens exercem funções diversificadas, como motorista, porteiro, vendedor, entre outros, e nestas funções, os ganhos financeiros são em média superiores aos citados pelas mulheres, como de empregada doméstica. No entanto, o mercado de trabalho para estas funções é restrito e exige maior qualificação profissional e escolar do que dispõem estes pais. Talvez este fato contribua para o desemprego e o trabalho sem vínculo dos mesmos. Já a maioria das mulheres desempenha atividades relacionadas às lidas domésticas nas quais não há tantas exigências e o mercado de trabalho é amplo e informal (diarista ou faxineira). Também são encontradas diferenças entre a profissão citada e o trabalho exercido, sendo evidente a dificuldade na recolocação profissional, por exemplo: uma mãe diz ser cabeleireira, mas trabalha atualmente como diarista ou um pai, alega ser vendedor, mas trabalha como manobrista.

A baixa renda, as condições de moradia e a falta de emprego formal são fatores que podem desencadear situações de estresse familiar. E o estresse é que pode levar a atos violentos. O mito que a pobreza é um dos indicadores de risco mais severos para a violência vem sendo desfeito pelos estudos atuais. Os maus tratos são encontrados de forma proporcional em todos os níveis socioeconômicos. Deve-se, no entanto, na história familiar, avaliar as situações em que o nível de estresse excede aos recursos familiares. Assim, a pobreza tem sido identificada como a maior fonte de estresse em famílias, pois as mesmas não dispõem de uma rede de serviços suficientemente preparada para apoiá-las e orientá-las (Burgess, Leone & Kleinbaum, 2000). Na população brasileira, a violência intrafamiliar é mais notificada nas camadas populares. De acordo com a pesquisa nacional por amostra de domicílio do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE, 2001) a maioria dos brasileiros vive em situação de pobreza (75,3%), portanto, proporcionalmente a esta população, de cada 100 crianças vítimas de maus tratos, 75 são oriundas de um nível socioeconômico baixo. Além disso, estas famílias estão sujeitas a eventos estressores decorrentes da miserabilidade, como a fome, a instabilidade de moradia, etc. Também, observa-se uma estruturação da rede, formada por órgãos públicos e de serviços de saúde e sociais, em prol da fiscalização e denúncia das famílias, principalmente aquelas que utilizam desta rede (De Antoni & Koller, 2004).

Está incluída nas variáveis bioecológicas, além das condições socioeconômicas, a constituição familiar. Esta envolve as configurações (tipos, número de componentes e de filhos) e as características das famílias (etnia, tempo de casamento) e de seus membros (idade, sexo, escolaridade, arranjos familiares). A Tabela 6 apresenta a constituição familiar relacionada às configurações e características da família.

Tabela 6

*Constituição Familiar: Configurações e Características das Famílias (N = 20)*

Variáveis	Frequência	Porcentagem
Configuração familiar		
Nuclear	11	55
Reconstituída	7	35
Monoparental	2	10
Número de integrantes		
3 a 4	5	25
5 a 6	11	55
7 a 8	4	20
Número de filhos		
1 a 2	7	35
3 a 4	10	50
5 a 6	3	15
Tempo de casamento		
1 a 5 anos	2	10
6 a 9 anos	4	20
10 a 15 anos	8	40
mais de 16 anos	6	30
Etnia		
Branços	8	40
Negro	8	40
Inter-racial	4	20
Total	20	100

A constituição familiar refere-se às pessoas eleitas como integrantes das famílias pelos próprios membros, sejam por laços consangüíneos ou afetivos e que residem no mesmo espaço físico (De Antoni & Koller, 2001b). As famílias da amostra apresentam a configuração nuclear (55%), reconstituída (35%) e monoparental (10%). A categoria nuclear engloba a presença dos pais biológicos e de filhos advindos desta relação. Todos residem na mesma

residência. Nesta categoria inclui também pais que já tiveram outros filhos de relacionamentos anteriores, embora estes não residem com os mesmos. Três famílias foram categorizadas como nuclear, porém apresentam uma situação diferenciada das demais famílias incluídas nesta categoria. Nestas famílias, o casal alega estar separado conjugalmente, mas reside na mesma casa. Compartilham da mesma residência por não dispor de condições financeiras para se auto-sustentarem sozinhos ou para permanecerem próximos aos filhos. A família reconstituída é formada por pai ou padrasto, mãe ou madrasta e filhos advindos da relação atual do casal e de outras relações. A monoparental é formada pelas mães e seus filhos, com ausência da figura paterna na moradia. No entanto, o pai pode eventualmente visitar os filhos, mas sem auxiliar financeiramente.

Os casais, participantes da pesquisa, parecem possuir relacionamentos estáveis, pois 70% da amostra possui mais de dez anos de união matrimonial. Este fato pode ser explicado pela seleção dos participantes por conveniência, pois as famílias deveriam ter no mínimo um filho com mais de seis anos de idade. As duas famílias com menos de cinco anos de união são famílias reconstituídas. Outra característica das famílias é o número de integrantes, a maioria (75%) possui mais de cinco membros e têm mais de três filhos. Em relação à etnia, houve um número equilibrado de famílias formadas por brancos e por negros. Em quatro famílias, isto é, 20% foram encontradas relações conjugais inter-raciais, em que um dos parceiros é de etnia branca (três mulheres e um homem) e o outro, de etnia negra (uma mulher e três homens). As miscigenações encontradas nas famílias pesquisadas e a falta de uma predominância étnica podem ser entendidas pela colonização multirracial no Brasil.

A seguir são demonstradas as características das mães e dos pais. Na Tabela 7, aparecem a média da idade e da escolaridade da mãe e do pai, os arranjos matrimoniais através dos números de relações conjugais, como também o número de filhos anteriores ao casamento atual ou extraconjugal.

Tabela 7

*Constituição Familiar: Características da Mãe (N=20) e do Pai (N=20)*

Variáveis	Mãe		Pai	
	<i>M(DP)</i>	Intervalo de confiança	<i>M(DP)</i>	Intervalo de confiança
Idade (anos)	32,6 (6,4)	21-46	37,9 (7,0)	28-53
Escolaridade (anos)	5 (2,5)	1- 11	4,25 (2,5)	0-11
Número de casamentos	<i>f (%)</i>		<i>f (%)</i>	
Um	11 (55)		6 (30)	
Dois	8 (40)		9 (45)	
Três	1 (5)		4 (20)	
Quatro	-		1 (5)	
Filho extraconjugal	<i>f (%)</i>		<i>f (%)</i>	
Nenhum	10 (50)		9 (45)	
Um	7 (35)		6 (30)	
Dois	2 (10)		3 (15)	
> Três	1 (5)		2 (10)	
Total	20 (100)		20 (100)	

Percebe-se que os maridos tiveram mais relações matrimoniais do que as atuais esposas e possuem mais filhos extraconjugais que elas. Em relação à idade, a média das mães foi de 32,6 anos ( $DP=6,4$ ). A idade mínima foi de 21 e a máxima de 46 anos. O pai apresentou idade média de 37,9 anos ( $DP=7,07$ ). A idade mínima foi de 28 e a máxima de 53 anos. Em relação à escolaridade, a média das mães foi de 5 anos ( $DP= 2,55$ ) e a dos pais foi de 4,25 ( $DP=2,76$ ). Apenas um pai informou não ter freqüentado a escola e ser analfabeto. Três (dois pais e uma mãe) citaram a escolaridade relativa à 1ª série do ensino fundamental, mas não sabem ler ou escrever. Em função da idade média das mães e dos pais e os anos de escolaridade, observa-se que os mesmos freqüentaram a escola quando crianças, estando afastados deste contexto como alunos há mais de vinte anos.

Na Tabela 8, encontram-se as características dos filhos (sexo e faixa etária) que residem com a família.

Tabela 8

*Constituição Familiar: Características dos Filhos Residentes com as Famílias (N=60)*

Variáveis	Freqüências	Porcentagem
<b>Sexo</b>		
Feminino	24	40
Masculino	36	60
<b>Faixa Etária</b>		
0 a 4 anos	10	16,7
5 a 7 anos	14	23,3
8 a 11 anos	21	35,0
12 a 18 anos	13	21,7
< 18 anos	2	03,3
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100</b>

Na Tabela 8, nota-se o predomínio de crianças nestas famílias, pois 75% estão na faixa etária de 0 a 11 anos. Durante o processo de pesquisa, três mães estavam grávidas. Em relação ao sexo, a maioria dos filhos é do masculino (60%). Geralmente as crianças estão mais vulneráveis a episódios de violência do que os adolescentes por não terem condições de autodefesa. Já quando adolescentes, tendem a se rebelar contra os abusos físicos, seja rompendo as relações ou as confrontando (De Antoni, 2000).

As famílias participantes desta pesquisa, de um modo geral, apresentam nas variáveis bioecológicas, as seguintes características socioeconômicas: pertencem ao nível socioeconômico baixo, residem em casas com condições precárias e não possuem vínculo empregatício. Nas características de constituição, a maioria tem configuração nuclear, tempo de casamento com mais de dez anos, formada pelos pais e quatro filhos. Os pais apresentam baixa escolaridade. A mãe tem em torno de 32 anos e o pai, 37 anos. Percebe-se que a constituição destas famílias pode auxiliar na proteção à violência, pois a configuração nuclear, a estabilidade das relações e a faixa etária dos pais e das crianças são indicadores de que a família, como instituição, ainda está intacta. Então, há condições de modificar as interações ou o sistema, sem destruir o núcleo. Os arranjos matrimoniais anteriores também podem atuar como proteção, à medida que estes pais já vivenciaram outras relações conjugais. No entanto,

a qualidade das interações não pode ser analisada apenas pelo tempo de convivência ou por experiências anteriores. A severidade dos eventos estressores presentes, como as condições socioeconômicas, podem potencializar o risco para a violência.

## **b) Variáveis Relacionais**

As variáveis relacionais são definidas através da análise dos fatores intra e extrafamiliares compreendidos como de risco, que possam levar a vulnerabilidade familiar, ou de proteção, que podem impedir ou amenizar a manifestação da violência. Os fatores de risco e de proteção foram identificados no relato da história das famílias e na inserção ecológica das pesquisadoras.

### **b.1 Indicadores de Risco**

Foram identificadas cinco categorias de indicadores de risco presentes na história das famílias participantes deste estudo. Estes fatores foram diversificados e apareceram relacionados à função e ao papel familiar, à educação formal, às patologias, às práticas educativas e aos comportamentos agressivos no relacionamento familiar. As condições socioeconômicas também são vistas como fatores de risco, no entanto, já foram anteriormente descritas nas variáveis bioecológicas. Os fatores de riscos devem ser analisados de forma dinâmica. A associação entre os fatores, verificados em sua intensidade, frequência, duração e severidade é que determina sua importância para o microsistema familiar. Os indicadores encontrados nestas famílias podem ser entendidos como causa e consequência da violência e serão analisados a partir disso. A Tabela 9 apresenta os indicadores de risco para a violência encontrados nas famílias desta amostra.

Tabela 9

*Indicadores de Risco para a Violência nas Famílias Pesquisadas*

Fatores de Risco	Frequência*	Porcentagem
Relacionados aos papéis		
Maternidade na adolescência	13	65
Paternidade na adolescência	3	15
Pai não registrou um dos filhos/ Não reconhece a paternidade	4	20
Interferência da sogra	3	15
Sobrecarga de papéis de um filho	6	30
Sobrecarga de papéis da mãe	10	50
Adolescência dos filhos	7	35
Relacionados à educação formal		
Baixa escolaridade dos pais (1ª a 3ª série)	10	50
Desvalorização dos estudos	3	15
Déficit escolar dos filhos (+ de 2 anos)	6	30
Dificuldades de aprendizagem dos filhos	2	10
Patologias		
Familiares portadores de HIV	2	10
Familiares usuários de drogas ilícitas	3	15
Familiares com alcoolismo	8	40
Depressão/ descontrole emocional	6	30
Portadores de necessidades especiais	4	30
Práticas disciplinares		
Prática disciplinar divergente entre os pais	8	40
Crença que bater para educar	8	40
Falta de limites dos filhos	10	50
Comportamentos agressivos		
Relação agressiva entre pai-filhos	9	45
Relação agressiva entre mãe-filhos	8	40
Violência conjugal	14	70
Violência transgeracional	13	65
Conflito com a lei	8	40

Nota: Frequência\*= Frequências múltiplas

Os indicadores de risco relacionados aos papéis na família mostram a presença de maternidade (65%) e de paternidade (15%) na adolescência destes pais. A questão da maternidade na adolescência ser um fator de risco para os maus tratos é explorada vastamente na literatura sobre o tema (Ceconello, De Antoni & Koller, 2003). O principal aspecto mencionado é que a maioria das adolescentes não está preparada emocionalmente para assumir responsabilidades relativas aos cuidados de outro ser humano, assim o risco para a negligência, por exemplo, é alto. Também os desconhecimentos sobre si, sobre os papéis parentais e o desenvolvimento infantil podem levar a atos abusivos intencionais ou não, como bater na boca do bebê para ele não chorar ou salgar a comida do infante. Já na paternidade, o risco maior é do abandono à criança, pois os adolescentes quando assumem sua paternidade denotam ser prestativos, carinhosos e cautelosos para com seus filhos (Levandowski, De Antoni, Koller & Piccinini, 2002).

O fato do pai não registrar o filho denota a desconfiança sobre sua paternidade e a fragilidade do vínculo conjugal. Pode se tornar risco quando este pai trata diferente esta criança dos demais filhos ou abusa emocionalmente da mesma ou da esposa ao confrontar ou negar o acontecimento. De acordo com o depoimento de uma mãe: -*“A gravidez foi horrível, ele (marido) me batia muito, ele batia na minha barriga e dizia que o filho não era dele”* ou -*“Até os três anos ele não registrou o R. , porque ele dizia que o guri nasceu com olho azul, até hoje ele tem olho clarinho. Que ele não era o pai do guri. Ele surrava eu e o guri, e dizia: “Conta guri quem é o teu pai!”*.

A interferência da sogra na família nuclear é um fator apontado como de risco para a violência, pois as famílias alegam que algumas discussões iniciam justamente pela atitude opinante da sogra sobre as relações e problemas familiares. Exemplo de uma mãe, quando questionada sobre algum evento traumático: -*“A minha sogra, ela quer controlar, saber tudo. Ela se mete. Quer saber quanto a gente ganha”*.

A sobrecarga de papéis envolve o desempenho de diversas atividades, que se não forem bem administradas podem gerar angústia ou negligência, por exemplo, a mãe que trabalha, estuda, cuida dos afazeres domésticos e da educação dos filhos. Esta sobrecarga é compreendida como fator de risco quando as demandas são maiores que a capacidade da mãe em supri-las. Assim, a mãe pode vivenciar situações de estresse severos que a levam a ter baixa tolerância para com as atividades diárias.

A sobrecarga do papel do filho envolve atividades exigidas pelos pais que vão além das esperadas para uma criança, ou seja, estudar e brincar. As crianças e adolescentes são

responsáveis pelo cuidado da casa e dos irmãos, assumindo um papel de cuidador ao invés de serem cuidados. Exemplo da fala de uma mãe sobre o menino de 11 anos, deficiente visual, o mais velho dos seus quatro filhos: -*“É uma criança que sempre participou em tudo com relação à dentro de casa. Como a dificuldade é muita, então ele tomava conta das crianças pra eu poder trazer o que comer. Ele é muito responsável nessas coisas de cuidar de crianças”*.

A fase de adolescência do filho também pode desencadear atos abusivos dos pais. Muitos deles informam não saber lidar com esta fase do desenvolvimento por desconhecimento, incompreensão ou intolerância sobre as mudanças físicas e emocionais dos filhos. Geralmente os adolescentes tendem a confrontar ordens e regras e os pais usam de força física para impor sua vontade. A mãe fala sobre o filho de 13 anos: - *“Ele sempre foi uma criança boa, calma, de repente mudou da água pro vinho, se revoltou e não tá fazendo mais nada de aula, diz simplesmente que não quer mais estudar”*.

Outra categoria encontrada diz respeito ao ensino educacional formal. A escolaridade baixa dos pais, como demonstrada nas variáveis bioecológicas, associada à desvalorização dos estudos e ao déficit de escolaridade das crianças podem ser compreendida como fator de risco para a violência (Koller & De Antoni, 2004). Em pesquisa realizada na cidade de Porto Alegre e região metropolitana foi encontrado que 34,7% das crianças vítimas de abuso físico em idade escolar, não estão freqüentando a escola (Kristensen, Oliveira & Flores, 1999). O ensino formal pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo e no recebimento de informações capazes de fomentar uma análise crítica sobre os comportamentos. Além disso, argumentos racionais podem inibir a manifestação de ações corporais durante uma discussão (Loiselle, 2002).

A presença de doenças ou distúrbios que podem incrementar o risco para comportamentos abusivos. As psicopatologias, como conduta anti-social e adição de drogas, incluindo o álcool, são as mais citadas em estudos sobre comportamento agressivo de pais para com seus filhos (Kashani & Allan, 1998; Williams, 2002). De acordo com Kashani e Allan (1998), existem modelos etiológicos sobre a violência intrafamiliar que revelam que pais abusivos sofrem de alguma psicopatologia. Os diagnósticos mais encontrados são as desordens de personalidade anti-social, desordens cognitivas e comportamentos psicóticos. No exemplo do marido aparece o relato sobre o comportamento da esposa: -*“Ela irrita a pessoa, ela encontra motivos e pretextos pra brigar. Ela perde totalmente o controle. Ela teve no médico uma vez, ele deu Gardenal® pra elas e pras crianças. Ela não admite, ela perde o controle, é violenta”*.

As patologias encontradas foram diversas e estão relacionadas ao físico e ao emocional. Em duas famílias o casal é portador do vírus HIV. Estas famílias relatam a discriminação sofrida, levando-as a esconderem da vizinhança o fato. Os filhos também desconhecem a doença dos pais. A discriminação e o segredo em relação à doença pode ser um fator de estresse para os pais que, além de estarem engajados em um tratamento contínuo e sem perspectivas de cura, tem que lidar com o sofrimento advindo deste.

O uso de drogas e bebidas alcoólicas pode desencadear situações de conflito. Kashani e Allan (1998) criticam a visão simplista da análise correlacional entre violência familiar/agressão e o uso de álcool. Acreditam que os efeitos do álcool são potencializados por outros fatores de risco, como baixa auto-estima, papéis familiares, entre outros aspectos. O álcool pode gerar comportamentos agressivos, no entanto, estudos sobre uso de álcool e o abuso físico não são conclusivos (Rosenbaum, Gerean & Warnken, 2000; Williams, 2002). Os usuários nestas famílias são homens e estes podem se tornar agressivos ou negligentes pelo contínuo uso de bebidas alcoólicas. Exemplo de uma mãe que fala sobre a situação familiar advinda do comportamento do marido: - *“No começo ele era um homem muito bom, sempre bebeu, mas não era alcoólico. Não era um homem agressivo, digo, de surrar, de quebrar as coisas dentro de casa. E no passar dos anos, ele foi bebendo cada vez mais, cada vez mais, não trabalhava mais, aí as crianças começaram a passar fome”*. Ou sobre brigas conjugais, no relato de um marido: - *“Já tive brigas incríveis, um dia eu cheguei da rua depois de beber, ela me irritou e eu joguei a cadeira em cima dela”*. Depressão e descontrole emocional foram relatadas por 30% das famílias. A presença de crianças portadoras de necessidades especiais nestas famílias torna-se um fator de risco pela incapacidade de alguns pais em lidar com as diferenças, ao mesmo tempo em que estas crianças possuem menos condições de autodefesa contra os maus tratos sofridos.

A Tabela 9 apresenta também os fatores de risco associados às práticas disciplinares. Estas podem gerar comportamentos punitivos corporais, decorrentes da divergência entre os pais, da crença sobre o uso da força física como método disciplinar e das dificuldades dos pais em colocar limites aos filhos.

As práticas disciplinares estão relacionadas às atitudes e aos comportamentos dos pais que visem à educação e à criação de seus filhos, como: a imposição de limites, o cumprimento de regras e a submissão dos filhos aos desejos dos mesmos. Foram identificadas no relato dos pais duas formas de impor ou exigir determinado comportamento dos filhos: a imposição verbal e a imposição corporal.

A imposição verbal pode ser classificada em dialogada ou abusiva. A imposição verbal dialogada com o(a) filho(a) está relacionada ao estímulo à conversa, na qual os pais fornecem conselhos e esclarecem sobre os motivos pelos quais há determinadas restrições de comportamento. Pode ser comparada ao método indutivo de prática disciplinar, isto é, os pais comunicam à criança o desejo de que ela modifique seu comportamento, induzindo-a a obedecer-lhes através do direcionamento da atenção da criança para as conseqüências do seu comportamento. Das famílias pesquisadas, 30% informam utilizar esta prática educativa. Exemplo de uma mãe: - *“Converso, não sou muito de discutir”*. A segunda forma é a imposição verbal abusiva. Envolve uma confrontação verbal, denominada coloquialmente de “bater-boca”. Há alteração do volume da voz, com o uso de gritos e berros. Esta forma poderá chegar à agressão verbal através de palavrões e ao abuso emocional, através do terrorismo ou humilhação (Cecconello, De Antoni & Koller, 2003; De Antoni & Koller, 2003). Terrorismo ocorre quando o abusador cria um clima de medo, hostilidade, insegurança através de rompantes verbais, como no exemplo de uma mãe: - *“Tem que pegar uma cinta e dizer: Se tu não parar, tu vai apanhar, quer apanhar agora?”*. A humilhação está relacionada à desvalorização da criança como um ser, pelo seu comportamento, aparência física ou limitações. Na imposição verbal abusiva não há necessariamente imposição corporal associada. Consta-se que após a imposição verbal os pais aplicam um castigo restritivo nos filhos, como não permitir sair ou assistir à televisão. Das famílias pesquisadas, 30% informam utilizar constantemente esta prática disciplinar.

A imposição corporal envolve o uso da força física, como uma punição ao comportamento indesejado dos filhos. Na maioria das vezes, está acompanhado de imposição verbal. O pai alega: - *“Eles não param até apanhar”*. Segundo uma mãe: - *“Às vezes, tem que dar uns tapas neles, gritos. Como dói muito o meu braço, tenho um sarrafinho fininho lá”*. Esta imposição denota abuso de poder dos pais sobre seus filhos (Cecconello, De Antoni & Koller, 2003). Estes se acham no direito de exercer este poder, como se os filhos fossem propriedade, sem necessitar justificar seus atos, por exemplo: - *“Se eu for bater, é lógico que vou agredir mesmo. Eu agrido e deu”*. Ou a mãe que alega: - *“Quem manda sou eu!”*. Em outros casos, a imposição corporal revela a falta de controle destes pais em relação aos seus atos e sugere raiva intensa em relação ao seu filho, e pode ser associada a outra categoria dos fatores de risco denominada patologias, exemplos de duas mães: - *“Eu sou uma pessoa nervosa, qualquer coisinha me baratina, eu saio da linha”* ou *“Eu não gosto de ver os pais*

*batendo nos filhos. Quando vejo apanhando dá uma dor aqui dentro, mas eu não sinto dor quando bato nos meus filhos, eu sinto muita raiva”.*

Observa-se que os pais alternam estas práticas na criação dos filhos. Alguns utilizam, na maioria das vezes, a imposição corporal, quando consideram como grave o comportamento do filho. Segundo um pai: -*“Depende do que a criança faz, tem certas coisas que tu tens que bater, tem certas coisas que tu tens que pensar, tem certas coisas que tu sabes que não precisa bater... mas um pouco de medo que ele (a criança) tem contigo, já é um respeito’* ou segundo uma mãe: -*“Se a arte é grave, eu dou umas varadas, se acho que não é, eu boto de castigo”.* Outros, no entanto, fazem uso indiscriminado da imposição corporal, independente do motivo causador da punição. Segundo um pai: -*“Deve ser criado a moda antiga: Escreveu não leu, o pau comeu”.* Das famílias pesquisadas, 60% assumem utilizar a imposição corporal como prática educativa. Três famílias não citaram durante a entrevista a imposição corporal como prática educativa, no entanto, a prática do abuso físico foi revelada nas entrevistas com as crianças. Alguns procedimentos recriminados na atualidade foram descritos pelas famílias e são utilizados ainda hoje nestes microssistemas, como colocar a criança de joelho no canto da sala ou ter um local específico para guardar a vara (comumente dependurada atrás da porta de entrada da casa).

Constata-se nas entrevistas que muitos casais divergem entre si em relação às práticas educativas. Enquanto um deles é mais permissivo e tolerante em relação às atitudes do(a) filho(a), o outro é rígido e exigente em relação ao comportamento do companheiro, muitas vezes cobrando uma atitude mais agressiva e impositiva. Exemplo de uma mãe: -*“Ele (o marido) me cobra muito isto, diz que eu grito demais, falo demais, ao invés de bater.”* Ou o do marido que fala para a esposa: -*“Teus filhos vão tomar conta, tu não surra, nem põe de castigo, tu não sabe ser mãe”.* Ou a mãe que fala sobre a atitude do marido: -*“Ele (pai) não dá um tapa nas crianças, se dependesse dele pra dar educação pras meninas não teriam educação, e ele fica brabo quando eu dou”.*

Observa-se também que há casais que sentem necessidade em desvalorizar a atitude do outro, e desautorizam iniciativas alheias, mandando mensagens contraditórias para os filhos. A maioria destes pais está confusa em relação às práticas educativas mais eficazes, por exemplo: -*“Se tu dá carinho demais, se passam; se tu bates, não dá. Eu sinceramente não sei o que fazer”.* Ou ambivalentes aos sentimentos gerados após o uso da força física. Uma filha de dez anos relata: -*“Se a mãe bate em nós de cinta, depois ela vem de chamego”.* Por sua vez, sua

mãe reafirma esta atitude: - *“Se dou umas cintadas, começa a me apertar o peito, eu abraço ela (a filha) e fico passando mal”*.

Todas as famílias participantes deste estudo descrevem o uso de castigos. O mais utilizado são os restritivos, como proibir os filhos de assistir à televisão, de brincar ou de sair para a rua. Também podem proibir a criança ou adolescente de fazer algo que goste, por exemplo: visitar um parente ou amigos. Exemplo de uma criança de seis anos: - *“O pai dá um xingão e põe de castigo (...) ele bota no quarto e não pode sair. Se nós sair de lá, nós apanha de novo”*.

As reações dos filhos frente às atitudes agressivas dos pais são variadas. Os pais alegam que quando pretendem estabelecer o diálogo, os filhos não demonstram reciprocidade, por exemplo: - *“Não estão nem aí pro que a gente fala”* (pai). Quando há imposição corporal, os filhos, principalmente as crianças, ficam com medo, choram, vão para o quarto ou outro local distante do agressor. Os pais revelam que os filhos, na maioria das vezes, voltam a repetir o comportamento que levou a imposição corporal. Os adolescentes, no entanto, tendem a enfrentar a situação, como no caso de uma mãe que revelou o medo de ser agredida pelo filho de 14 anos, quando tentou bater nele: - *“Fui dar um tapa, ele me pegou nos braços. Ele é mais forte e eu me assustei”*.

Os pais enfrentam um desafio constante em relação às práticas disciplinares. Os modelos aplicados em suas famílias de origem, como a punição corporal, são contestados pela sociedade atualmente e passíveis de intervenção jurídica (Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069 de 1990). Muitos pais alegam não gostar de bater, mas se utilizam deste recurso, exemplo de um pai: - *“Eu não gosto de bater, mas às vezes eu dou uns puxões de orelha nele”*. Parece que alguns pais tentam encontrar formas de colocar limites, seja através de imposição verbal ou corporal, mas sem êxito, exemplo de uma mãe que relata estratégias malsucedidas para lidar com o filho: - *“Surrar não adianta. Eu fico gritando: G. pára, pára! Pareço uma louca, daí ele pára e volta tudo de novo. Se eu dou uma chinelada nele, ele chora aquele pouquinho e faz a mesma coisa”* ou o exemplo de um pai: - *“Eu procuro dialogar mais, para não partir pra coisas mais dramáticas. Já cheguei a dar umas chineladas e coloco de joelhos, às vezes”*. Além disso, alguns pais apresentam uma crença que bater é a melhor forma de educar, como uma mãe: - *“Às vezes, eu tenho que dar pra educar elas”*. Romper com este padrão exige uma mudança em termos macrossistêmicos, isto é, uma mudança de cultura que envolva uma conscientização sobre educação e desenvolvimento infantil.

Na categoria sobre os comportamentos agressivos observa-se que as interações são marcadas por atos violentos. Cerca de 40% das famílias alegaram na entrevista a existência de violência nas díades pai-filho e mãe-filho. Além disso, 70% afirmam ter violência conjugal. Burgess e colaboradores (2000) apontam que, 40% das crianças vítimas de abuso físico são testemunhas das agressões conjugais, e isto pode contribuir para a vulnerabilidade da criança. O desgaste causado pelas desavenças entre o casal pode reduzir sua atenção sobre as necessidades emocionais e físicas da criança. Assim, os pais se tornam menos consistentes e efetivos em sua parentalidade, colocando os filhos em segundo plano. Para Minuchin e Fishman (2003), o subsistema conjugal é vital para o crescimento dos filhos, pois apresenta um modelo de como são estabelecidas as relações de intimidade, isto é, a criança vê meios de expressar seu afeto, de se relacionar com um parceiro e de lidar com conflitos de iguais. Portanto, as crianças que são testemunhas da violência conjugal podem desenvolver em suas interações futuras o mesmo modelo aprendido em sua infância. Estes aspectos serão explorados posteriormente no item sobre perfil da violência deste capítulo.

A violência intergeracional ou transgeracional está relacionada à experiência de abuso físico destes pais em suas famílias de origem. Das famílias pesquisadas, 65% dos pais comentaram espontaneamente a respeito dos maus tratos sofridos por seus cuidadores. Exemplo de um pai: -“*Meu pai falava uma vez, na segunda batia, não adiantava tentar explicar!*”. De acordo com Kashani e Allan (1998), há um corpo teórico que busca explicar a premissa que pais abusivos foram vítimas de abuso em suas infâncias, afirmando um modelo conceitual que aborda o ciclo da violência ou ciclo do abuso. A teoria da aprendizagem social, por exemplo, fala sobre o processo vicário, isto é, através de um processo de modelagem, as técnicas de parentalidade são aprendidas com os próprios pais. Cecconello, De Antoni e Koller (2003) realizam uma revisão da literatura sobre as práticas educativas e sua transmissão entre as gerações, e constataram que as experiências dos pais em suas famílias de origem podem tornar-se risco para a perpetuação da violência, principalmente quando as pessoas envolvidas não percebem a gravidade dos atos aos quais foram expostos como testemunhas ou vítimas, e o repetem na próxima geração.

A categoria sobre os conflitos com a lei refere-se a situações que envolvam contravenções. Três pais assumiram que cumpriram aprisionamento penal: dois em função de homicídio e um por roubo e porte ilegal de arma. A severidade destes crimes pode indicar alto nível de agressividade dos pais e os riscos que estão sujeitas estas crianças de sofrerem ou testemunharem atos violentos. Os demais envolvimentos e conflitos com a lei, aos quais estas

famílias vivenciaram, estão relacionados às brigas conjugais que ocasionaram a intervenção da polícia militar e estão registrados no boletim de ocorrência em delegacias especializadas.

## **b.2 Indicadores de Proteção**

Foram encontradas três categorias de proteção à violência nas entrevistas com as vinte famílias participantes deste estudo. Estas foram relacionadas à rede de apoio social e afetivo e a rede de serviços, a valorização das conquistas e que estas possam, juntamente com o desejo de mudança, melhorar a qualidade de vida.

As redes de apoio sociais e afetivas estão relacionadas a um conjunto de locais e pessoas nas quais as famílias buscam algum tipo de apoio e auxílio, sejam emocional, moral ou financeiro. Segundo Brito e Koller (1999), o apoio social refere-se a um conjunto de sistemas ou de pessoas significativas que fazem parte de uma rede de relacionamentos. A falta de uma rede de apoio social pode resultar no isolamento da família, principalmente aquelas que vivem em comunidades sem recursos. Isolamento social é ter poucos amigos, não se relacionar com vizinhos ou parentes e não ter acesso a serviços de saúde e sociais (Burgess e cols., 2000). De acordo com Belsky (1993), uma rede de apoio social eficaz e fortalecida em uma comunidade pode ser protetiva frente a eventos estressantes e contribuir para o bem-estar físico e emocional das pessoas. A Tabela 10 apresenta os fatores de proteção.

Tabela 10

### *Fatores de Proteção para a Violência Encontrados nas Famílias*

Fatores de Proteção	Frequência*	Porcentagem
Rede de apoio		
Rede de serviços	15	75
Rede de apoio social	12	60
Religiosidade	5	25
Sentimentos de valorização		
Do trabalho	4	20
Dos estudos	9	45
Da moradia	7	35
De uma qualidade do Filho	11	55
Desejos		
Filhos melhorem de vida	11	55
Segurança dos filhos	6	30
Final da violência	5	25

Nota: Frequência\*= Frequências múltiplas

As famílias participantes da pesquisa citaram uma gama de locais nas quais recebem algum tipo de apoio e que freqüentam assiduamente ou eventualmente. Estas instituições e suas equipes formam a rede de apoio destas famílias estão descritas na Tabela 11.

Tabela 11

*Rede de Serviços de Apoio Citados pelas Famílias (Frequências Múltiplas)*

Locais	Frequência	Porcentagem
Posto de saúde	11	55
Hospital	10	50
ONG	10	50
Instituição religiosa	10	50
Escola dos filhos	6	30
Conselho tutelar	3	15
Outros	6	30

O posto de saúde é um serviço acionado pelas famílias, principalmente no atendimento médico, psiquiátrico e psicológico. Das famílias entrevistadas, 55% citaram o posto de saúde durante a entrevista. Este é um local que permite a população de baixa renda o acesso ao serviço de saúde. Apesar dos elogios ao serviço de pediatria e de psicologia recebidos por algumas famílias, foram relatadas também as dificuldades encontradas no sistema de marcação de consultas e no número insuficiente de atendimentos, principalmente na área da saúde mental. Falceto (2004), aborda a dificuldade encontrada no atendimento a famílias, ocasionado pelo modelo importado de plano de saúde, que privilegia apenas doze atendimentos anuais. Este número é insuficiente para tratar adequadamente a família.

O Hospital Materno Infantil Presidente Vargas foi um dos locais mais citados, pois oito famílias estavam em processo diagnóstico ou atendimento psicológico nesta instituição. Além disso, duas famílias o citaram, pois realizam algum tipo de atendimento médico. Este hospital é referência estadual no atendimento à criança, ao adolescente e à mulher. Além disso, atende famílias com história de violência. As famílias são encaminhadas pela rede de serviço municipal, Conselho Tutelar ou Ministério Público para realizar terapia de família e psicoterapia individual. Estes serviços pertencem ao ambulatório de violência, formada basicamente por psicólogos. A equipe do ambulatório realiza as triagens e os casos são

discutidos e encaminhados. As famílias deste estudo foram indicadas por este serviço. O hospital cede suas dependências também para Centro de Referência e Avaliação de Crianças e Adolescentes (CRAE). Este é um serviço oferecido pelo município em parceria com outras instituições. Há uma equipe multidisciplinar formada por psicólogos, enfermeiros, médicos e assistentes sociais. A equipe realiza avaliações, para o judiciário, dos casos de violência intrafamiliar, principalmente em relação aos casos de abuso sexual em crianças e adolescentes.

As oito famílias indicadas pela Organização Não-Governamental Maria Mulher – Movimento das Mulheres Negras, também a citam como um serviço de referência. A ONG administrava o programa governamental Família-Cidadã, em que as famílias recebem recursos financeiros e apoio social durante um ano para se organizarem e melhoram sua qualidade de vida. Sete famílias pesquisadas fazem parte deste programa. Além disso, a ONG oferece oficinas de costura e culinária, alfabetização de adultos, informática, nas quais quatro mães realizam cursos. São promovidos semanalmente grupos de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e ao atendimento de apoio a portadores do vírus HIV, entre outros serviços à comunidade da Vila Cruzeiro do Sul e do Morro Santa Tereza, em Porto Alegre.

As instituições religiosas também foram as mais citadas como pertencente à rede de apoio, principalmente ao apoio emocional (ver Tabela 12). Dentre elas aparecem a religião católica e a evangélica universal.

Tabela 12

*Religiões Mais Citadas Pelas Famílias (N=20)*

Religião	Frequência	Porcentagem
Igreja católica	7	35
Igreja evangélica universal	5	15
Umbanda	1	5
Mórmon	1	5
Não possui	2	10
Não respondeu	4	20
Total	20	100

Walsh (1996) descreve a religiosidade como um fator protetivo, pois fornece ou desenvolve valores morais e espirituais que proporcionam à pessoa se sentir com coragem,

muitas vezes necessária para lidar com o sofrimento vivenciado. Yunes (2003) aponta como um dos fatores chave para a resiliência a presença de transcendência e espiritualidade, relacionadas aos valores, às metas e aos objetivos de vida, à inspiração e à transformação. Especificamente a espiritualidade envolve a fé, a comunhão e os rituais. Isto ocorre porque a pessoa desenvolve um senso de pertencimento ao um grupo que compartilham dos mesmos valores e crenças e, conseqüentemente, formam uma rede de apoio. Além disso, desenvolve um senso de pertencimento a algo que transcende suas vidas e através desses valores espirituais podem perceber as adversidades como desafios a serem enfrentados.

Outra instituição citada é o Conselho Tutelar. No entanto, apenas três famílias o apontam como um órgão fiscalizador e protetivo, acionado principalmente após eventos em que há intensa violência. Das vinte famílias, apenas sete sofreram alguma ação efetiva do Conselho Tutelar. Pode-se compreender este número como baixo, pela importância do papel deste órgão em relação à preservação dos direitos das crianças e adolescentes e pela violência existente nestas famílias. E, embora estas sete famílias sejam acompanhadas pelos conselheiros, quatro não os vêem como protetivo. Isto pode ocorrer pela forma de atuação do CT, que se insere no contexto familiar como punitivo e ameaçador. Muitas famílias vêem esta interferência de forma persecutória, como uma intromissão ao sistema familiar.

As seis famílias que citaram a escola como pertencente à rede de apoio são aquelas que possuem crianças ou adolescentes portadoras de necessidades especiais (deficiência auditiva, síndrome de Down, problemas de aprendizagem). Estas escolas foram citadas pelo serviço especializado oferecido, como atendimento psicológico ou pedagógico e as atividades extra-classe, como teatro, curso profissionalizante, entre outros. As demais escolas das comunidades, nas quais as crianças freqüentam, não foram citadas especificamente. Na entrevista com os pais, alguns revelam que as crianças das famílias gostam de ir à escola. Também comentaram sobre as advertências recebidas pelos filhos causadas por comportamentos indesejados, como distração, brigas com colegas e discussão com professores.

Na Tabela 11, aparecem outros locais e serviços citados, como: as assembleias do orçamento participativo; a delegacia de polícia, para onde os casais são encaminhados após suas brigas conjugais; os benefícios recebidos pelo INSS em função de doenças; o centro comunitário, onde os filhos desenvolvem atividades sócio-educativas no turno inverso ao da escola e a mídia, através de programas de rádio ou televisão, com o objetivo de receber algum auxílio financeiro.

Na rede de apoio social e afetivo, os parentes exercem um papel importante, pois este apoio recebido auxilia na percepção de que a família não está sozinha e que podem contar com outras pessoas para enfrentar as situações de risco que vivenciam (Brito & Koller, 1999). Das famílias pesquisadas, 35% afirmam receber apoio constante de parentes, seja material ou emocional. No entanto, outros 30% revelam não receber qualquer tipo de apoio. Os motivos estão relacionados ao afastamento físico – ocasionado pela distância geográfica ou ao rompimento do vínculo afetivo – ocasionado por brigas e desavenças. Os 35% restantes alegam receber eventualmente algum tipo de apoio.

Em relação à vizinhança, a maioria das famílias (55%) informa manter um bom relacionamento, mas sem intimidade. Apenas cumprimentam e auxiliam quando solicitados. Por outro lado, 25% afirmam haver desavenças entre a vizinhança e o rompimento nas relações sociais.

Os sentimentos de valorização são vistos como indicadores de proteção, pois favorecem o incremento da auto-estima da família e dos seus membros. A valorização do trabalho e dos estudos pode auxiliar aos filhos a perceberem a formação profissional e acadêmica como conquistas no futuro. Orgulho de uma qualidade do filho (55%) também é um fator protetivo à medida que os filhos podem se sentir amados e, assim, desenvolver sua auto-eficácia. Exemplo de uma mãe sobre a filha: -*“Ela é dez. Ela é inteligente no colégio, faz as coisas que mandam. Ela é ótima, gosta de brincar. Só é arteira”*.

Valorizar a moradia, apesar da sua precariedade, pode demonstrar a existência de um senso de pertencimento a um lugar, ao sentimento de segurança advindo da idéia de usufruírem deste espaço físico e à necessidade de cuidarem ou preservarem este ambiente. Para Bronfenbrenner (1979/1996), a percepção que a pessoa tem sobre seu ambiente é mais importante do que as características objetivas do mesmo, pois a pessoa em desenvolvimento interage com outras pessoas, símbolos e objetos a partir de suas vivências. A casa é um espaço de convivência, onde as pessoas se sentem protegidas dos perigos externos. O fato das famílias valorizarem sua moradia pode revelar-se como um indicador de proteção à medida que favorece o bem-estar dos moradores. Além disso, estas famílias não dispõem de bens materiais e adquirir e manter uma casa é algo conquistado diariamente com dificuldades

A categoria desejos está relacionada às expectativas futuras dos familiares de que os filhos melhorem de vida (55%), ocorra o término da violência intrafamiliar (25%) e haja segurança para os filhos (30%) (ver Tabela 10). Estes aspectos são compreendidos como indicadores de proteção porque revelam um desejo de melhoria na qualidade de vida e em suas

relações. Para Walsh (1996), otimismo e esperança são descritos como características que auxiliam a desenvolver a resiliência em famílias, principalmente aquelas marcadas por tantos fatores de risco. Estes sentimentos ajudam às pessoas a terem objetivos para suas vidas, elaborarem projetos futuros, além de incrementar a crença que haverá mudanças positivas. O otimismo e a esperança são mais evidentes em pessoas cuja interação com seu meio ambiente e com outras pessoas envolve bom humor, solidariedade e tranquilidade. Ao contrário disso, pessoas que não são otimistas podem demonstrar um senso de desespero frente às adversidades, impedindo que as enfrentem de forma realísticas e estando vulneráveis ao desenvolvimento de doenças.

#### **b.4 Eventos**

Neste tópico são apresentados os acontecimentos vivenciados na história da família, e que a marcaram de forma positiva ou negativa. Os eventos positivos são associados a algo bom que tenha acontecido e que pode ser considerado como uma realização e/ ou conquista. Os eventos negativos estão relacionados a fatos compreendidos como ruins que aconteceram à família e/ ou que possam trazer algum tipo de prejuízo às interações entre os familiares.

Os eventos positivos estão listados na Tabela 13. Aparecem como principais o nascimento dos filhos e a aquisição da casa própria. Há também eventos ligados a festividades, como comemoração de aniversário, passeio e casamento e a melhoria das relações e de vida, como separação, trabalho, estudo e tranquilidade (não ter brigas).

Tabela 13

*Eventos Positivos Citados Pelas Famílias (Frequências Múltiplas)*

Eventos	Frequência	Porcentagem
Nascimento dos filhos	8	40
Casa própria	4	20
Comemoração de aniversário	3	15
Passeio com toda a família	3	15
Casamento no religioso	2	10

Tabela 13

*Eventos Positivos Citados Pelas Famílias (Frequências Múltiplas) (continuação)*

Eventos	Frequência	Porcentagem
Ter trabalho	2	10
Separação do casal	2	10
Não ter brigas	1	5
Filhos passarem de ano	1	5
Nenhum evento positivo	3	15

Alguns eventos positivos podem ser associados a fatores de proteção à violência na família, devendo, no entanto, ser analisados de forma ecológica e no contexto dos acontecimentos. O nascimento dos filhos, por exemplo, foi o evento positivo mais citado entre as famílias e parece significar a renovação nas relações familiares e uma expectativa de mudança ocorrida com a vinda de outro ser no microsistema familiar. Exemplo de uma mãe com três filhos: “- *O nascimento das crianças, que foi maravilhoso, adorei, tá enchendo a minha vida de coisas boas*”, e de outra mãe, com quatro: “- *Acho que foi o nascimento das crianças, porque a minha vida é meio assim, sempre em casa*”. A categoria casa própria envolve a aquisição de uma moradia, favorece a estabilidade e o senso de segurança. As famílias vêem esta aquisição como uma conquista difícil e valorizada (ver Tabela 10). Vasconcelos (1996) aborda sobre a importância do território físico e emocional, especialmente a casa na qual a pessoa habita, onde é possível se experienciar a convivência, alteridade, proteção, intimidade e privacidade. Exemplo de uma mãe: - “*O mais importante foi a casa*”. E acrescenta com suas expectativas: “- *Eu quero uma estante, um sofá, uma casa mobiliada, queria morar num lugar com um muro bem grande, por que a vizinhança se mete, é muito fofoqueira*”.

As festas de aniversários foram também eventos descritos como importantes. Na maioria das vezes, os aniversários não são comemorados pela falta de condição financeira para tal. Então, conseguir fazer um bolo, doces, salgados e convidar parentes e amigos é um fato marcante de confraternização familiar. Segundo uma mãe que realizou a festa de 15 anos da filha: - “*Era uma coisa que eu sempre quis fazer e consegui*”. O casamento na igreja também é valorizado como um ritual de confraternização, seja no início da relação conjugal ou depois de quinze anos de união, exemplo de uma mãe: - “*Eu ia casar só no civil, aí convidei uma irmã*

*da igreja (Evangélica) pra ser a madrinha e ela disse: Casar só no civil não, vamos casar na igreja! Ai ela deu o vestido e eu casei no civil e na igreja. Foi muito bonito, o casamento foi muito bom!”* .

Os passeios com a família envolvem a ida a parques e lanchonetes, locais nos quais as famílias não costumam frequentar, por suas dificuldades financeiras. Uma mãe diz para os filhos: -“*Aqui neste lugar (na favela em que moram) aposto que não devem ter mais de cinco crianças que já foram no M. (lanchonete) que nem vocês*”. Parece que, como as famílias da comunidade em que vivem não dispõem de recursos, a ida desta família à lanchonete, que possui um apelo comercial ostensivo nos meios de comunicação, faz com que a mesma se sinta com status social, por estar inserida em um microsistema diferente dos que frequenta e um macrossistema no qual não faz parte.

A separação do casal aparece como evento positivo, pois em todos os casos, as mães eram vítimas de violência conjugal. Exemplo de uma mãe: - “*Acho que foi a separação, porque viver dez anos com uma pessoa que não se ajuda em melhorar nunca não dá, né?*”. Três famílias afirmaram não haver eventos positivos em sua história, e tal posição pode revelar um fator de risco para o microsistema familiar, à medida que as pessoas não conseguem perceber, identificar ou vivenciar eventos positivos em suas vidas. Assim, estas pessoas não experienciam situações de prazer ou que promovam seu bem-estar e, parecem estar mais susceptíveis a valorizar ou reconhecer apenas os eventos negativos.

A Tabela 14 mostra os eventos negativos citados pelas famílias. Os mais citados são as brigas na família e as perdas de familiares ou econômicas.

Tabela 14

*Eventos Negativos Citados pelas Famílias (Frequências Múltiplas)*

Eventos Negativos	Frequência	Porcentagem
Brigas na família	6	30
Perdas por falecimento	4	20
Perdas econômicas	2	10
Interferência de parentes	2	10
Prisão	1	5

Tabela 14

*Eventos Negativos Citados pelas Famílias (Frequências Múltiplas) (continuação)*

Eventos Negativos	Frequência	Porcentagem
Separação do casal	1	5
Portadores de HIV	1	5
Acidente	1	5
Passar fome	1	5
Descobrir deficiência do filho	1	5
Nenhum evento negativo	2	10

As brigas são descritas por seis famílias como um evento negativo. Envolve situações cotidianas ou eventos específicos com danos físicos, como uma situação em que o marido teve uma fratura nos ossos do pé, ocasionada pela briga do casal. Este fato ocorreu há dois anos, mas até o momento da entrevista, o marido realizou várias intervenções cirúrgicas e devido a este problema, atualmente não exerce uma atividade profissional. Em outra família, a mãe disse: - *“A gente lembra mais das coisas ruins, como a violência”*.

A categoria perdas por falecimento aparece em três famílias, uma relata a perda do filho de cinco anos, vítima de uma “bala perdida” durante um tiroteio entre policiais e traficantes a poucos metros da residência da família. A cena foi assistida pelo pai e irmãos. A perda desencadeou o processo depressivo e o abuso de álcool dos pais, levando-os a negligenciar os cuidados com os demais filhos, mesmo após dois anos do falecimento ter ocorrido. A mãe ainda sofre pela perda e por não ter conseguido arrumar o túmulo do filho: - *“Até hoje não consegui pintar o túmulo dele, meu sonho era fazer um quadro grande dele, botar tela e vidro.”* As outras famílias relatam o falecimento de irmãos da mãe ou do pai vitimados pelo HIV.

São relatados dois fatos ocorridos com as famílias em relação às perdas econômicas: um assalto no qual os ladrões levaram eletrodomésticos adquiridos à prestação, que ainda estavam sendo pagos e a perda de todos os móveis, roupas, eletrodomésticos ocasionado por uma enchente.

As demais categorias aparecem como eventos específicos à família. São compreendidas como eventos de risco pela severidade das ações, como a prisão, passar fome,

serem portadores de HIV, terem sofrido um acidente que causou queimaduras ou descobrirem, neste caso, a deficiência auditiva do filho. Destacam-se duas categorias: a separação do casal, pois também foi vista como um evento positivo por outra família, na qual a mãe era vítima de violência conjugal. Neste caso, está relacionada ao sofrimento dos filhos pelo afastamento do pai, que não auxilia financeiramente e não participa de suas vidas, sobrecarregando a mãe. Outra categoria de destaque é a interferência de parentes, que poderiam formar a rede de apoio. Estas pessoas são vistas como causadoras de atritos na relação conjugal e entre mãe e filhos, como a interferência da sogra (ver Tabela 9).

### **b.5 Expectativa de Futuro**

A expectativa de futuro está relacionada à crença sobre os eventos, conquistas e desejos realizados em um futuro imediato ou distante. Foram identificados aspectos ligados aos filhos e à família como um todo. Na Tabela 15 são apresentadas as expectativas de futuro dos pais em relação aos seus filhos.

Tabela 15

*Expectativas de Futuro dos Pais em Relação aos Filhos (Frequências Múltiplas)*

Eventos	Frequência	Porcentagem
Estudem	11	55
Trabalhem	11	55
Tenham uma vida boa	11	55
Ser alguém na vida	5	15
Características de caráter	4	20
Não façam coisas erradas	6	30
Sem expectativa de futuro	1	5

Os pais desejam que os filhos tenham um futuro melhor do que o atual. As quatro primeiras categorias estão inter-relacionadas a uma melhoria na qualidade de vida: estudar, trabalhar, ter uma boa vida e ser alguém na vida. Os estudos dos filhos são valorizados, bem como a execução de um trabalho. Parece que estudar e trabalhar significa ascensão social e mudança na qualidade de vida. Ter uma “vida boa” inclui não passar por privações materiais, como as vivenciadas na realidade destas famílias, e não passar pelas dificuldades que os pais

passam, ter mais dinheiro, um futuro melhor, um trabalho diferente e não passar fome. O uso literal da frase “*ser alguém na vida*” revela uma expressão idiomática relacionada ao desejo dos filhos serem bem-sucedidos através de ascensão social. Também pode demonstrar um sentimento de menos-valia e de exclusão na sociedade, reforçando a idéia de que os filhos deveriam ocupar um espaço social digno, no qual possam ter acesso a bens de consumo e ao reconhecimento, dentro de um processo de inclusão social. Exemplo: -“*Sejam alguém na vida, que não passem trabalho, que não apanhem, que não passem fome*”.

A categoria que envolve características pessoais está relacionada à estrutura de caráter. Os filhos serem responsáveis, equilibrados e independentes faz um contra-ponto à categoria “não façam coisas erradas”. Há uma preocupação dos pais para com seus filhos, visando a que estes possuem discernimento suficiente para avaliar as situações, escolher as amizades, não ficarem na rua e, principalmente, não se envolverem com drogas. Os pais que disseram “não ter expectativas de futuro” estão se referindo aos filhos usuários e traficantes de drogas, que participam de roubos e assaltos.

Tabela 16

*Expectativas de Futuro dos Pais em Relação à Família (Frequências Múltiplas)*

Eventos	Frequência	Porcentagem
Melhorar as relações intrafamiliares	7	35
Moradia	9	45
Bens materiais e de consumo	8	40
Outros	8	40
Emprego	6	30
Sem expectativa de futuro	2	10

Quanto às expectativas de futuro em relação à família, a categoria “melhorar as relações intrafamiliares” refere-se à comunicação entre seus membros, trocas de carinho, serem felizes e viverem em paz, justamente o que as famílias pesquisadas não possuem e que, muitas vezes, podem ser causa e consequência da violência.

A moradia é um item citado por sete famílias e envolve desde aumentar o espaço físico, regularizar a situação (pois são áreas governamentais invadidas) até adquirir a casa própria.

Uma das famílias mora em um cortiço, onde aluga um conjugado - quarto, sala e cozinha, e compartilham o banheiro com os diversos moradores do local. “*Ter um lugar pra morar*” é um desejo difícil de conquistar na atual situação destas famílias.

Bens materiais e de consumo referem-se a móveis, eletrodomésticos, roupas, entre outros. São bens aos quais estas famílias não têm acesso, principalmente pelo seu valor comercial: - “*Meu sonho é ter coisas que eu não tenho. Ter uma cozinha toda branca, com um fogão bem limpinho*” (mãe). Também aparece nesta categoria ter comida, como “*Uma mesa farta no Natal*”. Talvez isto revele o desejo de ter o alimento em abundância e que não haja a necessidade de se preocupar com questões cotidianas, como a própria subsistência e sobrevivência da família.

Assim como o trabalho é uma expectativa de futuro para os filhos, os pais elegem o emprego como uma necessidade emergente para si mesmos. Ter um emprego, com carteira de trabalho assinada pelo empregador, realizando um trabalho digno e com uma remuneração adequada faz parte das expectativas de futuro. Das 20 famílias entrevistadas, 12 estão vivenciando a situação de desemprego e buscam no trabalho informal e em benefícios governamentais uma forma de subsistência. No entanto, estas recebem algum tipo de auxílio financeiro governamental, com exceção de uma família que não tem renda e sobrevive com auxílio de parentes (ver Tabela 4).

No item que avalia outras expectativas aparece o cuidado com os filhos (10%), terminar os estudos (5%), o desejo que o companheiro não beba (5%), a realização de benefícios na comunidade (5%), “*não ter tantos problemas para resolver*” (5%) e “*sentir que a vida vale a pena*” (5%). Estas expectativas estão relacionadas a projetos ou desejos pessoais que, de qualquer forma, permite melhoria na qualidade de vida dos membros familiares.

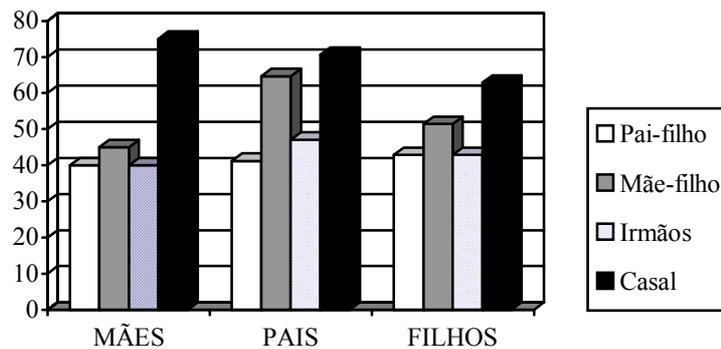
A ausência de expectativa de futuro demonstra a falta de perspectiva de mudança e a perda da esperança de um futuro melhor para a família. Sem sonhos ou desejos, as pessoas que formam a família tendem a ter uma visão pessimista. E, portanto, não se organizam para buscar recursos que possam alterar esta condição socioeconômica, como acionar ou constituir uma rede de apoio. Assim, a falta de expectativas pode levar a uma situação maior de vulnerabilidade e a atos agressivos no microsistema familiar.

### **3.2.2 Perfil da Violência**

Neste tópico são apresentados os conflitos instituídos no microsistema familiar. Foram analisados os aspectos relativos às díades envolvidas, aos motivos, à frequência, à

severidade e à busca de resolução dos mesmos. Os conflitos foram investigados através da entrevista de acompanhamento do FAST e 20 mães, 17 pais e 35 filhos responderam às perguntas, após representarem a configuração dos membros no tabuleiro. Os filhos respondentes apresentaram as seguintes características, 51,4% são do sexo masculino e 48,6% do sexo feminino. A faixa etária predominante (80%) está situada entre seis a onze anos.

A Figura 4 demonstra a percepção da mãe, do pai e dos filhos a respeito das díades envolvidas nas situações de conflito. O casal (esposo-esposa) aparece como a díade mais citada. As mães (75%), os pais (70,59%) e os filhos (62,86%) afirmam a existência do conflito conjugal. Observa-se que este resultado confirma o apresentado na Tabela 9, em que a violência conjugal aparece em 70% das famílias.



*Figura 4.* Díades citadas pela mãe, pai e filho envolvidas nas situações de conflito.

O conflito nas díades mãe-filho e pai-filho está distribuído de forma semelhante entre a figura materna e a paterna. Todos os envolvidos relatam haver uma incidência maior de conflito entre mães e filhos do que o conflito entre pai e filhos. Isto pode ser compreendido pelo fato das mães estarem mais presentes do que os pais no cotidiano das rotinas familiares e por serem responsabilizadas pela educação e pelas práticas disciplinares. No entanto, percebe-se que o pai atribui maior incidência de conflitos entre a mãe e os filhos (64,71%) e entre irmãos (47,06%), do que os próprios envolvidos, além de considerar que os conflitos em que estão envolvidos (pai e filhos) ocorrem em menor incidência. As mães possuem uma visão equitativa entre os conflitos parentais (pai-filho e mãe-filho) e fraternais (irmão-irmão).

Os filhos revelam uma maior incidência de conflitos na relação parental com a mãe (51,4%) do que com o pai (42,9%).

A Figura 5 apresenta os motivos atribuídos pela mãe, pai e filho aos conflitos na díade pai-filho.

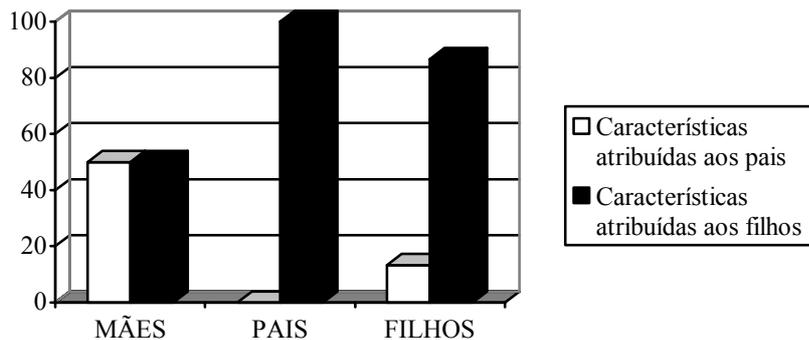


Figura 5. Motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos entre pai-filho.

Os motivos para os conflitos são diversos e foram agrupados por díades em pai-filho, mãe-filho, casal (esposo-esposa) e irmãos. Em relação aos conflitos parentais, estes foram categorizados em relação às características ou demandas dos cuidadores e às características ou demandas dos filhos. As características dos cuidadores envolvem autoritarismo, descontrole emocional, falta de confiança e excessiva exigência para com os filhos. Exemplo de uma criança: -*“Porque ela (madrasta) é dona da casa e quando eu pego uma coisa ela me bate”*. As características ou demandas do filho estão relacionadas aos comportamentos que, na visão dos envolvidos, devam ser modificados ou corrigidos, como as brigas entre irmãos, desobedecer aos pais, bagunçar a casa, incomodar, ter problemas na escola, exemplos de crianças: -*“O pai briga também, porque incomodamos”* ou -*“Quando eu faço alguma coisa errada”*. Ou por interferirem nas brigas dos pais, exemplo de uma adolescente: -*“Eles (casal) estão tão envolvidos e não dão atenção, porque a gente tá separando eles (apartando), às vezes, até acabam machucando a gente”*.

Todos os pais (100% da figura masculina) atribuem às características dos filhos os motivos pelo conflito entre pai-filho. Isto denota uma visão parcial do pai, que parece se eximir da responsabilidade sobre sua contribuição para a existência do conflito. Já as mães

consideram que os motivos são atribuídos de forma igualitária entre o pai e o filho, compreendendo a responsabilidade de ambos nas causas atribuídas. A maioria dos filhos (86,7%) sente-se responsável pelos motivos das desavenças na relação pai-filho.

A Figura 6 apresenta os motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos entre mães e filhos. Nota-se as características atribuídas à mãe, ao pai e outros aspectos citados que contribuem para estes conflitos.

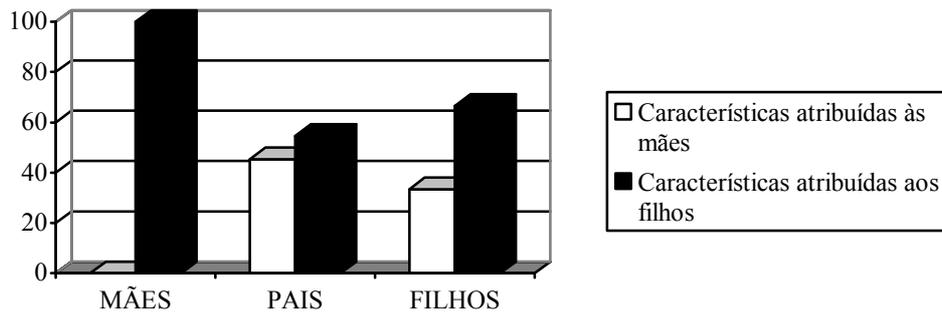


Figura 6. Motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos mãe-filho.

Nos conflitos entre mãe e filhos, as mães atribuem aos filhos os motivos pelos conflitos (100%). No entanto, o pai atribui uma parcela às características das mães (45,4%). Os filhos também atribuem a si a responsabilidade (66,6%). Uma menina de seis anos relatou o motivo de apanhar da mãe: “Ela (mãe) bate todos os dias, quando a gente tá com fome e só tem três bolachas pra comer”. Percebe-se que a criança atribui a si o motivo do abuso físico, pois o fato de bater está associado a sua fome e ao seu pedido de comida.

Nota-se que nos conflitos ocorridos nas díades pai-filho e mãe-filho, os filhos são responsabilizados pelos mesmos. O fato dos filhos serem vistos como causadores ou motivadores de conflitos pode estar associado a dois fatores preponderantes. O primeiro diz respeito ao comportamento desafiador da criança e do adolescente, que enfrenta a autoridade dos pais, as regras estabelecidas (organização da casa, por exemplo) e os limites impostos. Este comportamento é, de certa forma, esperado no desenvolvimento, pois auxilia na busca de autonomia da criança e em seu processo de socialização, ao conhecer as fronteiras interpessoais e, de autoconhecimento, ao impor sua vontade. O segundo aspecto está relacionado à falta de habilidade dos pais e à precariedade de recursos ou estratégias destes

para lidar com os desafios advindos do desenvolvimento dos filhos. O risco de incidência de maus tratos está em justificar o comportamento desafiante do filho como negativo e, ao mesmo tempo, estes pais não perceberem sua incompetência no gerenciamento deste comportamento. Assim, a vítima é culpada pelo sistema e, de tal forma, que assume esta culpa. Haskett e colaboradores (2003) relatam que mães abusivas fisicamente atribuem intenção hostil ao comportamento da criança, o que pode ser compreendido como um comportamento intencional. Além disso, pais com alto potencial para o abuso físico demonstram um déficit na empatia disposicional. A empatia disposicional está relacionada à capacidade de preocupar-se e de sentir ansiedade ou desconforto frente às experiências negativas dos outros. Portanto pais abusivos expressam menos compaixão, solidariedade e preocupação e mais sentimentos de ansiedade e desconforto frente a experiências negativas de outros, incluindo seus próprios filhos (Perez-Albeniz, 2003).

A Figura 7 apresenta os motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos entre os irmãos. Estes são delegados aos objetos disputados e aos sentimentos.

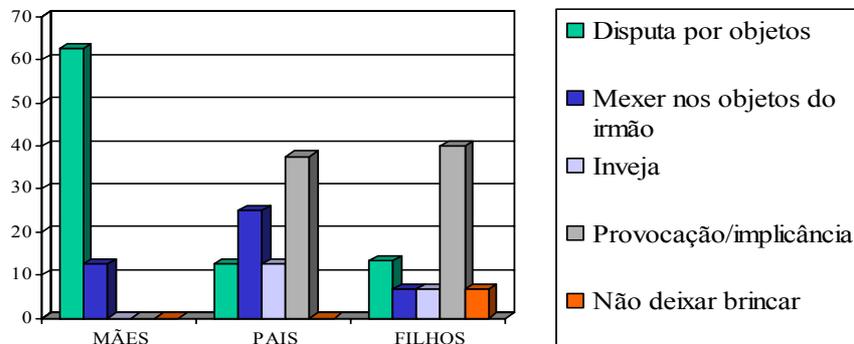


Figura 7. Motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos entre irmãos.

Em relação ao conflito entre irmãos, os motivos mais citados são competição, implicância ou provocação e o irmão mexer ou pegar os objetos do outro sem autorização. Para as mães, 62,5% das brigas entre irmãos são ocasionadas pela competição, na qual as crianças disputam objetos. Já para 37,5% dos pais e 40% dos filhos, o motivo mais citado foi

provocação e implicância entre os irmãos. As brigas entre irmãos podem estar relacionadas à competição entre pares.

A Figura 8 apresenta os motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos conjugais. São citados pelos membros familiares, os filhos, ciúmes e traição, características das esposas e dos maridos, fatores externos e opiniões diferentes.

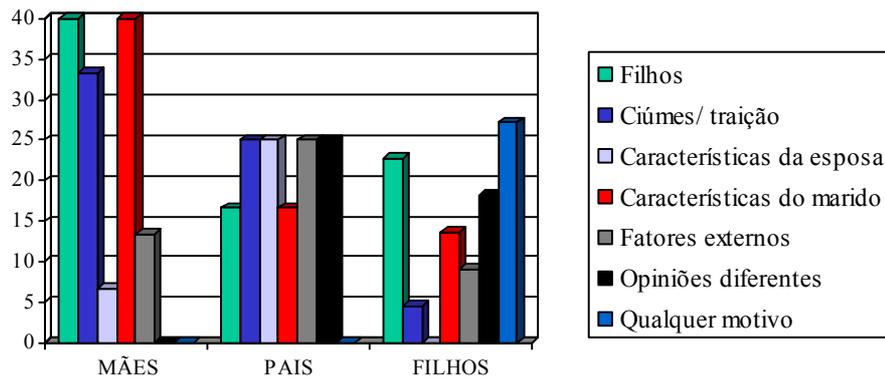


Figura 8. Motivos atribuídos pelas mães, pais e filhos aos conflitos conjugais.

As brigas do casal ocorrem, principalmente, pela divergência na educação dos filhos. O casal alega que o motivo das discussões é para impedir que o companheiro(a) agrida as crianças e adolescentes. Uma mãe relata, por exemplo: -“*Eu tento defender os meus filhos, porque eu não quero que ele bata, aí, eu bato nele*”. Também ocorrem pelas opiniões diferentes, pelas situações que provocam ciúmes e pela existência de traição na relação conjugal. As características relacionadas à mulher e ao homem também foram atribuídas como motivos para as brigas. Na mulher, foram descritos os seguintes aspectos: não fazer as tarefas domésticas, não se submeter aos desejos do companheiro e gastar em demasia os recursos financeiros. As características dos homens envolvem mentir, ingerir bebidas alcoólicas, chegar tarde em casa, não realizar tarefas domésticas. Fatores externos às relações familiares foram citados nas entrevistas, como as dificuldades financeiras e interferências de parentes, principalmente a sogra (ver Tabelas 9). Outra situação descrita pelos familiares é que os conflitos ocorrem “*por qualquer motivo*”. Isto pode significar que não está evidente para eles o porquê das desavenças do casal ou que, muitas vezes, são provocadas por eventos insignificantes e cotidianos. Houve uma distribuição homogênea entre as categorias. As mães acreditam que os motivos mais frequentes para as brigas estão relacionados aos filhos (40%),

ao marido (40%) e aos sentimentos de ciúmes de ambos (33,3%). Já os maridos, percebem que fatores externos (25%), opiniões diferentes (25%) e ciúmes (25%) podem estar associados aos motivos principais para as brigas. Os filhos, por sua vez, delegam a qualquer motivo como propulsor de brigas (27,1%) e a eles próprios (22,7%). Nota-se que somente o pai atribui o motivo para desavenças as características da mãe (25%) – como não realizar as tarefas domésticas, não se submeter aos desejos do companheiro e gastar em demasia os recursos financeiros. Parece que o pai atribui como características da mãe a reprodução do estereotipo do papel feminino em nossa sociedade. Observa-se que o casal tende a delegar ao outro companheiro a responsabilidade sobre as causas dos conflitos. Assim, a pessoa assume o papel de vítima e o outro, torna-se o algoz. Ao assumir o papel de vítima, a pessoa exime-se da responsabilidade sobre uma mudança de comportamento e de sua contribuição para a manutenção da violência no microsistema.

A Figura 9 apresenta a frequência (múltiplas) em que o conflito existe nas díades das famílias pesquisadas. A frequência de conflitos diários é alta. Também há conflitos ocorridos semanalmente, isto é, uma ou duas na semana. O conflito de frequência esporádica revela acontecimentos mensais ou em alguns episódios no ano.

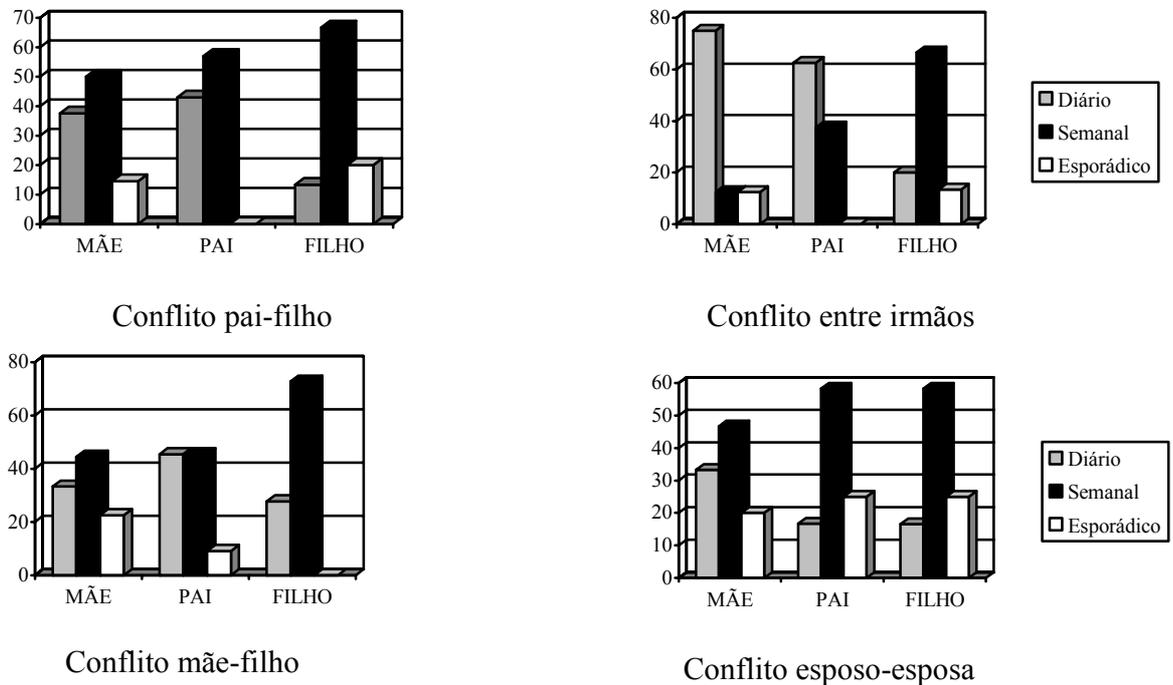


Figura 9. Frequência do conflito por díade na visão da mãe, do pai e do filho.

Na visão dos membros das famílias, a maioria dos conflitos ocorre diariamente ou semanalmente (uma ou mais vezes na semana). O conflito pai-filho é percebido pelos membros familiares como semanal, principalmente pelos filhos. A mãe não percebe que a frequência seja alta na díade pai-filho, como os demais membros. Provavelmente isto ocorra por não estar envolvida no conflito. Observa-se que, no conflito mãe-filho, os filhos percebem que sempre existe o conflito, seja diário ou semanal, o que difere da percepção de seus pais. Isto pode ser compreendido como um fator de risco, à medida que alguns conflitos podem ser banalizados pelos pais e incorporados como uma rotina, por exemplo: exigir que os filhos os obedeçam. Parece que o mesmo ocorre nos conflitos entre irmãos. A maioria das crianças e dos adolescentes não percebe como diários, já seus pais revelam sua alta frequência. O conflito conjugal aparece mais como semanal ou esporádico do que os demais conflitos.

A severidade dos conflitos envolve o tipo de agressão, as partes do corpo mais afetadas e os materiais utilizados para a agressão. O tipo de conflito está relacionado às agressões corporais ou verbais. As agressões corporais referem-se ao uso de violência física, que provoca lesões no organismo. As verbais são identificadas pelo uso de palavras de menos-valia, que provocam humilhação ou terrorismo. Geralmente as agressões verbais são realizadas com um tom de voz alto (berros e gritos). Observa-se que as agressões corporais sempre são acompanhadas pelas verbais. Nos conflitos entre pai e filhos, 100% das mães que responderam haver tal conflito, alegam que este é corporal. A maioria dos pais (71,4%) e dos filhos (86,6%) revelam que quando há conflito este é corporal. Nos conflitos entre mãe e filhos há uma predominância do corporal, sendo que a mãe tende a percebê-lo mais frequentemente do que o pai e os filhos. Os conflitos que envolvem irmãos são vistos pelo pai, em sua maioria (75%) como verbais. Isto pode ocorrer porque os pais não se envolvem na resolução dos conflitos entre irmãos, como as mães. A Figura 10 apresenta o tipo de agressão, corporal ou verbal.

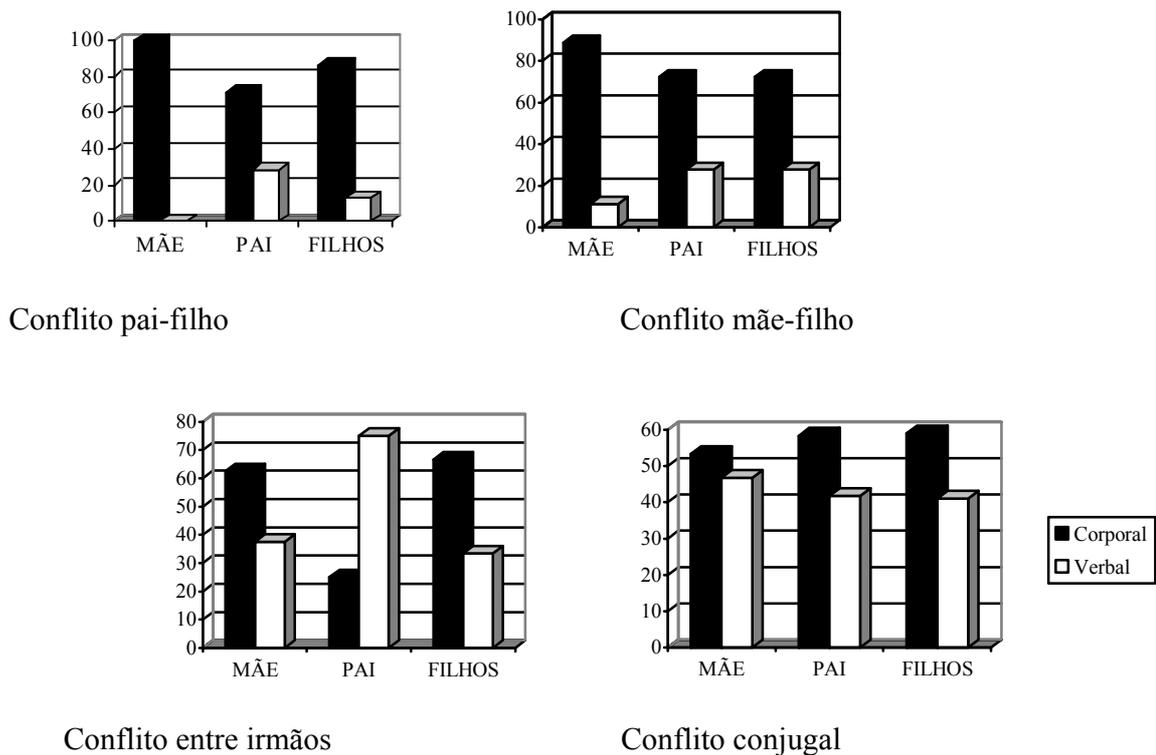


Figura 10. Tipos de conflito na visão da mãe, do pai e dos filhos por díades.

As partes do corpo atingidas pela violência e mencionadas pelos participantes são: cabeça, cabelos, rosto (boca, olhos, nariz, faces), braços, mãos, abdômen, nádegas, pernas e joelhos. As mais citadas são nádegas, rosto e pernas. As crianças, principalmente, mencionam mais nádegas e “qualquer lugar do corpo”. O fato de citarem qualquer lugar do corpo pode indicar o risco de lesões graves e indiscriminadas a que estão expostas. Outra questão alarmante são as agressões na cabeça, no rosto e no abdômen, regiões sensíveis do corpo humano e que podem levar a hemorragias e, como consequência, ao óbito. De acordo com Loiselle (2002), as partes do corpo mais afetadas pelo abuso físico, e diagnosticada por exames clínicos são: pele (através de machucados, queimaduras, cortes), ossos (através de fraturas), lesões na cabeça, intra-abdominal e na boca.

Os materiais utilizados para realizar os atos agressivos são variados. Em geral foram mencionadas partes do corpo humano, como mão (palmada e soco), pé (pontapé) e cabeça (cabeçada). A incidência maior é o uso da mão, cerca de 60% dos respondentes a citaram. Também foram mencionados objetos indiscriminados e específicos, como madeira (vara, sarrafo, pedaço de pau, mastro de bandeira), pessoais (sapatos, chinelos, cinta), cortantes (faca, facão), de uso doméstico e decorativo (vasos, copos, bibelôs, mesa, cadeira), além de

ferro, tijolo e água quente. Observa-se que, de acordo com os membros familiares entrevistados, a severidade é associada ao tipo de instrumento utilizado e as partes do corpo atingidas. Por exemplo: a agressão com a mão pode variar entre puxar cabelos, beliscões, tapas e socos. A visão sobre a violência torna-se atenuada, de acordo com a análise conjunta destas duas variáveis, como no depoimento do menino de dez anos sobre o comportamento do padrasto: - "*Bate com a mão. Ele não bate de pau, chinelo. Só que ele não bate tão forte. Ele não bate nem na cara!*". Portanto, a severidade parece estar amenizada pelo instrumental e pela parte do corpo atingida. Neste caso, o padrasto tem denúncia no Conselho Tutelar por espancar esta criança. O fato da criança perceber e aceitar a violência sofrida de forma amena é um fator que auxilia na banalização e naturalização da violência, pois segundo o mesmo poderia ser pior (chinelo no rosto). E torna-se um risco para a perpetuação da violência à medida que é aceito culturalmente. O mesmo ocorre na afirmativa de um pai: - "*Se precisar dar, eu deixo ela (a mãe) dar uns tapas neles*" ou uma mãe recriminando o comportamento do marido: - "*A gente pode dar umas palmadinhas, mas não soco que nem ele dá*". Na percepção da maioria dos entrevistados, bater com a mão é comum e eles possuem uma percepção de que não machuca. Em segundo lugar, aparecem objetos diferentes citados entre os envolvidos. As mães comentam sobre varas, pedaços de pau, sarrafo e os pais, sapatos e chinelos. O pai justifica o uso de chinelo: - "*Eu dou até de chinelo, acho que chinelo deve doer mais, né?*".

Os filhos, por sua vez, revelam o uso da cinta, que é pouco citada pelo casal. Objetos variados também são mencionados pelos envolvidos nos conflitos, como: mesas, cadeiras, bibelôs, copos e vasos, por exemplo. O uso do chinelo/ sapato, da mão ou de objetos pode ocorrer pela proximidade e disponibilidade que os mesmos estão para o agressor, pois os pais calçam chinelos ou sapatos e os retiram do pé para bater. Os objetos são escolhidos aleatoriamente e são em sua maioria jogados na vítima. Já no uso da cinta ou da vara há intencionalidade, pois o agressor reserva um local para guardá-los e os pega para cometer o ato agressivo. Nas agressões entre irmãos predomina socos e pontapés e na conjugal todos os instrumentos são utilizados, como no depoimento de um marido: - "*Nós nos pegamos, ela levou sete pontos. Ela atirou uma panela e eu dei um soco na testa dela*" ou de uma esposa: - "*Nesta última briga, ele conseguiu me bater de facão. Eu desafiei ele, e ele me deu. Ficou um roxo e um corte*".

Na percepção das mães, dos pais e dos filhos, a mãe é a pessoa que mais está presente na resolução dos conflitos, intervindo de alguma forma, seja na busca de alternativas ou na imposição de limites. A mãe tem sido descrita como uma figura importante para a criança e

com a qual ela possa contar em momentos de perigo (Hoppe, 1998). O pai percebe que também tem um papel importante e atribui a si, de forma igualitária à mãe, a responsabilidade pela resolução dos problemas.

Os desfechos dos conflitos são variados conforme a díade envolvida. Entre pai e filhos, por exemplo, são encontradas as seguintes estratégias: punição corporal, punição restritiva, interferência da mãe, restrição do diálogo e mudança no comportamento dos filhos (choram e obedecem). Nos conflitos entre mãe e filhos, aparecem as seguintes atitudes: punição corporal, punição restritiva, interferência do pai, restrição do diálogo, mãe pede desculpas e mudança no comportamento dos filhos (escutam e obedecem). Nota-se que a diferença principal entre as díades parentais está na atitude de sensibilização de algumas mães que, ao se arrependem pela atitude agressiva, buscam redimir-se através de pedido de desculpas. Nas brigas entre os irmãos, as resoluções encontradas pelos pais são: colocar de castigo, separar as crianças e interferência da mãe ou do pai (grita, ameaça ou bate). Nos conflitos conjugais foram citadas pelos respondentes três estratégias. Na primeira, o casal faz as pazes através do diálogo e estabelece a fase da “lua-de-mel” ou apaziguamento. Nesta fase, o casal busca a conciliação após um período de hostilidade acarretado pelo acúmulo de tensão, decorrentes de episódios intensos de agressões verbais e corporais (Glachan, 1990). Na segunda estratégia, um dos cônjuges sai do ambiente, retornando após algumas horas, e o casal não restabelece o diálogo. A terceira estratégia envolve a interferência de terceiros, como os filhos ou de órgãos externos (delegacia, polícia, vizinhos), que buscam romper com o episódio de violência. A violência existente nestes microssistemas atinge todos seus membros, é severa e freqüente em suas manifestações. O desenvolvimento físico, emocional, social e moral das pessoas que compõem estas famílias pode estar comprometido frente às agressões nas quais estão expostas. As resoluções adotadas são ineficazes no rompimento deste padrão abusivo estabelecido nas interações. Assim, parece que nestes microssistemas não há reciprocidade e equilíbrio de poder em prol da pessoa em desenvolvimento. Aparecem vínculos frágeis e ameaçados constantemente de ruptura. As crianças estão mais vulneráveis a estas agressões, sejam como vítimas ou testemunha, por não conseguirem se defender deste sistema ameaçador e por aprenderem esta forma de interação. Assim, podem reproduzir a violência em outros microssistemas e perpetuá-la em seus relacionamentos. Os adultos não conseguem restabelecer outras formas de interações e, assim, tornam-se algozes e vítimas da sua própria violência.

## CAPÍTULO IV

### ESTUDO II

Este estudo tem por objetivo verificar como os membros das famílias com história de abuso físico dos pais para com os filhos representam a coesão e a hierarquia em seus microsistemas familiares. A coesão e a hierarquia são analisadas através da interação entre as díades: pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, na perspectiva do pai, da mãe, do filho e do agressor.

#### 4.1 Método

##### 4.1.1 Participantes

Participaram deste estudo as 20 famílias do Estudo I (ver Capítulo III), sendo respondentes 20 mães, 17 pais e 20 filhos, perfazendo um total de 57 participantes.

##### 4.1.2 Instrumentos e Procedimentos

Foi utilizado o Teste do Sistema Familiar – FAST (Gehring, 1986), que avalia a coesão e a hierarquia através da representação de seus membros. O instrumento, sua aplicação e análise foram descritos anteriormente (ver Capítulo II).

De posse das folhas de registro do FAST preenchidas, o pesquisador introduz os dados individuais em uma planilha (elaborada por Maycoln Teodoro, PhD. – Universidade de Freiburg, Alemanha), que realiza os cálculos referentes à coesão e à hierarquia. Posteriormente, transporta-os para o sistema operacional informatizado SPSS que realiza as análises sobre as díades de interesse.

O escore da coesão é calculado pela distância entre as peças posicionadas no tabuleiro, através do Teorema de Pitágoras. Os escores variam de 0,7 a 11, sendo 11 o valor máximo de proximidade entre as peças, que significa alta coesão. O escore da hierarquia é calculado pela diferenças entre as alturas dos blocos colocados sob as peças, realizado através da subtração dos valores. Neste estudo, os escores variaram de 0 a 3, sendo que zero significa não haver diferença na hierarquia entre as díades.

## 4.2 Resultados e Discussão

Para realizar as análises, foram selecionadas as respostas da mãe, do pai, de um dos filhos e do agressor. O filho incluído neste estudo foi identificado, pelo sistema familiar e pela equipe de pesquisa, como alvo mais freqüente de abuso físico intrafamiliar entre os que responderam o FAST. Já o agressor foi identificado pelo sistema familiar e pela equipe de pesquisa, entre o pai e a mãe, por ser aquele que comete com maior incidência e severidade o abuso físico contra seus filhos. De acordo com este critério, foram selecionados onze mães e nove pais, um de cada família.

Nas análises sobre coesão e hierarquia são consideradas as respostas do pai, da mãe, do filho e do agressor sobre as suas perspectivas destes fenômenos nas díades: pai-filho (filho respondente), mãe-filho (filho respondente), esposo-esposa e irmão-irmão (filho respondente e irmão mais velho ou o mais próximo de idade, quando o respondente é o mais velho). Utiliza-se o termo perspectiva, neste estudo, para identificar que são respostas fornecidas por determinado membro familiar, e expressam a sua visão sobre a coesão e hierarquia nas díades.

Foram avaliados os resultados de duas situações representadas pelos membros familiares: a situação típica e a situação de conflito. Não foi realizada a análise referente à situação ideal, pois os resultados preliminares não apontaram diferença significativa sobre a coesão e a hierarquia nas variadas díades, de acordo com as perspectivas dos familiares respondentes diante de situações ideais.

Os resultados da coesão e da hierarquia são apresentados em três partes. A primeira realiza a comparação entre díades (pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão) na perspectiva individual (pai, mãe, filho e agressor). A segunda realiza a comparação entre situações (típica e a de conflito) na perspectiva individual (pai, mãe, filho e agressor). A terceira parte realiza a comparação entre perspectivas (pai, mãe, filho e agressor) sobre a díade pai-filho e mãe-filho.

A primeira parte, que trata da comparação da média da coesão e da hierarquia entre díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na perspectiva do pai, da mãe, do filho e do agressor, está apresentada em dezesseis tópicos, segundo apresentado na Tabela 17: 1) coesão na situação típica na perspectiva do pai; 2) hierarquia na situação típica na perspectiva do pai; 3) coesão na situação de conflito na perspectiva do pai; 4) hierarquia na situação de conflito na perspectiva do pai; 5) coesão na situação típica na perspectiva da mãe; 6) hierarquia na situação típica na perspectiva da mãe; 7) coesão na situação de conflito na perspectiva da mãe; 8) hierarquia na situação de conflito na perspectiva da mãe; 9) coesão na

situação típica na perspectiva do filho; 10) hierarquia na situação típica na perspectiva do filho; 11) coesão na situação de conflito na perspectiva do filho; 12) hierarquia na situação de conflito na perspectiva do filho; 13) coesão na situação típica na perspectiva do agressor; 14) hierarquia na situação típica na perspectiva do agressor; 15) coesão na situação de conflito na perspectiva do agressor; e, 16) hierarquia na situação de conflito na perspectiva do agressor.

Tabela 17

*Análise da Coesão e da Hierarquia entre Díades nas Perspectivas Individuais*

Situação	Aspecto	Perspectiva individual
Típica	coesão	pai
		mãe
		filho
		agressor
Típica	hierarquia	pai
		mãe
		filho
		agressor
Conflito	coesão	pai
		mãe
		filho
		agressor
Conflito	hierarquia	pai
		mãe
		filho
		agressor

A segunda parte, a comparação entre situações (típica e a de conflito) nas díades na perspectiva individual, está apresentada em dois tópicos, que contêm quatro análises: 1) comparação da coesão entre situação típica e de conflito; e, 2) comparação da hierarquia entre situação típica e de conflito.

A terceira parte, a comparação entre perspectivas, está apresentada em dois tópicos, que contêm quatro análises: 1) comparação das perspectivas individuais sobre a coesão pai-filho; e, 2) comparação das perspectivas individuais sobre a coesão mãe-filho.

Para comparar a coesão e a hierarquia entre as díades foram utilizados testes não-paramétricos para distribuição não normal e para a mesma amostra (Teste Kolmogorov-Smirnov). O FAST, historicamente, não apresenta distribuição normal, pois geralmente as pessoas representam as díades com alta coesão nas situações típica e ideal (Feldman & Gehring, 1988). As análises sobre as díades entre as diferentes perspectivas, assim como em

cada perspectiva, foram feitas através de testes para medidas repetidas e de comparações entre variáveis (Teste Friedman e Teste Wilcoxon).

#### 4.2.1 Comparação entre Díades nas Perspectivas Individuais

A seguir são apresentados e discutidos os resultados relativos à média da coesão e da hierarquia entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, de acordo com as perspectivas individuais do pai, da mãe, do filho e do agressor. Estes resultados estão relacionados à situação típica e de conflito.

##### Coesão na Situação Típica na Perspectiva do Pai

A Figura 11 demonstra a perspectiva do pai em relação à coesão nas díades: pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na situação típica.

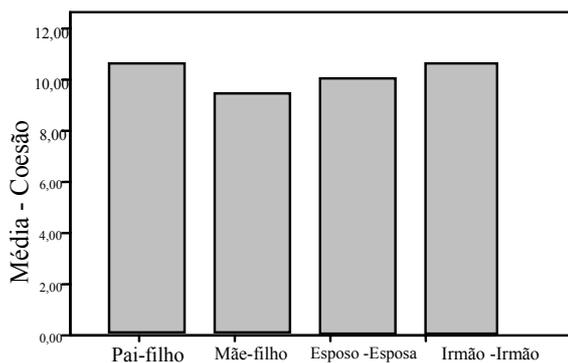


Figura 11. Média da coesão por díades na perspectiva do pai na situação típica ( $n=16$ ).

Os resultados obtidos através do Teste Friedmam ( $n= 16$ ,  $\chi^2= 9,38$ ,  $gl= 3$ ,  $p\leq 0,05$ ) apontam diferença significativa na visão do pai sobre a coesão entre as díades na situação típica. O Teste Wilcoxon demonstrou que o pai percebeu a coesão da díade mãe-filho significativamente inferior à coesão das díades esposo-esposa ( $Z= -2,11$ ,  $p\leq 0,05$ ), pai-filho ( $Z= -2,13$ ,  $p\leq 0,05$ ) e irmão-irmão ( $Z= -2,27$ ,  $p\leq 0,05$ ). Este resultado pode estar associado a duas questões: o pai percebe que a presença constante da mãe nas rotinas da família e na criação dos filhos. Tal presença pode acarretar desgaste na interação mãe-filho e, portanto, o pai a representa com inferior coesão comparada às demais díades. Além disto, o pai pode possui uma visão idealista sobre a coesão pai-filho, entre o casal e os irmãos no cotidiano familiar, representando-as com alta coesão. De acordo com Gehring, Marti e Sidler (1994), em

família não-clínicas, o pai tende a possuir uma visão idealizada da família, representando-a geralmente com alta coesão na situação típica, justamente por estar menos engajado na criação dos filhos e nos eventos diários e, então, não perceber como realmente estão estabelecidos os vínculos.

### Hierarquia na Situação Típica na Perspectiva do Pai

A Figura 12 demonstra a perspectiva do pai em relação à média da hierarquia nas díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na situação típica.

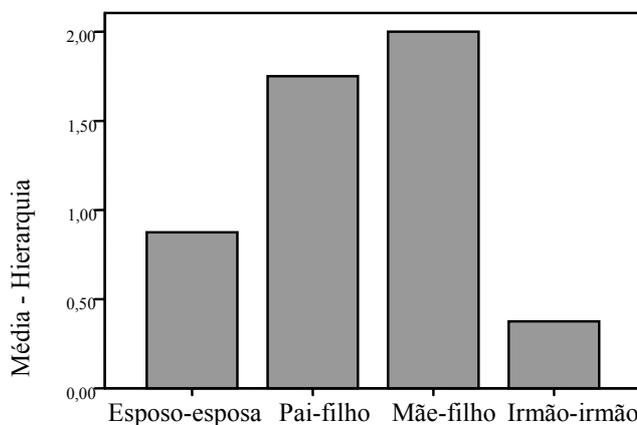


Figura 12. Média da hierarquia por díades na perspectiva do pai na situação típica ( $n=16$ ).

A análise da hierarquia na perspectiva do pai na situação típica foi realizada através do Teste Friedman e os resultados apontam diferença significativa ( $\chi^2=21,28$ ,  $gl=3$ ,  $p\leq 0,01$ ) na média entre díades da mesma geração [esposo-esposa ( $M=0,88$ ,  $DP=0,78$ ) e irmão-irmão ( $M=0,37$ ,  $DP=0,80$ )] comparadas às de gerações diferentes [pai-filho ( $M=1,76$ ,  $DP=0,97$ ) e mãe-filho ( $M=1,94$ ,  $DP=1,08$ )]. Estes resultados corroboram os estudos do FAST (Feldman & Gehring, 1988; Gehring & Marti, 1993; Teodoro, no prelo), em que as díades pai-filho e mãe-filho são representadas com maior hierarquia do que nas díades formadas pelo esposo-esposa e irmão-irmão. Em termos de interações familiares, é esperado, em famílias não abusivas, que os pais tenham maior influência e controle sobre os comportamentos dos filhos, a fim de orientá-los em seu desenvolvimento (Minuchin, 1990).

### Coesão na Situação de Conflito na Perspectiva do Pai

Não foi encontrada diferença significativa nas díades em relação à coesão, na situação de conflito, na perspectiva do pai através do Teste Friedman ( $n=15$ ,  $\chi^2=2,19$ ,  $gl=3$ ,  $p>0,05$ ).

O pai representa a díade pai-filho e, principalmente, a mãe-filho, na situação de conflito, com coesão semelhante às demais díades. No Estudo I, desta tese, 64,71% dos pais alegaram que a maior incidência de conflitos ocorre entre mães e filhos. Então, esperava-se que o pai representasse a díade mãe-filho com inferior coesão às demais díades na situação de conflito. Os resultados publicados do FAST mostram que a coesão entre díades tende a ser inferior na situação de conflito, justamente naquelas em que já está instalado, pois o atrito existente promove a fragilidade do vínculo (Feldman & Gehring, 1988; Gehring & Marti, no prelo). Talvez, o pai represente a coesão semelhante entre as díades, de acordo com sua perspectiva sobre as interações, a fim de minimizar a severidade dos atos agressivos e naturalizá-los no sistema familiar.

### Hierarquia na Situação de Conflito na Perspectiva do Pai

A Figura 13 demonstra a perspectiva do pai em relação à média da hierarquia nas díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na situação de conflito.

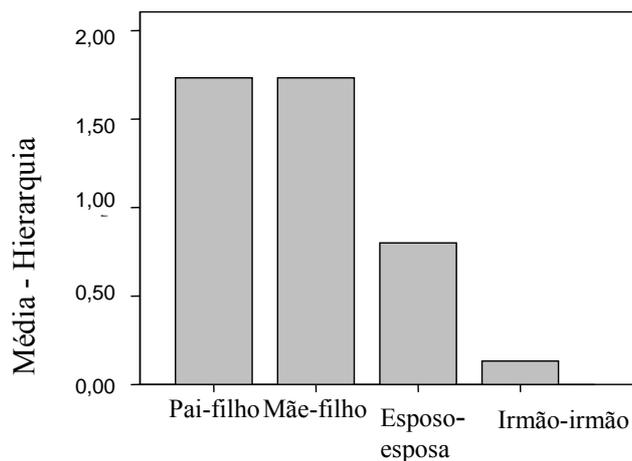


Figura 13. Média da hierarquia por díades na perspectiva do pai na situação de conflito ( $n=14$ ).

Foi encontrada diferença significativa no Teste Friedman ( $n=14$ ,  $\chi^2=15,89$ ,  $g/l=3$ ,  $p<0,01$ ) entre as médias da hierarquia nas díades formadas por gerações diferentes [esposo-esposa ( $M=0,08$ ,  $DP=1,08$ ) e irmão-irmão ( $M=0,13$ ,  $DP=0,51$ )] comparadas às de gerações diferentes [pai-filho ( $M=1,73$ ,  $DP=1,33$ ) e mãe-filho ( $M=1,73$ ,  $DP=1,38$ )]. No Teste Wilcoxon, a hierarquia na díade irmão-irmão é percebida pelo pai como significativamente inferior às díades mãe-filho ( $Z= -2,75$ ,  $p\leq 0,01$ ) e pai-filho ( $Z= -2,77$ ,  $p\leq 0,01$ ). Há uma tendência da díade pai-filho possuir maior coesão do que a díade esposo-esposa ( $Z= -1,9$ ,

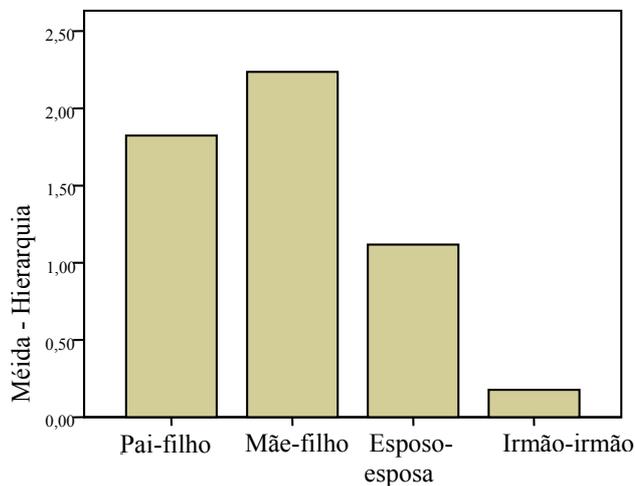
$p=0,057$ ). Estes resultados corroboram os estudos do FAST (Feldman & Gehring, 1988; Gehring & Marti, 1993; Teodoro, no prelo) com famílias não-abusivas, pois as díades pai-filho e mãe-filho são representadas com maior hierarquia do que nas díades formadas pelo esposo-esposa e irmão-irmão.

### **Coesão na Situação de Típica na Perspectiva da Mãe**

Não foi encontrada diferença significativa na média da coesão entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na perspectiva da mãe na situação típica realizada através do Teste Friedman ( $n=17$ ,  $\chi^2= 5,09$ ,  $gl= 3$ ,  $p>0,05$ ). No Teste Wilcoxon a coesão na díade irmão-irmão é significativamente superior à díade pai-filho ( $Z= -1,96$ ,  $p=0,05$ ). Talvez a mãe represente a coesão entre irmãos superior em função dos filhos serem crianças (75% têm menos de 11 anos) e compartilharem de experiências semelhantes advindas da convivência nos mesmos ambientes.

### **Hierarquia na Situação Típica na Perspectiva da Mãe**

A Figura 14 demonstra a média da hierarquia entre díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na situação típica, de acordo com a perspectiva da mãe.



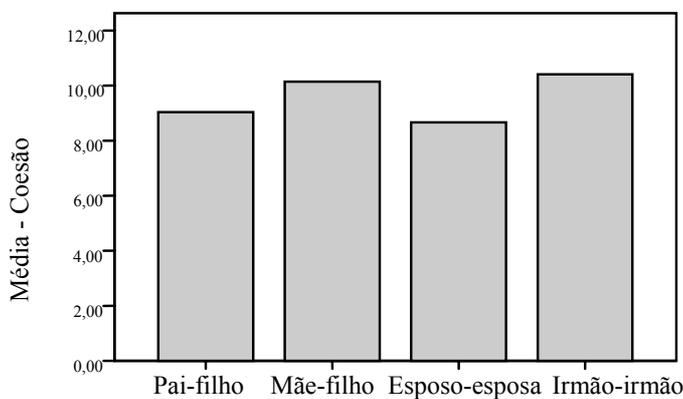
*Figura 14.* Média da hierarquia por díades na perspectiva da mãe na situação típica ( $n=17$ ).

Foi encontrada diferença significativa no Teste Friedman ( $\chi^2=27,9$ ,  $gl=3$ ,  $p\leq 0,01$ ) na média da hierarquia nas díades formadas por gerações diferentes [esposo-esposa ( $M=1,11$ ,  $DP=0,99$ ) e irmão-irmão ( $M=0,17$ ,  $DP= 0,39$ )] comparadas às de gerações diferentes [pai-filho

( $M=1,82$ ,  $DP=1,07$ ) e mãe-filho ( $M=2,23$ ,  $DP=0,97$ )] na situação típica. O Teste Wilcoxon revelou que a díade mãe-filho é percebida pela mãe como significativamente superior às díades esposo-esposa ( $Z= -2,26$ ,  $p\leq 0,05$ ) e irmão-irmão ( $Z= -3,50$ ,  $p\leq 0,001$ ). Estes resultados corroboram os estudos do FAST (Feldman & Gehring, 1988; Gehring & Marti, 1993; Teodoro, no prelo) com famílias não-abusivas, pois a díade mãe-filho é representada com maior hierarquia do que nas díades formadas pelo esposo-esposa e irmão-irmão.

### **Coesão na Situação de Conflito na Perspectiva da Mãe**

A Figura 15 apresenta a média da coesão entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na situação de conflito de acordo com a perspectiva da mãe.



*Figura 15.* Média da coesão por díades na perspectiva da mãe na situação de conflito ( $n=16$ ).

A análise da coesão entre díades na situação de conflito aponta diferença significativa na perspectiva da mãe no Teste Friedman ( $n=16$ ,  $\chi^2=13,9$ ,  $gl=3$ ,  $p\leq 0,05$ ). A coesão mãe-filho é significativamente superior à coesão entre pai-filho ( $Z= -2,147$ ,  $p\leq 0,05$ ) e do casal ( $Z= -2,610$ ,  $p\leq 0,01$ ). A mãe representa, na situação de conflito, a coesão entre irmãos significativamente superior à díade pai-filho ( $Z= -2,557$ ,  $p\leq 0,05$ ). Talvez a mãe perceba sua interação com o filho próxima, pelo fato de considerar os filhos aliados no enfrentamento dos conflitos conjugais. Para Gehring e Marti (no prelo), os pais de famílias não-abusivas superestimam a coesão entre as díades pai-filho e mãe-filho, ao representá-las com alta coesão. Isto pode ocorrer como uma tentativa de justificar seu investimento de tempo e esforço no exercício da parentalidade e pela necessidade de mostrar uma imagem positiva do sistema familiar. A percepção que a mãe possui sobre a coesão entre irmãos ser superior à díade pai-filho pode revelar o aspecto protetivo do sentimento de união entre os irmãos. Este

sentimento poderá auxiliá-los a enfrentar as situações abusivas, à medida que estrutura a rede de apoio social e afetiva intrafamiliar. Em contrapartida, a mãe compreende a díade pai-filho menos coesiva do que a mãe-filho e irmão-irmão. Isto pode significar que a mesma percebe a relação entre pai e filho distante, o que evidencia uma situação de vulnerabilidade do sistema familiar em relação à perpetuação da violência, visto que o pai também pode ser o agressor.

### Hierarquia na Situação de Conflito na Perspectiva da Mãe

A Figura 16 apresenta a média da hierarquia entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na situação de conflito, de acordo com a perspectiva da mãe.

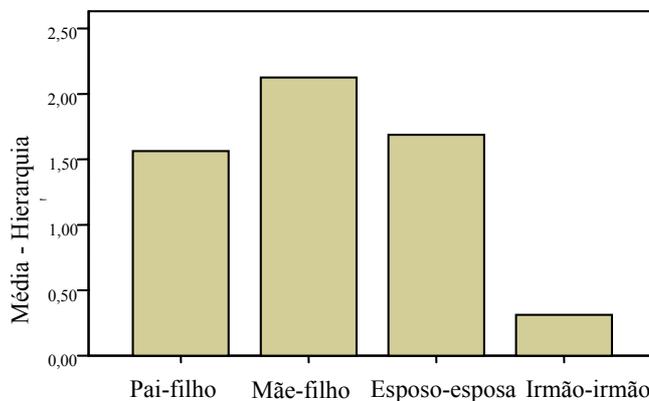


Figura 16. Média da hierarquia por díades na perspectiva da mãe na situação de conflito ( $n=16$ ).

Há diferença significativa na hierarquia entre a díade irmão-irmão e as demais na situação de conflito na perspectiva da mãe, apontada através do Teste Friedman ( $\chi^2= 18,20$ ,  $gl=3$ ,  $p\leq 0,01$ ). A média da hierarquia, na perspectiva da mãe, na díade irmão-irmão ( $M=0,31$ ,  $DP=0,79$ ) é significativamente inferior às díades pai-filho ( $M=1,56$ ,  $DP=1,25$ ), mãe-filho ( $M=2,12$ ,  $DP=1,25$ ) e esposo-esposa ( $M=1,68$ ,  $DP=1,19$ ). Além disso, na díade mãe-filho é significativamente superior às demais. Este resultado revela a crença da mãe sobre seu poder de controle e decisório sobre os filhos. Principalmente, relacionados à responsabilidade sobre a criação dos mesmos. Então, para obter este controle e exercer a influência, estabelece um distanciamento hierárquico com o filho. Também pode evidenciar que as mães assumem o controle sobre os filhos de forma distinta do pai e, como consequência, há sobrecarga de papéis desta mulher no sistema familiar. No Estudo I desta tese, 50% das famílias citam a existência de sobrecarga de papéis. As mães trabalham, realizam tarefas domésticas, entre outras atividades, além dos cuidados e educação dos filhos. Além disso, a mãe foi citada pelo

grupo familiar como a pessoa que resolve ou finaliza os conflitos. E, isto lhe atribui poder decisório no microsistema.

Gehring e Marti (no prelo) apresentam resultados do FAST com famílias não-abusivas e constataam que na díade esposo-esposa há menos hierarquia do que as díades entre gerações (pai-filho e mãe-filho). Na percepção da mãe na situação de conflito, a hierarquia na díade esposo-esposa é alta. Provavelmente este resultado esteja relacionado à presença de conflitos conjugais em 75% das famílias pesquisadas (ver Estudo I).

### Coesão na Situação de Típica na Perspectiva do Filho

A Figura 17 apresenta a média da coesão entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na situação típica, de acordo com a perspectiva do filho.

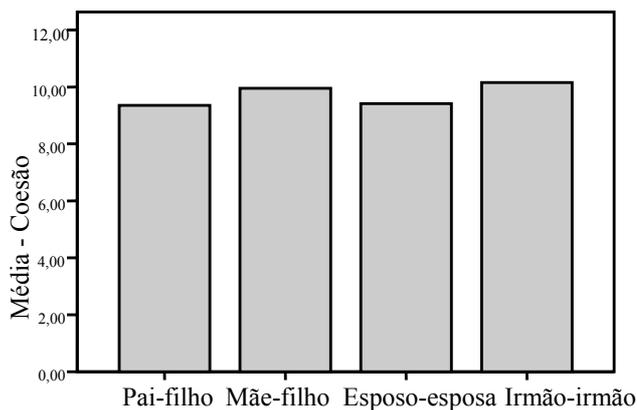


Figura 17. Média da coesão por díades na perspectiva do filho na situação típica ( $n=18$ ).

Foi encontrada diferença significativa no Teste Friedman ( $n=18$ ,  $\chi^2=9,46$ ,  $gl=3$ ,  $p\leq 0,05$ ), na perspectiva do filho, entre a média da coesão na díade irmão-irmão e nas díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa, na situação típica. A média da coesão da díade irmão-irmão ( $M=10,15$ ,  $DP=1,66$ ) é significativamente superior às díades pai-filho ( $M=9,35$ ,  $DP=1,66$ ), mãe-filho ( $M=9,95$ ,  $DP=1,22$ ) e esposo-esposa ( $M=9,41$ ,  $DP=2,44$ ). A coesão entre irmãos pode ser compreendida como um fator protetivo nas situações cotidianas, por compartilharem de experiências semelhantes e desenvolverem uma relação de amizade, que auxilia a estruturação de sua rede de apoio social e afetivo intrafamiliar.

### Hierarquia na Situação Típica na Perspectiva do Filho

A Figura 18 apresenta a média da hierarquia entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na situação típica de acordo com a perspectiva do filho.

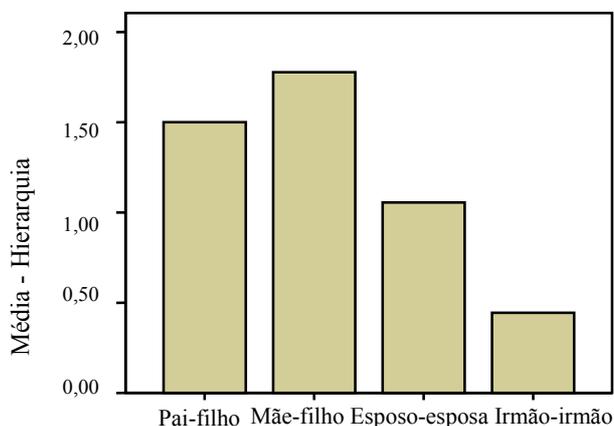


Figura 18. Média da hierarquia por díades na perspectiva do filho na situação de típica ( $n=18$ ).

O filho representou, através do Teste Friedman ( $\chi^2=17,8$ ,  $gl=3$ ,  $p\leq 0,001$ ), a média da hierarquia na díade irmão-irmão ( $M=0,44$ ,  $DP=0,61$ ) significativamente inferior às demais díades e a média da hierarquia na díade mãe-filho ( $M=1,77$ ,  $DP=1$ ) significativamente superior a média da coesão na díade esposo-esposa. O filho parece perceber a interação com seus irmãos de forma igualitária. A diferença entre a díade irmão-irmão e as outras díades em relação à hierarquia, denota que o filho se percebe destituído de poder na família, o que pode levá-lo a uma situação de vulnerabilidade em relação à violência intrafamiliar. Parece que o filho não exerce controle nas situações cotidianas sobre os pais, que no caso, são os agressores.

### Coesão na Situação de Conflito na Perspectiva do Filho

Não foi encontrada diferença significativa entre as díades: pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, em relação à coesão na situação típica na perspectiva do filho, obtida através do Teste Friedman ( $n=18$ ,  $\chi^2=2,7$ ;  $gl=3$ ,  $p>0,05$ ).

### Hierarquia na Situação de Conflito na Perspectiva do Filho

Não foi encontrada diferença significativa entre as díades: pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, em relação à hierarquia na situação de conflito na perspectiva do filho, obtida através do Teste Friedman ( $n=15$ ,  $\chi^2=6,6$ ;  $gl=3$ ,  $p>0,05$ ).

A perspectiva do filho revela que, na situação de conflito, as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão apresentam resultados semelhantes sobre a coesão e a hierarquia. Talvez isto ocorra em função do colapso no sistema familiar durante o conflito, que não permite distinguir as fronteiras interpessoais e intergeracionais. Todos estão, de alguma forma, envolvidos no conflito, sejam como vítimas, testemunhas ou agressores.

### Coesão na Situação de Típica na Perspectiva do Agressor

Não foi encontrada diferença significativa na média da coesão entre as díades pai-filho ( $M=10$ ,  $DP=1$ ), mãe-filho ( $M=9,37$ ,  $DP=2,47$ ), esposo-esposa ( $M=9,91$ ,  $DP=2$ ) e irmão-irmão ( $M=10,26$ ,  $DP=1$ ) em relação à média da coesão na situação típica na perspectiva do agressor. Este resultado foi obtido através do Teste Friedman ( $n=18$ ,  $\chi^2=2,91$ ,  $gl=3$ ,  $p>0,05$ ).

### Hierarquia na Situação de Típica na Perspectiva do Agressor

A Figura 19 apresenta a média da hierarquia entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na situação típica de acordo com a perspectiva do agressor.

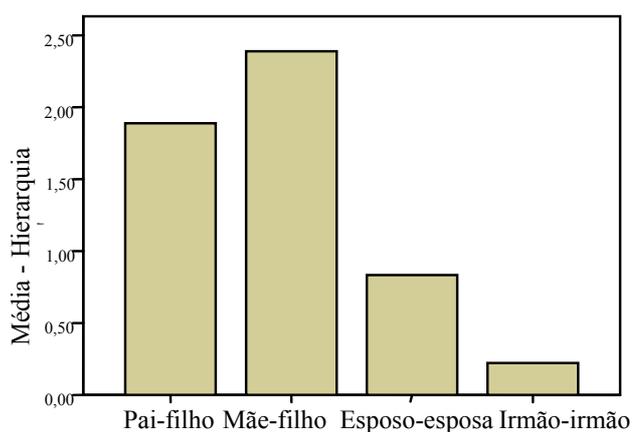


Figura 19. Média da hierarquia por díades na perspectiva do agressor na situação de típica ( $n=18$ ).

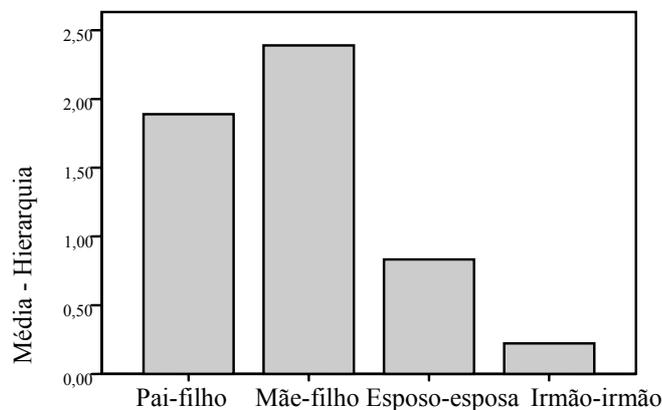
A média da hierarquia nas díades irmão-irmão e esposo-esposa é significativamente inferiores às díades pai-filho ( $Z= -3,26$ ,  $p\leq 0,001$ ) e mãe-filho ( $Z= -3,68$ ,  $p\leq 0,001$ ) na perspectiva do agressor. Os resultados foram obtidos através do Teste Wilcoxon. Este resultado condiz com os estudos publicados do FAST com famílias não-abusivas, ao afirmarem que as díades formadas pela mesma geração apresentam menor hierarquia do que aquelas formadas por gerações diferentes (Feldman & Gehring, 1988).

### **Coesão na Situação de Conflito na Perspectiva do Agressor**

Não foi encontrada diferença significativa na média da coesão entre as díades pai-filho ( $M=9,52$ ,  $DP=2$ ), mãe-filho ( $M=9,87$ ,  $DP=1,33$ ), esposo-esposa ( $M=9,16$ ,  $DP=2$ ) e irmão-irmão ( $M=10,19$ ,  $DP=1$ ) na perspectiva do agressor na situação de conflito. Este resultado foi obtido através do Teste Friedman ( $n=17$ ,  $\chi^2=1,96$ ,  $gl=3$ ,  $p>0,05$ ).

### **Hierarquia na Situação de Conflito na Perspectiva do Agressor**

A Figura 20 apresenta a média da hierarquia entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na situação de conflito, de acordo com a perspectiva do agressor.



*Figura 20.* Média da hierarquia por díades na situação de conflito na perspectiva do agressor ( $n=17$ ).

Há diferença significativa entre a média da hierarquia nas díades mãe-filho encontrada através do Teste de Friedman ( $n=17$ ,  $\chi^2= 24,22$ ,  $gl=3$ ,  $p\leq 0,001$ ) na perspectiva do agressor. A média da hierarquia na díade mãe-filho ( $M=2,11$ ,  $DP=1,21$ ) é significativamente superior às díades pai-filho ( $M=1,58$ ,  $DP=1,27$ ), esposo-esposa ( $M=0,88$ ,  $DP=1,16$ ) e irmão-irmão

( $M=0,11$ ,  $DP=0,33$ ) e a média da hierarquia na díade irmão-irmão é significativamente inferior às demais, na perspectiva do agressor na situação de conflito. Parece que o agressor atribui hierarquia superior à díade mãe-filho do que às demais, devido à possibilidade da mãe em intervir no comportamento dos filhos, modificando-os conforme seu desejo. Esta atitude pode ser justificada como prática disciplinar ou pelo posicionamento da mãe nas tomadas de decisão, que coíbe a continuação do conflito.

#### 4.2.2 Comparação entre Situação Típica e de Conflito na Perspectiva Individual

Foram realizadas comparações entre a situação típica e de conflito sobre as médias da coesão e da hierarquia nas díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão na perspectiva do pai, da mãe, do filho e do agressor. Os resultados foram obtidos através do Teste Wilcoxon, que compara as duas variáveis, isto é, situação típica e situação de conflito. Primeiramente, são apresentados os resultados sobre a coesão e, posteriormente, sobre a hierarquia.

##### a) Comparação entre Situação Típica e de Conflito da Coesão

A Tabela 18 apresenta a média e o desvio padrão da coesão por díades na situação típica e de conflito na perspectiva do pai, da mãe, do filho e do agressor.

Tabela 18

*Comparação entre Situação Típica e de Conflito sobre a Coesão nas Díades Pai-filho, Mãe-filho, Esposo-esposa, Irmão-Irmão nas Perspectivas do Pai, Mãe, Filho e Agressor*

Perspectiva	Situação	Pai-filho		Mãe-filho		Esposo-esposa		Irmão-irmão	
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Pai	Típica	10,47	0,06	9,34	2,50	9,98	2,23	10,56*	0,58
	Conflito	9,57	2,56	9,78	1,24	9,61	2,15	9,86*	1,32
Mãe	Típica	9,55	1,95	10,04	1,22	9,65*	1,84	10,33	1,03
	Conflito	9,03	1,44	10,14	1,14	8,66*	1,6	10,37	0,7
Filho	Típica	9,35	1,66	9,95	1,22	9,41	2,44	10,15	1,97
	Conflito	8,25	2,19	9,24	1,98	9,04	2,37	8,62	3,05
Agressor	Típica	10,0	1,01	9,37	2,47	9,91*	2,04	10,26	1,0
	Conflito	9,52	2,03	9,87	1,33	9,16*	2,03	10,19	2,03

*Nota.* \* $p>0,05$  na comparação entre a situação típica e de conflito (Teste Wilcoxon)

### Comparação da Coesão entre a Situação Típica e a de Conflito na Perspectiva do Pai

A Figura 21 apresenta a média da coesão entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, comparando os resultados obtidos entre a situação típica e a de conflito, conforme a perspectiva do pai.

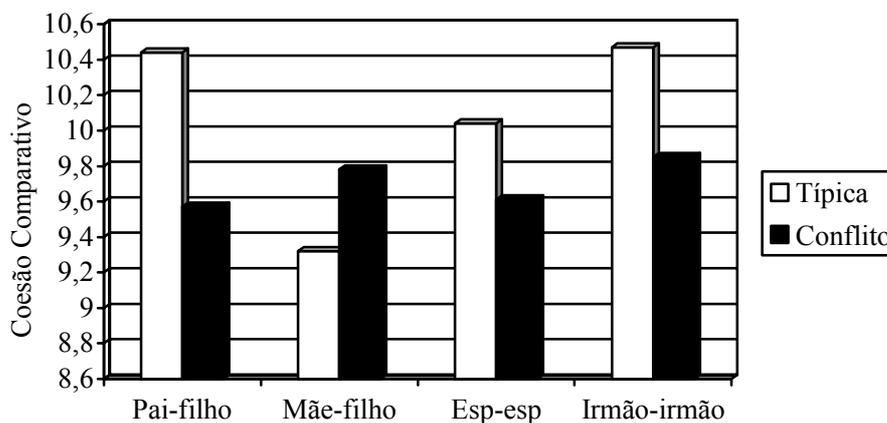


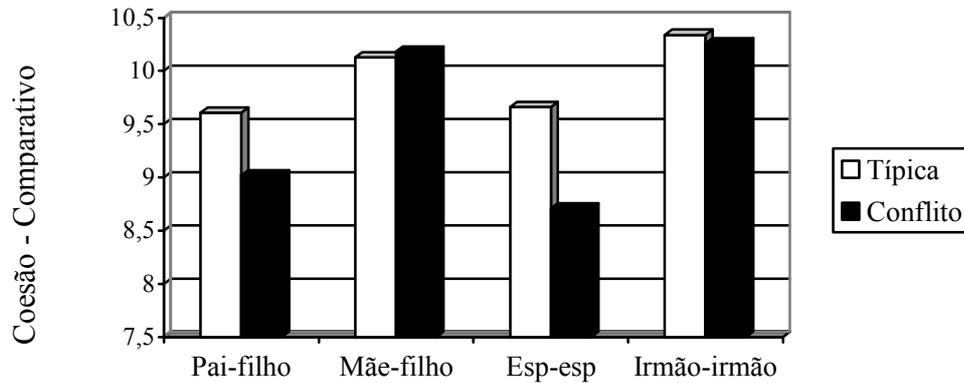
Figura 21. Comparação da coesão entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva do pai.

Há diferença significativa na perspectiva do pai entre a situação típica e de conflito em relação à díade irmão-irmão ( $Z = -2,49$ ,  $p < 0,05$ ). O pai percebe que os irmãos são menos coesos na situação de conflito do que na típica. De acordo estudos publicados sobre o FAST com famílias não-abusivas, a média da coesão na situação de conflito é inferior a encontrada na situação típica, justamente por que o conflito cria um distanciamento emocional entre os membros familiares (Feldman & Gehring, 1988; Gehring & Marti, no prelo). De acordo com o pai, os motivos mais frequentes para os conflitos entre irmãos estão relacionados à disputa por objetos e a inveja (ver Estudo I, desta tese).

Observa-se que o pai considera a interação mãe-filho menos coesa na situação típica do que as demais díades, além desta ser inferior à situação de conflito. Esta inversão pode estar associada à visão do pai sobre a responsabilidade da mãe em lidar com os eventos cotidianos relacionados aos filhos, como criação e educação, e marcados, muitas vezes, por atritos.

### Comparação da Coesão entre a Situação Típica e a de Conflito na Perspectiva da Mãe

A Figura 22 apresenta a média da coesão entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, comparando os resultados obtidos na situação típica com a de conflito, conforme a perspectiva da mãe.



*Figura 22.* Comparação da coesão entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva da mãe.

Foi encontrada diferença significativa em relação à díade esposo-esposa entre a situação típica e de conflito na perspectiva da mãe. A coesão na díade esposo-esposa na situação típica é significativamente superior à situação de conflito ( $Z = -2,17, p \leq 0,05$ ). Este resultado pode ser justificado pelo alto índice de violência conjugal (presente em 75% das famílias desta pesquisa). Este resultado difere dos estudos publicados com famílias não-abusivas, que relatam que os pais representam a díade marital (esposo-esposa) igualmente coesiva à díade mãe-filho e mais coesiva do que a díade pai-filho (Gehring & Marti, no prelo). Observa-se que a média da coesão na díade mãe-filho e irmão-irmão é alta e semelhante entre si nas duas situações.

Parece que a mãe não faz distinção entre as duas situações (típica e conflito). Este fato pode ser compreendido como um risco para a manutenção da violência. Se não há mudanças na interação diante de duas situações distintas, é provável que os conflitos são também vivenciados na situação típica, ou podem ser amenizados em sua severidade na representação da situação de conflito.

### **Comparação da Coesão entre a Situação Típica e a de Conflito na Perspectiva do Filho**

A Figura 23 apresenta a média da coesão entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, comparando os resultados obtidos na situação típica com a de conflito, conforme a perspectiva do filho. Não foi encontrada diferença significativa entre as duas situações na percepção do filho.

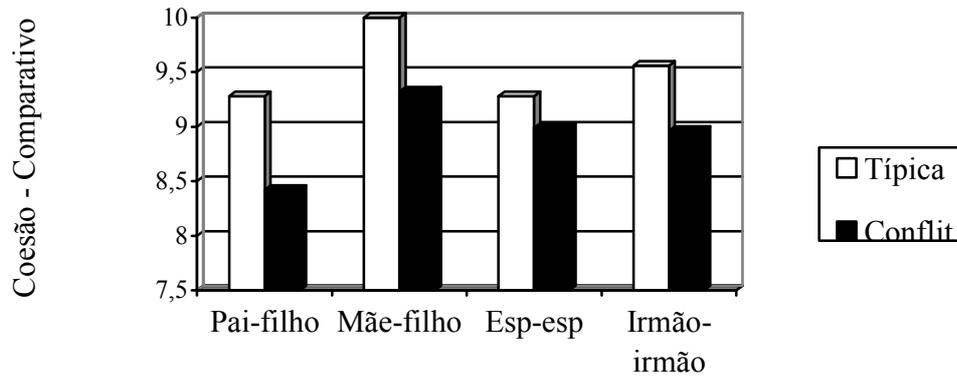


Figura 23. Comparação da coesão entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva do filho.

#### Comparação da Coesão entre a Situação Típica e a de Conflito na Perspectiva do Agressor

A Figura 24 apresenta a média da coesão entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, comparando os resultados obtidos na situação típica com a de conflito, conforme a perspectiva do agressor.

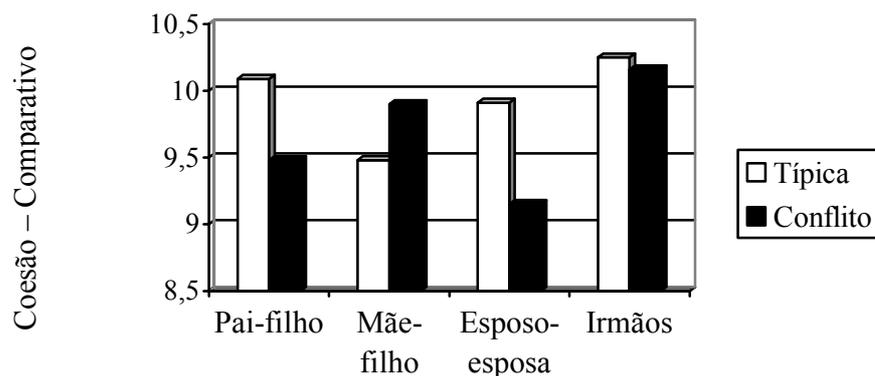


Figura 24. Comparação da coesão entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva do agressor.

Foi encontrada diferença significativa na díade esposo-esposa entre as duas situações na percepção do agressor. A coesão na díade esposo-esposa na situação típica é significativamente superior à situação de conflito ( $Z = -2,35, p \leq 0,05$ ). Este resultado pode estar relacionado ao alto índice de violência conjugal constatado nas famílias deste estudo. Geralmente, o agressor dos filhos identificado no sistema familiar é o mesmo agressor na relação marital. No Estudo I, desta tese, nota-se que a esposa também agride o marido ou revida as agressões sofridas. Além disso, frente às agressões conjugais, os atos abusivos contra os filhos são considerados menos importantes pelos pais. No entanto, observa-se que o mesmo considera maior a coesão mãe-filho na situação de conflito do que na típica, diferente da representação realizada nas demais díades. Resultado semelhante à perspectiva apresentada pelo pai.

#### b) Comparação entre Situação Típica e de Conflito da Hierarquia

A Tabela 19 apresenta a média e o desvio padrão da hierarquia por díades na situação típica e de conflito na perspectiva do pai, da mãe, do filho e do agressor.

Tabela 19

*Comparação entre Situação Típica e de Conflito sobre a Hierarquia nas Díades Pai-filho, Mãe-filho, Esposo-esposa, Irmão-Irmão nas Perspectivas do Pai, Mãe, Filho e Agressor*

Perspectiva	Situação	Pai-filho		Mãe-filho		Esposo-esposa		Irmão-irmão	
		M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Pai	Típica	1,75	1	2	1,09	0,87	0,8	0,37	0,8
	Conflito	1,73	1,38	1,73	1,33	0,08	1,08	0,13	0,51
Mãe	Típica	1,82	1,07	2,23	0,97	1,11	0,99	0,17	0,39
	Conflito	1,56	1,15	2,12	1,25	1,68	1,19	0,31	0,79
Filho	Típica	1,5	0,92	1,77	1	0,44	0,61	1,05	0,72
	Conflito	1,26	1,27	1,93	0,88	1,60	1,18	0,6	0,82
Agressor	Típica	1,88	1,02	2,38	0,84	0,83	0,92	0,22	0,42
	Conflito	1,58	1,27	2,11	1,21	0,88	1,16	0,11	0,33

### Comparação da Hierarquia entre a Situação Típica e a de Conflito na Perspectiva do Pai

A Figura 25 apresenta a média da hierarquia entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, comparando os resultados obtidos na situação típica com a de conflito, conforme a perspectiva do pai. Não foi encontrada diferença significativa na média da hierarquia entre as díades nas situações típica e na de conflito na percepção do pai.

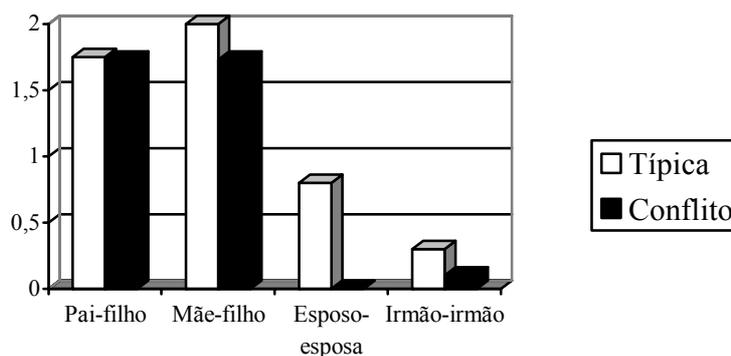


Figura 25. Comparação da hierarquia entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva do pai.

### Comparação da Hierarquia entre a Situação Típica e a de Conflito na Perspectiva da Mãe

A Figura 26 apresenta a média da hierarquia entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, comparando os resultados obtidos na situação típica com a de conflito, conforme a perspectiva da mãe. Não foi encontrada diferença significativa na média da hierarquia entre as díades nas situações típica e na de conflito na percepção da mãe.

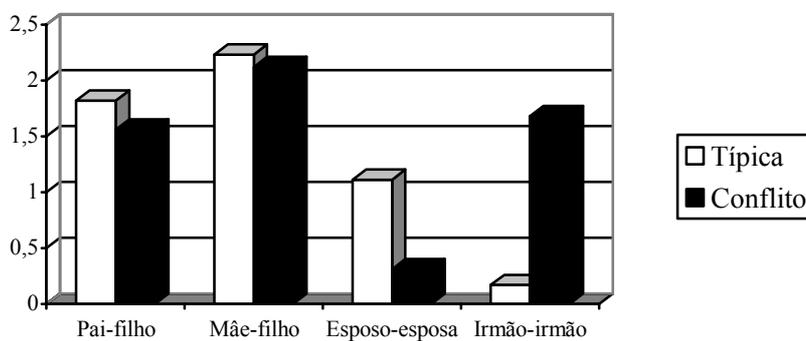


Figura 26. Comparação da hierarquia entre situação típica e de conflito por díades na perspectiva da mãe.

### **Comparação da Hierarquia entre a Situação Típica e a de Conflito na Perspectiva do Filho**

Não foi encontrada diferença significativa na média da hierarquia entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, comparando os resultados obtidos na situação típica com a de conflito, conforme a perspectiva do filho. Há uma tendência da hierarquia na díade esposo-esposa na situação típica ser superior a situação de conflito ( $Z = -1,78, p = 0,07$ ). Então, o filho pode perceber que não há distinção entre o poder decisório e de controle da situação de conflito, pelo fato da violência conjugal ser bilateral, isto é, o pai e a mãe são agressor e vítimas desta violência.

### **Comparação da Hierarquia entre a Situação Típica e a de Conflito na Perspectiva do Agressor**

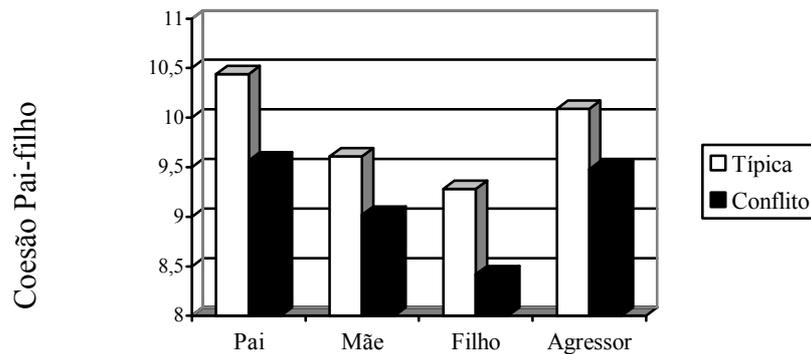
Não foi encontrada diferença significativa na média da hierarquia entre as díades pai-filho, mãe-filho, esposo-esposa e irmão-irmão, comparando os resultados obtidos na situação típica com a de conflito, conforme a perspectiva do agressor.

### **4.2.3 Comparação entre Perspectivas Individuais sobre Coesão e Hierarquia na Situação Típica e de Conflito**

Neste tópico são apresentadas as comparações entre as perspectivas do pai, da mãe, do filho e do agressor sobre a média da coesão e da hierarquia na díade pai-filho e mãe-filho na situação típica e de conflito. Os resultados foram obtidos através do Teste Wilcoxon, que compara as variáveis, isto é, a perspectiva do pai, da mãe, do filho e do agressor. Primeiramente, serão apresentadas as comparações entre perspectivas sobre a díade pai-filho e, posteriormente, sobre a díade mãe-filho.

#### **Comparação das Perspectivas Individuais sobre a Coesão Pai-Filho**

A Figura 27 apresenta a comparação entre as perspectivas do pai, mãe, filho e agressor sobre a coesão na díade pai-filho da situação típica e de conflito.

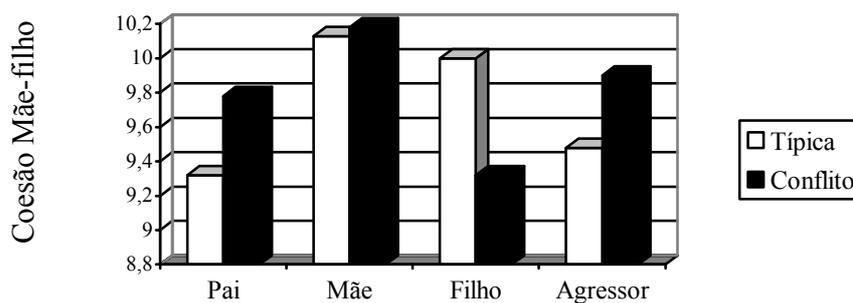


*Figura 27.* Comparação entre as perspectivas sobre a coesão na situação típica e de conflito na díade pai-filho.

Foi encontrada diferença significativa entre as perspectivas do pai, da mãe, do filho e do agressor sobre a coesão na situação típica e de conflito. Na visão do filho, a coesão na díade pai-filho é significativamente inferior à visão do pai ( $Z = -2,172$ ,  $p < 0,01$ ). Na percepção do agressor, a coesão na díade pai-filho é significativamente superior a do filho ( $Z = -2,010$ ,  $p < 0,05$ ). Então, o filho percebe-se mais distante emocionalmente do pai e, este, não percebe sua relação com o filho da mesma forma. Esta discrepância entre as perspectivas revela que o pai valoriza ou idealiza sua relação com o filho ou o filho pode minimizar seu sentimento de intimidade emocional com o pai, pelo fato deste ser agressor em muitas destas famílias. Já o agressor, mostra ter visão idealizada da interação pai-filho ou visão naturalizada da violência. Ao representar a díade parental coesiva, parece se eximir ou negar a condição de agressor no microsistema familiar e as conseqüências negativas para o desenvolvimento de seus filhos.

### **Comparação das Perspectivas Individuais sobre a Coesão Mãe-Filho**

A Figura 28 apresenta a comparação sobre a coesão da situação típica e de conflito na díade mãe-filho, nas perspectivas do pai, mãe, filho e agressor.

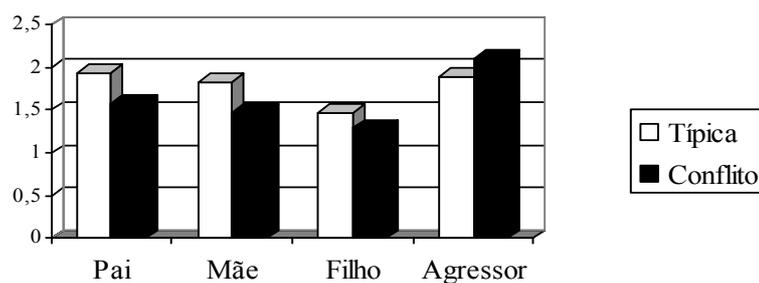


*Figura 28.* Comparação entre as perspectivas sobre a coesão da situação típica e de conflito na díade mãe-filho.

Não foi encontrada diferença significativa entre as perspectivas do pai, da mãe, do filho e do agressor sobre a coesão na díade mãe-filho na situação típica e de conflito. No entanto, foi encontrada uma tendência do filho em representar a coesão entre mãe-filho inferior à visão da mãe sobre esta díade na situação de conflito ( $Z= -1,78, p=0,06$ ). Este resultado revela a divergência entre as perspectivas da mãe e do filho. De acordo com Gehring e Marti (no prelo), as crianças de famílias não-abusivas percebem a díade mãe-filho menos coesa do que seus pais, provavelmente por que são alvos constantes dos atritos diários relacionados às exigências impostas pela mãe, isto é, a execução de tarefas domésticas ou escolares, por exemplo. Observa-se na Figura 4.18 que o pai, a mãe e o agressor representam maior coesão na situação de conflito do que na típica, podendo sugerir uma distorção da visão destes sobre as interações no microsistema familiar.

### **Comparação das Perspectivas Individuais sobre a Hierarquia Pai-Filho**

A Figura 29 apresenta a comparação entre as perspectivas do pai, mãe, filho e agressor sobre a hierarquia na díade pai-filho na situação típica e de conflito.

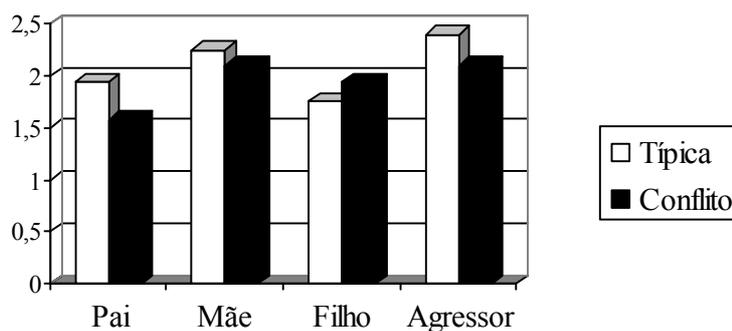


*Figura 29.* Comparação entre as perspectivas sobre a hierarquia da situação típica e de conflito na díade pai-filho.

Não foi encontrada diferença significativa entre as perspectivas sobre a díade pai-filho. Observa-se na Figura 29, que o agressor representa a hierarquia na situação de conflito superior a situação típica e as demais perspectivas. Isto pode evidenciar a necessidade do agressor em manter o poder centralizado na figura paterna.

#### **Comparação das Perspectivas Individuais sobre Hierarquia Mãe-Filho**

A Figura 30 apresenta a comparação entre as perspectivas do pai, mãe, filho e agressor sobre a hierarquia na díade mãe-filho, na situação típica e de conflito. Não foi encontrada diferença significativa entre as perspectivas sobre a hierarquia na díade mãe-filho.



*Figura 30.* Comparação entre as perspectivas sobre a hierarquia na situação típica e de conflito na díade mãe-filho.

### 4.3 Síntese dos Resultados

A importância da coesão no microsistema familiar reside no sentimento de pertencimento e de apoio e evidencia a intimidade emocional entre seus membros. A hierarquia reflete o domínio e a influência dos familiares entre si. Especificamente, neste estudo, a hierarquia é avaliada em termos de seus resultados, isto é, quem toma a decisão sobre os episódios que exigem um posicionamento. Assim, o sistema familiar se reorganiza em função destas decisões. De acordo com Gehring e Marti (no prelo), o pai, a mãe e o filho podem perceber distintamente seus relacionamentos, em função de seus respectivos papéis, experiências e investimento neste microsistema. Geralmente, o pai e a mãe têm similar perspectiva sobre a coesão e a hierarquia. No entanto, neste estudo, foram identificadas diferentes perspectivas entre o pai, a mãe, o filho e o agressor e esta diversidade pode revelar a ausência de reciprocidade e de unidade, que caracteriza o bom funcionamento do sistema familiar.

Nota-se que o pai e a mãe divergem em suas percepções em relação às díades parentais nas quais estão envolvidos. O pai acredita que possui uma relação altamente coesiva com seu filho e atribui à díade mãe-filho uma menor coesão. A mãe, por sua vez, percebe-se mais coesa com o filho do que a díade pai-filho. Parece que ambos os pais necessitam passar uma imagem de amigos dos filhos, ou acreditam estarem próximos emocionalmente dos mesmos, assim, assumem o papel de “bom”, “participante”, “amigo” .

Ao mesmo tempo, atribuem ao(a) esposo(a), o papel de “distante”. Além disso, o agressor (que é o pai ou a mãe) não percebe diferença significativa na coesão entre as díades e entre as situações. Parece que o agressor nega sua condição de abusador físico ou minimiza o conflito existente, tornando o sistema familiar mais vulnerável à perpetuação da violência.

Em relação à hierarquia, observa-se maior atribuição hierárquica à mãe no sistema familiar. Portanto, é evidenciado o papel importante assumido pelas mulheres neste microsistema. Este resultado difere ao apresentado por Gehring e Marti (no prelo) com pesquisas sobre o FAST em amostra não-clínica, que representam, de um modo geral, o pai com maior poder decisório, talvez como resquício do patriarcado vivenciado na história familiar por muitos séculos.

## CAPÍTULO V

### ESTUDO III

Este estudo apresenta três casos de violência intrafamiliar caracterizado pelo abuso físico dos pais para com os filhos. As famílias foco destes estudos foram selecionadas por escolha forçada. O principal agente determinante desta escolha foi o papel da violência estabelecida nas interações no microsistema familiar. No primeiro caso, a violência é uma forma de interação, substituindo o afeto amoroso. Nesta família, o pai e a mãe são identificados como abusadores físicos. No segundo caso, a violência é uma tentativa de manter o controle sobre as relações familiares e o protagonista principal do abusado físico é o pai. No terceiro caso, a violência é decorrente do descontrole emocional e a agressora é mãe.

#### 5.1 Estudo de Caso I

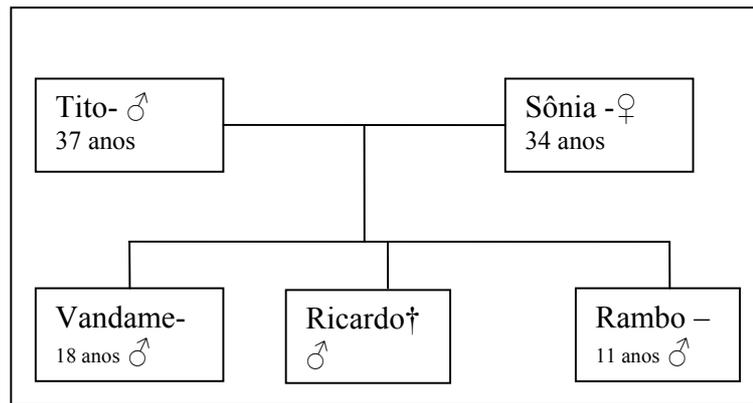
##### 5.1.1 Dados Bioecológicos

Nesta família, a violência substitui o afeto amoroso e as interações são marcadas por agressões corporais utilizadas de forma natural no microsistema familiar. Caracteriza-se pela reprodução de um modelo relacional pautado pela violência por parte de todos os seus membros.

A família Peres<sup>1</sup> é formada pelo pai, Tito, 37 anos, a mãe Sônia, 34 anos e dois filhos advindos desta relação, Vandame, 18 anos e Rambo, 11 anos. Esses nomes são fictícios para preservar a identidade da família. No entanto, foram escolhidos nomes similares aos verdadeiros dos filhos, que prestigiam atores de filmes norte-americanos de ação e violência, conhecidos mundialmente pela imagem de força física e brutalidade.

---

*Nota. Peres<sup>1</sup>:* Os nomes das famílias e de seus membros neste estudo são fictícios a fim de preservar a identidade dos mesmos.



*Figura 31.* Genograma da família Peres.

A aparência física dos pais e de Rambo mostra certa homogenia na forma de se vestirem, se comportarem e na constituição física. Todos usam calças compridas largas, camisetas, jaquetas ou coletes (simulando coletes salva-vidas) e tênis, inclusive a mãe, que parece masculinizada com este tipo de indumentária. O pai, na entrevista, usava calças de camuflagem militar. A mãe usa cabelos curtos e a única referência feminina eram os olhos maquilados com delineador. Os membros desta família falam em tom de voz alto e gesticulam com movimentos bruscos, principalmente os pais. Em relação à constituição física, o casal está com sobrepeso e Rambo é obeso. Rambo é um menino que aparenta ter 15 anos, mas tem 11. O menino responde, quando questionado sobre sua idade, ter 16. Os pais também aparentam ter mais idade. São de etnia branca e o casal está junto há vinte anos.

### **5.1.2 Inserção Ecológica das Pesquisadoras**

As informações para elaboração deste estudo de caso são advindas da inserção ecológica no hospital onde a família Peres participava do processo diagnóstico para inclusão na terapia familiar. Os pais e Rambo participaram da coleta de dados da pesquisa. Vandame foi convidado, mas não compareceu ao horário marcado. Os dados foram coletados no hospital. Não houve a inserção na residência da família, em função de um plausível risco de vida para as pesquisadoras frente às informações obtidas nas entrevistas. Foram analisados os dados da entrevista semi-estruturada com a família (pais e Rambo), os resultados da aplicação e da entrevista de acompanhamento do FAST, ocorrida individualmente com o pai, a mãe e Rambo. Além destas, foram registradas para a análise ecológica, as informações obtidas na reunião entre a equipe do ambulatório de violência e os representantes da escola do filho (diretora e professora) e das reuniões semanais da equipe do Ambulatório de Violência para

discussão e estudo dos casos. Também foram incluídas as informações obtidas no encontro para devolução dos resultados da pesquisa aos pais e à equipe do hospital.

Rambo foi encaminhado com ordem judicial pela Promotoria da Infância e Juventude para realizar tratamento psicológico. A família anteriormente participou de algumas sessões dos grupos multifamiliares de maus tratos, nos anos de 2000 e 2001 no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, encaminhada pelo Conselho Tutelar. Abandonou o tratamento sem justificativa após duas sessões. O motivo do encaminhamento atual foi uma denúncia da escola ao Conselho Tutelar sobre o comportamento agressivo de Rambo naquele ambiente. Tito informa que fez um “acordo” com o juiz, isto é, participaria de alguns encontros, sem a interferência do CT e não se comprometia na continuidade do tratamento do filho. Então, a família participou do psicodiagnóstico, que envolvia a coleta de dados para esta pesquisa. Na entrevista inicial, a equipe do Ambulatório de Violência do HMIPV, constatou que a situação familiar contribuía para o comportamento de Rambo, e assim, decidiu iniciar um acompanhamento psicológico individual com o menino e terapia de casal com os pais. O pai pareceu resistente ao tratamento e acrescentou: - *“Eu, por mim, não ia procurar ajuda nenhuma, simplesmente a escola que tá sempre xaropeando, aí a gente tá vindo e, na moral, não tenho nem tempo pra isso!”*.

### **5.1.3 Ambientes Ecológicos da Família Peres**

A família Peres, segundo seu relato, mora em uma casa de dois pisos com dez cômodos, incluindo garagem e sacada, com conforto e bens materiais, como eletrodomésticos e móveis. Relatam que: - *“Cada cômodo da casa tem uma televisão”*. A casa está situada em uma vila dentro de um bairro de nível sócio-econômico baixo na zona norte de Porto Alegre. Segundo os pais, a casa se destaca das demais da vizinhança, pois fizeram diversas reformas e ampliações. Possuem carro e celular. De acordo com Sônia: - *“Tem sala até que a gente não usa, mas tem que limpar, tem sacada que dá pra jogar bola, mas tem que limpar!”*, referindo-se ao trabalho relativo à manutenção e ao cuidado que a casa lhe exige.

Em relação ao trabalho, o casal desempenha a mesma atividade profissional. Segundo os mesmos, são vendedores ambulantes de vale-transporte no centro de Porto Alegre há mais de dez anos. Segundo Tito: - *“Eu sou vendedor ambulante, mas tá escrito aí pedreiro”*, referindo-se a ficha hospitalar. O pai revelou possuir uma empresa na área de reformas e construção civil, que funciona como *“fachada para seus negócios”*. No processo de coleta de dados, Tito estava articulando a concessão e implantação de uma rádio comunitária e sua

candidatura para o cargo de vereador no município, como: - *“Segunda-feira tive no XXX (Sigla de um partido político) ali pra me afiliar, pra ir pra vereador. Não se entendemos muito, tem que botar dinheiro, já não fechou. Então essa semana, tem que telefonar pro X (nome de um deputado federal), né? Vamos ver se nos entendemos. Duas eleições passadas ele tinha falado comigo, que é pra eu entrar na política”*. Segundo informação da diretora da escola e da professora de Rambo, os pais são conhecidos na comunidade como traficantes de drogas. Cabe ressaltar que a venda de vale transporte é uma ação ilícita, pois a maioria destes vales é furtada da empresa que fabrica o produto ou de transportadoras, e revendida diretamente para o usuário. O pai falou que seu negócio está *“até na Internet”*. O filho Vandame não trabalha e, segundo a família, por ser usuário de drogas, realiza assaltos na rua ou vende os objetos de casa para adquiri-las.

A renda familiar informada no início do processo da pesquisa e na ficha hospitalar foi de R\$ 600,00 por mês. No entanto, durante a entrevista, o pai revelou que chegam a obter cerca de R\$ 4.000,00: - *“A renda que eu boto no papel, eu boto 600, mas na moral mesmo, se eu for botar os pinguinhos nos is, dá uns quatro mil, ganho mais do que muita doutorazinha aí”*. No final da entrevista, Tito tenta justificar que vive com os seiscentos reais e que o restante do dinheiro dá para outras pessoas: - *“O que fica dentro de casa, acho que não fica R\$ 600,00. O cara chega ali e diz: eu preciso de dez pila. Toma, vai! O que eu puder ajudar, eu ajudo”*.

O pai estudou até a quinta série do ensino fundamental e a mãe é analfabeta. Vandame parou de estudar na quinta série e Rambo cursa a turma de progressão (ciclo AB), que equivale ao pré-primário, primeira e segunda série do ensino fundamental, em uma escola pública. Para Tito: - *“Minha esposa ficou sete anos na primeira série e não deu nada. Eu, com a quinta série, sou o maior vendedor de vale, dentro de Porto Alegre. Então não precisa de estudo /.../ ter segundo grau pra varrer rua, não entendo isso!”*. Sônia demonstrou o desejo de retornar aos estudos, mas Tito é contrário a esta iniciativa.

Freqüentam eventualmente a Igreja Universal e alegam que suas vidas *“fermentaram”* com esta adesão, isto é, conquistaram uma estabilidade financeira e bens materiais. Segundo Tito: - *“A gente vai lá (Igreja Universal) de vez em quando, mas não tem muita intimidade com o pastor”*. Também informaram não possuir qualquer tipo de vinculação com outros membros desta igreja.

Em relação à comunidade, comentaram que há tráfico de drogas. Para o pai: - *“Como em todos os lugares, é um leva e trás entre as vilas”* e assaltos, principalmente

“*encomendados*”, isto é, os assaltantes sabem quem, quando e o quê roubar e as vítimas sabem quem executou o crime. Tito enfatiza sua popularidade na comunidade: - “*No bairro praticamente todos me conhecem*”. Falou sobre seu desejo de auxiliar a comunidade através de ações sociais, como auxiliar os outros com dinheiro, montar uma escolinha de futebol e a implantação da rádio, que lhe trará retorno financeiro e, então, poderá aplicá-lo na própria comunidade.

Em relação às amizades extrafamiliares, a família se intitulou “*meio recuados*”. Informam que não tem amigos e são desconfiados em suas relações, pois qualquer pessoa pode “*apunhalar pelas costas*”. Não se relacionam com parentes e raramente os visitam no interior.

#### **5.1.4 História da Família Peres**

O casal se conheceu na casa de vizinhos, quando Tito tinha 16 anos e Sônia, 14. Ele a ensinou a jogar cartas. Sônia revelou que: - “*Quando ele veio me ensinar a jogar pife, eu comecei a tremer e não parava nunca de tremer. Daí ele falou: - ‘Não, não vou te morder’ e eu não falava nada, só ficava tremendo*”. Então começaram a se conhecer e a namorar, contra a vontade da mãe de Sônia. Após alguns meses, foram morar juntos em outro estado, longe da família, mas por questões financeiras tiveram que retornar e morar nos fundos da casa da mãe de Sônia no interior do Rio Grande do Sul. Sônia engravidou e nasceu Vandame. Sônia contou sobre o seu desconhecimento do que era uma gravidez e acrescentou: - “*Nós éramos como duas crianças, eu disse: tô com enjoô, ele dizia que era algo que eu comi*”. Já estava com dois meses de gestação quando fez os exames e obteve a confirmação. Sua maior preocupação era: - “*Aí, e agora? Como é que vou dizer pra minha mãe, ela vai me bater!*”.

Sônia revelou que sua mãe sempre lhe batia, mesmo depois de casada: - “*Às vezes, não tinha motivo nenhum, ela ficava louca da cabeça e me batia*”. Justificou estas ações como: - “*Foi a criação dela, meu avô ensinou ela assim*”. Sônia comentou sobre o fato da mãe utilizar arame farpado, fincando-o na cabeça. Também revelou o homicídio de seu pai provocado por sua mãe, sem abordar detalhadamente o acontecimento. Apenas comentou que foi sem motivo aparente e que o pai “*encheu o saco*”. Também falou que a mãe ficou durante três meses presa e que “*não deu em nada*” o processo judicial.

Tito comentou que não teve pai e descreveu sua mãe como uma pessoa comunicativa. Quanto à forma como é tratado pela mãe, acrescentou que nas famílias que vivem em cidades interioranas, a agressão física é uma prática aceita e, segundo o mesmo, faz com que os filhos

respeitem os pais, justificou: - *“Lá no interior não é problema se sempre bateu (pais). O problema é que quando eles (pais) acham que gente tá errado, né? Pelo menos as pessoas não erram muito que nem agora. Quando eles desconfiam que o troço não tá sendo aquilo que tem que ser, eles puxam a orelha mesmo. Tem que baixar a lei, tem que baixar. Se não derem com pedaço de pau, dão com facão. Se não der com facão, no caso o pai, né, quem tem. Eu não tive pai, né, mas no caso /.../ quem tem pai, vem o cara com revólver, se o cara é meio corajoso, né, já arreia o pau. Nêgo véio com 36, 40 anos apanha. Então, eu até acho bonito isso aí, que, pelo menos, a pessoa respeita a família, né?”*.

Tito disse que, quando foram morar perto da sogra, houve muitas brigas entre eles e, então, o casal decidiu morar em Porto Alegre. No início, moravam em uma peça e passaram fome: - *“Nós não tinha nada na barriga, tava roncando de fome, cansei de bater de porta em porta por um pedaço de pão, tem gente que pegava e batia a porta na cara da gente, era horrível”* (Sônia). De acordo com Tito: - *“Nós viemos da cinza e, graças a Deus, tudo que eu tô adquirindo, tudo é na base de trabalho”*. Aos 20 anos, Sônia engravidou pela segunda vez de um menino, mas a criança teve infecção generalizada e faleceu quando tinha aproximadamente um ano. Então, como desejava uma filha, tentou engravidar novamente, e assim, nasceu o Rambo: - *“Quando o Rambo veio, nós já estávamos com a nossa vida bem”*.

A família tem como rotina tomar chimarrão ao levantarem pela manhã. O pai sai para realizar seus negócios e a mãe fica em casa. Ele permanece durante o dia em seu escritório, onde se localiza a empresa na área de construção civil. O casal forneceu informações confusas a respeito de seus horários de trabalho. Parece que Tito e Sônia se encontram no centro em torno das 16h. Como vendedores ambulantes trabalham das 16h às 21h. Tito afirmou que nos dias que não trabalham, não ganham nada. Rambo acorda ao meio-dia, almoça e vai pra escola. Retorna pelas 15h30 minutos e assiste aos programas na televisão até às 4 horas da manhã, inclusive vê filmes pornográficos e de violência. A mãe espera Rambo chegar em casa para sair. Teme que, se não houver alguém em casa para impedir, Vandame possa saquear a mesma. Então, Rambo tem a função de proteger os bens da família contra os abusos e furtos do irmão. Vandame não tem horários para sair ou chegar em casa e geralmente passa a noite fora. Ultimamente estava impedido de entrar na casa e dormia na rua. Foi mordido por ratos e apresentava desnutrição e diversos hematomas e escoriações.

Tito leva eventualmente Rambo no bar para jogar sinuca. Aos sábados, o pai sai para trabalhar e a mãe fica limpando a casa. Aos domingos, saem para almoçar em restaurantes e, quando estão em casa, cada familiar permanece em um cômodo assistindo à televisão.

Inclusive cada um realiza suas refeições individualmente diante “*da sua televisão*”. Sônia comentou na frente de Rambo, e este confirmou sua observação de que o menino sente falta de um contato mais próximo com o pai: - “*Antigamente, ele (Tito) pegava o guri e saía pra jogar bola, com os dois (Rambo e Vandame) ia comprar uns tênis, comprava tênis feio, ou iam ao bar tomar refri, tendo refri em casa*”. A mãe menciona não usufruir os momentos de lazer com a família ou com o marido.

### **5.1.5 Processo Proximal: Violência Intrafamiliar**

Não há informação precisa de quando a violência começou nesta família, no entanto, Tito revelou que sofreu a primeira intervenção do Conselho Tutelar por uma denúncia da tia de Sônia, quando Vandame tinha oito anos. Tito falou: - “*Porque ela disse: - ‘O fulano tá batendo no filho dele, não pode’. Eu não sei, não entendo isso aí, se o pai e a mãe que dão comida pros filhos, não podem bater? Não existe isso!*”. Tito acrescentou que o filho obedecia às suas ordens, pois sabia que, se não o fizesse, receberia uma punição corporal: - “*Meu portão na época não era chaveado, simplesmente eu ia pro trabalho de manhã, saía às seis da manhã e voltava às oito da noite. Eu perguntava pro Vandame: Botou o pé pra fora? Se botasse, a lenha comia, aí o Conselho se meteu e estragou*”. A mãe informou: - “*Vandame era um menino calmo, ele não saía de dentro do quarto e não quis mais ir à escola. Chamamos o Conselho Tutelar, mas eles não tomavam nenhuma atitude*”. A escola informou que Vandame era um bom aluno até os 14 anos, quando abandonou os estudos.

Vandame esteve internado em um local de recuperação para tratamento da drogadição, sem resultados de melhoria, e interno duas vezes na Fundação do Bem-Estar do Menor (FEBEM), permanecendo cerca de dois anos. Os pais revelam que: - “*Ele rouba, ele cheira, ele fuma, não podemos bater mais, porque o Conselho se meteu*”. Vandame não quis se apresentar para o serviço militar, e, segundo a família, não tem carteira de identidade e comprovante de pessoa física (CPF). O pai comentou: - “*Nesses dias pegaram ele com um revólver 44, não sei o quê, mas só processaram*”. A mãe relatou que tranca todas as portas dos quartos para evitar que o filho entre, mesmo assim, ele consegue furtar objetos: - “*E o guri me levou o cobertor térmico, muito bonito, daí ele pegou, entrou no meu quarto, que é chaveado, pela sacada e roubou uma cortina. Pra mim é roubar. Tirou meus travesseiros, tem aquele travesseiro bonito, né, tirou os travesseiro de dentro, levou as colchas e os travesseirinhos, as capinhas, pra vender. Eu disse pra ele ontem: ‘- Eu quero meu cobertor, meu cobertor térmico e a minha colcha’; ele respondeu: ‘- É, mas eu vou te trazer hoje’, eu disse: - ‘Eu*

*quero agora, e se tu não trazer vou te botar na cadeia*". Sônia diz que não compreende a atitude de Vandame: - *"Ele só sabe dizer que ninguém entende ele. Ah, esses dias eu falei 'Como ninguém te entende, rapaz? Tu em vez de chegar e explicar: oh, pai, oh, mãe, tal coisa, tal coisa, assim, assim comigo, mas ele não fala o que tá acontecendo com ele. Se tu chegar assim 'Oh, mãe, vamos sentar e vamos conversar, eu tô precisando de ajuda'.* Como uma vez ele chegou e disse pra mim: - *"Mãe, preciso de ajuda, quero que tu me ajude, me interne". Foi o que eu corri, internei ele, tudo, quem botou na FEBEM foi o amigo dele, eu botei numa fazenda. A gente, eu e o irmão dele, fomos olhar ele, nunca deixamos, nunca abandonemos ele. Eu assisti curso, o irmão dele assistiu o cursinho também, né. Pegava o ônibus, ia lá em Viamão, né. Uma vez eu fui pra lá sozinha e me perdi, tive que pegar um táxi, nem o táxi não conhecia aquilo lá, me fui, gastei, mas nunca abandonei ele. Nunca. Foi pra FEBEM também a mesma coisa".* O pai, por sua vez, acredita que: - *"Vandame tá nas drogas porque ele quer, nós não botamos ele lá. É uma coisa que nós não temos nada a ver"*.

Os pais acusam repetidamente o Conselho Tutelar de ter ocasionado a atual situação de Vandame, principalmente em relação às drogas. O fato do CT não deixá-los bater no adolescente ou de impedi-los de trancar Vandame em casa, na visão do casal, desencadeou a situação de delinquência do filho. Várias vezes o pai repetiu na entrevista: - *"Conselho se meteu e estragou a vida do filho"* e - *"No momento que tem Conselho, os filhos não respeitam nem pai, nem mãe, ninguém é de ninguém"*. A relação entre os pais e Vandame é marcada por discussões e acusações constantes, até na atualidade.

Em relação a Rambo, os pais receberam a primeira queixa sobre o comportamento agressivo na escola, quando este estava no Jardim de Infância. O Conselho Tutelar foi acionado e acompanha o caso desde aquela época. O menino acorda ao meio-dia, almoça e vai pra escola. Frequenta-a no turno da tarde e permanece até o horário de recreio, sendo diariamente dispensado pela professora. O motivo alegado pela professora da escola é que: - *"Ele se torna incontrolável, não tem limites, não aceita opiniões, ameaça e bate nos colegas, não presta atenção nas aulas, não obedece à professora, não realiza as atividades propostas e assedia sexualmente as meninas"*. Houve um episódio em que Rambo deu um soco em uma professora. A diretora queixa-se que ele constantemente leva uma faca para a escola. Segundo sua professora: - *"Rambo tornou-se um mito. Todos têm medo dele"*. A professora disse que a mãe bate (tapas no rosto e na boca) em Rambo na frente de todos, quando este tenta falar algo. Rambo contou que seus colegas o chamam de *"gardenal"* e que se alguém o ofende ou à sua família ele já parte *"pra porrada"*. A mãe revelou que obriga Rambo a tomar água de melissa,

depois do almoço, para que ele fique mais tranqüilo. Rambo acha que o “remédio” só faz efeito até o intervalo da aula, por isso não consegue se controlar. Há um impasse em relação à permanência de Rambo na escola, tanto a diretoria, os pais dos demais alunos e Rambo desejam a troca de escola, mas os pais são incisivos em mantê-lo. O pai disse: - “*Os incomodados que saem*”. Rambo comentou: - “*Eles (colegas) me chateiam muito. Agora, tô até parando com as brigas. Eu peço pra eles (pais) me tirar do colégio pra botar em outro, mas não, vai terminar até o fim*”, e: - “*Estudar naquele colégio não vale nem a pena, estudar em outro acho que até vai valer, ali eles mexem muito comigo*”.

Os pais não concordam com o comportamento agressivo descrito e defendem Rambo das acusações realizadas pela escola. Comentam: - “*Muitas coisas que eles falam na escola, eu não entendo, tchê! Que em casa ele não faz nada disto, dizem que na escola ele bate nos outros, pega pelo pescoço, eu não acredito nisto. Em reunião na escola, disseram que o problema de Rambo era em função do irmão mais velho. Eu disse que pra mim não é, mas eles dizem que é*” (Tito). A mãe defendeu: - “*Dizem que levou uma faca, mas não tem faca nenhuma, a única coisa que ele leva é a tesoura, todas as crianças levam tesoura pra cortar papel*”. Segundo informações da professora da escola e do prontuário, Rambo repete várias vezes que: - “*Eu não sei porque eu nasci, só para obedecer aos outros e apanhar*”. Durante o atendimento psicológico, Rambo colocou um brinco e mencionou que seu pai ameaçou “*arrancar sua orelha*” se não o tirasse, pois, para Tito “*aquilo era coisa de bicha e de boiola*”.

A relação entre os pais e Rambo, segundo a percepção dos pais, é muito boa. Para os pais: - “*Rambo é uma criança calma, é prestativo, até auxilia a mãe que está com o braço quebrado*”. Eles conversam sobre tudo com o menino, pois: - “*Ele é nosso companheiro*” (Tito), e a mãe completou: - “*O único companheiro aqui é ele*”, e “*-Tudo o que ele quer a gente dá pra ele*”. O pai disse: - “*Ele é meio rebeldezinho, que isto eu sei, porque eu ensinei a ele assim desde pequeno*”. Em casa, Rambo tem que seguir as determinações dos pais, sem questionar, de acordo com o pai: - “*O Rambo é assim, eu grito com ele e ele chega a ficar tremendo*”. A mãe observou que: - “*E o guri não pode chorar!*”. Isto evidencia que o menino não pode demonstrar seus sentimentos de dor quando submetido à agressão física. Sônia comentou que Tito bate nos filhos: - “*Tu não viu o nariz dele (Rambo)? Tem uma marca. Ele machuca o Rambo, ele corta, não quer saber se cortou ou matou o filho. Quando o guri cai no chão, ele pega e faz assim (pisa fortemente no chão) e chuta*”.

Sobre a criação dos filhos, consideraram que deve ser “*à moda antiga*”, isto é, da mesma forma que seus pais agiam em relação a eles, com rigidez e punição física. Para Tito: -

“Rígido é o pai e a mãe só olhar /.../Escreveu, leu, não, como é mesmo? Escreveu, não leu, o pau comeu. Não tinha churumela, não tinha este negócio do filho desobedecer. Os pais têm que bater com um pedaço de pau, ferro, o que tiver na mão”, e que: - “Sempre deixo um pedacinho de mangueira de bobeira, um caninho d’água, para bater nos filhos”. Tito revelou que os pais podem bater em qualquer parte do corpo, inclusive na cabeça. O objetivo principal é “machucar”, assim, segundo Tito, “a criança aprenderá que não deve repetir o comportamento”. Ainda ironizou quando questionado sobre as conseqüências deste tipo de abuso físico, como um traumatismo craniano: - “Se fosse por causa disso, ela (Sônia) tinha um traumatismo craniano e eu também (risadas)”. Assim, reafirmou as punições físicas sofridas quando criança e sua crença de que não causa seqüelas físicas. Segundo Rambo, o pai dá soco em qualquer lugar do corpo e sobra até para os cães: - “O meu cachorro também apanha, na coluna, pega até pau, se eu incomodo muito, ele pode pegar até esta mesa e jogar em mim”. O pai desautoriza constantemente as ordens da mãe, por exemplo, a mãe castigou Rambo restringindo-o de assistir à televisão e o pai perguntou: - “Porque você não está vendo televisão?”. Rambo respondeu: - “A mãe disse que eu tô de castigo!”. E o pai retrucou: - “Então pode ligar, porque eu tô mandando!”.

Sônia e Tito falaram sobre suas diferenças no comportamento punitivo e na forma de manifestar sua agressividade. Para Tito, a mãe vive dando tapas e empurrões nos filhos, por outro lado, ele bate uma só vez: - “Mas é para aprender!”. Sônia percebeu que quando está irritada com alguém, procura “descarregar” na pessoa que lhe causou este sentimento. Já o marido, “explode” com ela e os filhos. Segundo Sônia: - “Ele tá com raiva, se ele brigou com alguém, ele não pode fazer nada nas pessoas, sei lá eu. Eu não, seu eu brigar assim, eu pego um pedaço de pau, meto-lhe a boca, xingo, descarrego naquela pessoa mesmo. Ele não, se tu for falar alguma coisa pra ele, é fácil de ver, ele descarrega em mim e nos guris. Ele descarrega na gente, daí ele pega um pedaço de pau e ele finca. Ele não vê, ele acha assim que família pra ele não é família, é tipo um bicho, sabe? Às vezes, tem coisa que acontece comigo, eu trabalho num lado e ele trabalha no outro, tem coisa que acontece comigo, eu não falo pra ele. Eu brigo lá, como há poucos dias eu tava de muleta, o cara tentou me assaltar, tava ruim das pernas, não podia caminhar, mas tava boa dos braços. Peguei e pulei no cara aqui assim. ‘Aqui tu não vai assaltar ninguém’. Todo mundo sabe como é que eu sou, né? Tava de muleta, tava com pontos nas pernas. Eu fui lá e peguei o cara”. No entanto, Tito contra-argumentou esta afirmativa, dizendo que: - “Eu não explodo com ninguém. Eu sou daquele tempo ainda que o marido é quem manda dentro de casa, entendeu? Se é pra tal

*coisa, não vai fazer, não deve fazer. Que nem eu cheguei em casa ‘Essa cadeira vai ficar ali’, tem que ficar ali, se tirar 10cm da cadeira de lugar, o bicho pega. Meu lance é assim, não é de brigar. Porque eu não tenho mais que brigar com ninguém, eu não brigo com ninguém. Porque pra começar, eu trabalho esse tempo no centro, e briga não tive com ninguém”*. O pai intitula-se o “xerife” da casa: - *“Sim, o xerife da casa sou eu. Às vezes, faço as brigas também, como eu termino, já começo também”*.

Na relação entre irmãos, Rambo sempre conversa com Vandame, com o objetivo de aproximar-se do irmão. De acordo com Sônia, ela sempre escuta o diálogo deles: - *“Bah, mano, sai da droga, os caras vão acabar te matando, eu não quero perder meu mano, tu sabe, eu não quero, sai das drogas”* e continua: - *“Tu sabe que a droga tá te matando, tá te destruindo, você tá te destruindo, tu vai destruir todo mundo com essas drogas. Pensa na mãe, não sei o quê’, daí eu fico só ouvindo”*. Vandame evita falar sobre este assunto, alegando: - *“É que vocês não me entendem”*. Há brigas constantes entre os irmãos, com pontapés e socos, por disputa de objetos. Na visão da família, este comportamento faz parte da interação. Para Tito, a maioria das brigas na família é entre os irmãos e para impedi-las, tem que interferir de alguma forma.

O casal praticamente não conversa entre si. As decisões são tomadas por Tito e quando Sônia tenta contestar, começam as agressões verbais e físicas. Para o casal, o principal motivo da violência conjugal é por questões financeiras. Já para Rambo, os motivos das brigas são diversos e, muitas vezes, não estão claros. O menino confirmou: - *“Basta o pai estar de mau humor”*, por exemplo. Os filhos buscam interferir na “pancadaria” do casal e acabam apanhando também. Sempre defendem a mãe e esta, defende-os. Rambo revelou que o irmão e ele pensam em: - *“Pegar o pai e deixá-lo no hospital, na próxima vez que agredir a mãe”*. Sônia afirmou que: - *“Parece uma casa de loucos, principalmente o Tito que bate em todos”*. Sônia revelou que “apanha calada” e não sabe porquê o marido bate nela. Disse que *“conta até três para não revidar e se controlar”*, porque sabe que *“se perder o controle, pode matá-lo”*. Comentou: - *“Um dia eu peguei o martelo e fui pra cima dele, ele levou na brincadeira e eu disse: - Tu vais para o jazigo e eu vou acabar enlouquecendo. Daí ele acalmou. O dia que ele levar, vai ser só uma vez”*, ameaçou a esposa. Revelou, também, que no início aceitava os carinhos do marido como forma de perdoá-lo pelas agressões, mas que agora, não quer nenhum tipo de intimidade entre eles. Rambo é testemunha da violência e a mãe comentou: - *“Rambo fica apavorado, ele vai pro quarto dele quando o pai bate em mim, ele me abraça e*

*começa a chorar*”. Também demonstrou sua vontade de se separar e voltar para o interior do estado. Tito não fez referência às brigas conjugais durante as entrevistas nas quais participou.

Os pais têm expectativas diferentes para os dois filhos. Em relação a Vandame, não demonstraram expectativa em relação ao futuro do filho. Julgam que não vale a pena investir em Vandame em função dele ser usuário de drogas. O pai comentou: - “*Vandame não vai ajudar nós em nada*”. A mãe falou que já ajudou várias vezes, mas que agora desistiu e que teme que ele seja morto. A esperança de Tito é que Rambo interrompa os estudos e se dedique à rádio comunitária e aos negócios do pai, sendo seu sucessor.

### **5.1.6 Indicadores de Risco**

Diversos indicadores de risco estão presentes nos sistemas ecológicos e influenciam nas interações desta família. Segundo Koller e De Antoni (2004) e Kashani e Allan (1998), um fator importante a ser analisado é a história anterior ou o ciclo de violência evidenciado nas relações transgeracionais ou intergeracionais. A presença de abuso físico na pessoa (eu ecológico) ou no microsistema familiar revela uma repetição de um modelo parental aprendido através do processo de modelação (Cecconello, De Antoni & Koller, 2003). Para Bandura (1997), a modelação é uma forma de aprendizado pela observação do comportamento do outro e implica elaboração de uma representação mental deste comportamento, o armazenamento na memória e sua reprodução posterior frente a uma experiência semelhante. O casal relatou os abusos físicos sofridos em suas famílias de origem, principalmente a severidade dos atos agressivos por parte da mãe de Sônia, que a agredia até com fios de arames farpados e a frequência com que eles ocorriam, mesmo quando já era adulta. O fato do homicídio do seu pai também é um indicador da violência no meio em que vivia. Sônia alegou que a sua mãe aprendeu com seu avô a agir desta maneira, então, em sua percepção, este comportamento é transmitido entre as gerações. Tito também falou com naturalidade sobre os pais exercerem seu controle sobre os filhos através da intimidação e força física. Assim, observa-se que Tito e Sônia repetem as ações agressivas vivenciadas em seus filhos, de forma consciente e a justificam, em algumas situações, como uma prática disciplinar, que gera temor e respeito para com seus genitores. Parece haver uma crença que o respeito se adquire por uma imposição, ao invés de ser conquistado pela admiração. Portanto, associam e confundem os sentimentos de medo ao de respeito. E buscam despertar estes sentimentos nos filhos como uma forma de se sentirem respeitados. Este fato torna-se risco para violência, à medida que as

gerações aprendem erroneamente esta distorção em relação aos sentimentos e absorvem esta crença.

Percebe-se, ainda, neste caso, que o risco da repetição de atos abusivos por parte dos pais, na relação pais-filhos, pode ser intensificado pela falta de *insight* sobre a severidade deste comportamento e de suas conseqüências negativas para o desenvolvimento saudável de seus filhos. Tito afirmou que não se importa com as seqüelas dos abusos físicos e que, por ter passado por esta experiência e estar vivo, o mesmo aconteceria com seus filhos. Assim, a aceitação passiva e incontestável sobre a agressividade para com os filhos, associada ao desconhecimento sobre os direitos humanos, pode impedir o rompimento deste padrão, perpetuando-o entre gerações.

Koller e De Antoni (2004) citam a aceitação cultural de posse sobre a criança e a mulher, a aceitação cultural da punição física e a naturalização ou banalização da violência, como fatores de risco em nível macrossistêmico relacionados à autopercepção da família. A aceitação cultural de posse sobre o filho e a esposa aparece nesta família através da auto-intitulação do pai como o “*xerife*” da casa e reforçado pela esposa que o chama de “*mandão*”. Isto pode acarretar em uma postura de arrogância, onipotência e machismo por parte de Tito. Segundo DeSouza, Baldwin e Rosa (2000), o machismo é um conjunto de condutas, constituídas, aprendidas e reforçadas culturalmente, que se relacionam às características e ao desempenho de papéis instituídos ao gênero masculino na cultura latina, e forma uma ideologia que promulga que é bom e até natural que os homens controlem o governo, as atividades públicas e a mulher. O pai acredita que o outro tem que ceder às suas vontades, portanto, o uso de atos agressivos serve para impor seu desejo e não ser questionado em suas atitudes. Ao se denominar o “*xerife*”, assume o poder de quem detém a liberdade ou o confinamento do outro, isto é, o poder de decidir sobre o outro. Então, o sistema familiar tem que funcionar da forma que ele determina. A esposa também se submete a esta crença, quando apanha “*calada*”. No entanto, Vandame faz um movimento de ruptura dessa posse, ao direcionar a sua vida para a contravenção, sem a permissão explícita dos pais. Por outro lado, reforça seu grau de dependência ao necessitar financeiramente dos mesmos. De certa forma, Tito o abandona emocionalmente e responsabiliza o CT (exossistema) pelo comportamento do filho, eximindo-se da sua participação e negando sua impotência frente a isto.

Há, também, nesta família, a aceitação cultural da punição física como forma de “corrigir” ou modificar os comportamentos indesejados por este sistema. É tão expressiva esta crença que os próprios membros não contestam estas atitudes. Fazem-no em qualquer

contexto, como no caso da mãe ao bater em Rambo na escola e, de qualquer forma, como informado por Tito, ao deixar à mão objetos que possa usar para bater.

A violência não é somente naturalizada ou banalizada por esta família, como também valorizada. Esta valorização pode vir da influência que tem a mídia sobre esta família. A mídia envolve programas veiculados na televisão, filmes, videogames e jogos eletrônicos, mídia impressa e clipes musicais. Para Porto (2002), a violência deve ser compreendida como um fenômeno plural, isto é, com múltiplas causas, sendo a mídia um dos fatores que colaboram para tal. Em sua pesquisa, que avalia se as pessoas são susceptíveis à influência da mídia, 86,1% dos respondentes concordaram que a mídia influencia na opinião pública, assim como 76,6% vêem que a mídia é um difusor da violência e que pode contribuir para o aumento da criminalidade.

Estudos atuais comprovam que há um aumento da agressividade em pessoas expostas a programas violentos na televisão (Batista, Fukahori & Haydu, 2004; Njaine & Minayo, 2004). Segundo Njaine e Minayo (2004), são três modelos teóricos que possibilitam a compreensão deste fenômeno: a Teoria da Aprendizagem Social, a Teoria dos Efeitos Preparatórios e o Modelo de *Script*. A teoria de aprendizagem social, preconizada por Bandura, alega que a criança imita o que vê na tela e incorpora estes padrões de comportamentos. Então, a agressão é aprendida na idade tenra e, à medida que a criança cresce, torna-se mais difícil mudar este comportamento. A teoria dos efeitos preparatórios enfatiza o papel das características do espectador, isto é, pessoas frustradas ou com raiva em seu ambiente estariam mais susceptíveis a assistirem cenas de violência e a reproduzirem em sua vida cotidiana. A teoria do *script* tem como referencial a cognição social. Aponta que o comportamento social é controlado por *scripts* (roteiros) oferecidos durante a infância e armazenados na memória, estes são usados durante o decorrer da vida como guias para o comportamento social e para resolução de conflitos. Como exemplos desta teoria, tem-se a identificação com determinado personagem e a convicção do realismo da violência na televisão.

Para Koller e De Antoni (2004) e Njaine e Minayo (2004), a violência promovida e exposta pela mídia pode levar à perda da sensibilidade ou dessensibilização frente a comportamentos destrutivos, isto é, a pessoa pode ficar indiferente ao assistir uma cena real de violência dirigida a outro ou ter uma atitude de omissão em relação à vítima. Este aspecto está relacionado às variáveis de saúde, sociais e ambientais em nível macrossistêmico. De acordo com o Guia Médico para Orientação sobre Violência na Mídia (1996, citado por Njaine e Minayo, 2004), são diversos os efeitos potenciais adversos à saúde, entre eles são citados:

aumento do componente violento, obesidade, insônia, diminuição do grau de atenção e da comunicação familiar, entre outros. Todos estes aspectos teóricos encontram consonância com o caso apresentado. Na família Peres, o fato dos filhos terem nomes de atores conhecidos pelos filmes de ação, com cenas de extrema violência, parece confirmar a influência da mídia sofrida neste microsistema. O pai sugere que os filhos nasceram e são criados para serem violentos e, principalmente, “*rebeldezinhas*”, isto é, confrontarem o sistema social vigente. Portanto, necessitam corresponder a este papel atribuído e, de certa forma, o fazem, como o comportamento de Vandame por roubar, ser usuário e traficante de drogas, não freqüentar a escola, portar ilegalmente uma arma, e Rambo, ao agredir colegas e professores.

Parece existir nesta família uma crença sobre a impunidade, isto é, de que não serão alvos de ações ou processos por seus atos. Talvez esta crença seja reforçada por aspectos culturais macrossistêmicos que associam a idéia de haver na sociedade um alto índice de criminalidade e insuficientes políticas públicas para solucionar este problema. Por exemplo, a família tem uma crença de que suas atividades profissionais são permitidas, embora ilícitas. A venda de vales transporte caracteriza-se como tráfico de mercadoria. Portanto, o casal e Vandame são contraventores. Os pais manifestam-se contra a atitude de Vandame, que rouba mercadorias na rua ou em casa, além de realizar o tráfico de drogas para saciar o desejo de consumo da mesma. No entanto, os pais revendem vales transporte que são adquiridos de forma duvidosa (ou criminoso) e são apontados como traficantes de drogas por membros da comunidade.

A manipulação de informações, como sobre a renda familiar, evidencia a necessidade de obterem ganhos secundários e podem impedir que suspeitas sobre suas atividades profissionais sejam levantadas. Os pais acreditam na impunidade em relação à violência familiar. A ordem judicial de encaminhamento deste caso foi direcionada ao tratamento psicológico da família. No entanto, o pai não acredita em sua eficácia, pois deixa claro que participa porque a “*escola está xaropeando*” e que só concordou em ir ao hospital por ter sido encaminhado pela Promotoria, sem interferência do CT. Também relatou ter abandonado anteriormente ao tratamento com grupos multifamiliares. Há, neste microsistema familiar, a valorização da violência e da transgressão e uma idéia de impunidade, o que leva a comentarem de forma natural, sem segredos ou pudores, sua existência no contexto familiar. Parece que a família não percebe a violência de forma negativa, como transgressão ou violação de direitos humanos. Por isso, a interferência do exossistema na família é vista com desprezo e desdém.

No macrosistema, encontra-se a cultura que promove a competitividade e a agressividade. Tito veste-se como um guerrilheiro e, provavelmente, sente-se como se fosse o próprio. A competitividade e a agressividade são características geralmente associadas ao estereótipo do gênero masculino. Parece existir uma crença nesta família de que a força e o poder estão relacionados à masculinidade. Todos se comportam, se vestem e se parecem fisicamente, provavelmente com intuito de se tornarem semelhantes. Este fato sugere não haver espaço para a manifestação da individualidade e, principalmente, da feminilidade, isto é, para as construções sociais que a associam à doçura, à delicadeza e à compreensão. Nesta família, o feminino pode estar associado à fraqueza e, assim, menosprezado. Então, parece que não são promovidas ações que visem à compreensão sobre os sentimentos do outro, impossibilitando falarem ou demonstrarem seu sofrimento, como no fato de Rambo ser impedido de chorar.

Outra crença macrosistêmica de risco é a desvalorização do estudo formal, que se insere neste microsistema, pois há um índice de escolaridade baixo (pai e filhos) e de analfabetismo (mãe). O pai considera que Rambo não precisa mais estudar, que o tempo poderia ser mais bem empregado se ele trabalhasse. A família acredita que o estudo não é importante, pois em sua visão, nem para obter ganhos financeiros é necessário. Como se o único objetivo de quem estuda é agregar valor material. Então, os pais impossibilitam ao filho adquirir novos e diferentes conhecimentos advindos das informações escolares e das trocas efetuadas neste ambiente. O próprio Rambo sabe que não está aprendendo. A falta de apoio para formação educacional e o mau desempenho acadêmico são compreendidos como indicadores de risco para a violência, pois impossibilitam que a pessoa desenvolva-se em termos de conhecimento, sejam educacionais ou culturais (Koller & De Antoni, 2004).

O mesossistema desta família é restrito ao ambiente de moradia, ao local de trabalho dos pais, à igreja e à escola de Rambo. A família não transita constantemente em outros microsistemas. O trabalho do casal é executado ao “*ar livre*”, onde circulam muitas pessoas e não há formação de vínculos. Além disso, Sônia afirmou que trabalham separados geograficamente. A igreja é freqüentada eventualmente e não há relação de amizade com outros adeptos ou com o pastor. Parece servir como reforço para legitimar a busca da prosperidade material, sem contribuição para o desenvolvimento moral ou espiritual. A escola de Rambo não estabelece uma relação de reciprocidade e reforça o estereótipo de que Rambo é agressivo e perigoso. A família está isolada, pois não tem amigos ou parentes. Observa-se que as intervenções na família por parte de outras instituições como o Conselho Tutelar, a

Promotora e o hospital são vistos por eles com desprezo e desdém. Tito não aceita sugestões sobre outras formas de interação familiar, por exemplo, quando houve a interferência do Conselho Tutelar, o pai assumiu uma posição de abandono em relação a Vandame. Parece que a única forma de interação familiar adequada para ele é a de domínio sobre o outro. Portanto, responsabiliza o sistema de proteção (gerenciado pelo CT) pela atitude delinqüente do filho e se exime desta responsabilidade. Assim, não tem crítica sobre seu comportamento e sua contribuição para este evento e justifica a ruptura de uma possível troca com pessoas e órgãos que estão para auxiliá-lo.

Parece que a família não permite formar uma rede de apoio social e afetiva. Assim, o risco de aumentar a severidade e a frequência dos atos violentos é maior, pois não há uma abertura para que outras pessoas ou instituições intervenham ou os orientem. O investimento financeiro em ações sociais e a tentativa de inclusão político-partidária, realizados por Tito, objetiva ganhos políticos e, conseqüentemente, financeiros para benefício próprio. Portanto, estas ações não incrementam a sua rede de apoio social e afetiva. A ausência de relações de amizade e de apoio pode levar a família ao isolamento e ao fechamento do sistema, isto é, poucas trocas com outros sistemas. Percebe-se, então, que a mesma não apresenta recursos sociais em seu padrão de organização, além de rigidez frente a mudanças e reformulações.

Em termos microssistêmicos, teoricamente as relações familiares saudáveis deveriam ser estabelecidas com reciprocidade, afeto e equilíbrio de poder (Bronfenbrenner, 1996). A família forma uma unidade funcional e para manter a homeostase deste sistema, seus membros empregam e trocam constantemente energia, isto é, há um esforço físico e emocional para que o sistema funcione da forma que compreende como esperada. Para a família de Rambo, a manifestação do afeto amoroso, que é idealmente esperado de uma família, é substituída pela agressão física. O carinho demonstrado por beijos e abraços inexistente. A mãe falou que não quer mais carinho do marido, que sempre ocorria após as brigas. As relações são estabelecidas por uma competitividade de força física, portanto, os socos, tapas e pontapés estão presentes constantemente. A violência utilizada serve para que as relações não mudem, por mais que a mãe e os filhos desejem que a violência seja minimizada, nenhuma ação é efetivamente realizada. Há um desejo de revidar a violência com mais violência, podendo chegar à aniquilação ou destruição do outro, por exemplo, na articulação de uma estratégia entre os irmãos para “pegar” o pai. Assim, os pensamentos e os sentimentos são pautados por intensa raiva.

Parece que os atos agressivos são cultuados, principalmente pelo pai, como forma de afirmação da sua masculinidade e força. Em algumas situações, o motivo da agressão não está claro para a vítima. A mãe, por exemplo, alegou que, muitas vezes, apanhou sem saber a causa, o mesmo parece acontecer com seus filhos que afirmaram que apanham sem saber o porquê e, como revelou Rambo, para apanhar basta o pai estar de mau humor. Percebe-se que a falta de um modelo parental adequado pode levar ao risco de aceitação desta prática como “educativa” e “natural”. Os pais têm a crença que tal ação é eficiente, talvez porque tenha um efeito imediato ao cessar o comportamento indesejado do filho. No entanto, mostra-se ineficaz em longo prazo, pois se faz necessário utilizá-la repetidamente.

A prática disciplinar adotada por esta família é coercitiva, pela qual os pais ameaçam e punem fisicamente seus filhos com o intuito de corrigir comportamentos indesejados, mas nem sempre incorretos. Atualmente, adotam um estilo parental negligente em relação a Vandame e autoritário em relação ao Rambo. Para Cecconello, De Antoni e Koller (2003), em uma revisão da literatura, o estilo negligente refere-se aos pais que não são afetivos, nem exigentes, e demonstram distanciamento em relação ao comportamento do filho. Os pais autoritários são rígidos e autocráticos e tendem a enfatizar a obediência através do respeito à autoridade e à ordem, utilizam-se de punição como forma de controle e não valorizam o diálogo, a autonomia e a opinião dos filhos. Além disso, segundo Simons, Whitbeck, Conger e Chyi-In (1991), pais que acreditam na disciplina severa tendem a utilizá-la acompanhada por ações agressivas. Há o abuso emocional provocado pelo comportamento do pai que desautoriza constantemente as ações da esposa, principalmente em relação à adoção de uma prática disciplinar restritiva, como não permitir assistir aos programas da TV. Isto pode causar certa confusão em Rambo, ao não conseguir discernir se o comportamento que eliciou o castigo era passível de correção, além de reforçar a idéia de que a mãe não tem controle sobre ele. Por outro lado, os pais não colocam limites para o filho. Segundo os mesmos: - “*Ele tem tudo, ganha tudo que quer*”. Rambo pode assistir a programas pornográficos na televisão na madrugada, não tem rotina ou horários e não tem compromisso com a escola. A falta de orientação, de regras e de limites pode favorecer que Rambo não avalie ou desenvolva a responsabilidade por seus atos, como também, pode interferir no julgamento adequado sobre os mesmos. No caso desta família, o abuso físico é, em algumas situações, justificado pela adoção de uma prática disciplinar, no entanto esta justificativa não se mantém, em função da frequência e pelos motivos que ocasionam a violência.

Outro fator de risco existente neste microsistema é o casal ter filhos quando adolescentes, este risco associado a outros indicadores, pode ter favorecido ao início da violência. A falta de conhecimento sobre gravidez, a ausência de pessoas que orientassem, a imaturidade, o despreparo para a parentalidade e a necessidade de formar a identidade podem ter incrementado a idealização de ídolos e a valorização das ações agressivas.

Em relação à comunicação neste sistema familiar, o diálogo é substituído por agressões. Ao invés de conversar sobre os problemas e buscar alternativas, os pais se calam ou agridem verbal e fisicamente. A única tentativa de diálogo ocorre entre Rambo e Vandame, promovida por Rambo, que busca conscientizar o irmão sobre os perigos causados pelo uso de drogas, mas sem sucesso. Os processos de comunicação intrafamiliares são importantes para o desenvolvimento da resiliência familiar, segundo Yunes (2003), uma das formas de incrementar a resiliência são as “expressões emocionais abertas” (p. 82) que estão relacionadas ao compartilhamento de sentimentos, à empatia nas relações, que envolve tolerância das diferenças, interações prazerosas e bem-humoradas. Nesta família, não há expressões emocionais abertas, pelo contrário, é evidenciado silêncio em relação ao compartilhamento de sentimentos e às interações são dolorosas e mal-humoradas. Não falam sobre os sentimentos relacionados a aspectos positivos como felicidade ou negativos, como o medo e a dor. Parece que a esposa tem receio de expô-los na frente do marido, pois no contato individual, apareceram sentimentos de intolerância à situação de violência vivida e ao desejo de romper com o casamento. O fato de Rambo não poder chorar, evidencia a desvalorização da manifestação do sentimento, seja de medo, tristeza, arrependimento ou dor, além de reforçar uma atitude machista de que “*homem não chora*”. Apesar disso, há uma tentativa de Rambo em expor seus sentimentos na psicoterapia.

No microsistema desta família não são utilizadas estratégias eficazes que colaborem para a resolução de problemas. A colaboração na busca de soluções faz parte do processo de comunicação (Yunes, 2003), assim como, as tomadas de decisão compartilhadas com negociação, reciprocidade e justiça. Esta família mostra-se vulnerável frente à tomada de decisão, gerando violência conjugal pelas discordâncias de opiniões.

De acordo com Koller e De Antoni (2004), os fatores compreendidos no “eu ecológico” estão relacionados à insegurança no ambiente familiar e ao senso de solidão. Embora vivam sob o mesmo teto, os membros da família Peres não são “companheiros”. Pelo contrário, cada um se isola em um cômodo. A separação física é um reflexo do isolamento emocional.

Rambo também apresenta baixa auto-estima e auto-imagem enfraquecida, e, para lidar com isto, assume um “papel” contrário aos sentimentos - de forte e de valente. A imagem que os pais possuem de Rambo, como ser calmo, por exemplo, confirma o comportamento submisso do menino no ambiente doméstico, e reafirma seu desejo de que em outros ambientes, como a escola, possa reproduzir um modelo valorizado e semelhante a seus pais, exercendo o poder através da força e brutalidade. No entanto, na psicoterapia e na escola repetiu várias vezes, segundo sua professora e sua psicoterapeuta, o seu desejo de morrer. Isto pode demonstrar o sentimento de inferioridade e fragilidade de Rambo frente às expectativas dos pais.

Vandame parece demonstrar ausência de emoções morais, isto é, seu envolvimento com ações ilícitas, porte de arma, tráfico e consumo de drogas são demonstrativos das suas dificuldades com as regras e imposições sociais. De alguma forma, estas ações são reforçadas e valorizadas por Tito, que criou os filhos para serem “rebeldes”. A adolescência é marcada pela busca e formação da identidade psicológica, que se caracteriza pela “consciência de si mesmo ou o conhecimento por parte de alguém de que é uma entidade separada e distinta de todas as outras, ou ainda, a sensação de manter-se igual em meio a mudanças” (Osório, 1977, p. 14). Assim, como Vandame não tem os documentos de identidade (carteira de identidade e CIC), parece que o mesmo não encontrou a sua identidade psicológica, pois demonstra sua fragilidade e vulnerabilidade frente à interação com os outros, reproduzindo um comportamento agressivo e distante.

O pai apresenta um comportamento desafiador e irônico, contestando freqüentemente as observações e o sistema de apoio. Parece ver o ambiente de forma hostil, o que leva a agir agressivamente aos contatos sociais. A mãe faz um movimento de contestação às ordens de Tito, mas acaba cedendo aos seus mandos. Assim como Rambo, tenta assumir um “papel” de forte e valente, mas torna-se vulnerável pela falta de poder em casa. A atuação deste papel aparece nas relações sociais, nas quais impõe suas vontades, ao brigar na rua com as pessoas que a “desafiam”. Sônia abusa fisicamente dos filhos, no entanto, Tito passa uma imagem de mais agressor do que a esposa, talvez pela severidade de seus atos.

O demonstrativo elaborado por Koller e De Antoni (2004), sobre os indicadores de risco para a avaliação de violência intrafamiliar, serviu de modelo para identificação e visualização dos indicadores de risco presentes na família Peres (ver Tabela 20). Estes podem potencializar a violência naquele contexto. Indicadores de risco não descritos pelas autoras e

os encontrados nesta família foram acrescentados à Tabela (negrito) e são importantes na produção de conhecimento sobre violência intrafamiliar.

Tabela 20

*Fatores de Risco Relevantes para Potencializar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Peres*

Fator	Eu ecológico	Microsistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
História anterior	história de abuso anterior	pais com história de abuso físico anterior estresse por dificuldades financeiras	brigas com familiares Impunidade do assassinato do pai de Sônia	ausência de conhecimento sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e do Idoso
Família	senso de solidão e insegurança no ambiente familiar  comunicação intrafamiliar precária <b>-assumir papel de valente</b> -fase da adolescência (Vandame e Rambo) <b>Comportamento delinquente de Vandame</b>	Parentalidade na adolescência  estresse familiar por problemas de relacionamento  <b>não há expressões emocionais abertas</b>  disciplina incongruente, inconsistente e ineficiente	isolamento: rede de apoio social e afetiva precária em estrutura (recursos) e funcionamento	aceitação cultural de punição corporal  aceitação cultural de posse a criança e da mulher  naturalização/banalização da violência
Autopercepção	baixa auto-estima e baixa auto-eficácia auto-imagem enfraquecida autoconceito baixo (Rambo, Sônia, Vandame)  alto sentimento de frustração (Rambo e Sônia)  maior percepção de hostilidade no ambiente percepção exacerbada de obstáculos e desafios ao planejar ou implementar uma ação (Todos os familiares)	práticas disciplinares coercitivas e punitivas  estilos parentais: negligente e autoritário falta de clareza sobre potencialidades e falta de limites  <b>não diferenciação de postura entre os membros, não aceitação ou desvalorização do feminino</b>  sistema familiar fechado	ausência de relações de amizade	valorização da violência  machismo/valorização do masculino e desvalorização do feminino
Cognição e educação	Baixo nível de escolaridade (todos)  capacidade de aprendizado formal limitada (Sônia e Rambo)	baixo nível de escolaridade e falta de apoio para formação educacional e para o bom desempenho	<b>a escola vê Rambo como um problema, reforça o estereótipo e a imagem de agressivo. “mito”</b>	alta taxa de analfabetismo  apoio à educação

Tabela 20

*Fatores de Risco Relevantes para Potencializar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Peres (continuação)*

Interação	ausência de empatia (Tito e Sônia)  habilidades interpessoais pobres (todos)  fragilidade na tomada de decisão e na resolução de problemas (todos)	sem estabilidade, sem senso de reciprocidade e desequilíbrio de poder centralização do poder no pai ausência de rotinas não realizam atividades em conjunto.	ausência de relações de amizade e de reciprocidade estáveis  ausência de relações hierárquicas de poder equilibradas	cultura que aceita e promove a posse da mulher e da criança, machismo
Variáveis de saúde, sociais ambientais e financeiras		abuso de drogas (Vandame)  <b>manipulação das informações para obter ganhos negócios ilícitos</b>	violência na comunidade	ausência de compromisso com os direitos humanos, especialmente da criança e da mulher  <b>crença sobre a impunidade no Brasil</b>  presença de pornografia infantil e de violência na mídia

### 5.1.7 Indicadores de Proteção

Os indicadores de proteção nesta família são escassos. Em termos do exossistema, encontra-se a rede de serviços atuando em conjunto, isto é, promotoria, escola, CT e hospital. Também a afiliação religiosa e o investimento na comunidade podem favorecer a esta família o senso de pertencimento, o que poderá auxiliá-la na estruturação de uma rede de apoio social no futuro. Em nível microssistêmico, a estabilidade econômica pode favorecer o acesso a bens de consumo e certo conforto material, evitando reviverem a situação traumática de passarem fome, ocorrida no passado. A Tabela 21 apresenta os indicadores de proteção.

O demonstrativo elaborado por Koller e De Antoni (2004), sobre os indicadores de proteção para a avaliação de violência intrafamiliar, serviu de modelo para identificação e

visualização os indicadores presentes na família Peres. Estes podem amenizar a violência naquele contexto. A maioria dos indicadores de proteção não foi identificada nesta família.

Tabela 21

*Fatores de Proteção Relevantes para Amenizar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Peres*

Fatores	Eu ecológico	Microsistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
Família		estabilidade financeira  senso de pertencimento à comunidade	clareza sobre a possibilidade de buscar e obter recursos  presença de rede de apoio social	
Interação	<b>Relação Rambo e Sônia</b>		afiliação religiosa e comunitária senso de pertencimento	
Variáveis sociais e de saúde			disponibilidade de acompanhamento terapêutico e outros recursos	políticas públicas para saúde e serviços de bem-estar
Variáveis econômicas	estabilidade e prosperidade econômica		poucos eventos estressores	

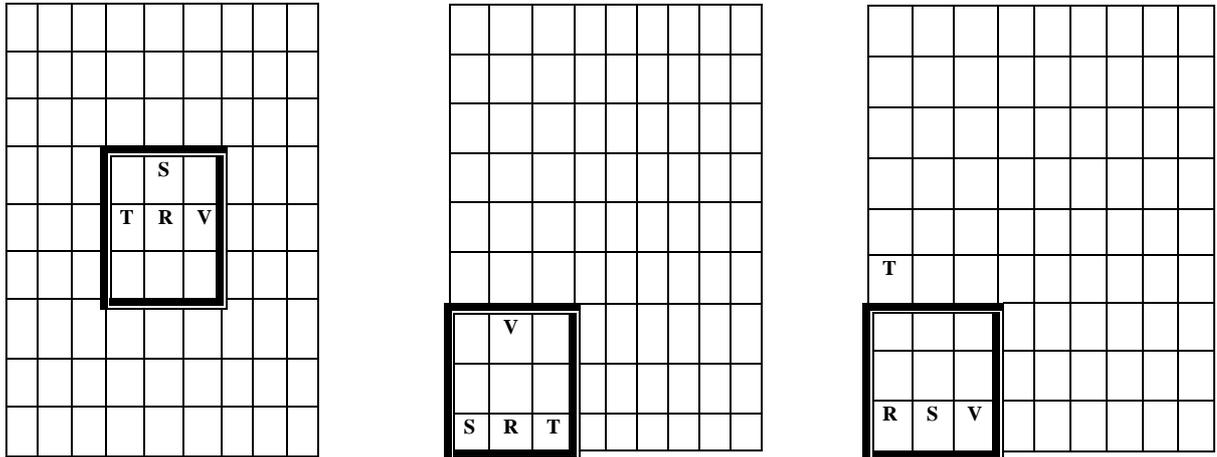
### 5.1.8 Coesão e Hierarquia no Microsistema Familiar

A coesão e a hierarquia são analisadas através dos resultados qualitativos e quantitativos obtidos pelos participantes no Teste do Sistema Familiar (FAST). A coesão está relacionada ao sentimento de união e amizade. Para avaliar o escore da coesão, isto é, baixo, médio e alto, utiliza-se o esquema elaborado por Gehring (1993).

Em relação ao resultado do FAST, os membros da família Peres tiveram percepções diferentes sobre a coesão. As Figuras 32, 33 e 34 apresentam os quadros demonstrativos das representações sobre a coesão nas situações típica, ideal e de conflito de três membros familiares (pai, mãe e Rambo). Em seguida, são realizadas a análise e a interpretação sobre os resultados individuais e, posteriormente, a análise do sistema familiar. Salienta-se que a letra

existente no quadro corresponde à inicial do nome do familiar e está inserida na grade no local onde o respondente posicionou a peça no tabuleiro.

Familiares: **T**= Tito; **S**= Sônia; **R**= Rambo e **V**= Vandame



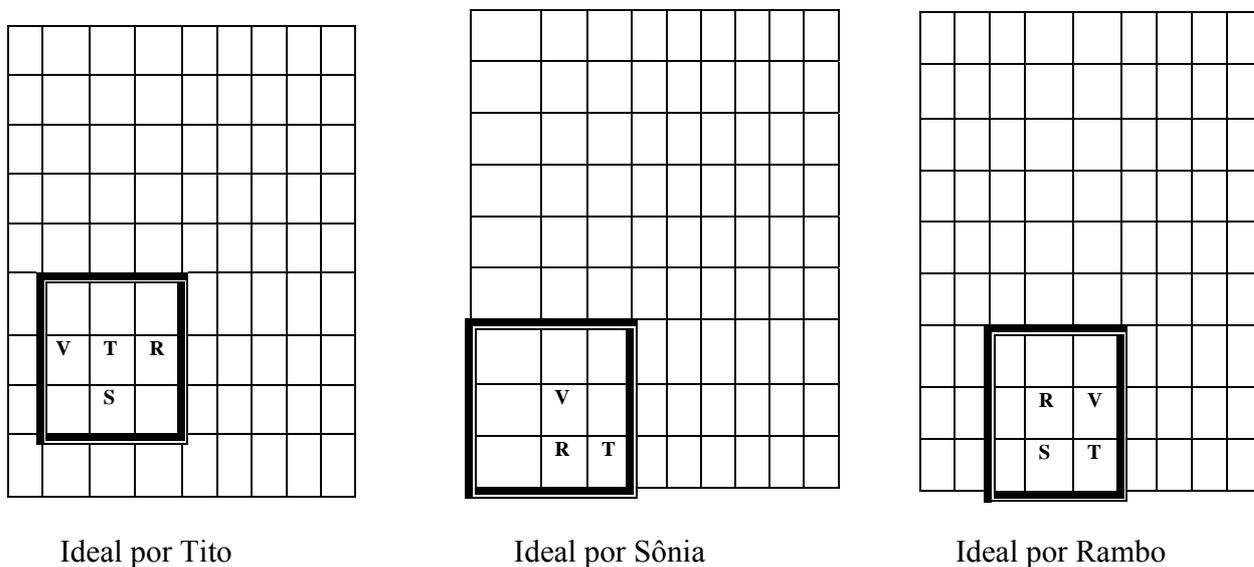
Típica por Tito

Típica por Sônia

Típica por Rambo

Figura 32. Situação típica: perspectivas dos familiares.

Tito representou a família com alta coesão. Segundo o mesmo: - “*Se é família, tem que ser unida*”. Este fato demonstra a falta de consciência ou de crítica de Tito frente às agressões que ocorrem cotidianamente e suas conseqüências negativas para as relações familiares. A mãe percebeu como média a coesão familiar. Colocou Rambo, Tito e ela próximos e Vandame afastado dos demais. Embora não se configure como uma coalizão entre eles contra Vandame, por estarem posicionados dentro da grade, o afastamento pode sugerir que há um desgaste na relação, provavelmente ocasionado pelos conflitos diários provocados pelos furtos em casa. A própria mãe revelou sua intolerância frente a este comportamento e sua desistência em auxiliá-lo. Já Rambo, percebe que há baixa coesão na família. Revelou o afastamento do pai com os demais familiares nas situações cotidianas. A constituição de uma coalizão entre Sônia, Vandame e Rambo contra o pai, pode revelar a intolerância de Rambo frente aos comportamentos agressivos e autoritários de Tito, que o afasta da esposa e dos filhos. Os pais colocaram Rambo ao seu lado, configurando alta coesão entre eles e o mesmo, isto reafirma a idéia do menino ser o “companheiro”. No entanto, Rambo percebeu-se próximo apenas de Sônia.



Ideal por Tito

Ideal por Sônia

Ideal por Rambo

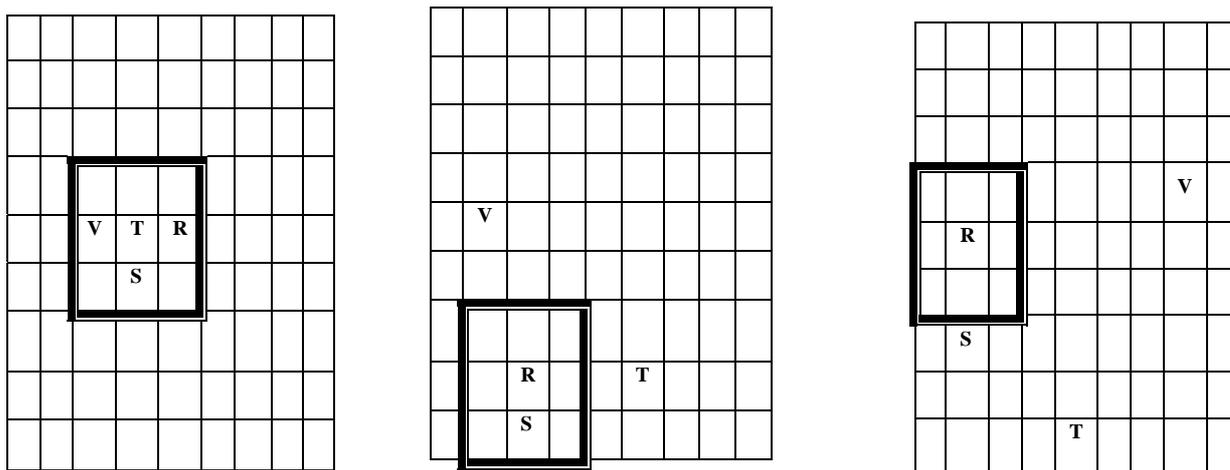
*Figura 33.* Situação ideal: perspectivas dos familiares.

Na situação ideal, os três membros representaram a família com alta coesão. Este resultado corrobora outras pesquisas sobre a representação ideal, que demonstram que os membros tendem a representar alta coesão na situação ideal (Gehring, 1993). Portanto, há nesta família o desejo de mudança ou melhoria na qualidade das relações, com maior apoio e reciprocidade.

Tito

Sônia

Rambo

*Figura 34.* Situação de conflito: perspectivas dos familiares

Tito representou na situação de conflito sua família com alta coesão, assim como na situação típica. Novamente, neste caso, o pai demonstrou sua falta de crítica ou de consciência sobre a severidade da violência existente e certa idealização da instituição família, reproduzindo um discurso estereotipado. Enfatizou na entrevista de acompanhamento do FAST: - *“Se é uma família, tem que ser todo mundo”*. Tito afirmou que as brigas são sempre entre irmãos e as agressões são verbais. Atribuiu-se o papel de moderador ou mediador dos conflitos, ao se representar no meio dos irmãos: - *“É sempre o pai pra apaziguar os dois”*. O pai reforça o seu desejo de controle sobre os outros, quando se percebe como mediador da violência e, também, ao demonstrar sua percepção distorcida desta realidade. Não inclui os conflitos parentais e conjugais e considera as brigas entre irmãos como parte das relações. Assim, apresenta uma visão da naturalização e banalização da violência. Estes fatos podem potencializar o risco para os maus tratos.

Sônia representou a coesão na família como baixa, criando uma coalizão entre Rambo e ela e o distanciamento de Vandame e de Tito. Para Sônia, os conflitos entre o casal são corporais e ocorrem sempre. Sônia revelou que Tito aproxima-se deles: - *“Só pra bater na gente, nunca pode contar com nada com ele”*. Assim, a mãe revelou o desgaste da relação conjugal e o afastamento emocional e afetivo do marido. Também há um distanciamento na relação com Vandame: - *“O Vandame rouba dentro de casa, na rua, anda armado. Um dia vai acabar matando alguém e eu irei acabar matando o guri”*. Portanto, a aliança com Rambo torna-se um fator importante para Sônia, talvez por perceber que o menino é seu único “companheiro”, isto é, a única pessoa que pode contar.

Na situação de conflito, Rambo demonstrou a baixa coesão familiar. Posicionou os membros distantes uns dos outros, mesmo a sua mãe que considerou com uma coesão média. Para o menino, as brigas conjugais são as mais importantes e afirmou: - *“Minha mãe sempre sai correndo, e o meu pai sai correndo atrás e aí quebra o pau neles. Aí quando chega eu e meu irmão, eles querem dar em nós, aí nós se intrometemos”*. Parece que Rambo tem uma percepção mais próxima da realidade em relação à forma como a família vem interagindo e a falta de apoio emocional e afetivo entre os familiares. Este fato pode levar ao menino sentir-se isolado e desprotegido frente aos maus tratos vividos.

A família apresenta diferentes percepções sobre a coesão. Rambo e Tito não se percebem como causadores ou inclusos nos principais conflitos, pois Rambo citou as brigas

conjugais e Tito, as que ocorrem entre os irmãos. De um modo geral, representam como média a coesão nas situações cotidianas e baixa coesão, nas de conflito. Isto revela que os membros não se sentem próximos afetivamente, não recebem e nem fornecem apoio emocional. Além disso, percebe-se que há o fechamento deste sistema, isto é, não permite trocas com outros sistemas.

A percepção distorcida de Tito revela sua falta de crítica em relação às interações no seu microssistema familiar. Aponta, também, para um discurso esperado socialmente, instituindo à família um papel de ser unida, independentemente de como as relações estão estabelecidas. Tito demonstra rigidez ao não aceitar que as relações não são como ele acredita ou como gostaria que fossem. Inclusive, ao não se ver como agressor e como testemunha da mesma pode cometer atos agressivos ou omitir-se frente a estes, elevando assim, a frequência, duração e severidade da violência.

A violência conjugal assume um papel mais significativo para os membros desta família (citados por Sônia e Rambo), colocando em segundo plano o abuso físico parental e fraternal. O desgaste da relação do casal influencia diretamente na relação parental, exigindo que os filhos interfiram nestes conflitos e se posicionem ao defender a mãe e atacar o pai. Este fato pode evidenciar um risco severo para um futuro homicídio de Tito, sendo os filhos cúmplices deste possível ato. E, assim, reproduzir o comportamento transgeracional, já que a mãe de Sônia assassinou seu marido. O desejo de Sônia em separar-se do marido, provavelmente é uma atitude saudável para este contexto. As agressões entre o casal estão de tal maneira expostas, que pode inibir o questionamento sobre a severidade do abuso físico dos pais para com os filhos. No entanto, as conseqüências destas agressões são vividas por quem as sofre. Rambo sente-se sozinho e com sobrecarga de ter que desempenhar um papel de companheiro do pai e outro da mãe. É um fardo muito pesado para uma criança de 11 anos e, talvez, por isso, possa-se explicar seu desejo de morrer.

As respostas em relação à hierarquia, Tito, Sônia e Rambo representaram de forma diferente entre si. A Tabela 22 apresenta os resultados da hierarquia.

Tabela 22

*Valores Atribuídos à Hierarquia pela Família Peres*

	<i>Situação</i>	<i>Tito</i>	<i>Sônia</i>	<i>Vandame</i>	<i>Rambo</i>
	Típica	4	3	2	2
Tito	Ideal	1	3	1	1
	Conflito	2	2	1	1
	Típica	3	2	0	1
Sônia	Ideal	3	2	1	0
	Conflito	3	0	0	0
	Típica	1	0	0	0
Rambo	Ideal	1	1	0	0
	Conflito	1	1	0	0

Percebe-se que Tito vê-se na situação típica como detentor do poder no microsistema familiar (pontuação 4). Alegou que: - “*Quando eu tô em casa sou eu quem mando, quando eu não tô, é ela. Tenho que dar imunidade pra ela*”. Este resultado reafirma seu comportamento machista e autoritário, no qual Tito demonstra definir sobre quanto e quando Sônia tem poder. Também usou erroneamente o termo “imunidade”, ao se referir a “autoridade”. Provavelmente desejou impressionar a entrevistadora ao utilizar um vocabulário formal, ao mesmo tempo em que reafirmava seu controle sobre este sistema. Por outro lado, na situação ideal gostaria que a esposa tivesse mais poder do que ele. Talvez aja uma manipulação de Tito no resultado, para reafirmar sua atitude de contestador, isto é, nem sempre responderá o que se espera (de acordo com sua interpretação dos fatos). Na situação de conflito, acredita ter igual poder que a esposa, mas este poder é concedido por ele e não uma conquista de Sônia. Interessante é que o pai atribui algum poder para Vandame em igualdade com o irmão. Isto pode revelar que Tito o considera como pertencente e atuante no sistema, apesar da atitude de abandono emocional com relação a ele. No geral, o pai apresentou a família com tendo hierarquia média (pontuação 1) entre as díades.

Na hierarquia, Sônia revelou que, em todas as situações, o marido detém o poder (pontuação 3). Na típica e ideal manteve sua opinião, depositando uma pontuação de 2 para si, e atribuindo mais poder para Vandame na situação ideal (1). A mãe percebe que Vandame, na situação típica, não possui poder na família, rompendo realmente com o sistema. Por outro lado, na situação ideal mostra sua vontade de escalonar a hierarquia em função do papel que desempenham no sistema familiar, isto é, privilegia o papel de pai, seguido pelo de mãe e, em terceiro lugar, o de irmão mais velho. No entanto, menospreza o papel de caçula, inibindo a capacidade decisória e de influência de Rambo. Na situação de conflito, vê-se que os integrantes são destituídos de poder frente a Tito, pois não colocou blocos sob as peças que representam os filhos e a si, permanecendo assim com zero, ao mesmo tempo em que se iguala aos filhos. De acordo com as respostas de Sônia, a hierarquia em sua família é baixa, por não exercer poder.

Rambo percebeu na hierarquia familiar, assim como sua mãe, o poder centralizado em seu pai na situação típica. No entanto, na situação ideal e de conflito, demonstrou o casal com igualdade de condições e os filhos destituídos de poder. Talvez para Rambo, que sofre maus tratos de ambos os pais, a mãe também tem poder sobre ele e sobre o sistema. Para Rambo, a hierarquia em sua família é baixa na situação típica e média na ideal e de conflito.

Em relação ao sistema familiar, evidencia-se que o poder está centralizado na figura do pai. Na situação típica e de conflito dos membros, é visto pelos respondentes como detentor de poder, tendo mais influência e controle sobre a situação e sobre os outros. Esta centralização pode reforçar sua atitude machista e, por sua vez, sua necessidade de dominação. Além disso, esta centralização leva ao desequilíbrio de poder, que impedem de desenvolverem relações de trocas e com reciprocidade. O poder de Tito é estimulado por suas ações no exossistema, pois está envolvido em articulações políticas partidárias e na implantação de uma rádio, que detém o poder da informação e da manipulação desta.

O pai delega “*pseudopoder*” à mãe, ao permitir que escolha as roupas para os familiares ou ao fornecer “*imunidade*”. No entanto, ela é desprovida de qualquer influência, pois o marido é quem “*decide sobre os negócios, controla o dinheiro e faz o que deseja*”. A mãe trabalha em algo que não lhe traz gratificação. Muitas das brigas conjugais estão relacionadas à questão financeira. Assim, ao controlar e reter o dinheiro, Tito torna-se o “*xerife*” que aprisiona a esposa e a impede de romper com o sistema familiar.

Rambo tem uma posição diferente em relação ao poder na situação de conflito: os pais têm igual condição de hierarquia. Parece que o menino consegue observar as contribuições da mãe na manutenção desta forma de interação.

### 5.1.9 Estrutura Relacional na Situação Típica e de Conflito

A estrutura relacional envolve a análise da inter-relação entre a coesão e a hierarquia. São apresentados os resultados do pai, da mãe e Rambo nas situações típica e de conflito, visando à comparação entre estas duas estruturas. Na Figura 35, estão incluídos quadros que correspondem à posição da perspectiva de cada membro e, ao lado do nome, está identificada a situação típica (ST) e a de conflito (SC).

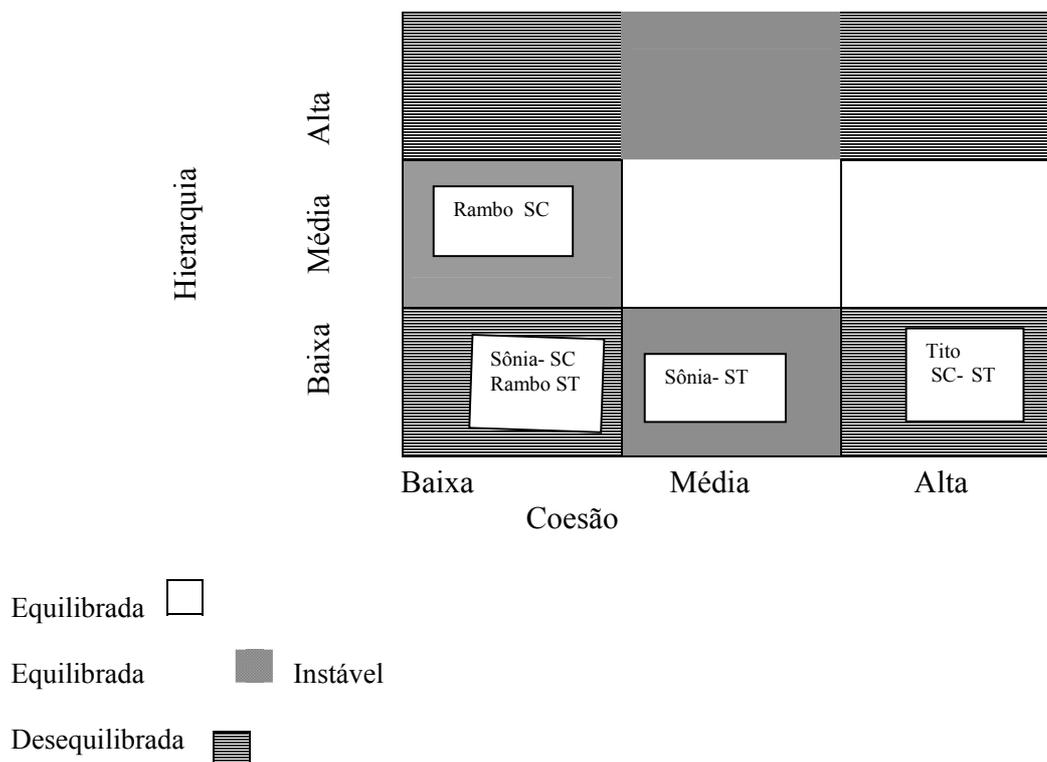


Figura 35. Estrutura relacional da família Peres.

Nesta família houve discrepância entre os membros sobre suas percepções na estrutura relacional da situação típica e de conflito. Na situação típica, Sônia e Tito a representam como equilibrada. Rambo percebe como desequilibrada, provavelmente por entender que as agressões constantes afetam as interações familiares. Na situação de conflito, Sônia a

considerou desequilibrada, Tito equilibrada, e Rambo, equilibrada instável. Estas diferentes interpretações podem indicar a falta de comunicação sobre as relações neste microsistema. As percepções de Sônia e Rambo estão mais próximas das relações que vivenciam, pautadas pela agressividade, pelo desequilíbrio de poder e pela falta de reciprocidade. Por outro lado, a estrutura compreendida por Tito reafirma a falta de crítica sobre o sistema ou pior, a visão de que as relações, como estão estabelecidas, mantêm o sistema em equilíbrio. Talvez, para ele, a homeostase do sistema familiar é mantida pelas situações de conflito e romper com a violência ocasionaria a ruptura do sistema. Já Rambo, tem uma visão moderada da estrutura relacional. Ele sabe que, da forma como está estabelecida a estrutura, tende a instabilidade.

#### **5.1.10 O Papel da Violência**

Neste tópico é analisado o papel da violência no microsistema familiar e ponderadas suas conseqüências para a interação, que envolve a reciprocidade, o afeto amoroso e o equilíbrio de poder em prol das pessoas em desenvolvimento.

A família Peres também se tornou um “mito”, assim como Rambo foi descrito pela professora. O termo mito está relacionado à passagem ou episódio de fábula, isto é, de uma ficção, uma história dos deuses da antiga Grécia, relacionado a algo ou alguém inacreditável, um enigma (Michaelis, 2003). Em psicologia, mito é associado ao segredo e pode ser usado para descrever uma situação falsa ou dar significado a histórias ou lendas que revelam ou escondem verdades (Pincus & Dare, 1981). Por representar a imagem de um mito, torna-se incompreensível e temida. As atividades ilícitas, o isolamento social e a forma como se vestem e se comportam reforçam e fomentam este mito entre eles mesmos e nos microsistemas em que transitam. A família valoriza a imagem de destemidos, rebeldes e violentos e reproduzem estes comportamentos em todos os contextos em que se insere. Talvez ocorra como uma forma de proteção ao meio social, que, na percepção deles, sempre foi hostil e, assim, ao se sentirem poderosos, possam lidar com as humilhações sofridas em sua história familiar. De qualquer forma, a violência tem um papel de destaque em suas interações.

A agressão física e emocional substitui o carinho. Assim, a afeição é demonstrada pela severidade e intensidade com que as agressões se constituem. Parece que o senso de pertencimento ao grupo familiar está vinculado à homogeneidade de suas atitudes. Existe a crença de que a homeostase do sistema somente se mantém, porque existe esta forma de interação. Romper com a violência seria romper com os laços familiares. Então, suportam

todas as formas de agressão como se fosse “natural” aquele contexto, o que demonstra estarem vulneráveis para intensificação e severidade da violência.

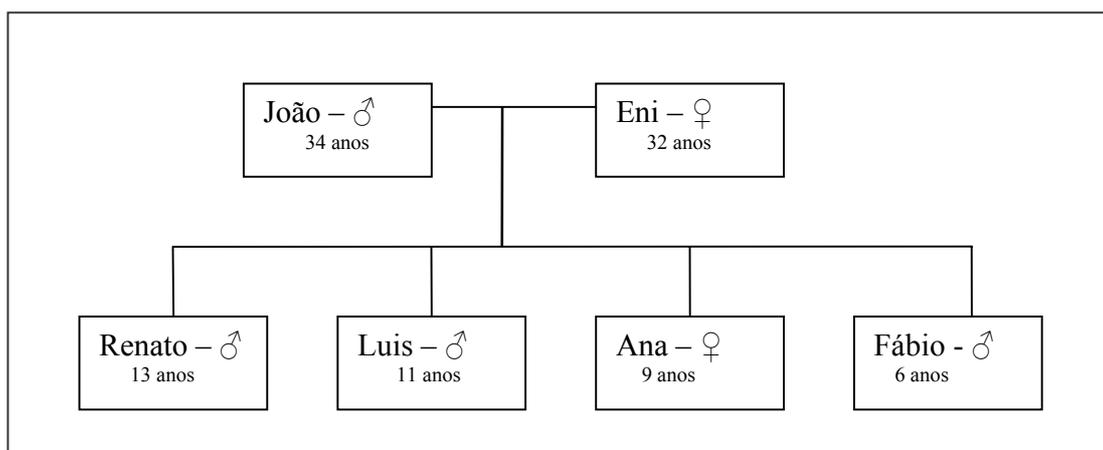
A história de vida desta família inclui cenas de violência e permite fazer analogia com um filme de ação. O roteiro inclui diversos tipos de violência vividos por seus protagonistas: violência transgeracional, social, urbana e intrafamiliar. No cenário, destaca-se uma residência com conforto e pequenos ambientes fechados com cadeados, como os cômodos da casa, que evidenciam o isolamento e não permitem trocas. Os membros da família são atores de uma realidade, em que desempenham papéis de fortes, valentes, rebeldes, contraventores e destemidos. Chorar não está no *script*, embora sofrer faça parte deste turbilhão de sentimentos, assim como raiva, medo e desprezo. Rambo e Vandame carregam a sina em seus nomes. Vandame já reproduziu, talvez em demasia, as expectativas dos pais, e Rambo, por mais que tenha vontade de mudar isto, acaba representando o papel instituído. Assim, escritores da sua história, esta família vem desempenhando um *reality show*, cujo título poderia ser “Nascidos para Matar”.

## 5.2 Estudo de Caso II

### 5.2.1 Dados Bioecológicos

A violência nesta família caracteriza-se pela tentativa da manutenção do controle sobre o sistema familiar através da imposição física do pai em relação aos filhos e à esposa.

A família Soares é formada pelo pai, João, 34 anos, a mãe Eni, 32 anos e quatro filhos advindos desta relação. No processo de pesquisa, a mãe estava grávida de seis meses do quinto filho e na devolução dos dados, estava com nove meses de gestação. Os filhos têm as seguintes idades: Renato, 13 anos, Luís, 11, Ana, 9 e Fábio, 6. Esses nomes são fictícios para preservar a identidade dos participantes, porém, cabe ressaltar que os nomes verdadeiros dos dois primeiros filhos são parecidos entre si, assim como, os nomes do pai, da avó e dos dois últimos filhos iniciam com a mesma sílaba. A fim de evitar confundir o leitor com os nomes semelhantes e preservar a identidade dos mesmos, optou-se por nomes diferentes para estes familiares.



*Figura 36.* Genograma da família Soares.

A aparência física dos membros familiares revela a sua condição de pobreza. Vestem roupas simples e gastas. A mãe usa vestidos largos de algodão, provavelmente em função da gravidez, e está sempre com um lenço amarrado na cabeça. Ela passa a imagem de uma mucama. O pai sofreu um acidente de bicicleta e estava com cortes e hematomas no rosto, além de não ter alguns dentes incisivos. Todos são magros, inclusive os filhos. Os pais falam em um tom de voz baixo e contínuo. São de etnia negra. Faz 15 anos que o casal está junto e há um ano realizaram o casamento no religioso.

### **5.2.2 Inserção Ecológica das Pesquisadoras**

As informações para elaboração deste estudo de caso são advindas da inserção ecológica realizada na residência da família. Esta foi indicada pelos profissionais da ONG Maria Mulher. Foram analisados os dados da entrevista semi-estruturada com a família (pais), os resultados da aplicação e da entrevista de acompanhamento do FAST, realizada individualmente com o pai, a mãe e dois filhos, Renato e Ana. Optou-se em não aplicar o instrumento em Luís pela dificuldade de comunicação que poderia existir entre a entrevistadora e a criança, em função deste ser portador de deficiência auditiva. Também foram aproveitadas informações obtidas através da equipe técnica da ONG e no encontro com a mãe para devolução dos resultados da pesquisa.

O contato inicial foi realizado na instituição e marcado um horário de entrevista, na qual a família não compareceu. A equipe de pesquisa entrou em contato novamente e foi agendada uma entrevista na residência. A assistente social da ONG fez um mapa indicando o endereço, objetivando facilitar o acesso das pesquisadoras. Somente os pais estavam presentes

na entrevista, o filho Renato circulava pelo ambiente e as demais crianças estavam na escola. Em outro momento, a entrevistadora retornou à residência e aplicou o FAST em Renato e Ana.

A família buscou a ONG Maria Mulher para obter algum auxílio financeiro. Alguns anos antes, Eni participou de uma oficina e já conhecia o trabalho da instituição. Participaram da pesquisa, enquanto aguardavam o processo de inclusão em um programa governamental de apoio sócio-financeiro.

### 5.2.3 Ambiente Ecológico da Família Soares

Moram em uma casa de cinco cômodos, sem conforto e poucos bens materiais, como uma geladeira antiga, fogão, televisão e um vídeo cassete. A casa tem aproximadamente 40m<sup>2</sup>, com dois quartos, cozinha, sala e banheiro. Não há assoalho, sendo que o piso é a própria terra. Eni afirmou: - *“Esta casa é fria, falta rebocar e arrumar o chão”*. Também não há forro, permitindo enxergar a telha de zinco. Segundo Eni: - *“Nesta casa chove dentro que nem na rua”*. No quarto das crianças há dois beliches, roupas espalhadas pelo chão e muitos objetos debaixo das camas. No quarto do casal, há uma cama e um armário grande. A sala e o quarto do casal estavam organizados e limpos. Na cozinha havia pratos sujos na pia e utensílios espalhados pela mesa e balcão. Há um pequeno pátio com a carcaça de um automóvel enferrujado e uma mesa e cadeiras de plástico. Também há várias gaiolas com pássaros, dois cachorros e alguns gatos da vizinhança que circulam pelo aramado (ver descrição detalhada do contexto em De Antoni & Koller, 2004). O pátio tem uma cerca formada por pedaços de madeira que faz fronteira com o “acesso”, isto é, a ruela de chão batido onde se localiza a casa. O acesso permite a passagem de pessoas e bicicletas, no entanto, pela largura, não é possível transitar automóveis. Esses acessos formam um labirinto nesta favela, localizada na zona sul de Porto Alegre.

Os pais estão desempregados. O pai já trabalhou de vendedor ambulante, vigilante noturno, porteiro e, recentemente, como pintor de paredes, sem vínculo empregatício em uma empreiteira, onde recebia em torno de R\$ 400,00, quando estava trabalhando. Informa que não consegue trabalho, em função da sua aparência física causada pelo acidente de bicicleta. A mãe trabalhou como diarista e empregada doméstica e com a gravidez foi dispensada do serviço. Eni revelou: - *“Não tenho condições de trabalhar, porque esta gravidez está me dando problemas, sinto muita dor e com esta barriga ninguém me quer”*. A situação financeira familiar é grave. A família não possui nenhuma renda. Segundo o pai: - *“Não tem*

*renda, de 90 dias pra cá não tem nada*”. Sobrevivem com o auxílio da avó paterna que os ajuda com alimentos comprados com sua aposentadoria. Eles estavam pleiteando um auxílio governamental, mas pela época do ano (setembro), seria difícil consegui-lo, pois as novas inclusões a este tipo de programa ocorrem geralmente em janeiro.

João estudou até a sexta série do ensino fundamental. Possui facilidade de se expressar, e o faz com um vocabulário muito bom. Eni estudou até a quarta série e os filhos freqüentam a escola. Renato está na quinta série, repetiu duas vezes. Luís está na terceira série de uma escola especializada, para portadores de necessidades especiais, especificamente para deficiência auditiva. Ana está na segunda série e Fábio, na creche.

Freqüentam as missas dominicais da Igreja Católica e participam da paróquia. Não recebem apoio financeiro ou material da igreja. Houve uma articulação de um chá de fraldas, mas poucas pessoas compareceram e, então, foram doadas algumas peças de roupas para o enxoval do bebê. Quanto à vizinhança, os pais a consideram tranqüila e as crianças somente podem brincar de bola ou andar de bicicleta no acesso. Há traficantes de drogas a poucos metros de distância da residência, e segundo o pai: - *“O pessoal é barra pesada”* e - *“Se depender de mim, eles (filhos) não saem dos meus olhos”*, referindo ao fato dos filhos brincarem somente próximo da residência. De acordo com a imprensa, esta favela é o principal foco de violência da zona sul da capital. Foram 46 homicídios em 2003, ou 15,6% das mortes registradas em Porto Alegre, sendo que em apenas um mês de 2004, uma viatura da polícia foi queimada e um menino de nove anos faleceu vítima de tiroteio (Execução na Vila Cruzeiro, 2004).

Os pais informam ter muitos amigos e que seguidamente recebem visitas nos finais-de-semana. Também as crianças recebem vizinhos e colegas para brincar e assistir ao vídeo. No entanto, Eni afirmou que: - *“Não sou muito de me envolver”*, referindo-se ao fato de não ter amigos íntimos.

#### **5.2.4 História da Família Soares**

O casal encontrou-se pela primeira vez em uma festa de aniversário da prima de João. Moravam no mesmo bairro e depois de dois meses resolveram morar juntos em uma casa cedida pela mãe de João. Ele tinha 18 anos e Eni, 17. João já havia morado junto com outra companheira, mas mencionou que *“nada tinha sido sério antes de viver com Eni”*.

João é filho único, diz que seu pai não participou de sua criação e sua mãe era uma pessoa *“confusa”*. Segundo João: - *“Ela tem problemas psicológicos, esquizofrenia, ela toma*

*os remédios que tem que tomar*". A mãe de João reside sozinha em uma pequena casa próxima à família. João fala sobre sua infância: - *"A casa dela (de sua mãe) era sempre bonitinha, eu me criei naquele ritmo de ter tudo no lugar"* e, como eram apenas os dois, *"era mais fácil manter tudo arrumado"*. Por sua vez, Eni diz que sua mãe a *"criou"* sozinha, quem cuidava da casa era a irmã mais velha, a mãe trabalhava para sustentar os filhos e não conheceu o pai: - *"Eu não conheci meu pai, minha mãe não amou ele e nem ele a amou"*.

Após um ano de relacionamento, Eni engravidou pela primeira vez. Segundo o casal, os filhos não foram planejados. Para João: - *"Nós sabíamos que naturalmente vinham filhos, a gente aceitou numa boa."* Todos nasceram de parto natural e Luís nasceu em casa: - *"Ele nasceu aqui em casa, não deu tempo de ir pro hospital, quem foi minha parteira foi minha sogra, ela disse que na hora que ele saiu, trancou a cabecinha e ela ainda ajudou a tirar"*.

João relatou que após dez anos de relacionamento tinham adquirido um terreno e iniciaram a construir uma casa. Ele trabalhava como vendedor ambulante de mercadorias adquiridas no Paraguai, para onde viajava constantemente, e Eni tinha um trabalho com vínculo de empregada doméstica. Segundo João, as vendas diminuíram e não pode manter seu negócio. Então, começou a diversificar suas atividades profissionais, trabalhando no que aparecesse. Em uma das brigas do casal, Eni foi para casa da sua mãe e quando o casal retornou a morar junto, ela não quis residir naquele local. Então venderam a casa em construção e compraram outra casa: - *"A gente ia construindo uma casa, uma boa de uma casa. Foi quando aconteceu, ele me agrediu e agrediu as crianças, aí fiquei um mês na minha mãe e me aborreci daquela casa. Ele trocou de casa, depois nos conversamos e voltamos de novo. Daí nós trocamos por esta casa aqui"*.

Eni demitiu-se do trabalho, esperando obter indenização na qual serviu para adquirir material para reformar o telhado da atual casa, que estava em estado precário. Em função da instabilidade financeira, apresentam um nível sócio-econômico muito baixo. João afirmou: - *"Na verdade a gente vai se virando nos 30, faço aqui uma coisa. A minha mãe tem sido 100%. Nos meses em que me acidentei, quem tem mantido a gente foi ela. Fora isso, vamos empurrando com a barriga. Faço um trabalho ali, a vida vai levando!"*.

Atualmente, as rotinas familiares estão organizadas em torno dos horários de escola dos filhos. Geralmente o pai acorda em torno das sete horas, Renato vai para a escola e o pai leva Fábio para a creche. O pai revelou: - *"Eu faço alguma coisa em casa, em um dia muito frio, eu fico na cama dormindo e levando na hora de fazer comida, depois do meio-dia, sai a Ana e o Luís"*. Quando as crianças chegam da escola, assistem aos programas na televisão e fazem as

tarefas escolares. O pai revelou que os ajuda, mas concluiu: - *“O Luís sempre tem tema, mas faz sozinho. A Ana é difícil de pedir ajuda, alguma coisa quando não entende a letra. O Fábio não tem tema e o Renato não traz tema pra casa”*. A mãe sai de casa à procura de trabalho e auxílio. Nos fins-de-semana, João relembrou o que mais gostam de fazer: - *“Geralmente a gente vai à missa de manhã, eu gosto de fazer um churrasco no sábado. Eles (os filhos) ficam por aí, às vezes, vamos à pracinha, não é seguido. Quando dá, sai toda a família”*. Percebeu-se que este é um fato que raramente ocorre na família.

Os pais possuem expectativas em relação ao futuro dos filhos. Segundo Eni: - *“Eu espero estar velhinha e ver eles formados. Eu sempre penso que a única herança que posso deixar pros meus filhos é o estudo, do que no mais ... tem a nossa casinha, mas o mais importante é o estudo, ver eles formados com uma boa profissão”*. João complementou: - *“É o que Eni falou. A esperança de manter eles estudando, eles terem uma formação melhor do que a nossa. Ter um futuro melhor do que o nosso e possam oferecer uma coisa melhor pros deles”*.

### **5.2.5 Processo Proximal: Violência Intrafamiliar**

As brigas iniciaram logo após o nascimento do primeiro filho. João tornou-se cada vez mais violento com as crianças e com a esposa. Em várias situações, Eni saiu de casa para buscar auxílio na casa de sua mãe. Há denúncia no Conselho Tutelar e boletim de ocorrência na Delegacia da Mulher contra João, pelas agressões físicas contra a esposa e os filhos. Segundo Eni: - *“Agora faz tempo que ele não me agride, mas alguns anos atrás ele me agredia muito. A última vez que ele me agrediu, eu fui à Delegacia da Mulher e ele não me agrediu mais”*. A denúncia ocorreu há dois anos. Em relação às crianças, mesmo com atuação do CT, o pai continua batendo nas mesmas.

Segundo o pai, o motivo para “perder o controle” e bater nos filhos é, em geral, a bagunça que as crianças fazem, além de não o obedecerem. João revelou que: - *“Não bato mais neles, tenho feito o possível para não bater neles”*. Ana diz que o pai continua abusando fisicamente dos filhos: - *“Se a gente faz alguma coisa errada, por exemplo, quebrar o vidro do carro dele (carcaça do carro no quintal), já é motivo pra arrumar toda casa, se não apanha!”*. Ana contou que há dois meses atrás, o pai bateu em todos os filhos, sem motivo aparente para a menina: - *“É, qualquer coisa ele bate”*.

Eni afirmou que o marido é o causador dos conflitos na família: - *“Eu acho que quem briga mais é ele (João), ele cobra muito das crianças”*. João afirmou que agride os filhos em

qualquer lugar do corpo e mencionou que: - *“Eu bato só com a mão, onde pegar, pegou!”*. No entanto a filha contradisse o pai, ao afirmar que o mesmo utiliza uma cinta para bater. De acordo com Ana: - *“Ultimamente ele está brigando só de cinta. E, quando ele dá na gente é só de cinta /.../ tenho uma marca, que ver?”*. Em relação aos abusos físicos provocados por João, Eni revelou: - *“A última vez que ele agrediu foi o Renato e o Luís, ele deixou tudo marcado. Eu ia levar no médico, mas ele vai mandar para a delegacia do menor. Uma vez eu fui com as crianças no Conselho Tutelar e chamaram ele (João). Foi a agressão mais grave, né? Ele continua batendo, mas não assim, tanto. A Ana agora tá com uma lesão de uma cintada que ele deu tempos atrás. A mancha ficou roxa, sumiu e tá voltando de novo e tá ficando um caroço. Eu digo, se eu levar no médico, o médico vai perguntar até ela falar a verdade e vai começar tudo de novo. Vai mandar chamar o Conselho Tutelar e tudo”*. Em relação aos sentimentos causados pelos maus tratos e pelas ameaças de João, Eni revelou que: - *“As crianças choram e tem medo dele (João)”*.

A relação entre o pai e os filhos é marcada por cobranças e ameaças. João considera-se o *“chato da casa”* e afirmou: - *“Sou muito diferente. Pegou, devolve. Eu quero passar pra eles isso, geralmente as brigas e as reclamações vem de mim. Até agora não consigo admitir, aceitar este tipo de coisa. Eu acabo ficando ranzinza, eu mesmo já percebi que eu cobro demais. Tenho uma mesa, quero que todos sentem juntos, naquele horário. Eu acho muito bonito a família sentar. Eu faço o possível pra aceitar, é que já vem embutido em mim, de criação, mas eu tenho feito o possível pra fazer de conta que eu não vejo. Eles têm o quarto, daí eles chegam e largam a pasta ali, aqui, nossa casa é pequena, sete pessoas. Se cada um pegar uma coisa e largar em qualquer lugar vira uma baderna. É isso que eu cobro. Ela (Eni) não liga muito, eu acabo ficando chato”*. A esposa concordou em parte com esta argumentação, e disse: - *“O que mais concordo é que ele quer comparar ele, que era sozinho, com quatro crianças, tudo da mesma idade. A casa não vai tá organizada, Claro que se eu vejo que tá errado, eu cobro deles, eu até grito. Se tiver que bater, eu bato. Não sou de ficar batendo o tempo todo, sou mais de explicar. Então, eu vou relevando, relevando, até que chega aquele momento que eu não consigo mais me controlar e acabo batendo /.../ o que eu vou fazer? Também não vou me estressar por pouco!”*.

Renato tem apresentado nos últimos três anos instabilidade de humor, ora está calmo, ora se revolta. - *“Na rua nunca deu incomodação, ele é agitado assim, dentro de casa com os irmãos”*, complementou a mãe. Na percepção dos pais: - *“Ele é muito autoritário e muito bruto, não tem tato para lidar com os irmãos, ele xinga, grita e bate nos irmãos”*. A mãe

considerou que *“ele pensa que ele é homem”*, ponderando que Renato considera-se adulto e, portanto, autônomo. Os pais observaram a mudança de comportamento do adolescente, que era tranqüilo e agora *“mudou da água para o vinho”*, não faz os temas e deseja parar os estudos. Segundo João: - *“Por ele, ficaria o dia andando de bicicleta ou jogando bola”*. Eni disse que Renato não a chama de mãe, mas por seu nome. A mãe considera que isto ocorra porque Renato morou com sua avó paterna até os oito anos. Para controlar o comportamento do menino, João *“grita mais alto”*, gerando diariamente agressões verbais e físicas. Para o pai, as brigas mais freqüentes são entre ele e os meninos: - *“Geralmente os conflitos é sempre eu, 90% é chamando a atenção do Renato e do Luís, e o Fábio também”*. João justifica o uso da agressão física: - *“Infelizmente quando eu uso a força física, ele (Renato) entende mais do que as palavras, ele respeita mais do que as palavras, as palavras não fazem efeito nele. Eu tento falar com calma: Senta aí, vamos conversar, aí ele baixa a cabeça.”* Quanto os motivos: - *“São os mais variáveis, alguma coisa que ele pegou, estragou, maltratou o irmão”* (João).

Renato acredita que o pai o considera *“louco”* e que: - *“Ele vai me colocar num colégio interno, porque eu faço muita arte”*. A relação entre pai e filho é marcada pela desconfiança, para o menino: - *“Eu fico falando pra ele como é, ele sempre fala que eu tenho uma desculpa, ele não acredita em mim e prefere acreditar no que ele ouviu na rua”*. E continua: - *“Tipo assim, oh: eu fui ali e dei no meu amigo, daí ele vai chegar e falar: - Renato, por que tu deu no teu amigo? Eu vou falar: - ‘Oh, pai! Dei, porque ele pegou e tocou uma pedra em mim’ e meu pai: - Mentira, que eu vi tu ali tocando pedra nele também”*. Segundo Renato: - *“O pai não bate mais em nenhum filho, só fica prometendo”*. Logo depois se contradiz: - *“Bate, às vezes, mas não bate tanto como ele batia antes. Ele se controla um pouquinho”*.

Em relação a Luís, os pais o elogiam. Falaram que: - *“Ele é muito inteligente, criativo, se comporta bem e conquista as pessoas”*. Estuda em uma escola especial para portadores de deficiência auditiva. Os pais têm dúvidas sobre a causa da surdez do menino. Segundo Eni: - *“Agora a gente não sabe se foi de nascença ou daquela otite”*. Refere-se a otite tratada com antibióticos aos quatro meses ou ao parto, realizado em casa, tendo como parteira a avó paterna. Luís fez uma audiometria e: - *“Constatarem que ele tem uma veia, que vai do ouvido para o cérebro, que é entupida”* (mãe). Os pais comentaram sobre o sentimento de revolta quando descobriram que o filho não ouvia. Uma frustração de Eni é não ter condições financeiras pra adquirir um aparelho auditivo para o filho: - *“Mas o maior sonho, que ele me pede e eu fico com os olhos cheio de lágrimas, ele pede o aparelho auditivo. Não temos condições de comprar. Da última vez que eu vi, tava R\$ 1.400,00 cada um”*. Segundo João, o

menino lida muito bem com a situação e é feliz. Os pais não conhecem a linguagem dos sinais com a qual o filho se comunica, embora saibam alguns gestos e seus significados.

Para os pais, Ana é: - *“Uma menina inteligente, saudável, seus cadernos são bem cuidados e sempre é elogiada pela professora”*. Segundo João: - *“É uma criança que não dá muitos problemas”*. No entanto, Ana relatou o espancamento com cinta que sofreu do pai, que a deixou com hematomas nas pernas e nas costas. Ana demonstrou sua frustração em relação aos maus tratos sofridos: - *“Não agüento mais isso, ficar apanhando por tudo”*. Em função disto, está vivendo temporariamente com a avó paterna e a considera como a única pessoa com qual o pai conversa e escuta, intervindo durante a situação de agressão. Segundo a menina: - *“Quando a minha mãe sai, eu não consigo ficar mais aqui (em sua casa). Ele (pai) fica a dia inteiro deitado e manda a gente fazer as coisas, arrumar a casa toda e depois ele dorme”*. Sobre seus sentimentos em relação a João, Ana considerou que: - *“Eu não gosto dele (pai), só quando ele é bom pra mim”*.

Fábio é visto pelos pais como comunicativo. Segundo o pai: - *“É inteligente para a idade, parece que tem mais idade, as conversas dele são sempre bem esclarecidas. É uma criança ativa, calma e tranqüila, tudo quer saber, tem que explicar tudo pra ele, não é um cara brigão, qualquer coisa tá bom pra ele”*. A gestação e o nascimento do novo membro familiar não foram comentados por João ou pelas crianças, com exceção de Eni, ao queixar-se de muitas dores nas costas desde os cinco meses da gravidez e dor de dente, aos nove meses.

Em relação à esposa, João a considera negligente em relação à educação dos filhos: - *“A mãe dele (Renato) dificilmente interfere nas brigas, nesta parte ela é até negligente. Só quando eu tô muito tenso mesmo, mais a mais, ela não faz nada”*. Renato reafirmou: - *“Muitas vezes, quando o meu pai não tá, minha mãe vê nós brigando e não faz nada”*. O pai considerou que os filhos não respeitam a mãe, por ela ser passiva frente aos comportamentos deles e ponderou: - *“Comigo ele (Renato) fica quieto, com a Eni ele bate-boca, e assim, eu dou castigo”*. No entanto, Eni não se considerou alheia ou negligente aos comportamentos dos filhos e afirmou: - *“Mas eu também não fico pra traz, porque eu brigo também pela desorganização”*.

A violência conjugal, segundo Eni, está relacionada à interferência da mãe em defesa dos filhos frente aos abusos físicos de João. De acordo com a mesma: - *“Eu brigo mais com o meu marido e ele briga mais com as crianças”*. Além do comportamento agressivo do marido para com os filhos, as brigas ocorrem pela falta de comprometimento de João com a manutenção da casa, para Eni: - *“Um pouco é porque ele cobra muito, um pouco porque ele*

*não se preocupa muito em consertar as coisas estragadas na casa. O guarda-roupa tem que implorar pra ele arrumar, ele diz: depois, depois, depois e aí, por birra, ele acaba não fazendo mesmo e eu acabo ficando mais nervosa, mas é verbal*". Eni procura se acalmar depois de uma discussão e: - *"Eu até evito a voltar a repetir o assunto pra não começar a briga de novo"*. Segundo Ana, as brigas mais constantes são entre os pais. O motivo pode ser um prato quebrado e para a menina: - *"Ah, quebra um prato, aí já começa a briga, sapato sujo, meu pai e minha mãe esquecem de lavar. Meu pai ultimamente anda muito nervoso"*. Ana contou sobre uma cena de agressão entre o casal: - *"Minha mãe tava brincando, ele achou que era verdade, porque ele tava bêbado, começam a discutir e ele deu na minha mãe"*.

Segundo Renato, há muitas brigas entre os irmãos, principalmente entre a Ana e ele. O motivo é que: - *"Ela sempre arranja uma coisa pra mexer comigo. Tô quieto lá e ela vêm. Falo: Pára Ana! Ela não pára. Daí eu vou lá e dou nela, depois a culpa é minha, porque eu dei nela e ela por qualquer coisinha chora"*. Depois de apanhar do irmão, Ana recorre ao pai para auxiliá-la. João intervém para amenizar o conflito, ameaçando o adolescente.

Ana revelou que geralmente quando o pai bate, a mãe não está em casa, mas os vizinhos observam a cena: - *"Quando ele dá na gente, minha mãe não tá, aí, eles ficam tudo olhando /.../ os vizinhos daqui da frente"*. Isto causa sentimento de vergonha em Ana, que prefere morar com a avó, e evitar os comentários dos vizinhos.

### **5.2.6 Indicadores de Risco**

Esta família apresenta diversos indicadores de risco, que individualmente ou associados podem potencializar o abuso físico dos pais para com os filhos, conjugal e entre irmãos. Percebe-se em nível macrossistêmico, principalmente na figura do pai, a presença de crenças instituídas socialmente, e que afetam a forma como este se relaciona com os demais membros familiares. Há a crença que fomenta o seu sentimento de ter posse sobre os filhos e a mulher. Também parece haver a concepção da família como uma instituição "perfeita" e infalível e, por fim, de que crianças devam ser como "adultos em miniatura". Além disso, neste sistema familiar encontra-se a aceitação cultural da punição corporal como prática disciplinar.

A crença subjacente do pai de ter a posse sobre os demais aparece quando este deseja que os filhos e a esposa sempre obedeçam as suas ordens sem contestação. Provavelmente João sente que, por ser o pai ou ser o "homem da casa" (de acordo com sua visão machista), tenha que assumir um papel no microsistema familiar de comando e de posse sobre os outros.

Então, busca centralizar o poder e exigir que os outros façam o que manda. Esta crença torna-se um risco para os maus tratos ao exigir determinados comportamentos, sem escutar as idéias ou desejos dos filhos e da esposa.

Outro fator de risco é a forma como João idealiza sua família. Busca reproduzir a família “perfeita” em sua concepção. Isto é, exige desesperadamente que seus filhos sejam e interajam de forma diferente do que realmente apresentam. Para o pai, seria ideal que todos sentassem à mesa para uma refeição, que os filhos não sujassem a casa ou fizessem bagunça. A presença destes aspectos pode ser compreendida como importante no sistema familiar. Compartilhar uma refeição pode ser um momento de reciprocidade para a família, ou o ambiente limpo e organizado pode denotar um padrão de organização que favorece ao desenvolvimento físico e social saudável. Além disso, as crianças necessitam de uma supervisão constante em relação à higiene pessoal e do ambiente. Assim, as crianças podem aprender a preservar o ambiente limpo e seus objetos. No entanto, não cabe a uma criança desempenhar tarefas que estejam além de suas condições ou que possam colocá-las em risco de acidentes, como lavar vidros e facas, que são objetos cortantes, como é exigido pelo pai eventualmente.

Nesta família, entretanto, a forma como João exige a organização e a reciprocidade é que a torna um risco. Parece difícil de manter a organização almejada por João, por vários motivos, entre eles: a restrição e a precariedade do espaço físico, o número elevado de crianças neste ambiente, a falta de motivação das crianças, que vêem o desempenho desta atividade de forma negativa e a divergência dos pais em relação à supervisão dos filhos e à divisão de tarefas. Assim, quanto maior a idealização que o pai possui sobre sua família, maior é a discrepância com a realidade e, por conseguinte, maior é o seu esforço para torná-la “perfeita”.

Além disso, ele trata os filhos como “adultos em miniatura”, isto é, espera que os mesmos sejam obedientes, limpos e organizados, cientes sobre seus deveres e responsabilidades e executores de obrigações impostas pelo pai. Então, João entra em conflito diariamente com seus filhos. Por outro lado, os filhos parecem não absorver as ordens do pai sobre manter a organização do ambiente. Este fato foi evidenciado no quarto das crianças pelas pesquisadoras, pois as roupas e objetos estavam espalhados pelo chão e em cima das camas. A falta de móveis adequados, como armários, também pode fornecer a impressão de desorganização. Em função disso, para impor sua vontade e manter o controle da situação, o pai agride corporalmente, como uma forma disciplinar que é culturalmente aceita por esta

família, já que Eni revelou que também bate nos filhos. O estresse em relação a este fato pode ser aumentado pelo tempo que o pai fica em casa em função do seu desemprego.

Em termos do exossistema, encontra-se a ausência de postos de trabalho, aliada à baixa qualificação e falta de oportunidades. Estes indicadores podem ser potencializados pelo macrosistema em relação ao preconceito à etnia, situação de pobreza, aparência física (rosto desfigurado pelo acidente de bicicleta) e condição da gravidez. A soma destes fatores pode agravar a situação de pobreza em que estão vivendo.

A ausência de orientação aos pais sobre prevenção à gravidez, de segurança e de privacidade na vizinhança são fatores associados ao exossistema e que refletem neste microsistema. As políticas públicas incipientes sobre planejamento familiar no país podem ter colaborado para que a família tenha cinco filhos. No entanto, o número de filhos pode ser compreendido como um fator de risco ou de proteção. Torna-se fator de risco, quando o adulto responsável não consegue promover proteção e supervisão adequada ao desenvolvimento de cada criança ou adolescente daquele sistema, justamente por não conseguir respeitar as características e as necessidades individuais. Por outro lado, em algumas famílias, a rede de apoio social e afetiva se intensifica entre os próprios irmãos, principalmente o mais velho, que assume o papel de cuidador. Embora João e Eni reconheçam o potencial de cada filho e suas diferenças, lidar com quatro crianças de idades aproximadas está sendo difícil para os pais. O casal justificou a ausência de um planejamento familiar pelo fato de saberem que os filhos viriam '*naturalmente*'. Segundo os pais, assim que souberam sobre a gravidez, os filhos foram desejados. Não houve orientação sobre prevenção à gravidez ou preocupação sobre isto. As políticas públicas sobre planejamento familiar no Brasil não atingem efetivamente as famílias de nível socioeconômico baixo. Embora haja distribuição gratuita de alguns métodos anticoncepcionais, a falta de orientação de como usá-los é que impossibilita sua eficiência. A falta de planejamento familiar torna-se um indicador de risco à medida que o filho que está sendo gerado, venha a nascer em um momento de vulnerabilidade social desta família. Tanto que a vinda do bebê não foi mencionada pelos familiares durante as entrevistas, com exceção de Eni, pelas dificuldades enfrentadas.

No exossistema desta família, encontra-se também, a ausência de segurança e privacidade na comunidade. A proximidade das casas e a precariedade do material de construção das mesmas fazem com que os vizinhos escutem as conversas, mesmo realizadas dentro da residência. Ana falou do sentimento de vergonha em relação à vizinhança, pelos olhares curiosos e comentários quando esta é vítima de agressões. Por outro lado, parece que

os vizinhos não tomam medidas de proteção a estas crianças, chamando o CT, por exemplo. Além disso, a família está inserida em uma favela com alto índice de violência urbana e tráfico de drogas. Apesar dos pais se preocuparem com a segurança dos filhos, ao ficarem atentos onde e com quem estão, é comum encontrar casos de vítimas por balas perdidas nesta favela.

Neste microssistema familiar, um evento causador de estresse importante é o desemprego dos pais. Este ocasiona a atual situação financeira, isto é, não possuem renda e estão sobrevivendo com auxílio da avó paterna. Além da instabilidade financeira vivenciada, há preocupação e angústia com a falta de alimento para os filhos, principalmente João e Eni que são adultos jovens, em plena etapa produtiva do seu ciclo vital. A atual ociosidade de João, que faz com que durma até o meio-dia, pode ser desencadeada pelo sentimento de impotência, baixa auto-estima e sintomas depressivos, tornando-se um ciclo vicioso. As perdas econômicas e profissionais vivenciadas nos últimos anos, como João passar de vendedor ambulante no seu próprio negócio para pintor de paredes sem vínculo ou a troca de uma casa em construção maior por uma em estado precário, também são avaliadas como eventos de risco para a violência.

Outro aspecto importante está relacionado às práticas educativas e aos estilos parentais. O casal aplica uma disciplina que se torna incongruente, inconsistente e ineficiente para com os filhos. Embora desejem que estes os obedeçam, parece que os filhos não correspondem aos anseios destes pais. Então, o pai usa de práticas disciplinares estritas e, principalmente, punitivas, como a física. Assim, o pai assume um estilo parental autoritário. A mãe, ao contrário, é vista como negligente e omissa frente ao comportamento dos filhos, demonstrando um estilo parental indulgente, pois é carinhosa e atenciosa com as crianças. De acordo com Ceconello, De Antoni e Koller (2003), o estilo indulgente parental é evidenciado por alta responsividade e baixo controle, isto é, são pais amorosos e preocupados com o bem-estar dos filhos, mas não colocam limites aos comportamentos dos mesmos. No entanto, a mãe tem uma visão diferenciada de si. Ela se vê cobrando sobre a organização da casa, e embora prefira conversar, assume que eventualmente bate nas crianças. Parece que este ato serve para não ser desqualificada pelo marido, pois sabe o mesmo a vê como indiferente. Considera que exigir organização e limpeza constantemente seria “*se estressar por pouco*”, isto é, parece não valer a pena o desgaste emocional desencadeado por esta situação.

A precariedade da moradia e o espaço físico restrito para tantos moradores são indicadores de risco nesta família. A organização e limpeza do ambiente tornam-se mais difícil, principalmente por serem crianças e não estarem atentas a estes fatos, como já foi

comentado anteriormente. Há intensa circulação de pessoas no ambiente e no pátio. Também, não há privacidade entre os filhos, que dormem todos no mesmo quarto. O fato de Ana estar na avó é um fator positivo em relação a sua privacidade, pois é a única menina entre os filhos.

Há problemas na comunicação na família. Os filhos não são ouvidos. Renato revelou que o pai não confia em suas argumentações e duvida de suas explicações. O casal também não conversa entre si e a violência conjugal pode ser compreendida como uma manifestação da intolerância e falta de diálogo. Segundo Eni, João é contraditório em suas ações, pois exige dos outros, mas não faz a sua parte, como consertar móveis quebrados, por exemplo, o que gera as brigas conjugais. O filho mais elogiado é o portador de deficiência auditiva, que não se comunica de forma verbal e os pais não conhecem a sua linguagem. A deficiência auditiva de Luís pode ser um agravante para a baixa auto-estima dos pais. O casal sentiu frustração ao descobrirem a deficiência. O fato de não ter claro a origem pode incrementar a culpa. Além disso, a mãe se sente frustrada pela falta de recursos financeiros para adquirir o aparelho auditivo.

A adolescência de Renato, que envolve mudanças no humor, desafio à autoridade, rebeldia, autonomia e imposição da sua vontade (com os irmãos) está sendo motivo de desavenças na relação parental e fraternal. João e Eni dizem não saber como lidar com isto. Para o casal, Renato mudou “*da água para o vinho*”. A relação torna-se tensa, com cobranças, falta de confiança e de diálogo. Apesar disso, Renato parece proteger ou preservar a imagem do pai, ao afirmar que o mesmo “*tenta se controlar*” para não bater e se contradiz, revelando que ele continua abusando fisicamente. As brigas com Ana denotam a instabilidade emocional de Renato. Esta fase do desenvolvimento de Renato está sendo um risco para que se torne vítima ou agressor no microsistema familiar.

Percebe-se que João apresenta certa rigidez em suas interações, o que dificulta o desenvolvimento de habilidades empáticas. O estabelecimento de normas e rotinas é importante para incrementar a resiliência familiar, em relação aos padrões de organização (Yunes, 2003). No entanto, a falta de flexibilidade e a imposição destas normas de forma autoritária podem enfraquecer as relações neste microsistema. Não cabe realizar um diagnóstico de João neste estudo, no entanto, pode sugerir o quadro depressivo em função de alguns sintomas apresentados, como irritabilidade, prostração, cansaço, baixa auto-estima. Além disso, João tem uma mãe, segundo ele, “*confusa*” e “*esquizofrênica*”. Os comportamentos de sua mãe, que sugerem este diagnóstico, podem influenciar João. Este pode ter receio de também perder o controle e romper com a realidade. Então, parece que esta

rigidez pode ser um esforço de autocontrole. O fato de tentar se controlar para não bater, evidencia este esforço. Quando o mesmo perde o autocontrole, abusa fisicamente com severidade, sem motivo aparente para os filhos e agride em qualquer local do corpo, deixando lesões e seqüelas. João é o “*chato*” por suas cobranças, destoa dos demais membros, causando medo nos filhos e distanciamento afetivo. Ana fez referência ao fato do pai ter usado álcool e ocasionar determinado conflito conjugal. Não há indícios no processo de pesquisa que o pai faça uso contínuo de drogas ilícitas ou lícitas. No entanto, este relato é importante para compreender que a violência, em algumas situações, possa estar associada ao uso de álcool. João não faz tratamento psicológico ou psiquiátrico, e isto pode permitir que este quadro se agrave.

Eni parece física e emocionalmente cansada, principalmente no final da gravidez, pelas dores que estava sofrendo. Então, parece que Eni não quer lidar com outros problemas ou ter outras incomodações, como interferir nas brigas entre irmãos ou passar novamente pela intervenção do CT ao denunciar João. Isto é evidenciado pelo fato de, se levar Ana ao médico e este questionar sobre a origem das lesões, terá que tomar uma providência em relação a João. Frente a isto, assume uma atitude passiva, e esta pode levar a continuação dos maus tratos intrafamiliares.

O demonstrativo elaborado por Koller e De Antoni (2004), sobre os indicadores de risco para a avaliação de violência intrafamiliar, serviu de modelo para identificação e visualização dos indicadores de risco presentes na família Soares. Estes podem potencializar a violência naquele contexto. Indicadores de risco não descritos pelas autoras e encontrados nesta família foram acrescentados em negrito à Tabela 23, descrita a seguir e contribuem para a produção de conhecimento sobre famílias com história de abuso físico.

Tabela 23

*Fatores de Risco Relevantes para Potencializar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Soares*

Fator	Eu ecológico	Microsistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
Família	<p><b>rigidez (pai)</b></p> <p><b>passividade (mãe)</b></p> <p><b>adolescência (Renato)</b></p>	<p>gravidez na adolescência</p> <p>estresse familiar por saúde, problemas financeiros e de relacionamento</p> <p>muitos filhos</p> <p>problemas de comunicação</p> <p>disciplina incongruente, inconsistente e ineficiente práticas disciplinares estritas e punitivas</p> <p>gravidez não planejada</p> <p>estilos parentais: negligente e autoritário</p>	<p>desemprego falta de produtividade Empobrecimento</p> <p><b>falta de políticas públicas sobre planejamento familiar</b></p>	<p>aceitação cultural de punição corporal</p> <p>aceitação cultural de posse da criança e da mulher</p> <p>naturalização/banalização da violência</p> <p><b>crianças são adultos em miniatura</b> Idealização da família como perfeita</p>

Tabela 23

*Fatores de Risco Relevantes para Potencializar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Soares (continuação)*

Fator	Eu ecológico	Microsistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
Positividade	Falta de conhecimento sobre suas reais habilidades e talentos ausência de empatia, de auto-regulação e autoconfiança senso de fragilidade e impotência	Falta de clareza sobre potencialidades e limites		
Cognição e educação	Renato quer parar de estudar			
Interação	ausência de empatia fragilidade na tomada de decisão e na resolução de problemas	desequilíbrio de poder violência entre irmãos violência conjugal desconfiança na relação parental (João e Renato)	ausência de relações hierárquicas de poder equilibradas	cultura que aceita e promove a posse da mulher e da criança, machismo
Variáveis de saúde, sociais e ambientais	deficiência física (Luís) <b>suposta depressão do pai sem tratamento</b> portadores de sofrimento psíquico (avó)	uso de álcool gravidez com dor acidente de João moradia sem privacidade íntima precariedade da moradia.	ausência de infra-estrutura de saneamento, segurança e privacidade violência na comunidade	<b>preconceito em relação ao trabalho em função da etnia, aparência física e gravidez</b>
Variáveis econômicas	instabilidade e fracasso econômico empobrecimento		muitos eventos estressores desemprego	<b>preconceito em relação à pobreza</b>

### 5.2.7 Indicadores de Proteção

Existem indicadores de proteção nesta família que podem amenizar o impacto do risco, principalmente para os maus tratos. Em nível do macrossistema e do exossistema são as políticas públicas de proteção à criança e às famílias. A intervenção do Conselho Tutelar e da Delegacia da Mulher, ao agir como um censor externo, exerceu um papel fundamental na

diminuição da intensidade e frequência e, até mesmo, na interrupção temporária da violência conjugal neste microssistema.

Outro fator presente é a rede de apoio social, incluindo a rede de serviços, como as escolas dos filhos, a ONG Maria Mulher, a igreja e os parentes. Isto permite a família não se sentir isolada e sem assistência neste momento, possibilitando-a enfrentar com mais otimismo suas dificuldades. A família, por sua vez, também aciona a rede e busca os recursos da mesma. O fato de freqüentarem a igreja e buscarem exercer sua religiosidade é um sinal de busca de união e harmonia familiar. A família de origem do casal também forma a rede, a mãe de João o auxilia financeiramente e emocionalmente. Apesar da sua psicopatologia, a avó é vista pelos membros como uma pessoa importante neste sistema. A mãe de Eni é citada como uma pessoa que acolhe e apóia a filha e os netos nos momentos de separação e crises do casal. Assim como, possuírem amigos pode auxiliar a família em momentos difíceis.

O demonstrativo elaborado por Koller e De Antoni (2004), sobre os indicadores de proteção para a avaliação de violência intrafamiliar, serviu de modelo para identificação e visualização os indicadores presentes na família Soares. Estes podem amenizar a violência naquele contexto. Indicadores de proteção não descritos pelas autoras e encontrados nesta família foram acrescentados em negrito à Tabela 24, descrita a seguir.

Tabela 24

*Fatores de Proteção Relevantes para Amenizar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Soares*

Fatores	Eu ecológico	Microssistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
História anterior		pais ou cuidadores sem história de abuso	presença de recursos terapêuticos, conselhos de direitos, apoio emergencial e permanente	
Família		<b>Papel da mãe de defensora dos filhos</b>	Conselho Tutelar Delegacia da Mulher clareza sobre a possibilidade de buscar e obter recursos	<b>Valorização da instituição família</b>
Autopercepção		clareza em potencialidades e limitações senso de pertencimento à comunidade	presença de rede de apoio social rica em recursos (estrutura) e com funcionamento atuante, flexível e presente relações estáveis de amizade reciprocidade	cultura que promove e compartilha senso de responsabilidade e cuidado e se opõe à violência

Tabela 24

*Fatores de Proteção Relevantes para Amenizar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Soares (continuação)*

Fatores	Eu ecológico	Microssistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
Positividade	Talentos especiais e criatividade  sentimentos de amor e amizade	religiosidade, expectativas de futuro <b>Cuidado com os animais</b>	disponibilidade de recursos para consecução de planos e oportunidades	
Cognição e educação	<b>Todas as crianças estão estudando</b>	estímulo à formação e ao bom desempenho	disponibilidade de escolas, programas de capacitação, educação continuada Escola especial para Luís	
Interação	boas habilidades interpessoais	<b>Atividades em conjunto</b>	afiliação religiosa e comunitária Senso de pertencimento	
Variáveis sociais e de saúde	<b>Casa própria</b>		disponibilidade de acompanhamento terapêutico e outros recursos	políticas sociais e públicas para saúde e serviços de bem-estar.

Embora Eni venha assumindo uma postura passiva, o papel de proteção que tem no sistema familiar denota sua força pessoal e impede que João perca o controle, espancando os filhos. Eni, por sua vez, acredita que conversar tem mais efeito do que a agressão física, ao contrário de João, que crê na eficácia da “*palhada*”. Foi ela quem fez as denúncias para a Delegacia da Mulher. Ana argumentou que o pai só bate quando a mãe não está. Embora Eni seja vista, muitas vezes, como omissa, principalmente nas brigas entre os irmãos, ela torna-se uma mediadora nos conflitos entre o pai e os filhos e a defensora desses. Na história pregressa de Eni, encontra-se o desconhecimento sobre seu pai, uma mãe que trabalhava para sustentar os filhos e o fato dos pais não se amarem. João também não conheceu o pai. No entanto, o casal revelou sua gratificação com o casamento na igreja após 15 anos de convivência. Parece que os mesmos nutrem um sentimento de valorização da instituição familiar, talvez isso ocorra pelo fato de não terem tido o modelo nuclear em suas famílias de origem.

O ambiente doméstico inclui a presença de vários pássaros e outros animais. Percebeu-se que as gaiolas estavam limpas e os animais bem tratados. Geralmente é João quem cuida dos animais. O canto dos pássaros torna o ambiente mais aconchegante e tranquilo. Apesar da precariedade da moradia, eles têm orgulho de possuírem a casa, como bem material e deixarem como herança para os filhos.

A valorização dos estudos é um aspecto positivo nesta família. Os pais vêem como uma herança a ser deixada com os filhos e com isso, poderá haver melhoria na qualidade de vida deles. As escolas das crianças também são vistas como pertencentes à rede. A escola especializada freqüentada por Luís estimula suas potencialidades. Os professores da escola freqüentada por Renato estão preocupados com o comportamento do adolescente. Sendo assim, a escola possui um papel importante no desenvolvimento destas crianças.

O fato dos pais perceberem e elogiarem os talentos e potencialidades dos filhos é um indicador de proteção para estas crianças, pois incrementa a auto-estima, reafirma o senso de pertencimento ao grupo e o sentimento de serem amadas. Os pais citaram a realização de atividades em conjunto, como irem à missa ou à pracinha. Embora não seja com freqüência, pode-se considerar um indicador de proteção, ao permitir à família compartilhar experiências que são prazerosas.

### **5.2.8 Coesão e Hierarquia no Microssistema Familiar**

A coesão e a hierarquia são analisadas através dos resultados qualitativos e quantitativos obtidos pelos participantes no Teste do Sistema Familiar (FAST). Participaram da aplicação individual do FAST: o pai, a mãe, Renato e Ana. Este teste não foi aplicado em Luís por uma possível dificuldade na comunicação entre a entrevistadora e o menino. Todos os respondentes configuraram sua família incluindo o casal e os quatro filhos. João e Ana incluíram também a avó paterna, embora ela não resida na mesma casa. Nenhum respondente incluiu a criança que irá nascer.

As Figuras 37, 38 e 39 apresentam os quadros demonstrativos das representações individuais sobre a coesão nas situações típica, ideal e de conflito de quatro membros familiares (João, Eni, Renato e Ana). São realizadas as análises e as interpretações sobre os resultados individuais e, posteriormente, a análise do sistema familiar. Cabe lembrar que a letra existente no quadro corresponde a inicial do nome do familiar e está inserida na grade no local onde o respondente posicionou a peça no tabuleiro.

Familiares: **JO**= pai; **EN**= mãe; **RE**= Renato; **LU**= Luís; **AN**= Ana; **FA**= Fábio; **AV**= avó

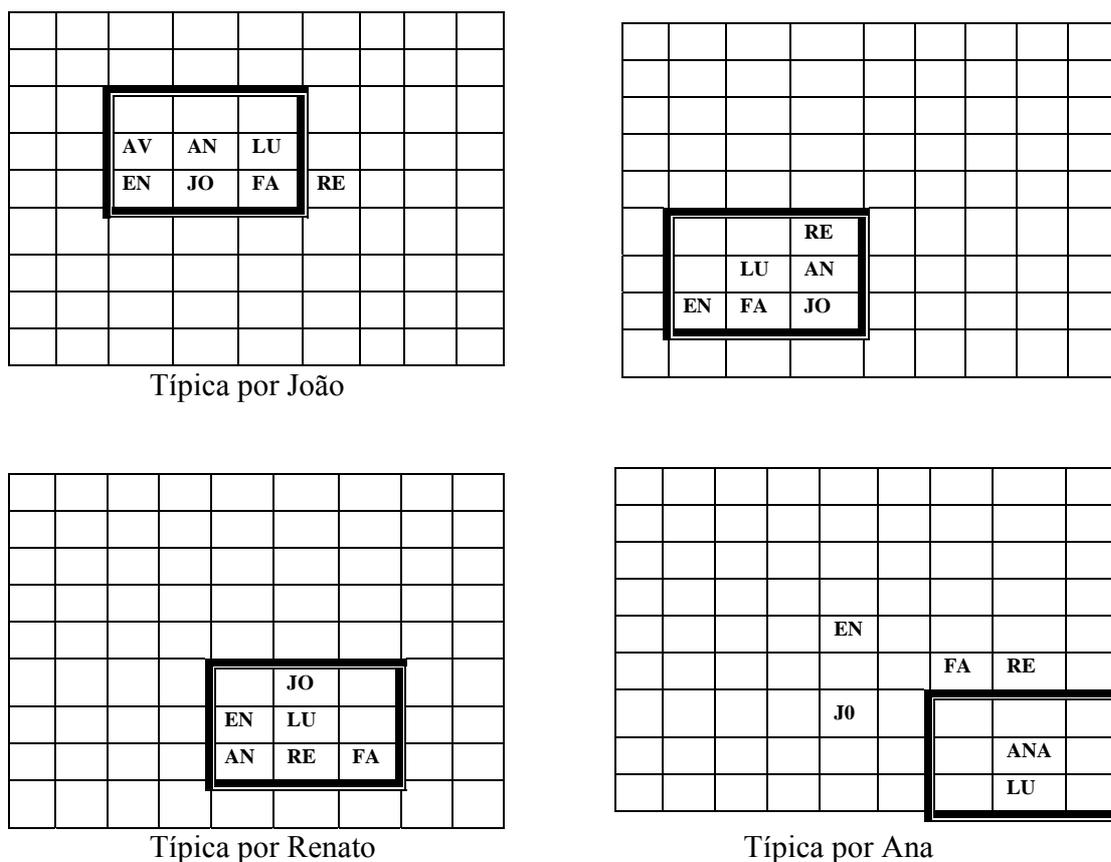
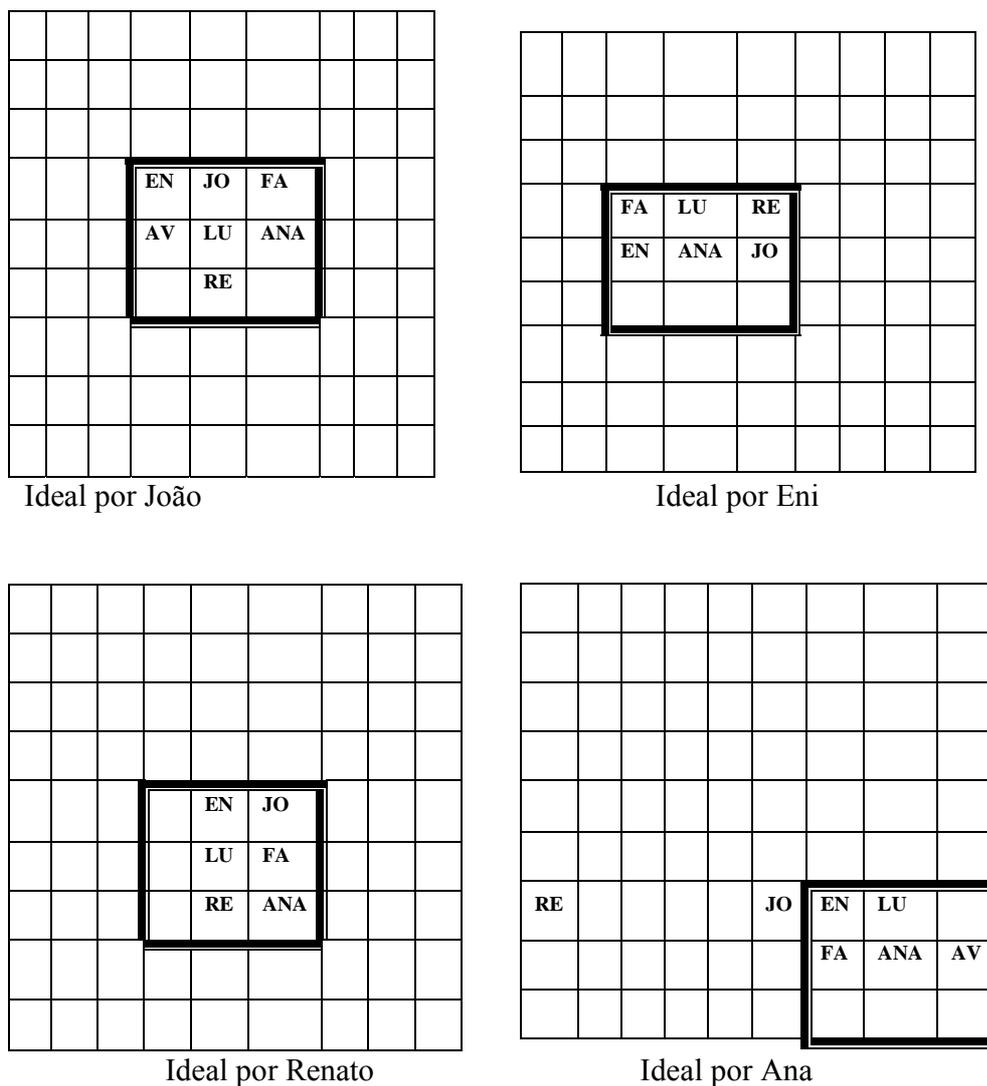


Figura 37. Situação típica: perspectivas dos familiares.

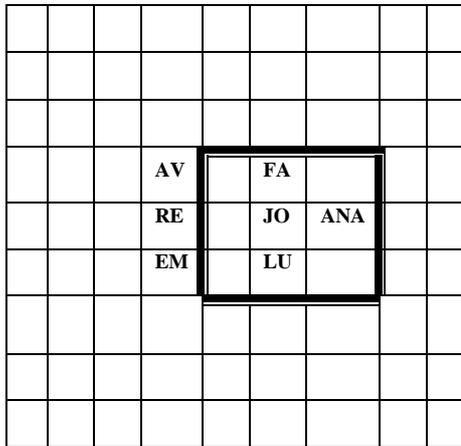
Em relação à representação de João na situação típica, percebe-se que há alta coesão entre os membros. Renato aparece fora do quadrante 3x3. Isto pode ocorrer pelo copioso número de familiares, que dificulta a colocação de todos dentro de determinada área. A inclusão da avó materna, por parte de João, pode ser compreendida como um fator de proteção nesta família. João vê em sua mãe uma pessoa que o está auxiliando “100%”, neste momento difícil em sua vida. Também, observa-se que Eni e Renato representam sua família com alta coesão nesta situação. Ao contrário desta visão, Ana representou sua família com baixa coesão e realizando uma coalizão com Luís. Provavelmente tal representação esteja relacionada à situação de maus tratos que sofreu por parte do pai recentemente, a omissão da mãe ao não levá-la ao médico e as brigas com os irmãos. Parece que Ana atribui uma relação de amizade a Luís, provavelmente pelo seu papel diferenciado neste sistema, visto que este parece não se envolver em desavenças ou discussões.



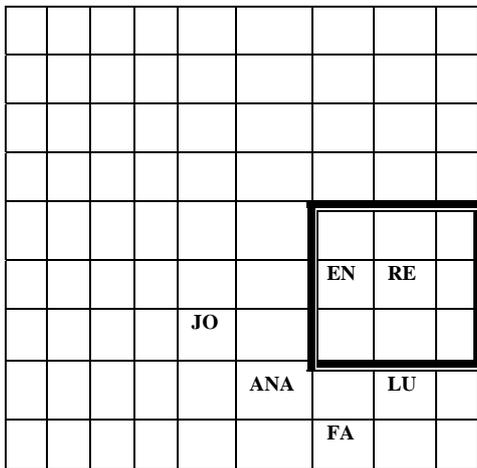
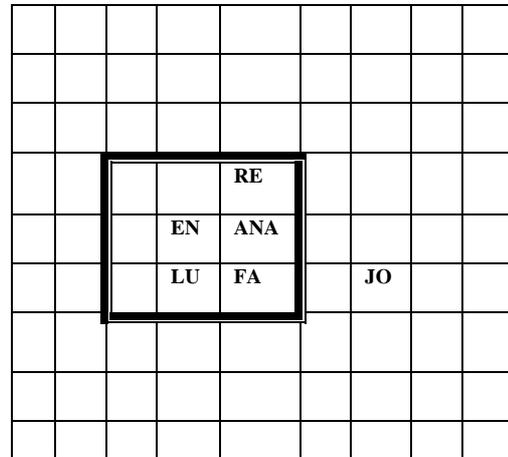
*Figura 38.* Situação ideal: perspectivas dos familiares.

Na situação ideal, novamente há uma semelhança no desejo de João, Eni e Renato de manterem-se com alta coesão. Ana inclui a avó, pois é protegida fisicamente, ao residir temporariamente com ela e emocionalmente, ao saber que pode contar com seu apoio. Por outro lado, Ana demonstrou sua vontade de colocar Renato fora das interações familiares. Acrescentou na entrevista que gostaria que, assim que voltasse para casa, o adolescente fosse morar com a avó, como era há cinco anos atrás. Sendo assim, evitaria vê-lo constantemente.

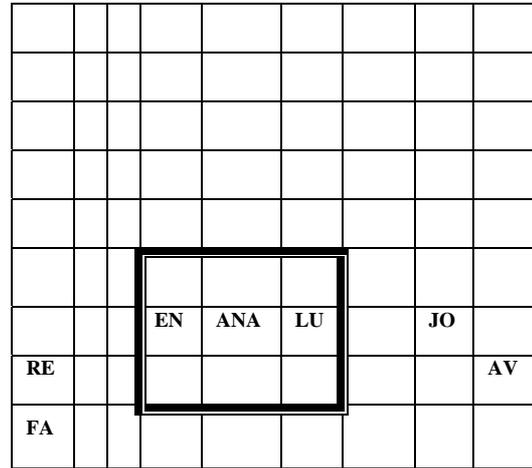
Este fato pode revelar a raiva que Ana nutre por Renato em função das agressões entre ambos. Ana, portanto, representou seu desejo de uma baixa coesão.



Conflito por João



Conflito por Renato



Conflito por Ana

Figura 39. Situação de conflito: perspectivas dos familiares

João representou como média a coesão, pois coloca três familiares juntos ao quadrante. Os demais membros da família revelam baixa coesão nas situações de conflitos e formação de coalizões. João separa a família em dois subsistemas: Um é formado por Ana, Luís, Fábio e ele próprio. Outro é formado por Eni, sua mãe e Renato. Parece que João percebe que aqueles que mais o desafiam ou questionam e que menos aceitam suas ordens são os que estão mais afastados de si. Já as crianças, que são ameaçadas e intimidadas e obedecem aos mandos de João, são vistas pelo pai como próximos ou aliados nas situações de conflito. Eni, por sua vez,

reafirma a idéia de que o causador dos conflitos é o marido e, portanto, o coloca afastado do grupo. Assim, demonstra a baixa coesão entre ele e os demais familiares. De acordo com a representação de Renato, apesar de considerar a mãe omissa nas brigas entre irmãos, este a representou a seu lado, como uma aliada nos momentos de conflito. No entanto, todos os outros membros estão afastados entre si, demonstrando a baixa coesão familiar. Ana representou três subsistemas nas situações de conflitos, o primeiro é formado por Renato e Fábio, o segundo por Luís, Eni e ela e o terceiro pelo pai e avó. Parece que a menina percebe que as pessoas que pode contar neste momento são a mãe e Luís. A avó teria um papel de intermediária na resolução do conflito, influenciando nas decisões de João. Talvez a tenha representado ao lado do mesmo por este motivo. Os filhos percebem o distanciamento que os conflitos provocam entre os membros mais do que os pais, provavelmente por serem vítimas destes e sofrerem com esta forma de relacionamento.

Os membros da família Soares apresentam semelhanças sobre a percepção de suas relações, com exceção da visão apresentada por Ana na situação cotidiana e na ideal. Parece que a menina assume um papel de “porta-voz” das angústias vividas pelo grupo familiar. Ela faz a denúncia das agressões sofridas do pai e de Renato – ao mostrar os hematomas em seu corpo e representar sua família com baixa coesão em todas as situações. Ana demonstra sua força frente à fragilidade das relações estabelecidas. Renato, ao contrário, tenta amenizar as relações na situação cotidiana, mas se contradiz ao mencionar a falta de autocontrole do pai e a omissão da mãe. Parece que a família busca manter-se unida pelo afeto e pela idealização da instituição família, por exemplo, os pais terem realizado uma cerimônia religiosa de casamento. No entanto, isto não é suficiente e parece não fazer sentido, neste momento, para Ana.

A família obteve alguns resultados semelhantes em relação à hierarquia, principalmente entre Eni e Ana e entre João e Renato. A Tabela 25 demonstra os valores atribuídos pelos respondentes nas situações típicas, ideais e de conflitos. Em seguida, são apresentadas as análises e interpretações sobre estas atribuições.

Tabela 25

*Valores Atribuídos à Hierarquia pela Família Soares*

	Situação	João	Eni	Renato	Luís	Ana	Fábio	Avó
João	Típica	3	2	2	1	1	1	2
	Ideal	3	3	2	2	2	2	3
	Conflito	3	3	0	0	0	0	2
Eni	Típica	3	2	1	1	1	1	
	Ideal	2	3	1	1	1	1	
	Conflito	1	3	0	0	0	0	
Renato	Típica	3	2	1	1	0	0	
	Ideal	2	3	1	1	1	1	
	Conflito	3	2	0	0	0	0	
Ana	Típica	1	3	0	0	0	0	0
	Ideal	1	3	0	0	0	0	3
	Conflito	0	3	0	0	0	0	3

Em relação à hierarquia, João percebe que possui mais poder decisório e de influência no sistema familiar, reafirmando sua necessidade de controle sobre o mesmo. Na situação cotidiana, coloca Eni e Renato na mesma condição hierárquica e, assim, confirma sua visão de que Eni é, muitas vezes, omissa, pois não impõe sua vontade, principalmente em relação a Renato. Para João há baixa hierarquia na situação típica. Na situação ideal, delega à esposa e aos filhos mais poder, o que revela o desejo da hierarquia com mais equilíbrio e assim, apresenta hierarquia média. No entanto, na situação de conflito, destitui todo ou qualquer poder dos filhos, e exige que os mesmos o obedeçam sem contestação. Então, o uso da força permite a João exercer seu poder, evidenciando alta hierarquia entre pais e filhos.

A percepção de Eni em relação à hierarquia na situação cotidiana revela o poder que João possui no sistema familiar. No entanto, a mãe demonstra seu desejo de ter mais poder do que o marido. Na situação de conflito, coloca-se com maior poder do que João e os filhos.

Talvez isto ocorra por sua interferência nas brigas, evitando que João agrida fisicamente as crianças e sua atitude de denúncia frente aos maus tratos. Mesmo assim, destitui o poder dos filhos em concordância com a representação de João. Em todas as situações apresenta coesão média, isto é, a subtração entre o menos poderoso dos pais e o mais poderoso dos filhos foi igual a 1 ponto.

Renato representou o pai tendo mais poder do que a esposa e os filhos na situação típica e de conflito. No entanto, seu desejo é que a mãe tivesse mais controle do que o pai e os filhos exercessem algum poder decisório também. Já na situação de conflito revelou a alta hierarquia no sistema, com os filhos destituídos de qualquer poder. Renato apresentou uma visão congruente com a de seus pais.

Ana revelou nas três situações baixa hierarquia familiar. Coloca o poder na mãe e na avó e destitui das crianças qualquer influência que possam exercer. Parece que Ana não vê o pai com o poder que ele se atribui, mas um homem que fica: -“*O dia inteiro deitado e manda a gente fazer as coisas, arrumar a casa toda e depois ele dorme*”, isto é, sem um efetivo controle das situações.

### **5.2.9 Estrutura Relacional na Situação Típica e de Conflito**

A estrutura relacional envolve a análise da inter-relação entre a coesão e a hierarquia. São apresentados os resultados do pai, da mãe, de Renato e Ana nas situações típica e de conflito, visando à comparação entre estas duas estruturas.

Na Figura 40, estão incluídos quadros que correspondem à posição da percepção de cada membro, e ao lado do nome, estão identificadas a situação típica (ST) e a de conflito (SC).

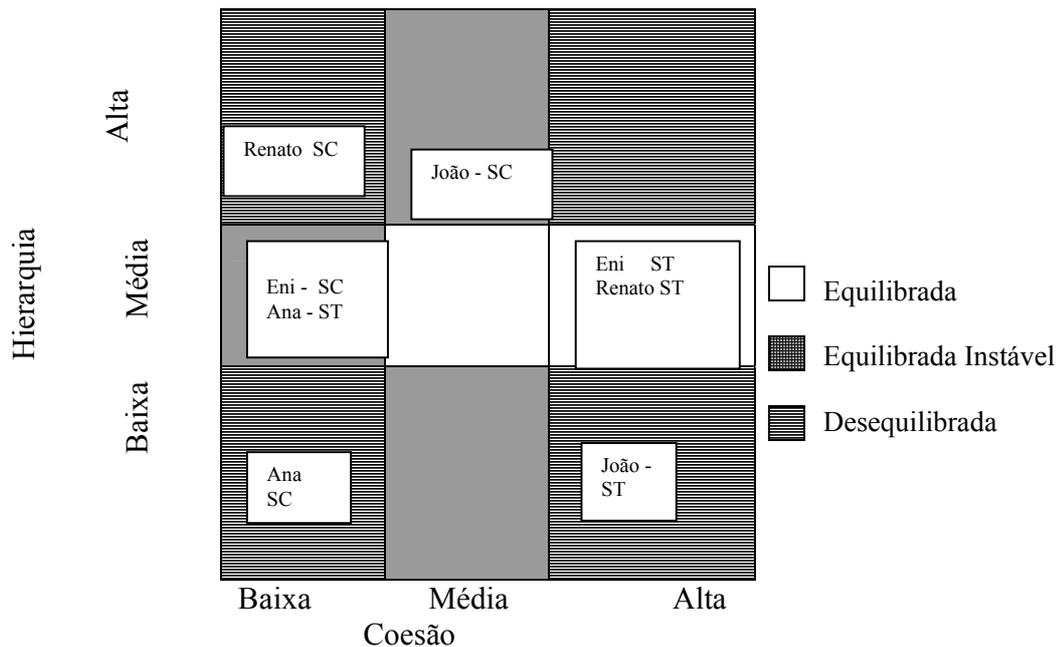


Figura 40. Estrutura relacional da família Soares.

Em relação à estrutura relacional na situação típica, parece que João a vê como desequilibrada, provavelmente pela falta de posicionamento e de atitude de Eni frente aos comportamentos dos filhos. Para Renato e Eni, o sistema está equilibrado da forma como está instituído. Em contrapartida, Ana observa uma tendência ao desequilíbrio, principalmente pela baixa coesão desencadeada pelas situações agressivas vivenciadas em seu cotidiano. Na situação de conflito, Ana e Renato a consideram como desequilibrada, e João e Eni, como equilibrada-instável. Todos os pesquisados nesta família representaram como baixa a coesão na situação de conflito, com exceção de João, que a considera média. A família percebeu que os conflitos causam a instabilidade no sistema familiar. Provavelmente isto ocorra pela dificuldade do sistema efetuar trocas através do diálogo e articular estratégias adequadas para solucionar problemas. Para João, o desequilíbrio está na alta hierarquia que ele mesmo impõe, proporcionando um desequilíbrio nas relações de poder. Para Ana, é o contrário, o desequilíbrio estabelece-se justamente pela falta de poder do pai. No entanto, Eni e Renato apresentam uma percepção semelhante entre si, a de que a hierarquia não é o fator preponderante nas situações de conflito, mas a baixa coesão. Portanto, o que pode causar certa instabilidade no sistema é a falta de intimidade emocional e de proximidade afetiva.

### 5.2.10 O Papel da Violência

A violência nesta família parece ser desencadeada por uma tentativa infrutífera de João em manter o controle sobre os outros e exigir que os mesmos façam o que ele diz, não façam o que ele faz, e sejam como ele gostaria de ser. O senso de organização foi aprendido por João por um processo de modelagem em sua família de origem e serve para evitar o caos no espaço físico no sistema familiar. No entanto, em função de sua rigidez, fomenta o caos emocional pela posição autoritária que assume. Assim, institui-se um poder que é na realidade um “pseudopoder”, isto é, um faz-de-conta que tem o controle sobre os outros. Isto ocorre porque os filhos e a esposa não o vêem com poder absoluto ou com o poder que ele acredita ter. Ele mesmo reconhece que não é ouvido e nem obedecido. Então, o uso da agressão física não é somente uma forma punitiva para corrigir o comportamento dos filhos, mas um recurso desesperado de João para cumprir o seu papel de pai e, talvez, de “dono da situação”. Parece que esta necessidade em manter o controle externo, o auxilia a manter-se com autocontrole, isto é, a organização do meio ambiente possibilita que este se mantenha estruturado emocionalmente de alguma forma, e assim, não rompa com a realidade como sua mãe o fez.

Geralmente Renato está envolvido nas agressões entre os irmãos. Ao assumir um papel de agressor parece reproduzir o comportamento do pai. Renato, por ser o mais velho, pode atribuir-se uma atitude autoritarista também, como a mãe revelou: - “*Ele pensa que já é homem*”. Pode ser que o modelo masculino internalizado por Renato seja de um agressor e o feminino, de passividade. Tal qual vivencia no seu contexto familiar. Ana, por sua vez, revela seus sentimentos de frustração e insatisfação com o sistema familiar pelo autoritarismo do pai e de Renato que pode levar a sua condição de vítima de maus tratos.

A presença e associação de muitos e severos indicadores de risco, principalmente as condições socioeconômicas impulsionadas pelo desemprego e que levam a precariedade de moradia, por exemplo, são agravantes na promoção do estresse parental. Os indicadores de proteção nesta família podem favorecer a resiliência individual, ao valorizar as qualidades e talentos de seus membros e a familiar, ao acionar a rede de apoio. No entanto, observa-se a vulnerabilidade familiar, através da própria violência, pela forma como estão estabelecidas as interações, pela falta de comunicação, e principalmente, como são realizadas as cobranças em relação ao desempenho dos papéis.

### 5.3 Estudo de Caso III

#### 5.3.1 Dados Bioecológicos

A violência nesta família é manifestada pelo descontrole emocional da mãe. O descontrole pode ser ocasionado pela falta de recursos pessoais. No entanto, provoca o sofrimento de todos os integrantes do sistema familiar.

A família Silva é formada pela mãe, Aline, 30 anos, suas duas filhas do primeiro casamento, Sara, 13 e Vanessa, 9 anos e um filho do segundo casamento, Edson, de 2 anos. Atualmente Aline está separada fisicamente do companheiro Orlando, 44 anos, pai de Edson, porém residem juntos até que o mesmo encontre outro local para morar. Os nomes descritos nesta tese são fictícios, para salvaguardar a identidade dos participantes da pesquisa. No entanto, os nomes verdadeiros dos filhos são oriundos da língua inglesa, assim como sua grafia e são raros de encontrar na população brasileira.

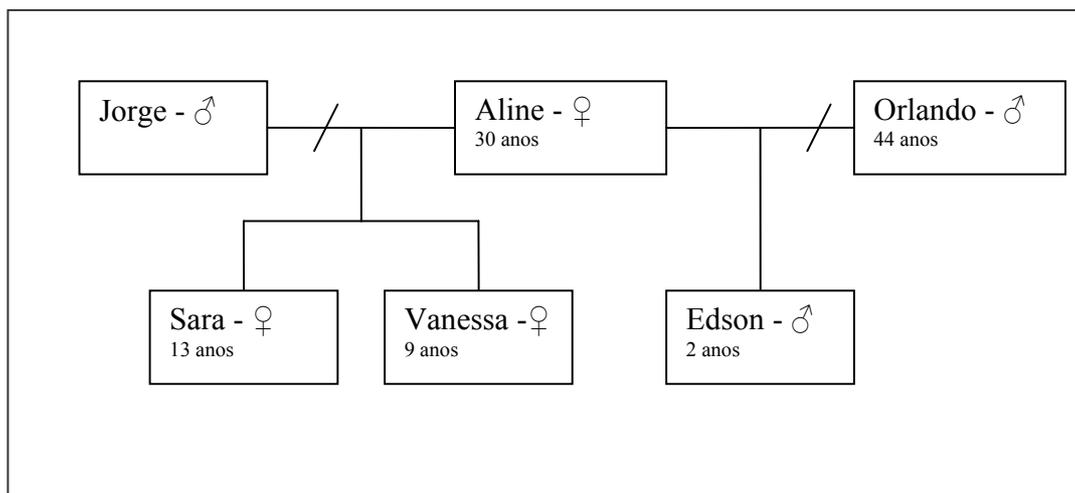


Figura 41. Genograma da família Silva.

Em relação à aparência física, a mãe está obesa e aparenta mais idade do que tem. Usa cabelos compridos, castanhos claros e ondulados, muitas vezes, estes estão presos à cabeça de forma descuidada. Veste-se informalmente e com desleixo. Passa a impressão de estar cansada, pelas olheiras e a forma como se movimenta no ambiente, isto é, devagar. Sua fala é rápida e interrupta, demonstrando certa ansiedade e necessidade em expor todos os fatos de sua vida. Pensa que as filhas têm vergonha dela, por não se arrumar ou se maquilar. Já Sara

pode ser considerada fisicamente muito bonita, de acordo com os padrões de beleza internacionais. É alta, magra, tem os olhos azuis e os cabelos castanhos escuros. Veste-se de forma jovial, isto é, calças jeans e blusa *baby-look* - justa ao corpo. Usa batom e bijuterias e parece preocupar-se com sua aparência. Fala de forma calma e pausada. Vanessa tem uma estrutura física parecida com a mãe. Tem os olhos e cabelos claros, é obesa, estava com os cabelos despenteados. Fala em tom de voz baixo, como se estivesse contando algum segredo. Edson é um menino robusto, cabelos e olhos pretos. São de etnia branca.

### **5.3.2 Inserção Ecológica das Pesquisadoras**

As informações para elaboração deste estudo de caso são advindas dos dados da entrevista semi-estruturada com a mãe, dos resultados da aplicação e da entrevista de acompanhamento do FAST, realizada individualmente com a mãe e as duas filhas. Além das informações obtidas pela equipe técnica do HMIPV e na devolução dos resultados da pesquisa para a mãe. A família foi encaminhada para participar desta pesquisa pelo Ambulatório de Violência, após ser identificado na fala da mãe o maltrato em relação aos seus filhos, durante o grupo multifamiliar de pré-adolescentes e adolescentes. A participação neste grupo ocorreu através do encaminhamento pela equipe do Centro de Referência de Saúde do Trabalhador. A mãe concordou em participar da pesquisa e não se opôs à participação de Orlando, mas preferiu que as pesquisadoras entrassem em contato direto com o mesmo para agendar um horário. A equipe de pesquisa tentou contatá-lo várias vezes, mas o telefone celular informado estava sempre fora da área. Não foi realizada a inserção ecológica na residência desta família. Além de residirem em outro município, a casa não tem um endereço, isto é, não há nome na rua ou numeração no local onde moram. Aline geralmente fornece o endereço e telefone de uma amiga para facilitar sua localização. A mãe tentou fazer um mapa onde se localiza sua moradia, mas pelo difícil acesso, a equipe de pesquisa optou em realizar todo o processo no hospital.

### **5.3.3 Ambientes Ecológicos da Família Silva**

Segundo Aline, residem em casa própria de madeira, construída pela família, após a conquista de um terreno por invasão. A casa tem 24 m<sup>2</sup>, pois: - *“Fizemos uma meia-água de 6 x 4, onde eu dividi. Fiz dois quartos assim de 2 x 3,5. Então um quarto fica o beliche das gurias, roupeiro, uma sapateira e um armarinho para colocar coisas. No outro, a cama de casal e o guarda-roupa. O Edson dorme comigo. Daí, nós fizemos o banheiro, que fica do*

lado de fora da casa, que teve que ser um foco negro, aquela coisa toda, porque não passa rede de esgoto. Então ficaram dois quartos, o banheiro e a cozinha”. A mãe comentou que no início era um “galpão” e aos poucos foram realizando melhorias no ambiente, como a colocação de um forro e a construção de um muro. A mãe de Aline também residia neste local, mas não ficou muito tempo, pois não gostou de morar ali. Aline afirmou, em relação ao fornecimento de água, que: - “O pessoal puxou o encanamento, no inverno tem água, mas falta muita água ali. O pessoal tem que ter reservatório. Então a prefeitura mandou um caminhão pipa. Ele vai duas ou três vezes por semana abastecer as caixas d’água. Eu tenho um motor bomba que puxa a água pro banheiro. Pra beber, eu boto direto na hora que ele traz, eu encho as garrafas, tem bombonas, aquelas coisas grandonas, então aquilo fica tapado”. Em relação à rede elétrica, a mãe comentou: - “Lá não tem. Então a X (nome da empresa) autorizou que fizesse os gatos de 15 casas que não passou a rede na frente”. “Gato” é uma gíria referente à instalação clandestina da rede elétrica, em que os beneficiários a utilizam sem pagar pelo serviço. Na casa há televisão, fogão, geladeira. Todos eletrodomésticos foram comprados à prestação com o salário da mãe. Possuem dois cachorros, que dormem em uma casinha no pátio.

Aline é auxiliar de produção em uma indústria da área de alimentos. Atualmente está em licença de saúde em função de uma tendinite. Já trabalhou como vendedora de roupas e de artigos variados e possui curso técnico de enfermagem. Orlando trabalha como mestre de obras autônomo na construção civil. A renda familiar é variada. No entanto, a mãe mencionou que seu salário é R\$ 360,00 e Orlando ganha em torno de R\$ 250,00, perfazendo um total de R\$ 610,00, valor este inferior a três salários mínimos. Aline queixa-se sobre a divisão das despesas com Orlando: - “Por ser mestre de obras, ele ganha bastante, só que às vezes eu não vejo aonde vai o dinheiro”. Aline repetiu várias vezes que Orlando não auxilia nas despesas da casa e desconhece o que ele faz com o dinheiro que recebe. A mãe acrescentou: - “Às vezes, ele pensa assim: com o quê tu gasta? Se tu não paga água, luz, não paga casa? Oh, Orlando, então, tu vais pagar a creche do Edson, o gás, tuas roupas que eu tirei na loja e vai me ajudar no mercado. Às vezes ele deixa 5, 10, 20, mas o meu foi os 300 todo. Então, eu não posso ter uma base certa”. Aline também alegou que “eu vivo muito de empréstimos” e “eu faço milagres com a minha renda”.

Aline cursou o ensino fundamental completo. Sara está na sétima série do ensino fundamental e Vanessa, na terceira série. As meninas nunca repetiram o ano. Edson frequenta uma creche no turno da tarde.

A família é católica. Sara faz o curso para ser crismada e tem intenção de participar do grupo de jovens, inclusive teve a iniciativa de pedir transferência entre as paróquias. Vanessa frequenta a catequese. Aline mencionou que não participou destas cerimônias religiosas em sua infância, mas apóia as decisões de suas filhas: - *“Eu não vou muito. Sempre procurei fazer com que elas participassem, então elas vão à missa, aquela coisa toda”*.

Quanto à vizinhança, Aline alegou que tem um bom relacionamento. No entanto, estabelece uma relação formal, ao concluir: - *“Conheço muita gente de ‘oi’, mas não de viver junto”*. Comentou sobre o fato de tomar chimarrão com algumas vizinhas mais próximas de sua residência e a briga de Orlando com uma vizinha que resultou o rompimento da amizade. Sobre a segurança do local, a família já foi assalta. Os ladrões invadiram a casa onde estavam Aline, Sara e Edson e levaram todos os bens materiais: dinheiro, televisão, vídeo, som, roupas, etc. Para a mãe: - *“Fazia cinco meses que eu havia terminado de pagar tudo, paguei com sacrifício. O cara (ladrão) botou o revólver em mim eu só empurrei a Sara e o Edson pra traz. Eu tentei argumentar com eles pra não levarem isto ou aquilo, o cara vinha e me empurrava /... / parei porque eu podia estar ali arriscando deles darem um tiro nas crianças”*.

Aline comentou sobre o apoio que recebe de amigos e parentes, como seus irmãos. Todos residem na mesma cidade. Porém alguns dos seus familiares não a visitam por não se relacionarem com Orlando. Quanto à família de Orlando, a maioria dos irmãos também tem conflitos com o casal, o que impossibilita manterem um relacionamento mais próximo, segundo Aline: - *“Eu não peço nada para eles /.../ já tivemos muitas discussões, eles não entram na minha casa”*, com uma exceção de uma cunhada.

#### **5.3.4 História da Família Silva**

Aline conheceu o primeiro marido quando tinha 15 anos, em seguida foram morar juntos. Sara nasceu após um ano de convivência e Vanessa, após seis anos. Ficaram nove anos casados. O motivo da separação do casal foi a descoberta de Aline sobre as mentiras do marido. Este era motorista e afirmava que viajava a serviço. No entanto, Aline descobriu que o mesmo tinha outra família. Para Aline: - *“Hoje ele tá com esta família ainda, não liga mais para as filhas, não ligava muito antes”*. O único contato entre o casal é *“na justiça ou na discussão por telefone”*. Faz dois anos que o mesmo não deposita a pensão para as filhas e mais de um ano que não as vê.

Orlando e Aline se conheceram na casa de amigos em comum, há oito anos atrás. Na época, Aline estava casada e não mantiveram contato. Orlando foi casado duas vezes e tem

quatro filhos. Depois da separação de Aline, reencontraram-se e segundo a mesma: - *“Ele me ajudou mais assim no início. Eu não tava trabalhando de carteira assinada e tinha duas filhas”* e *“ele tava sempre dando um apoio, ajudando a pagar o aluguel, alguma coisa”*. Coloca que a princípio era *“só amizade”* e Aline se contradiz ao afirmar que *“não tinha intenção de ter nada com ele”*. Iniciaram um relacionamento e foram morar juntos, mas após oito meses, Orlando mudou-se para outro município em função do trabalho. Como não deu certo o negócio, retornou após alguns meses. Aline relatou que se separaram várias vezes: - *“Ele ia pra casa de parentes e ficava quinze dias, daqui a pouco voltava ou sumia de novo”*. Depois de idas e vindas, da última vez ficaram separados por oito meses. Aline informou que o aceitou, porque estava construindo a casa e precisava do serviço e dinheiro dele. Aline critica o comportamento de Orlando: - *“Eu achava que ele era um pouco irresponsável, às vezes, não ligava muito pras coisas, no sentido assim, empurrava com a barriga”*.

O nascimento dos filhos não foi planejado. Na época da gravidez de Sara, Aline tomava pílulas anticoncepcionais e segundo a mesma: - *“Eu tomava o comprimido assim, quando fazia (sexo) ou num dia e no outro não”*. Suspeitou da gravidez pelo atraso na menstruação e então: - *“Tive que fazer uma ecografia pra confirmar, já estava com dois meses e meio”*. Revelou que, como trabalhava, comprou todo o enxoval para Sara e inclusive, pagou o transporte até o hospital na hora do parto. Segundo a mãe: - *“Começou desde o início assim esse dilema, a responsabilidade é minha”*. Quanto à gravidez de Vanessa, Aline atribui a orientação médica recebida: - *“Porque quando eu fui à ginecologista, ela perguntava qual é o remédio e eu dizia: - ‘Ah, eu tomo Nevolar®, mas tomo mais assim quando faço, de vez em quando’. Já se fazia quatro anos e pouco, quase cinco anos que isso tava ocorrendo. E ela dizia: ‘Ah, mas tu não podes, tu vai ficar grávida, não sei o quê, tu não faz isso certinho’, ‘Mas é que eu passo mal com comprimido, me sobe assim, me dá uma irritação, passo mal, fico enjoada’. ‘Vamos trocar pra esse comprimido assim, assim’. Chegou lá e pã”*. Para Aline *“aquele remédio era fraquinho”* e por isso, não fez o efeito desejado. Para ela foi *“difícil aceitar a gravidez”* e desabafou ao mencionar que a gravidez é vista com *“pavor”*, isto é, não é um momento de alegria, mas de preocupação. Naquela época, Aline trabalhava com vendas e, como ocorreu com Sara, comprou com seus honorários o enxoval da segunda filha. Vanessa nasceu prematura de oito meses. Aline atribui ao exame de toque, realizado pelo médico ginecologista-obstetra, pelo rompimento da bolsa. A criança permaneceu hospitalizada na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) por uma semana. Em relação à gravidez do caçula, Aline comentou que soube aos cinco meses. Ficou surpresa, pois havia procurado auxílio

médico em plantão de emergência em função de uma *“dor de barriga muito forte”*. Segundo a mãe, tomava pílula anticoncepcional e não aceitou este fato: - *“Eu só chorava, ninguém chegava perto de mim pra cumprimentar, porque eu botava a boca, não podia aceitar”*. Edson tem anemia desde os cinco meses de vida e faz tratamento atualmente para esta doença. Aline comentou também sobre uma quarta gravidez, mas, em função de uma infecção generalizada, foi fatal para o feto.

A família tem uma rotina estabelecida. Sara e Orlando acordam cedo, em torno das 6h30m. Saem por volta das 7h30m. Ela vai para a escola e ele para o trabalho. Edson também acorda neste horário e exige o *“mamá”* (mamadeira com leite). Vanessa acorda pelas 10 horas. As crianças assistem à televisão ou brincam na rua. Não realizam o desjejum junto. Aline prefere tomar um chimarrão com a vizinha. A mãe prepara o almoço para os filhos e limpa a cozinha. Os filhos encontram-se ao meio-dia e almoçam juntos. À tarde, Vanessa vai à escola, Edson frequenta a creche e Sara escuta música no quarto. Para Aline, os filhos: - *“Não são muito de ajudar a manter a casa limpa e organizada”*. Em torno das 17h 30m, todos estão em casa. Tomam banho e um lanche. Assistem à televisão até a hora de dormir, vêem novelas e filmes. Orlando fica o dia no trabalho e retorna às 22h. Segundo a mãe: - *“O Orlando, ele diz que quanto mais longe melhor, daí ele chega quando todos estão dormindo”*. Nos fins-de-semana, Sara frequenta a casa de amigas e a igreja. Vanessa gosta de andar de bicicleta e sair com a mãe, mas esta prefere ficar em casa. Para Aline é cansativo *“até na hora de sair”*, pois: - *“É corre, arruma um, quando eu vejo o outro já tá todo sujo. Então, eu gosto mais de ficar em casa sozinha. Adoro quando eles querem sair com os parentes ou o Orlando vai à irmã dele e leva o Edson. Eu não sou muito de passear com o Orlando”*. A família não faz atividades em conjunto, mesmo quando fica em casa, cada um dos seus membros desempenha uma tarefa diferente, por exemplo: Sara ouve música no quarto, Vanessa anda de bicicleta na rua, Edson brinca no pátio, Orlando assiste à televisão ou trabalha nos fins-de-semana e Aline fica envolvida com o trabalho doméstico.

Aline mencionou, como evento familiar importante, o fato de sempre procurar comemorar os aniversários dos filhos. Leva as crianças ao cinema ou a uma lanchonete famosa e acrescentou: - *“Eu tento fazer pra elas o que eu não tive, o que eu queria fazer e ninguém me deu”*. Quando as expectativas de futuro, a mãe espera que as filhas estudem e não passem pelas mesmas dificuldades que enfrenta, como o sustento da casa e a criação dos filhos. Para Aline, em termos de futuro: - *“Eu só queria não ter tantos problemas pra resolver”*.

### 5.3.5 Processo Proximal: Violência Intrafamiliar

Não há informações sobre o início do abuso físico nesta família. Há uma briga conjugal descrita de forma isolada, e o abuso físico da mãe para com os filhos visando ao controle do comportamento dos mesmos, através do uso repetido, constante e intencional de punição física.

A relação do casal é marcada por desavenças, e estas se originaram com a mudança de atitude de Orlando. Aline menciona que o marido começou a consumir mais bebidas alcoólicas quando mudaram de bairro: - *“Foi onde ele começou, assim, mais com a bebida /.../ na M. (bairro) ele não era assim, parece que o lugar deixa a pessoa mais desleixada, o que é aquele lugar? É onde começou mais os conflitos entre eu e ele, aquelas discussões”*. Para Aline *“o que estraga ele é a bebida”* e, por isso, Orlando apresenta instabilidade de humor. Aline desabafou: - *“Às vezes, quando ele tá são, ele é uma coisa, daí a pouquinho ele já bebe, já volta tudo aquilo de novo, e eu, não suporto isso, não suporto!”*. Sobre as agressões conjugais, Aline revelou: - *“Antigamente, ele era mais agressivo quando bebia. Nós já tivemos discussões feias, de eu fazer frente com ele /.../ uma vez, por eu ter botado uma garrafa fora de cachaça, ele veio e, na hora da discussão, ele me acertou com a garrafa no rosto. Eu disse pra ele que era a última vez que ele ia encostar a mão, porque na próxima eu o matava, então ele não fez mais de vir querer me agredir”*. Vanessa confirmou que a mãe teve que buscar auxílio médico, pois *“ficou inchada no olho”*. Aline considerou Orlando irresponsável em relação à forma como lida com os problemas e por fazer uso de bebidas alcoólicas. O fato de beber, por si só, já a incomoda. Embora estejam separados, Aline revelou que se preocupa com o que Orlando faz e o horário que chega em casa.

Aline faz tratamento para a depressão. Esta psicopatologia é evidenciada em várias falas durante a entrevista, por exemplo, quando aborda as rotinas familiares: - *“Tudo é cansativo. Eu não sei se sou eu, sabe? Acho demais aquilo, pra mim é cansativo todos os dias, de manhã à noite”*. Ou quando fala sobre sua vida: - *“Parece que estou dando voltas e não saio do lugar”*. Aline considera bom ficar sozinha: - *“Eu não gosto muito de sair com ninguém, eu prefiro ficar em casa”*. Segundo a mesma, está medicada com amitriptilina (antidepressivo) pelo médico do trabalho, mas tem agendado uma consulta psiquiátrica para verificar se a dosagem está adequada. No entanto, Aline revelou que: - *“Quando acontece de eu ver que vou perder o controle ou eu perco o controle, eu vou e tomo o remédio que o médico indicou /.../ então me ajuda, geralmente o remédio é à noite. Mas durante o dia, se eu*

*tô com muita tensão, agitada, eu sinto que eles fazem uma coisa e eu dou aquela batida neles e não precisa aquilo, é porque eu não tô conseguindo*". Para Aline, o remédio tem efeito tranqüilizante, pois: - *"Eu fico mais dopada, mais sem força. Eu faço, mas faço mais lento. Me deixa mais calma, relaxando a tensão. Às vezes, parece que eu vou explodir"*. Na percepção de Aline, ela *"nunca controla nada"*. Aline revelou que ingere dois ou três comprimidos por dia.

É alta a incidência de agressões físicas entre a mãe e os filhos. Aline admite bater nas crianças. Vanessa comentou que a mãe bate com *"sarrafo"* – pedaço de madeira, principalmente nas pernas dos filhos, e que ultimamente, tem mais *"xingado"* do que batido. Alega que a diminuição das surras é ocasionada pelo uso de medicação. Vanessa confirmou, ao revelar que: - *"Ela fala que vai sumir, ela toma tranqüilizantes para não bater em nós"*.

A percepção da mãe, sobre a relação entre Orlando e as enteadas, evidencia que os mesmos não estão coesos. Quando Orlando bebe, quer mandar nas meninas, e para Aline: - *"Ele gosta das meninas, mas a mais velha não é muito de conversar com ele. Ela conversa mais com ele assim quando ela quer alguma coisa dele, né? Se ele tem, ele dá tudo pra elas. Então, ele nunca deu um tapa nelas, mas ele reclama bastante, ele fala bastante. Se a guria tira uma nota vermelha: - Porque tu tá tirando uma nota vermelha? Tu tem possibilidade de estudar, tu não precisa tá fazendo assim ou assado"*. A mais nova, ela já é mais desafortada, ela já fala mais os desaforos pra ele, chama ele de velho, disso e daquilo outro, aí então ele já fica brigando com ela". E complementou: - *"Mas daqui a pouquinho ele tá "Ah, minha gordinha, vem cá!. Ela já amolece, mas não tanto. Mas a outra (Sara) ele não chega muito perto, que ela vai fazer 14, então, já é mais uma moça, né? Então já não fica muito de pega aqui ou vem cá minha gordinha isso e aquilo outro. Não é muito com ela. Ela é mais na dela. Desde que eu conheci ele, ela nunca foi muito de conversa com ele, nunca gostou muito dele, devido mais que ela gostava muito do pai dela"*. Vanessa confirma que Orlando não as agride fisicamente. No entanto, lembrou de um fato ocorrido no ano de 2000, quando tinha cinco anos e chupava bico. Vanessa brigou com Sara, e Orlando a puxou pelo braço, deixando hematomas. Revelou que Orlando bate no Edson, principalmente no rosto.

Segundo Aline, Sara é *"mais calma, mais delicada, vaidosa"*. A relação com a mãe é distante, pois: - *"Ela não é muito de conversar comigo, porque ela diz que sou muito careta, que sou muito grossa. Então ela fica mais na dela"*. Sara gosta de ouvir músicas, tocar violão e passear com amigos. No entanto, Aline não deixa a adolescente sair: - *"Não sou muito de deixar na rua, fazendo isso ou aquilo. Não vai muito a festas, porque eu não deixo"*. Na

percepção de Sara, sua mãe briga mais com ela, pois: - *“Porque eu tenho amigos, ela acha que eu fico com todo mundo /.../ ela acha que quando eu saio, eu faço alguma coisa errada. Ela nunca acredita em mim. Ela pode acreditar mais na vizinha do que em mim”*. Sara percebe que sua mãe se relaciona melhor com Vanessa e revelou que fica triste quando a mãe a xinga. Afirmou que gostaria de ser mais próxima de Aline: - *“Às vezes, eu vejo nos filmes, assim, as mães se dão tão bem, por que eu não?”*. As agressões entre mãe e filha são verbais.

Vanessa realiza tratamento para a obesidade, segundo Aline: - *“Porque tá com 50 quilos, a proporção de peso dela está acima. A outra (Sara) vai fazer 14 e pesa 50 quilos também. Ela é uma comedora compulsiva. Ela não consegue controlar aquilo ali. Ela come, come, parece que vai acabar. Às vezes, tá passando mal e tá comendo”*. Fato este comprovado na aplicação do FAST, que ocorreu às 8h30min. Vanessa comeu todo o pacote de salgadinhos industrializados durante a entrevista. A menina considera que: - *“Minha mãe não gosta de mim, porque eu como muito e a Sara come pouco. Para Aline: - “Vanessa, ao mesmo tempo que ela é meiga, é agressiva. Ela é estourada. Ela é gordinha, então é mais desleixada, não é muito de estar cuidando das coisas. Come bastante e não gosta de fazer nada, é estabanada”*. Vanessa desafia constantemente a autoridade da mãe e do padrasto e para a mãe: - *“Vanessa não é muito de aceitar o que ele fala, ela diz que ele não é o pai dela” e “Às vezes, a Vanessa vai até eu ter que dar uma palmada nela”*. Aline e Vanessa afirmaram ocorrer abuso físico da mãe para com a filha, neste momento, de forma mais esporádica, em função da medicação de Aline.

Edson, na visão de Aline: - *“É medonho, acho que desde que nasceu. Ele não para um minuto. Ele nunca foi um bebê de dormir. Sabe aquela coisa que só criancinha dorme? Ele não foi assim. Sempre arteiro, agitado, sempre correndo, mexendo nas coisas, brabo, birrento. Dá nele, ele bate pé, ele vem de novo e tu bates, ele vem de novo /.../ em casa, é aquela bagunça sempre. Ele mexe com martelo, com madeira /.../ ele se molha, mexe no barro. É um inferno ele com as cachorras. Elas passam o tempo inteiro correndo dele. Eu arrumo alguma coisa, ele vai lá e desarruma”*. Edson frequenta a creche visando a sua adaptação quando Aline retornar ao trabalho. No entanto, a mãe está afastada desde o nascimento do menino e relevou que, muitas vezes, não o leva por sentir “pena” e, no final, acaba se arrependendo pela bagunça que a criança faz. Segundo a mãe: - *“Tem que dar pra ele parar de mexer, se deixar ele vira a casa pro ar /.../ tem que pegar o sarrafinho e ir atrás dele”*. Parece que no momento, Edson é a maior vítima de abuso físico nesta família.

O conflito entre irmãos é intenso. Para Vanessa, as brigas entre ela e Sara são causadas pela atitude autoritária de irmã e pelos privilégios que recebe. Parece que Vanessa sente ciúmes e inveja de Sara, com descreve esta fala: - *“Eu não sei por que a Sara tá ganhando sempre mais coisas do que eu! Ela tem desodorante e perfume só pra ela. A mãe comprou uma colônia pra mim, pro Edson e pra ela (mãe). Sara usa a nossa, para economizar a dela. A mãe sempre fala que eu é que uso bastante”*. As agressões são físicas, através de socos e puxadas de cabelo. Segundo a percepção de Vanessa: - *“Eu começo a bater nela e ela em mim, ela é mais forte do que eu”*. Portanto, acaba apanhando mais do que batendo. Segundo Aline, as brigas são diárias entre Sara e Vanessa e causadas por *“coisas insignificativas”*, isto é, a mãe quis dizer *“coisas insignificantes”*. Ou *“Uma (Vanessa) mexe nas coisas da outra”* e *“as duas brigam com o menor, porque ele mexe em tudo”*. Para Sara, ela é vítima das agressões de Vanessa: - *“Quando eu era pequena, deixavam (tias) ela bater em mim. E agora, ela vive batendo em mim e eu não posso fazer nada!”*. De acordo com Aline: - *“A Sara diz que eu protejo muito a Vanessa, e a Vanessa, diz que eu protejo o Edson, aquela coisa! Pra mim, se tiver que dar neles, dou igual. Mas pra dar coisas ou fazer, se eu tiver que dar uma bala pra um, eu dou pros três, ou divido ela em três e assim vai”*.

### **5.3.6 Indicadores de Risco**

São diversos os indicadores presentes na família Silva. Em termos macrossistêmicos, há a crença de que o uso da punição física é adequado no controle do comportamento dos filhos. Esta crença reflete-se no microsistema familiar, pois Aline reafirma este uso e, inclusive, dispõe de um instrumento (sarrafo) para tal procedimento. De acordo com a fase do desenvolvimento da criança há uma incidência maior para o uso de punição física, isto é, aos dois anos, época de treinamento para controle de esfíncteres ou na puberdade, quando há o ingresso na adolescência, por exemplo. No caso desta família, parece que o uso da força física é mais intensificado quando os filhos são menores. De acordo com Aline e Sara, a mãe não bate mais na filha, agora que ela é adolescente. Parece que a mãe, somente percebe a ineficácia da punição física quando o filho tem condições de opor-se a tal ato. No entanto, frente à adolescência da Sara, a mãe não encontra ou disponibiliza outros recursos educacionais, como, por exemplo, o diálogo. Por isso, Sara acredita que a relação é marcada pela desconfiança por parte da mãe, que atribui a filha um comportamento leviano, como *“ficar com qualquer garoto”*. Portanto, há bloqueios na comunicação que impedem a família de conhecer melhor o outro e buscar soluções para seus problemas. As distorções na

percepção também são decorrentes da falta de comunicação e podem desencadear desavenças e sentimentos destrutivos, como inveja e ciúmes. Vanessa percebe que a mãe protege Sara e vice-versa. Como a mãe não esclarece claramente sua opinião e sentimento sobre estas percepções, acaba por fomentar ainda mais a competitividade e rivalidade entre as irmãs.

No exossistema desta família, encontra-se a precariedade de políticas públicas que auxiliem na aquisição de uma moradia. As condições insalubres as quais estão expostos, como não dispor de rede de esgoto e de água potável, rede elétrica e pavimentação na rua podem levar a um risco de contaminação por doenças e a instabilidade emocional pelo grau de estresse vivenciado. Outro fator de grau severo é a falta de segurança, pois já foram vítimas de assalto dentro do lar. A dificuldade de locomoção e o fato de não terem como comprovar um endereço (a rua em que moram não tem nome e a casa não tem numeração) pode aumentar o isolamento social. O espaço físico pequeno para cinco pessoas pode levar a falta de privacidade e o confronto direto entre seus moradores, por exemplo: as discussões entre o casal são escutadas e vistas por todos. De acordo com Burgess, Leone e Kleinbaun (2000), a pobreza tem sido identificada como a maior e mais severa causadora de estresse em famílias com história de maus tratos. O estresse faz parte do cotidiano destas pessoas e o nível de estresse excede os recursos disponíveis familiares para enfrentá-lo. Cabe salientar que os maus tratos são encontrados em todas os níveis sociais, porém, a incidência de denúncia é maior nas famílias de nível sócio-econômico baixo.

No microsistema, aparece como fator de risco o fato de Aline e Orlando viverem uma situação conjugal indefinida. Aline alega estar separada, provavelmente por não manterem relações sexuais. No entanto, vivem sob o mesmo teto. Esta situação, de alguma forma, prejudica o sistema familiar, pois o enfraquece. Orlando faz parte do sistema, mas não tem nenhum poder sobre ele. Ao mesmo tempo, Aline não se liberta do papel de esposa, pois continua preocupada com as ações e horários de Orlando. Este, também se omite de qualquer papel, pois fica à margem do sistema. Isto pode criar nas meninas uma imagem negativa da figura masculina, pois o pai biológico também é uma figura ausente. Parece que Orlando era também mais um a competir pela atenção e pelo amor de Aline, visto que esta o insere no sistema familiar, não pelo amor que possa nutrir, mas pela contribuição que Orlando possa fornecer à família, como o auxílio financeiro ou profissional.

Aline cita várias doenças presentes nela e na família, como tendinite, obesidade, anemia. Parece que as doenças são compreendidas como importantes ativadoras da rede de saúde. Os benefícios são adquiridos em função delas, como salário, grupo terapêutico, entre

outros. A atenção é focada na doença e esta, além de trazer ganhos secundários, permite a Aline incrementar sua própria depressão, que por sua vez, estimula seu papel de vítima e a torna mais doente. Esta causalidade circular faz com que o sistema seja mantido assim. A depressão de Aline é um fator agravante para a violência. Dalgarrondo (2000) descreve como elemento central da depressão o humor triste. No entanto, são 22 indicadores de disfunção e sofrimento, associado à duração deste transtorno. Os sintomas relacionados à depressão, são os afetivos, como a tristeza, melancolia, choro fácil e freqüente, apatia, sentimento de tédio, aborrecimento, irritabilidade aumentada, angústia e ansiedade, desespero e desesperança. Na esfera instintiva e neurovegetativa, encontram-se: fadiga, cansaço, desânimo, diminuição da vontade, insônia ou hipersonia, perda ou aumento do apetite e anedonia (incapacidade de sentir prazer em várias esferas da vida). As alterações ideativas revelam a ideação negativa, pessimismo em relação a tudo, idéias de arrependimento e culpa, ruminação de mágoas antigas, idéias de morte, desejo de desaparecer. As alterações cognitivas apontam para déficit de atenção e concentração, memória, dificuldade em tomar decisões. Nas alterações da autoavaliação, encontram-se os sentimentos de baixa auto-estima, de insuficiência, de incapacidade, de vergonha e autodepreciação. Ainda, encontram-se as alterações da volição e da psicomotricidade e sintomas psicóticos. De acordo com Hammen (2004), o construto depressão é complexo, pela comorbidade que pode ocorrer com outros transtornos, como os de ansiedade, de alimentação ou esquizofrenia, por exemplo. Não cabe neste estudo realizar um diagnóstico de Aline. No entanto, levando-se em conta o diagnóstico fornecido por ela e a identificação de alguns sintomas que podem estar relacionados à depressão, pode-se supor que há influência desta patologia nas suas relações familiares. Outra situação agravante para este quadro depressivo é o uso inadequado da medicação psiquiátrica, pois pode causar efeitos colaterais e facilitar o surgimento de outras doenças. Além da depressão, outra patologia severa está presente no sistema familiar: o alcoolismo de Orlando. Segundo Kashani e Allan (1998), o abuso de álcool demonstra estar mais relacionado à violência conjugal do que ao abuso infantil. No casal, o uso de álcool por um dos cônjuges pode promover ou reativar um conflito. O fato de Aline reprovar e criticar a conduta do ex-companheiro, já foi motivo de violência entre eles.

Sara parece destoar dos demais membros deste sistema, seja pela sua aparência física, o seu cuidado, sua forma de isolar-se dos conflitos (ficar ouvindo música enquanto brigam) ou sua intenção de ter amigos e participar de um grupo religioso. Esta diferenciação é protetiva para Sara, mas geram ciúmes e inveja em Vanessa.

A sobrecarga do papel de Aline e a centralização desta no sistema também são compreendidos como fator de risco. Aline considera Orlando irresponsável. No entanto, parece não dividir com o ele as responsabilidades sobre a casa e a educação das crianças. Este tenta aproximar-se das meninas, mas não tem apoio efetivo de Aline. Passa a impressão que Orlando nunca teve um papel importante ou esteve comprometido com este sistema. Tanto que várias vezes se separaram e voltaram. Aline tem necessidade de fazer tudo, mas sabe que não controla nada.

Percebe-se na fala da mãe, que há um predomínio do *locus* de controle externo, isto é, tende a atribuir a responsabilidade sobre os eventos da sua vida ao outro ou ao ambiente. Isso impede que perceba sua contribuição para ocorrência de determinados fatos ou para o estabelecimento das relações. Por exemplo: atribuir a responsabilidade da gravidez à médica, o alcoolismo de Orlando ao local em que residem, entre outros aspectos. Assim, não busca alternativas para a resolução de problemas ou não enfrenta de forma otimista e satisfatória estes impasses.

Na Tabela 26 são apresentados os fatores de risco que podem potencializar a violência na família Silva, de acordo com o modelo elaborado por Koller e De Antoni (2004). Os fatores identificados na família e não expostos pelas autoras estão em negrito.

Tabela 26

*Fatores de Risco Relevantes para Potencializar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Silva*

Fator	Eu ecológico	Microsistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
História anterior				ausência de conhecimento sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente

Tabela 26

*Fatores de Risco Relevantes para Potencializar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Silva (continuação)*

Fator	Eu ecológico	Microsistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
Família	<p>posição na configuração familiar</p> <p>comunicação intrafamiliar precária</p> <p><b>ciúmes e inveja entre irmãs</b></p> <p><b>sobrecarga no papel da mãe</b></p>	<p>família monoparental</p> <p><b>casal separado, mas vivendo no mesmo ambiente</b></p> <p><b>filhos não desejados</b></p> <p>gravidez na adolescência</p> <p>estresse familiar por saúde, problemas financeiros e de relacionamento</p> <p>tamanho e problemas de comunicação da família</p> <p>disciplina incongruente, inconsistente e ineficiente</p> <p>práticas disciplinares estritas e punitivas</p> <p>estilos parentais: negligente e autoritário</p> <p>falta de clareza sobre potencialidades e limites</p> <p>ausência de senso de pertencimento à comunidade e de habilidades empáticas</p>	<p>Desemprego</p> <p>falta de produtividade</p> <p>empobrecimento</p> <p>falta de clareza sobre a obtenção de recursos e possibilidades</p> <p>isolamento: rede de apoio social e afetiva precária em estrutura</p> <p>ausência de relações de amizade</p>	<p>aceitação cultural de punição corporal</p> <p>aceitação cultural de posse da criança e da mulher</p> <p>naturalização/banalização da violência</p>

Tabela 26

*Fatores de Risco Relevantes para Potencializar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos da Família Silva (continuação)*

Fator	Eu ecológico	Microssistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
Autopercepção	<p><b>Uso inadequado da medicação</b> baixa auto-estima e baixa auto-eficácia auto-imagem enfraquecida autoconceito baixo – depressão (Aline) alto sentimento de frustração maior percepção de hostilidade no ambiente percepção exacerbada de obstáculos e desafios ao planejar ou implementar uma ação</p>			
Positividade	<p>falta de conhecimento sobre suas reais habilidades e talentos</p> <p>ausência de empatia, de auto-regulação e autoconfiança</p> <p>senso de fragilidade e impotência</p>	<p>mau humor, pessimismo, falta de senso de bem-estar, de relações de amor competitividade voraz e destrutiva, desesperança no futuro</p>		
Interação	<p>ausência de empatia</p> <p>habilidades interpessoais pobres</p> <p>fragilidade na tomada de decisão e na resolução de problemas</p>	<p>relações instáveis, sem estabilidade, senso de reciprocidade e equilíbrio de poder</p>	<p>ausência de relações de amizade e de reciprocidade estáveis ausência de relações hierárquicas de poder equilibradas</p>	<p>cultura que aceita e promove a posse da mulher e da criança, machismo</p>
Variáveis de saúde, sociais e ambientais	<p>Doenças físicas crônicas</p>	<p>alcoolismo</p> <p>habitat sem privacidade íntima presença/troca de parceiros</p>	<p>ausência de infraestrutura de saneamento, segurança e privacidade</p> <p>violência na comunidade exposição a mudanças climáticas</p>	<p>ausência de compromisso com os direitos humanos, especialmente da criança e da mulher ausência de políticas sociais para promoção de saúde, educação, habitação, trabalho, justiça e serviços de bem-estar</p>
Variáveis econômicas	<p>instabilidade e fracasso econômico Empobrecimento</p>		<p>muitos eventos estressores</p>	<p>urbanização precária ou inexistente</p>

### **5.3.7 Indicadores de Proteção**

A família Silva busca, principalmente fora do sistema familiar, mecanismos de proteção que a auxiliam a enfrentar os diversos fatores de risco existentes. Provavelmente, um dos mais importantes é a participação da mãe no tratamento psicológico e psiquiátrico. Ela frequenta o grupo terapêutico, apesar de sua moradia ser distante e das dificuldades financeiras. A possibilidade em contar com uma rede de saúde, já é por si só protetivo. Aline transita por postos de saúde e por diversas áreas do hospital. A articulação da rede, trocando informações, auxilia a desenvolver uma ação conjunta que pode permitir o tratamento eficaz de Aline.

A transição ecológica por outros microssistemas também é um aspecto positivo. As meninas frequentam a igreja e a escola e tem amigos nestes ambientes. Embora Aline esteja afastada do trabalho, ter um vínculo empregatício é importante para que a mesma sinta estabilidade e certa segurança financeira. A escola é outro ambiente importante. Além da educação formal recebida, os filhos podem experienciar como é um outro ambiente, inclusive Edson ao frequentar a creche.

A moradia é valorizada como um bem conquistado, apesar da precariedade e as condições insalubres da mesma. A família faz constantemente investimento para sua melhoria. E, parece que Aline têm objetivos claros em relações às benfeitorias, pois descreve detalhadamente o que fez, e o que pretende construir. O planejamento de futuro é um aspecto importante para o atingir metas e conquistas.

No microssistema, as relações estão frágeis. No entanto, a mãe procura fornecer para os filhos, bens nos quais não teve acesso em sua infância. Valoriza os aniversários e procura, dentro de suas possibilidades, ser imparcial ao fornecer para todos o que dispõe, tanto o afeto como os bens materiais, de forma igualitária.

A Tabela 27 apresenta os indicadores de proteção identificados na família Silva e que podem amenizar o efeito dos indicadores de risco para a violência. Em negrito são destacados os fatores presentes nesta família e que não são expostos por Koller e De Antoni (2004).

Tabela 27  
*Fatores de Proteção Relevantes para Amenizar a Violência Intrafamiliar nos Contextos Ecológicos*

Fatores	Eu ecológico	Microssistema Familiar	Exossistema	Macrossistema
História anterior			Presença de recursos terapêuticos, conselhos de direitos, apoio emergencial e permanente	
Família	<b>Mãe procura ser imparcial</b>		clareza sobre a possibilidade de buscar e obter recursos	
Autopercepção			presença de rede de apoio social rica em recursos (estrutura) e com funcionamento atuante, flexível e presente	
Positividade	<b>Mãe comemora aniversário dos filhos</b>	religiosidade, expectativas de futuro		cultura que compartilha a promoção do grupo, competitividade saudável e construtiva
Cognição e educação	nível de escolaridade dentro do esperado	estímulo à formação e ao bom desempenho	disponibilidade de escolas próximas à moradia Creche	apoio à educação
Interação	Boas habilidades interpessoais (Sara)		afiliação religiosa e comunitária senso de pertencimento	
Variáveis sociais e de saúde			disponibilidade de acompanhamento terapêutico e outros recursos emprego de Aline	políticas sociais e públicas para saúde e serviços de bem-estar,
Variáveis econômicas	estabilidade econômica		Poucos eventos estressores	

### 5.3.8 Coesão e Hierarquia no Microssistema Familiar

A coesão e a hierarquia são analisadas através dos resultados qualitativos e quantitativos obtidos pelos participantes no Teste do Sistema Familiar (FAST). Participaram da aplicação individual do FAST: a mãe, Sara e Vanessa. Este teste não foi aplicado em Orlando pela dificuldade em contatá-lo. Todos os respondentes configuraram sua família incluindo o casal e os três filhos, com exceção de Vanessa que excluiu Orlando na situação ideal.

As Figuras 42, 43 e 44 apresentam os quadros demonstrativos das representações individuais sobre a coesão nas situações típica, ideal e de conflito de três membros familiares (Aline, Sara e Vanessa). Posteriormente, são realizadas as análises e as interpretações sobre os resultados individuais, e, em seguida, as análises do sistema familiar. Cabe lembrar que a letra existente no quadro corresponde a inicial do nome do familiar e está inserida na grade no local onde o respondente posicionou a peça no tabuleiro.

Familiares: **O** = Orlando (padrasto); **A**= Aline (mãe), **S**= Sara; **V**= Vanessa, **E**= Edson

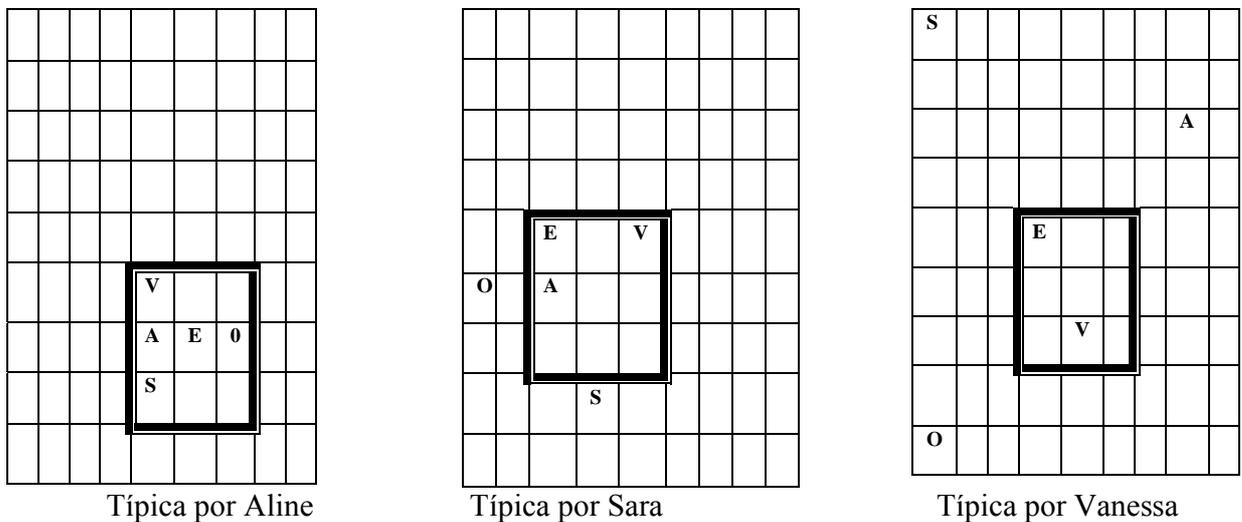
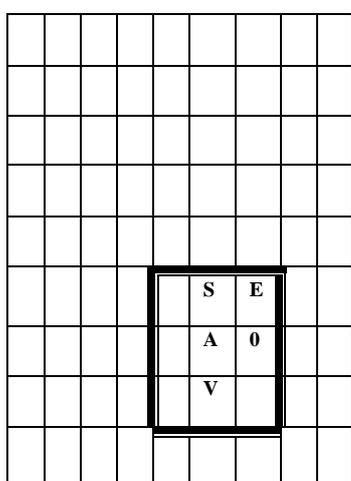
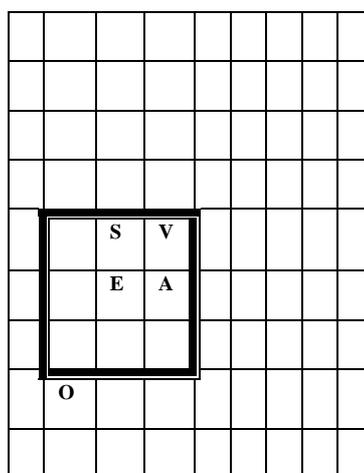


Figura 42. Situação típica: perspectivas dos familiares

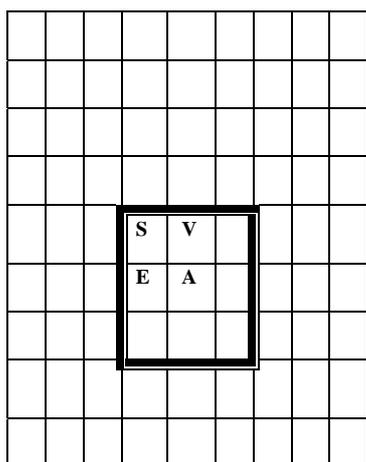
A mãe da família Silva apresenta uma percepção diferente de suas filhas sobre a coesão na situação típica. Aline vê sua família com alta coesão. Pode-se notar que coloca Edson entre ela e o companheiro, como se a menino fosse o elo de ligação entre o casal. Além disso, representa suas filhas próximas de si, como se ficasse cercada pelos filhos. Sara e Vanessa compreendem seu microsistema familiar com baixa coesão. Sara somente aproxima Edson da mãe. Vanessa, por sua vez, apresenta todos distantes uns dos outros. Provavelmente isto ocorra pela dificuldade de comunicação existente na família.



Ideal por Aline



Ideal por Sara



Ideal por Vanessa

Figura 43. Situação ideal: perspectivas dos familiares.

Na situação ideal, os membros da família Silva apresentam percepções diferentes. Aline gostaria que todos estivessem coesos, e assim, a representa. Sara demonstra seu desejo de excluir Orlando das relações de sua família, colocando-o fora do quadrante. Então, demonstra um desejo de uma coalizão entre a mãe e os filhos e com isso apresenta como baixa a coesão familiar. Vanessa exclui completamente Orlando do sistema na situação ideal e, assim, revela seu desejo de que seja alta a coesão entre os membros da sua família. Aqui é revelado o desejo de Aline em manter Orlando na família e, talvez por isso, sua relação com ele seja pautada por reconciliações. No entanto, está nítido o desejo das meninas que ele não pertença a este

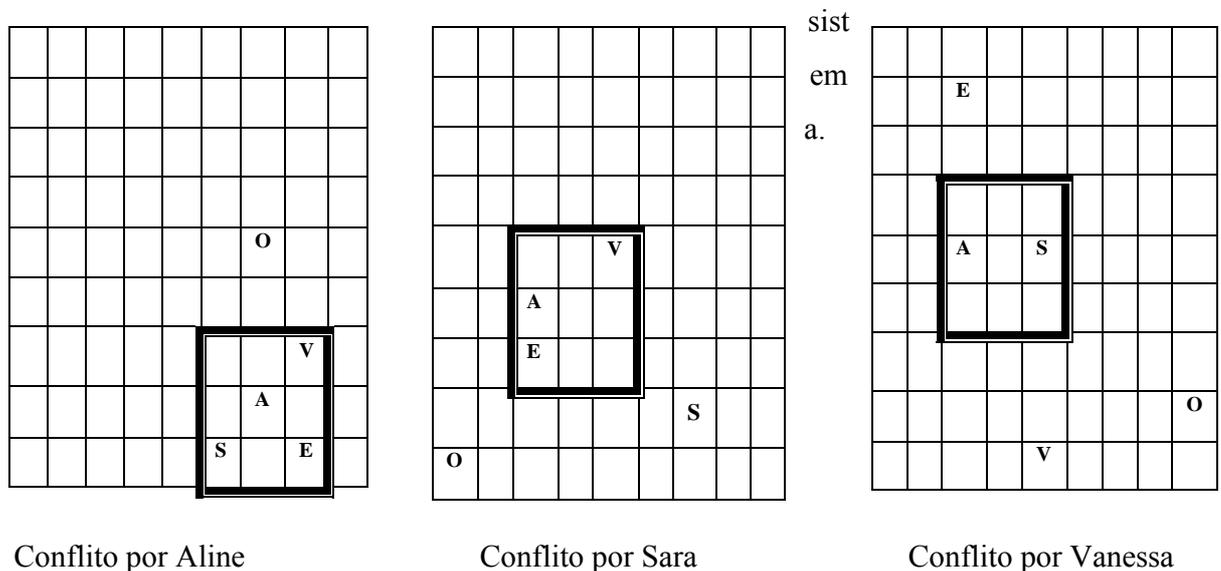


Figura 44. Situação de conflito: perspectivas dos familiares.

Na situação de conflito, os três membros apresentam a coesão familiar como baixa. Aline distancia Orlando dos demais. Provavelmente pelos conflitos vivenciados entre eles. Sara coloca-se distante, isto pode ocorrer pelo fato de isolar-se quando há brigas e desavenças, segundo a menina: - “De noite quando ele chega (Orlando), é aquela barulhada dentro de casa, eu vou pro meu quarto escutar rádio”. Além disso, revela que os conflitos ocorrem entre a mãe e ela, pela falta de confiança da mãe em suas escolhas de amizade. Vanessa percebe todos distantes uns dos outros, evidenciando sua percepção sobre um conflito generalizado entre o casal, pais e filhos e entre irmãos.

A família obteve alguns resultados semelhantes em relação à hierarquia. A Tabela 28 demonstra os valores atribuídos pelos respondentes nas situações típicas, ideais e de conflitos. Em seguida, são apresentadas as análises e interpretações sobre estas atribuições.

Tabela 28

*Valores Atribuídos à Hierarquia pela Família Silva*

	Situação	Aline	Orlando	Sara	Vanessa	Edson
Aline	Típica	3	0	0	0	0
	Ideal	1	1	0	0	0
	Conflito	3	0	0	0	0
Sara	Típica	2	1	1	1	1
	Ideal	2	0	1	1	1
	Conflito	1	0	0	0	0
Vanessa	Típica	3	3	3	1	1
	Ideal	3	-	3	3	3
	Conflito	3	0	0	0	0

Em relação à hierarquia, Aline percebe que possui mais poder decisório no sistema familiar, reafirmando sua necessidade de controle sobre o mesmo. Na situação cotidiana, destitui o poder dos outros membros e reafirma a omissão de Orlando. Portanto, apresenta como baixa a hierarquia na situação típica, ao nivelar ao mesmo patamar o ex-companheiro e os filhos (todos sem poder). Na situação ideal, delega a si e ao ex-esposo um poder igualitário, demonstrando que gostaria de dividir as responsabilidades com ele. Assim, apresenta um desejo de terem no sistema familiar média hierarquia. Na situação de conflito, novamente destitui todo ou qualquer poder dos filhos e de Orlando, evidenciando a sobrecarga que assume, ao ter que resolver e se envolver em todos os conflitos existentes. Além disso, mostra sua tentativa de controle sobre as situações. Então, apresenta baixa a hierarquia nesta situação.

A percepção de Sara em relação à hierarquia nas três situações: cotidiana, ideal e de conflito revela baixa hierarquia (zero e -1). Isto ocorre, principalmente, ao igualar ao mesmo patamar o poder de Orlando e as crianças. Percebe a mãe detentora de poder e de controle do sistema. No entanto, demonstra seu desejo de destituir ainda mais o poder de Orlando na situação ideal. Na situação de conflito, coloca com maior poder novamente a mãe.

Vanessa representou a mãe, o padrasto e Sara com mais poder do que ela na situação típica. Isto pode ocorrer pelo fato de sentir-se menosprezada pelo sistema familiar. O fato de atribuir poder a Sara, releva que a mesma compreende o sistema como possuindo baixa hierarquia. Na situação ideal, deseja que a mãe e os filhos tenham igualmente muito poder. Assim, ela teria um “espaço” no sistema familiar, isto é, compartilharia de decisões e, provavelmente, se sentiria pertencendo ao grupo. Outra questão é a exclusão de Orlando do sistema. Já na situação de conflito revelou a baixa hierarquia no sistema, com a mãe detentora de poder e Orlando e os filhos destituídos de qualquer poder.

### 5.3.9 Estrutura Relacional nas Situações Típica e de Conflito

A estrutura relacional envolve a análise dos dois construtos, coesão e hierarquia, de forma inter-relacionada. São apresentados os resultados na situação típica e de conflito para realizar uma comparação desta estrutura frente a estes dois momentos. Ao lado do nome do mesmo, está ST (situação típica) ou SC (situação de conflito).

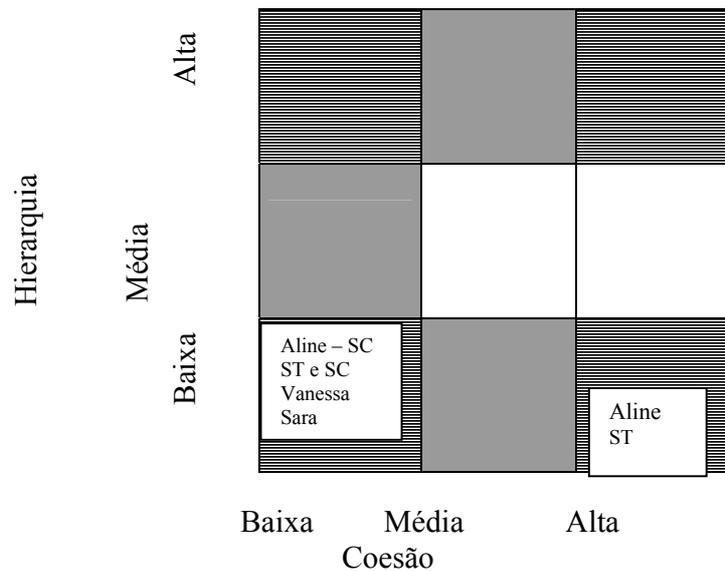


Figura 45. Estrutura relacional da família Silva.

Percebe-se que a mãe e suas filhas representam a estrutura relacional de sua família desequilibrada, tanto nas situações cotidianas como frente a conflitos. A baixa coesão relacionada à baixa hierarquia (promovida pelo papel enfraquecido de Orlando) revela que o

sistema está em colapso. Isto é, nas situações típicas, o conflito também está presente. Aline apenas faz uma distinção na cotidiana, ao perceber como alta a coesão entre seus membros.

### **5.3.10 O Papel da Violência**

O ambiente emocional da família Silva é marcado por constantes brigas e desavenças em todas as díades. No entanto, o abuso físico é mais evidenciado na relação entre mãe e filhos. As agressões físicas ocorridas entre o casal, irmãos e pai-Edson aparecem de forma pontual e em episódios descritos de forma isolada. E, estas agressões, em sua maioria, ficam na esfera do verbal.

O abuso físico da mãe para os filhos parece ocorrer pelo descontrole emocional de Aline. Há uma centralização de poder na mãe, ocasiona por ela mesma e fomentada pelo papel enfraquecido de Orlando naquele microsistema. Como Aline não consegue dar conta de todos os indicadores de risco e eventos estressores existentes nos diversos sistemas, que são muitos e severos, ela adocece. Parece que a depressão evidencia o peso que Aline carrega e sua insatisfação com a vida. Então, quando Aline não suporta mais lidar com os problemas, ela acaba perdendo o controle sobre seus atos e comete assim, o abuso físico contra seus filhos. Quanto menor a criança mais vítima se torna. Talvez por não conseguir se defender ou por ter menos controle sobre a situação. Também pode ser por provocar em Aline mais raiva e também pelo fato dela poder justificar tal comportamento como uma prática educativa.

O uso exagerado e inadequado do antidepressivo é uma forma desesperada da mãe para não perder o controle ou uma tentativa para mantê-lo sobre seus impulsos. Este tipo de recurso pode acarretar em sérios danos para o organismo no futuro.

As interações entre os membros da família são um reflexo da forma como a mãe age e manifesta seus sentimentos. A presença da inveja e ciúmes entre os membros, que provocam desentendimentos e desavenças, demonstra a baixa auto-estima e a auto-imagem depreciada. A falta de comunicação e de coesão no microsistema, que envolve a ausência de apoio mútuo, colaboração e compromisso também prejudicam as interações. No entanto, a incursão na rede de saúde é um pedido de socorro da mãe, que provavelmente não conseguirá sozinha buscar alternativas para lidar com este turbilhão de eventos estressores.

## CAPÍTULO VI

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento dos seres humanos ocorre em processo contínuo através do tempo e em contextos variados. Fatores de risco interferem e levam à ruptura momentânea da continuidade deste processo. O ser humano reestrutura-se a cada nova fase, e, às vezes, de forma insatisfatória e geradora de sofrimento. A violência parece ser decorrência deste processo de descontinuidade. As famílias pesquisadas vivenciam fatores de risco severos, intensos e freqüentes, como as condições de miserabilidade econômica e de recursos, a exclusão social e de trabalho, a dificuldade de acesso às informações e à formação acadêmica e a presença de severas patologias. Também são identificados fatores relacionados aos papéis desempenhados no microsistema familiar, às práticas educativas e às interações, marcadas pela violência. Concomitantemente, são encontrados fatores de proteção, como a rede de apoio, as expectativas de melhoria no futuro e o sentimento de valorização das conquistas realizadas (bens materiais, trabalho, estudo). Infelizmente, nestas famílias, estes fatores de proteção parecem insuficientes para conter o ímpeto dos fatores de risco (como uma *tsunami* destruidora) e, estas famílias estão vulneráveis à perpetuação da violência.

Conflitos e crises fazem parte do desenvolvimento humano. A palavra crise no anagrama chinês contém o significado de oportunidade e caos. Então, a crise se constitui de um momento para enfrentar as adversidades e refletir sobre o funcionamento do sistema. E, assim, ao superá-la, a família e seus membros oportunizam seu crescimento emocional, moral, social e espiritual. Em contrapartida, caos é compreendido como desorganização que leva à destruição. Para Bronfenbrenner (2004), o caos é evidenciado no desenvolvimento de crianças, jovens e famílias, e este é produto de mudanças contínuas nas instituições sociais e estruturas informais. Estas mudanças externas afetam o desenvolvimento da pessoa/família, forçando-a a mudanças internas e a atitudes diferentes das esperadas. A precária habilidade das famílias deste estudo, para administrar esta crise, pode desencadear situações conflituosas. E, na maioria das vezes, utilizam a violência como recurso extremo para lidar com o conflito. Portanto, a violência gera e promove o caos no sistema familiar.

A hierarquia (poder) e a coesão, estruturas importantes no sistema familiar, são influenciadas por atos agressivos existentes nestas interações. Segundo Bronfenbrenner (1996), o poder deve oscilar entre as pessoas, sempre em prol do desenvolvimento, por

exemplo, a criança necessita de limites e cabe aos pais orientá-la. Neste momento, o poder está instituído nos pais, que fazem valer sua autoridade, estabelecendo uma diferenciação hierárquica. Em outros momentos, os pais devem permitir que a criança tome decisões a fim de desenvolver sua autonomia e, a criança, passa a exercer seu poder sobre o sistema. Nestas famílias estudadas, a violência evidencia o desequilíbrio de poder. Constata-se a tentativa do agressor em centralizá-lo, a fim de manter o domínio sobre os comportamentos alheios. Em outras situações, é tão intensa a dificuldade em mantê-lo, que as atitudes do agressor tornam-se incontroláveis. E, então, o descontrole emocional individual atua sobre o sistema relacional. O mais grave, talvez, entre as funções da violência percebidas através desta tese, foi identificar nas famílias, a violência como forma de interação, substituindo o afeto amoroso. Então, todos tentam controlar uns aos outros e ao mesmo tempo, como isto exige um dispêndio de energia alto, o sistema entra em colapso.

A coesão familiar também é afetada pela violência, pois há distanciamento emocional entre os membros, e isto enfraquece a rede de apoio intrafamiliar. O caos também provoca distorções e diferenças entre as percepções dos familiares sobre o sistema familiar. O(a) agressor(a) não se percebe como tal. Assim como, não há distinção entre as situações cotidianas e as conflituosas. O pai e a mãe tendem a atribuir a si o papel de coeso e, ao outro, de distante, não percebendo a sua contribuição para o estabelecimento desta forma de interação. Assim, dificilmente esta forma de interação será rompida.

Nas famílias com história de abuso físico, a violência se manifesta através de atos impulsivos de agressividade. Percebem-se sentimentos de raiva e hostilidade, mesmo quando estes atos são justificados como prática educativa. Em relação à violência conjugal, esta se torna protagonista no microsistema familiar, colocando os atos abusivos dos pais para com seus filhos como eventos secundários ou desconsiderados como importantes. Estas crianças e adolescentes, vítimas e testemunhas da violência, estão aprendendo sobre as interações através do modelo existente, que contém sentimentos de hostilidade, desconfiança, insegurança e intensa disputa pelo poder. Então, este modelo poderá ser reproduzido, quando adultos, em seus pares e em seus filhos, repetindo o ciclo de violência endógena no microsistema familiar.

Neste estudo, na maioria dos casos, parece que os pais estão confusos em relação ao seu papel de educador, isto é, oscilam entre estilos extremos, como o autoritário e o negligente, e confusos em relação à permissividade da violência. A mídia, a violência urbana e social, as políticas públicas incipientes de combate à violência intrafamiliar, entre outros

aspectos podem contribuir para a naturalização da violência como um todo. Em contrapartida, ações efetivas realizadas com a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), levam a estas pessoas realizarem um discurso “politicamente correto”, como, por exemplo: - “*Devemos conversar com os filhos ao invés de bater*”. No entanto, não há uma conscientização sobre os malefícios causados pela violência ao desenvolvimento individual e familiar. Então, evidencia-se a importância da rede social e afetiva e da rede de serviços de saúde e social para intervir, acompanhar e orientar estas famílias. A implementação desta rede depende da instituição de políticas públicas eficientes no combate da violência (De Antoni & Koller, 2003) visando à melhoria na qualidade de vida e à resiliência de todos os envolvidos. Assim, várias facetas poderão ser trabalhadas no microsistema das famílias abusivas fisicamente, que não foram encontradas neste estudo, como promover o estabelecimento da comunicação assertiva e clara, com possibilidade de expressar emoções e compartilhar sentimentos; a coesão, desenvolvendo a intimidade emocional e senso de pertencimento ao grupo; a qualidade parental, através do conhecimento sobre desenvolvimento infantil e do adolescente, das práticas educativas e estilos parentais; entre outros aspectos (Garmezy, 1996; Labres & Souza, 2004; Masten & Powell, 2003; Ravazzola, 2001; Yunes, 2003). Ao trabalhar o microsistema, todos os demais sistemas nos quais a família está inserida, também sofreram mudanças. No exossistema, a afirmação de políticas públicas na área social e de saúde, que priorizem o atendimento integral à família e no macrossistema, o desenvolvimento, mesmo que em longo prazo, da cultura da paz.

Neste momento, passo a escrever na primeira pessoa, para tecer considerações a respeito de minha experiência como pessoa e pesquisadora nas inserções ecológicas que realizei. A pobreza e a violência encontradas não foram novidades para mim, pois desde 1992 tenho contato com esta realidade. No entanto, eu não perdi (e espero nunca perder), o olhar de estranhamento, inconformismo e indignação frente à miséria material e, principalmente, à miséria afetiva encontradas nestas famílias. Não estou disposta a comentar sobre as dificuldades encontradas (que foram muitas!), pois compreendo que fazem parte do processo de pesquisa, que inclui um método inovador; a inserção ecológica, e uma temática tão difícil como a violência, que mobiliza tantos sentimentos (raiva, compaixão, angústia, impotência...). Lembro cada expressão de sofrimento destas crianças, mulheres e homens. Especialmente as lágrimas, a expressão de medo e de angústia, o arrependimento, o desprezo, entre tantos sentimentos observados. Lembro também dos locais: ruelas de barro, casebres precários,

objetos destruídos pelas brigas, salas de atendimento, etc. Imagens, para mim, até então surrealistas, como uma casa, sem energia elétrica e saneamento básico, mas localizada sobre um morro com uma vista deslumbrante de Porto Alegre ou o momento inusitado da entrada de drogas em uma favela. Em função disso, gostaria de registrar aqui os aspectos positivos desta caminhada. Percebi os esforços de algumas famílias para mudar esta situação, buscar ajuda, se tornarem melhores. E, pude compreender, que sozinhas dificilmente poderão amenizar este sofrimento. Encontrei pessoas nas instituições dispostas a mudarem esta realidade: a equipe de pesquisa (CEP-RUA/UFRGS), a equipe do Ambulatório de Violência (HMIPV), a equipe da ONG Maria Mulher e diretores e professores de escolas, que contribuíram para meu crescimento acadêmico, profissional e pessoal, e que demonstraram acreditar, apesar de tantas adversidades, que é possível fazer algo.

## REFERÊNCIAS

- Ackerman, N. (1986). *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: H. Freeman and Company.
- Bateson, G. (1972). *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine Books.
- Batista, A., Fukahori, L. & Haydu, V. (2004). Filmes com cenas violentas: Efeito sobre o comportamento agressivo de crianças expresso no enredo de uma redação. *Interações em Psicologia*, 8 (1), 89-102.
- Belsky, J. (1993). Etiology of child maltreatment: A developmental-ecological analyses. *Psychology Bulletin*, 114 (3), 413-434.
- Berenstein, I. (1988). *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta.
- Brito, R. C. & Koller, S. H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. Em A. M. Carvalho (Org.), *O mundo social da criança: Natureza e cultura em ação* (pp. 115-129). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. W. (2000). Developmental science in the 21<sup>st</sup> century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Developmental*, 9, 115-125.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. Em W. Damon (Org.), *Handbook of child psychology* (Vol. 1, pp. 993-1027). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1989). Ecological systems theory. *Annals of Child Development*, 6, 187-249.
- Bronfenbrenner, U. (1993). The ecology of cognitive development: Research models and fugitive findings. Em R. Wozniak & K. Fischer (Orgs.), *Development in context: Acting and thinking in specific environments* (pp. 3-44). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)
- Bronfenbrenner, U. (2004). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human developmental*. Thousand Oaks, CA: Sage.

- Burgess, R. L., Leone, J. M. & Kleinbaum, S. (2000). Social and ecological issues in violence toward children. Em R. Ammerman e M. Hersen (Orgs.), *Case studies in family violence* (pp. 15-38). New York: Kluwer.
- Cecconello, A. & De Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Cecconello, A. & Koller, S. H. (2004). Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. Em S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp.267-261). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cecconello, A. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de doutorado não-publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Cobb, N. (1992). *Adolescence: Continuity, change, and diversity*. Mountain View, CA: Mayfield.
- Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução nº 016/2000*, de 20 de dezembro de 2000. Brasília, DF.
- Cowan, P. A., Cowan, C. P. & Schulz, M. (1996). Thinking about resilience in families. Em E. M. Hetherington e E. A. Blechmann (Orgs.), *Stress, coping, and resilience in children and families* (pp. 1-38). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Dalgalarrondo, P. (2000). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2000). Vulnerabilidade e resiliência familiar: Um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. *Psico*, 31(1), 39-66.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2000b). A visão sobre família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 347-381.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2001). O psicólogo ecológico no contexto institucional: uma experiência com meninas vítimas de violência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(1), 14-29.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Violência doméstica e comunitária. Em M. L. Contini, S. H. Koller e M. N. Barros (Orgs.). *Adolescência e psicologia: Concepções, práticas e reflexões críticas* (pp. 85-91). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.

- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2004). A pesquisa ecológica sobre violência no microsistema familiar. Em S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 267-261). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- De Antoni, C. (2000). *Vulnerabilidade e resiliência familiar na visão de adolescentes maltratadas*. Dissertação de mestrado não-publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- De Antoni, C., Barone, L., Irigaray, T. & Koller, S. H. (2002). Coesão e hierarquia no sistema familiar [Resumo]. Em Forum das Entidades Nacionais de Psicologia Brasileira (Org.), *Anais do I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão* (p.132). São Paulo, SP.
- De Antoni, C., Mesquita, J. & Koller, S. H. (1998). Perfil de meninas maltratadas: Levantamento de dados em uma casa de passagem [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento (Org.), *Anais do II Congresso de Psicologia do Desenvolvimento* (p.46). Gramado, RS: SBPD.
- DeSouza, E.; Baldwin, J. & Rosa, F. H. (2000). A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13(3), 485-496.
- Dessen, M. A. & Silva Neto, N. (2000). Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 3-5.
- Eckenrode, J. & Gore, S. (1996). Context and process in research on risk and resilience. Em N. Garmezy, R. J. Haggerty, M. Rutter & L. Sherrod (Orgs.), *Stress, risk, and resilience in children and adolescents* (pp. 19-63). Cambridge: Cambridge University Press.
- Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). *Diário Oficial da União*. Lei nº8069, de 13 de julho de 1990, Brasília, DF.
- Execução na vila cruzeiro (2004, 15 de agosto). *Jornal Zero Hora*, p. 42.
- Falceto, O. G. (1997). Famílias com desenvolvimento funcional e disfuncional: Validação das escalas diagnósticas FACES III, Beavers-Timberlawn e avaliação global do funcionamento interacional (GARF). *Dissertação de mestrado não-publicada*. Curso de Pós-Graduação em Medicina: Clínica Médica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Falceto, O. G. (2004). Configurações familiares. Em C. H. Kessler (Org.), *Tramas da clínica psicanalítica em debate* (pp. 193-201). Porto Alegre, RS: Editora da UFGRS.

- Feldman, S. S. & Gehring, T. M. (1988). Changing perceptions of family cohesion and power across adolescence. *Child Development*, 59, 1034-1045.
- Garbarino, J. & Abramowitz, R. H. (1992). The family as a social system. Em J. Garbarino (Org.), *Children and families in social environment* (pp. 71-98). New York: Aldine de Gruyter.
- Garbarino, J. & Eckenrode, J. (1997). *Understanding abusive families: Ecological approach to theory and practice*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Garnezy, N. (1996). Reflections and commentary on risk, resilience, and developmental. Em R. Haggerty, L. Sherrd, N. Garnezy & M. Rutter (Orgs.) *Stress, risk, and resilience in children and adolescents* (pp. 1-15). New York: Cambridge University Press.
- Gehring, T. (1993). *Family System Test – FAST, Manual*. Germany: Hogrefe & Huber.
- Gehring, T. M., Bragger, F., Steinbach, C. & Bunischu, B. W. (1995). Family system test (FAST): A systemic approach to the analysis of social relationships in the clinical context. Em B. Broothe, R. Hirsig, B. Meier & R. Volkart (Orgs.), *Percepcion-evaluation-interpretation. Swiss Monographs in Psychology* (pp. 87-92). Seattle: Hogrefe & Huber Publishers.
- Gerhing, T. M. & Marti, D. (1993). The architecture of family structures: Toward a spatial concept for measuring cohesion and hierarchy. *Family Process*, 32, 135-139.
- Gerhing, T. M. & Marti, D. (1993b). The family system test: Differences in perception of family structures between nonclinical and clinical children. *Journal Child Psychology and Psychiatry*, 34(3), 363-377.
- Gerhing, T. M., Funk, U. & Schneider, M. (1989). The family system test: FAST: A three-dimensional method to analyze social relationships. *Praxis der Kinderpsychologie und Kinderpsychiatrie*, 38, 152-164.
- Gerhing, T. M., Marti, D. & Sidler, A. (1994). Family system test (FAST): Are parent's and children's family constructs either different or similar, or both? *Child Psychiatry and Human Development*, 25(2), 125-138.
- Gerhring, T. M. & Marti, D. (no prelo). *Clinical family psychology*. Manuscrito submetido para publicação.
- Glachan, M. (1990). Power: a dimension of family abuse. *Early Child Developmental and Care*, 60, 1-10.

- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, 35(3), 20-29.
- Habigzang, L., Lampert, S., De Antoni, C. & Koller, S. H. (2004). A violência no contexto escolar e a inserção do psicólogo: Um relato de experiência. Em S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp.355-380). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hammen, C. (2003). Risk and protective factors for children of depressed parents. Em S. Luthar (Org.), *Resilience and vulnerability: adaptation in the context of childhood adversities* (pp. 50-75). Boston, Ma: Cambridge University Press.
- Haskett, M., Scott, S. S., Grant, R., Ward, C. & Robinson, C. (2003). Child-related cognitions and affective functioning of physical abuse and comparison parents. *Child Abuse and Neglect*, 27, 663-686.
- Hawley, D. & DeHaan, L. (1996). Toward a definition of family resilience: Integrating life span and family perspectives. *Family Process*, 35, 283-298.
- Hoppe, M. W. (1998). Redes de apoio social e afetivo de crianças expostas a situação de risco. *Dissertação de mestrado não-publicada*, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Joffe, M. (2002). Child neglect and abandonment. Em A. Giardino e E. Giardino (Orgs.), *Recognition of child abuse for the mandated report* (pp. 39-54). St. Louis, Missouri: G. W. Medical.
- Käppler, C. (2002, agosto). *Diagnóstico das relações familiares*. Palestra proferida na Faculdade de Medicina – UFRGS, Porto Alegre, RS.
- Kashani, J. H. & Allan, W. D. (1998). The impact of family violence on children and adolescents. Em A. Kazdin (Editor série) & J. Kashani (Editor volume), *Developmental Clinical Psychology and Psychiatry*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Koller, S. H. & De Antoni, C. (2004). Violência intrafamiliar: Uma visão ecológica. Em S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp.293-310). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kristensen, C., Oliveira, M. & Flores, R. Z. (1999). Violência contra crianças e adolescentes na grande Porto Alegre. Em AMENCAR (Org.), *Violência doméstica* (pp. 104-117). São Paulo: UNICEF.

- Labres, C.L.S. & Souza, P.P. (2004). Uma correlação entre comunicação e resiliência nos casais. *Pensando Famílias*, 7, 29-34.
- Laing, R. D. (1983). *A política da família* (2ª edição). São Paulo: Martins Fontes.
- Levandowski, D., De Antoni, C., Koller, S. H. & Piccinini, C. (2002). Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. *Interações*, 7(13), 77-100.
- Lévi-Strauss, C. (1982). *As estruturas elementares do parentesco*. Coleção Antropologia, 9. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lisboa, C. & Koller, S. H. (2002). Considerações éticas na pesquisa e na intervenção sobre violência doméstica. Em C. S. Hutz (Org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp.187-212). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Loiselle, J. (2002). Physical abuse. Em A. Giardino e E. Giardino (Orgs.), *Recognition of child abuse for the mandated report* (pp. 1-21). St. Louis, Missouri: G. W. Medical.
- Luthar, S. (2003). *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities*. New York: Cambridge University Press.
- Masten, A. S. & Powell, J. L. (2003). A resilience framework for research, policy and practice. Em S. Luthar (Org.), *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities* (pp. 1-25). Boston, Ma: Cambridge University Press.
- Ministério da Saúde (1996). Informe Epidemiológico do SUS. *Resolução nº196/96*, Suplemento 3, Ano V, 2. Brasília: Fundação Nacional de Saúde
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1966).
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (2003). *Técnicas e terapias familiares*. Belo Horizonte, MG: Artemed.
- Morais, N. & Koller, S. H. (2004). Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva, e resiliência: Ênfase na saúde. Em S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp.91-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia familiar: Conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.

- Njaine, K. & Minayo, M. C. (2004). A violência na mídia como tema na área de saúde pública: revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1). Retirado em 15/10/2004 de [www.scielo.br](http://www.scielo.br).
- Oates, R. K., Ryan, M. & Booth, S. M. (2000). Child physical abuse. Em R. Ammerman & M. Hersen (Orgs.) *Case studies in family violence* (pp. 133-176). New York: Plenum.
- Osório, L. C. (1977). *Abordagens psicoterápicas do adolescente*. Porto Alegre: Movimento.
- Pelcovitz, D., Kaplan, S., Ellenberg, A., Labruna, V., Salzinger, S., Mandel, F. & Weiner, M. (2000). Adolescent physical abuse: Age at time of abuse and adolescent perception of family functioning. *Journal of Family Violence*, 15(4), 375-389.
- Perez-Albeniz, P. (2003). Dispositional empathy in high and low-risk parents for child physical abuse. *Child Abuse and Neglect*, 27, 769-780.
- Pesquisa nacional por amostra a domicílio* (2001). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Retirado em 22/11/2003 de [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).
- Pianta, R. C. & Walsh, D. (1996). *High-risk children in schools: Constructing, sustaining relationships*. New York: Routledge.
- Pincus, L. & Dare, C. (1981). *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Porto, M. S. (2002). Violência e meios de comunicação em massa na sociedade contemporânea. *Sociologias*, 8. Retirado em 15/10/2004 de [www.scielo.br](http://www.scielo.br) .
- Ravazzola, M. C. (2001). Resiliências familiares. Em A. Melillo & E. N. S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência: Descubriendo las propias fortalezas* (pp. 203-122). Buenos Aires: Paidós.
- Rosenbaum, A., Gearan, P. & Warnken, W. (2000). The ecology of domestic aggression toward adult victims. Em R. Ammerman and M. Hersen (Orgs.) *Case studies in family violence* (pp. 39-61). New York: Plenum.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57 (3), 316-331.
- Rutter, M. (1999). Resilience concepts and findings: Implications for family therapy. *Journal of Family Therapy*, 21, 119-144.
- Seligman, M. E. (2003). Foreword: The past and future of positive psychology. Em C. Keyes & J. Haidt (Orgs.), *Flourishing: Positive psychology and the life well-lived* (pp. XI-XX). Washington: American Psychological Association.

- Simons, R., Whitbeck, L., Conger, R. & Chyi-In, W. (1991). Intergenerational transmission of harsh parenting. *Developmental Psychology*, 27(1), 159-171.
- Szymanski, H. (1997). Teorias e “teorias” de famílias. Em M. C. B. Carvalho (Org.), *A família contemporânea em debate* (pp. 23-27). São Paulo: EDUC.
- Teodoro, M. L. M. (no prelo). *Kognitive repräsentationen familiärer beziehungen: Methodenkritische untersuchungen zu kohäsion und hierarchie innerhalb des familiären systems*. Hamburg: Kovac.
- Trindade, Z. A., Novo, H. A., Souza, L. & Enumo, S. R. (2004). Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP, *Anais do X Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico*. Aracruz, ES.
- Vasconcelos, N. A. de (1996). Qualidade de vida e habitação. Em R. H. F. Campos (Org.), *Psicologia social comunitária: Da solidariedade à autonomia* (pp. 127-163). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Von Bertalanffy, L. (1977). *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Walsh, F. (1998). *Strengthening family resilience*. New York: Guilford Press.
- Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: Crisis and challenge. *Family Process*, 35, 261-281.
- Weiner, N. (1950). *Cibernética e sociedade: O uso de seres humanos*. São Paulo: Cultrix.
- Williams, J. J. (2002). Violence among children. Em A. Giardino e E. Giardino (Orgs.), *Recognition of child abuse for the mandated report* (pp. 109-135). St. Louis, Missouri: G. W. Medical.
- Wood, B. & Talmon, M. (1983). Family boundaries in transition: A search for alternatives. *Family Process*, 22, 347-357.
- Wood, B. (1985). Proximity and hierarchy: Orthogonal dimensions of family interconnectedness. *Family Process*, 24, 497-507.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Yunes, M. A. (2003). Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84.

**ANEXO A**

**FOLHA DE REGISTRO DO FAST**

Família: \_\_\_\_\_ Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**Representação Típica**

9									
8									
7									
6									
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

	Parente	Nome	Idade	Sexo
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				

**Representação Ideal**

9									
8									
7									
6									
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Altura

--	--	--	--	--

Obs.....

.....

Altura

--	--	--	--	--

Obs.....

.....

Altura

--	--	--	--	--

Obs.....

.....

Conflito:

( )pai-filho ( ) mãe-filho

( )casal ( ) irmãos

( )verbal ( )corporal

Frequência:

( )sempre ( )às vezes ( )raramente

**Representação de Conflito**

9									
8									
7									
6									
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Número de componentes: \_\_\_\_\_

**ANEXO B****FOLHA DE INSTRUÇÃO – FAST**

(Deixar as peças fora do tabuleiro)

- “Agora vamos fazer uma tarefa para conhecer sua família. É parecido com um jogo de Damas ou Xadrez. Só que nesta atividade não existe respostas certas ou erradas. Aqui nós temos um tabuleiro e as peças. Cada peça representa uma pessoa da tua família. As retas são homens e as arredondadas são mulheres (mostrar). Alguma dúvida? Não é necessário usar todas as peças. Eu gostaria que você pegasse a peça de acordo com o número de pessoas da sua família, ou aquelas que moram com você, e considera como parte da sua família. Eu irei anotar nesta folha, para não esquecer”.

(Perguntar quem é em cada peça e anotar na folha de registro, conferir todos e incluir o respondente)

- “Primeiro, gostaria que colocasse as peças no tabuleiro mostrando como é sua família no dia-a-dia. Quanto mais próxima você colocar, significa que estas pessoas se dão bem, são amigas, são unidas. Quanto mais longe, mais as pessoas se sentem desunidas” (demonstrar com as peças, aguardar a colocação, confirmar em voz alta a representação, confirmar com o respondente e anotar na folha de registro).

- “Agora, eu gostaria que você mostrasse quem manda mais na família, quem toma as decisões no dia-a-dia. Nos temos três blocos de tamanho diferentes (mostrar). Gostaria que tu colocasses os blocos em baixo das peças. Se a pessoa manda muito, colocar este (4,5cm), se manda mais ou menos (3 cm), se manda pouco (1,5cm) e se não manda em nada, não colocar peças. Quanto maior o bloco, significa que a pessoa manda mais”.

(Aguardar, conferir, registrar as respostas, retirar as peças do tabuleiro)

Situação Ideal: - “Agora você vai mostrar como você gostaria que você a sua família, em termos de união e de quem manda mais”.

(Aguardar, conferir, registrar as respostas, retirar as peças do tabuleiro)

Situação de Conflito: Solicitar autorização para gravar. Explorar perguntando sobre o conflito:

- “Quando tem uma briga, desavença, um conflito, quem briga com quem? Qual o motivo? É verbal ou corporal? Caso corporal, que tipo de objeto usado? Qual frequência? Quem resolve o conflito? Como fica a família?”

Solicitar que represente a família na situação de conflito.

(Aguardar, conferir, registrar as respostas, retirar as peças do tabuleiro)

**ANEXO C****TERMO DE LIVRE E ESCLARECIDO (MODELO HMIPV)**

Esta pesquisa é sobre “coesão e hierarquia em família com história de abuso físico” realizada pela psicóloga Clarissa De Antoni, para sua Tese de Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof. Dra. Sílvia Helena Koller. O objetivo é conhecer como as pessoas representam a coesão (proximidade afetiva) e a hierarquia (estrutura de poder) em suas famílias, como validar (comprovar a eficiência) de instrumentos para a população brasileira. Ao conhecer o funcionamento das famílias poderemos no futuro, realizar propostas de prevenção à violência ou de auxílio psicológico a estas famílias. A pesquisa possui três momentos distintos. No primeiro, será realizada uma entrevista sobre a história da família e será gravada. No segundo, será aplicado um instrumento na mãe, no pai e nos filhos que verifica como as pessoas representam a coesão e a hierarquia na família. No terceiro, um questionário, em que o pai e a mãe responderão se concordam ou não com as afirmativas lidas pela pesquisadora. A aplicação destes instrumentos poderá ser feita pelas auxiliares de pesquisa. Posteriormente, os resultados serão comunicados à família, pois servirá para realizar o diagnóstico da família durante o processo de triagem. Não há indícios que esta pesquisa possa causar danos aos seus participantes, de qualquer natureza. Talvez possa causar algum desconforto emocional em algum membro familiar, o que será trabalhado durante o acompanhamento. Asseguramos a liberdade do participante desta pesquisa em se retirar da mesma, em qualquer momento, se assim o desejar, sem prejudicar seu relacionamento com a equipe de pesquisa e a continuidade de seu tratamento. Garantimos sigilo acerca da identificação do participante e confidencialidade de suas informações, isto é, somente a equipe de pesquisa terá acesso a estas informações.

**Pesquisadora**

Clarissa De Antoni  
Doutoranda – UFRGS  
Fone: 91032875

**HMIPV – CEP**

Hospital Presidente Vargas  
Av. Independência, 661  
Fone: 32877358

**Auxiliares de Pesquisa**

Estudantes de Psicologia- UFRGS  
Luciana R. Barone  
Tatiana Q. Irigaray

**Concordo que minha família participe:****Nome:****Responsável Legal da Família**

